

AS LEIS ESPIRITUAIS



Vicent Guillem



Titulo: *As Leis Espirituais*

Título original em espanhol: "*Las Leyes Espirituales*"

Autor: Vicent Guillem

Tradução para português: Martinho Nogueira da Silva

Depósito legal: V-352-2011 (Valência, Espanha).

Nº de registo da propriedade intelectual V-2095-08 (Valência, Espanha).

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra por todos os meios actualmente disponíveis, com a condição de que não o seja com fins lucrativos nem seja modificado o seu conteúdo.

Página web oficial do livro:

<http://lasleyespirituales.blogspot.com>

Página web oficial do livro em Português:

<http://asleisespirituais.blogspot.com>

Correio electrónico: lasleyes.espirituales@gmail.com



As Leis Spirituais por [Vicent Guillem](#) se encuentra bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivadas 3.0 Unported](#).

Basada en una obra en lasleyespirituales.blogspot.com.es.

ÍNDICE

PREFÁCIO	Pág. 4
INTRODUÇÃO	Pág. 5
PRIMEIRO CONTACTO	Pág. 11
DEUS	Pág. 23
AS LEIS ESPIRITUAIS	
1ª Lei: Lei da Evolução	Pág. 28
O MUNDO ESPIRITUAL	Pág. 29
ESQUEMA EVOLUTIVO	Pág. 39
CONFIGURAÇÃO DO SER HUMANO	Pág. 47
A REENCARNAÇÃO HUMANA E O SEU PAPEL NA	
EVOLUÇÃO ESPIRITUAL	Pág. 50
A COMUNICAÇÃO COM O MUNDO ESPIRITUAL	Pág. 56
O PROCESSO ENCARNATÓRIO	Pág. 67
VIDA NOUTROS MUNDOS	Pág. 74
2ª Lei: Lei do livre arbítrio	Pág. 88
3ª Lei: Lei da justiça espiritual	Pág. 95
4ª Lei: Lei do amor	Pág. 113
AMOR vs. EGOÍSMO	Pág. 115
AS RELAÇÕES PESSOAIS E A LEI DO AMOR	Pág. 179
A DOENÇA À LUZ DA LEI DO AMOR	Pág. 189
MISSÃO DE JESUS NA TERRA	Pág. 205
A DESPEDIDA	Pág. 240

PREFÁCIO

O conteúdo deste livro é uma mensagem de amor para toda a humanidade.

Não importa como tenha sido recebida nem de quem venha. O que importa é o conteúdo da mensagem. És livre de fazer o que quiseres com ela desde ignorá-la, criticá-la, censurá-la ou, até, aplicá-la à tua própria vida. O enumerado em último lugar foi o que eu fiz, ainda que antes disso tenha podido passar por alguma das fases anteriores.

Portanto, deixo à tua escolha decidir se o personagem de Isaías, o meu interlocutor e protagonista deste livro, é um recurso literário ou existe verdadeiramente, se o diálogo entre ele e mim, que encontrarás exposto nas páginas seguintes, existiu ou não na realidade e em que condições se possa ter verificado. Em qualquer caso, o que sim é certo, é que é uma mensagem escrita do coração para o coração, o teu coração.

A minha esperança é que te seja tão útil a ti, como me foi a mim. Te sirva para te conheceres a ti mesmo, para despertar os teus sentimentos, para te libertares da tua parte egoísta, para compreenderes o motivo da tua vida, das coisas que te aconteceram e das que te vão acontecer. Para que tenhas esperança, para que compreendas melhor os outros e, um dia, chegues a gostar deles, para que compreendas o mundo no qual vives, para que possas tirar, até da maior desgraça, o melhor proveito para a tua evolução no amor. Definitivamente, para que sejas tu mesmo, livre, consciente para experimentares o amor autêntico, o amor incondicional e que sejas, portanto, mais feliz.

Com todo o meu amor, para ti.

INTRODUÇÃO

Sempre me coloquei muitas interrogações, questões muito profundas.

São questões dessas que se chamam existenciais. Sempre quis saber a razão da minha vida e da vida de toda a gente. Quem sou eu? Porque existo? Porque existem os outros? O que fazemos aqui? Viemos fazer alguma coisa em especial? Porque nascemos, porque morremos? Onde viemos, para onde vamos? Existe alguma coisa depois da morte?

E ainda não é tudo. Outras vezes ainda, procurava encontrar explicação para o grande número de injustiças que vejo no mundo. Porque a vida é tão injusta? Porque há crianças que desde o seu nascimento, não tendo na sua vida feito mal a ninguém, sofrem tão atrozmente com fome, guerra, miséria, enfermidades, abusos, maus tratos, porque não são queridas, enquanto outras nascem sadias, num ambiente feliz e são amadas? E por que motivo umas pessoas adoecem e outras não? Por que razão umas pessoas vivem muito tempo e outras morrem quase ao nascer? Porque existe o sofrimento, a maldade? Porque há gente boa e gente má, gente feliz e gente desgraçada? Porque nasci nesta família e não noutra? Porque me acontecem estas adversidades a mim e não a outra pessoa? Porque acontecem certos infortúnios a outros e não a mim? De que depende tudo isso?

Outras vezes questionava-me a respeito dos sentimentos.

Porque não sou feliz? Porque quero ser feliz? Como posso ser feliz? Encontrarei um amor que me faça feliz? Que é o amor, que são os sentimentos? Que é o que sinto? Vale a pena amar? Sofremos mais quando amamos ou quando não amamos?

Suponho que tu, em algum momento da tua vida, também te terás interrogado a ti próprio sobre o mesmo que eu e que o continuas a fazer de vez em quando. Mas, como andamos tão ocupados no nosso quotidiano, são poucos os momentos em que, conscientemente, nos interrogamos e, pouco o tempo, que dedicamos a tentar resolver essas questões. Temos muitas obrigações. Temos muitas distrações. E como, aparentemente, não encontramos a resposta e a sua procura nos faz sentir inquietos, preferimos deixá-

adormecidas no fundo do nosso íntimo, talvez acreditando que sofreremos menos assim.

Existirá uma resposta para cada uma destas questões? Porém, não me serve uma resposta qualquer, mas apenas as respostas que sejam verdadeiras. Existe a verdade? Que é a verdade? Onde procurar a verdade? Como reconhecer a verdade?

Sempre tenho sido céptico, incrédulo, mas, ao mesmo tempo, aberto à investigação. Gosto de descobrir as coisas por mim próprio. Garanto ter procurado durante muito tempo as respostas, através do que nos foi ensinado desde pequenos: nas Religiões, na Filosofia e na Ciência. Cada uma delas apresenta a sua cosmogonia particular, a sua forma de explicar o mundo. Mas, acabava por deparar sempre com um limite para explicar a realidade tal como eu a entendia, tanto através das religiões, como da ciência. Encontrava, somente, respostas incompletas, incoerentes umas com as outras, afastadas da realidade e que continuavam sem resolver satisfatoriamente as minhas questões. Por muito que tentasse aprofundar, acabava sempre por esbarrar num muro intransponível, a resposta definitiva, que inviabilizava os meus desejos de indagar mais e mais.

A resposta definitiva que obtinha da religião era mais ou menos esta: "É a vontade de Deus. Apenas Ele o sabe. A nós não é dado entender". Isso significa que não podemos compreender porque uns nascem em circunstâncias mais ou menos favoráveis, porque uns adoecem e outros não, porque uns morrem primeiro e outros depois. Não podemos compreender o que acontece depois da morte, porque me aconteceu viver nesta família e não noutra, porque neste mundo, porque permite Deus que haja injustiças no mundo, etc.

A resposta definitiva que obtinha da ciência era mais ou menos esta: há uma explicação material para tudo, porém, ao nível filosófico, as respostas a quase tudo são: "É fruto do acaso" ou "não se pode demonstrar cientificamente que tal ou tal coisa exista ou não exista". Ou seja, não existe uma razão para a tua existência, não há um motivo particular para se viver. Se nasces nas circunstâncias mais ou menos favoráveis em que nasces, é por acaso. Se te acontece seres doente ou sadio de nascença, nascer numa família ou noutra, morreres antes ou depois de outros, é fruto do acaso. Não se pode demonstrar cientificamente que exista vida antes do nascimento, nem vida depois da morte. Não se pode demonstrar cientificamente que exista Deus, etc.

A maioria das pessoas adota estas respostas aprendidas e, se falares com alguém sobre estes assuntos, o que os crentes na religião te responderão é, mais ou menos, nestes termos:

"É a vontade de Deus. Apenas Ele o sabe. Nós não o podemos entender." E os que se posicionam como cientificistas ou crentes na ciência, que julgam saber mais do que os do primeiro grupo, dir-te-ão: "É fruto do acaso" ou "não se pode demonstrar cientificamente".

Há um terceiro grupo de pessoas que responderá: "Olha, não sei! Não sei qual é a resposta às tuas questões, mas também não estou interessado nem em que mas presentes, nem na sua resposta".

E quando replico a todos: "Peço desculpa, mas essas respostas não me satisfazem. E não me satisfazem, porque não respondem às minhas interrogações", os primeiros dizem-me: "É por falta de fé. Se tivesses fé, não precisarias de saber mais nada". Os segundos dizem: "É porque te falta instrução. A Ciência dar-te-á a resposta e verás que é a que te adianta desde já: "que está demonstrado cientificamente que não se pode demonstrar cientificamente". Os terceiros dizem-me: "Tenho uma hipoteca para pagar, uma família para sustentar, um carro por pagar, um fim-de-semana em que tenciono viajar. Não me apoquentes com essas questões porque já tenho com que me preocupar."

Aos primeiros, retorquirei que não posso renunciar à procura de resposta para as minhas interrogações. Creio que a única maneira de renunciar seria anular a minha vontade e não estou disposto a fazê-lo. Aos segundos, esclarecerei que não é por falta de instrução. Porque tive essa instrução. Sou Doutor em Ciências Químicas e jamais cheguei à conclusão de que tenha de me impor limites quanto à área de investigação, que haja matérias que não possa explorar, apenas por não dispor de um instrumento de medição. Tenho-me a mim próprio, servirei de instrumento a mim mesmo. O que perceba e sinta levá-lo-ei tanto em conta como se o tivesse medido com um aparelho sofisticado e assumirei que os outros também são aparelhos de si próprios. E se houver alguma coisa que não seja capaz de detectar com o meu aparelho, perguntar-lhes-ei a eles o que possam ter captado com os seus aparelhos vivos, para ver se isso me serve de alguma coisa. Aos terceiros, não direi nada, porque já não estarão aqui para me ouvir.

Não quero com tudo isto dizer, que não tenha encontrado nada que me prendesse a atenção e me tivesse ajudado na minha procura de respostas, porém foi, principalmente, fora do ambiente formal que encontrei pistas. Mais precisamente, foram certas experiências vividas por outras pessoas o que mais me interessou. São realidades que te permitem explorar por ti próprio. E, se outro o pôde fazer antes de mim, talvez o possa fazer também.

Duas coisas me chamaram especialmente a atenção. As viagens astrais e a vida de um tal Jesus de Nazaré. Este nome diz-vos alguma coisa? E não me refiro ao que a Igreja diz dele. Documentei-me muito, através de muitas fontes, oficiais e não oficiais, religiosas e laicas. Porém, há duas coisas nas quais quase todas coincidem: que este homem existiu realmente e que, o que ele disse e fez, provocou um grande impacto na humanidade. O que foi que me chamou a atenção? Pois, foi a sua mensagem "ama o teu inimigo, ama toda a gente". Não me irão dizer que num mundo em que as pessoas e os povos se encontravam em constantes guerras entre si por quase qualquer motivo (mais ou menos como agora), onde os deuses de todas as religiões eram usados para justificar qualquer propósito de conquista e guerra, a aparição de alguém com uma mensagem tão em contracorrente com todos, não daria nas vistas. E que não apenas o dizia, mas cumpria-o com o seu exemplo. Quer dizer, não o declarava apenas de boca, como estamos habituados a que o façam os nossos políticos, que prometem mundos e fundos e, imediatamente, fazem o contrário do que dizem. Certamente, que se escreveu tanta coisa sobre ele, depois dele, por estranhos que nem sequer o conheceram, como saber o que se passou realmente? Que foi o que ele disse e o que ele não disse? Isso intrigava-me.

Deixemos por agora o tema Jesus que, como vereis, surgirá de novo mais adiante e falarei, agora, acerca das viagens astrais. Encontrei-as em vários livros de diversos autores. Estes afirmavam que por si mesmo, mediante certas técnicas de relaxação se consegue a separação do corpo. Isso é uma viagem astral. Separar-se do seu corpo. Incrível, não? Não foi apenas o facto em si, de se poder separar do corpo, que me prendeu a atenção. Os que o tinham conseguido afirmavam, além disso, que nesse estado podiam realizar coisas espantosas, como poder atravessar a matéria ou viajar quase instantaneamente até onde o pensamento o desejasse. E não apenas isso. Que se encontravam como que num estado expandido de consciência no qual compreendiam claramente o propósito da vida e o que fazemos neste mundo. Esta última parte interessava-me e continua a interessar-me muito. Talvez fosse a chave para a resposta às minhas

interrogações. Não tinha muito a perder. Pensei: " O pior que me pode acontecer é não se passar nada". Assim, meti mãos à obra. Todas as noites, antes de me ir deitar praticava exercícios de relaxação. Fi-lo durante um mês sem que acontecesse nada, quero dizer, sem que conseguisse separar-me do corpo. Não é que não sentisse através da relaxação. Era agradável. O que habitualmente sentia era uma vibração na planta dos pés e que subia, depois, pelas pernas, até ao momento em que deixava de a notar.

Um dia, essa vibração foi subindo mais, ultrapassou as pernas, o tronco, o pescoço e a cabeça. Passado um instante, já não sentia o meu corpo. Apenas uma vibração muito intensa e agradável. E então aconteceu. Puf! De repente, senti-me projectado rapidamente por um túnel a grande velocidade. Foi uma sensação incrível. Não tenho palavras para a descrever. Numa questão de segundos, senti como se tivesse viajado milhares de milhões de quilómetros a uma velocidade vertiginosa, porém sem sentir nenhum tipo de enjoo ou mal-estar. Pouco a pouco a minha velocidade foi diminuindo e pude ver onde me encontrava. Era um lugar incrível que parecia retirado de um conto de fadas. Havia um lago rodeado por uma natureza belíssima, a qual não tenho palavras para descrever. Tudo, a luz, as cores, o aroma, os sons, tudo, absolutamente tudo, era embriagante. E eu sentia-o tão intensamente como se fizesse parte daquilo. Respirava-se uma paz indescritível. Sentia-me completamente deslumbrado com tudo o que estava a viver, percebendo que não podia parar para pensar. Foi então que presentitei que não estava só. Estava alguém sentado numa pedra junto da água. Quis aproximar-me dele e, não sei como, cheguei imediatamente ao lugar onde se encontrava. Parecia que, naquele estado, apenas com o desejar e pensar nas coisas, elas aconteciam. Senti que ele estava à minha espera, não se surpreendendo nada ao ver-me. Era um homem de idade, com cabelo e barba compridos e totalmente brancos. Porém, não parecia apresentar nenhum dos sintomas típicos da idade que estamos acostumados a observar nos anciãos. Vestia uma espécie de túnica branca ajustada na cintura. Mas, não era isso o que mais chamava a atenção nele. O que prendia mesmo a atenção era o seu olhar, um olhar tão maravilhoso que creio que jamais verei neste mundo. Tão doce, tão penetrante, tão límpido, que me transmitia uma sensação de tranquilidade e paz indescritíveis. Pode parecer-vos esquisito, mas sentia como se aquele ancião desconhecido me trespassasse de amor apenas com o seu olhar, até ao ponto de nem sequer pensar no estranho daquela situação, tão gostosamente me encontrava.

A partir de agora tentarei reproduzir os diálogos que tivemos, tanto o daquela primeira vez, como o dos sucessivos encontros que tive com aquele maravilhoso ancião, que respondia pelo nome de Isaías. Esses diálogos que tanto me proporcionaram, que me alteraram a vida tão profundamente para melhor, muito melhor e que quero compartilhar convosco com o mínimo de interrupções possíveis, porque prefiro que seja através das suas próprias palavras, não das minhas interpretações e impressões, que vós tirareis as vossas conclusões.

Instalai-vos tranquilamente, a função vai começar.

PRIMEIRO CONTACTO

Foi ele quem primeiro se dirigiu a mim. Pegou-me nas mãos e convidou-me a sentar-me junto dele, frente a frente.

Bem-vindo. Esperava-te.

A mim? Se não te conheço!

Eu a ti, sim. Mas, isso não interessa agora.

Eh, estou... Onde estou? Como cheguei aqui?

Isso tão-pouco interessa agora. Sabê-lo-ás mais à frente.

E tu quem és?

Chama-me Isaías. E ainda que tu não te recordes agora, conhecemo-nos desde há muito, muito tempo.

E que relação existe entre ti e mim?

Considera-me teu irmão mais velho.

Não me lembro de te ter alguma vez conhecido.

Isso não importa agora. Aproveita o tempo para perguntar coisas importantes. Não tinhas perguntas?

Perguntas? Que perguntas?

Agora não te lembras? Essas questões profundas que tens desde há muito tempo e para as quais não encontraste resposta.

E tu como sabes isso?

Já te disse que te conheço. Conheço muito bem o teu íntimo, pelo que, pergunta sem receio, aqui, és completamente livre.

Sinto-me desconcertado. Este lugar é tão maravilhoso! Sinto-me tão bem aqui! É tão diferente do mundo normal! Sinto-me em paz, tão cheio de... Não sei como exprimi-lo!

Tão cheio de amor...!

É que, não sei... Porque nunca me tinha sentido assim na minha vida. É tudo tão maravilhoso!

É normal. É a tua primeira vez, a tua primeira viagem consciente aqui, nesta vida. Mas, por favor, aproveitemos o tempo. Põe cá fora as tuas perguntas mais profundas.

Não sei por onde começar. Muitas vezes sinto-me vazio, só e incompreendido. Porque me acontece isso?

É normal e acontece a muita gente. É porque viveis num mundo com muita falta de amor, de costas voltadas uns para os outros.

E é verdade que se pode estar sozinho no mundo, ainda que haja muita gente à sua volta, porque o sentimento de solidão resulta de não se sentir amado, de não se sentir compreendido. A maioria das pessoas do vosso mundo habituou-se a viver assim, sem sentir, em solidão interior, em ausência de amor verdadeiro. Acreditais que estais sós, porque ainda não tomastes consciência de que todos sois irmãos, que partilhais um mesmo destino e que precisais uns dos outros para o alcançar.

E qual é esse destino comum que temos de alcançar?

A felicidade verdadeira, que só é possível alcançar através da evolução no amor. O amor é a única coisa que pode encher o vazio interior.

Há alguma coisa que te inquiete especialmente?

A questão fundamental, que me atormenta constantemente é porque existo e para quê? Para que nasci? Vim fazer alguma coisa? Porque não sei o que vim fazer.

Vieste evoluir.

Que queres dizer com evoluir? Evoluir em quê?

Chamo evolução ao processo de transformação do egoísmo em amor. Evoluir significa aprender a amar.

Falas-me de evolução no amor. Porém, não é amor o que vejo no mundo. Porque há sofrimento? Porque vivemos num mundo que tem tantas contradições, desde o mais sublime ao mais atroz e destrutivo? O ódio, as guerras, a fome, a miséria, o sofrimento. Não consigo entender que sentido tem isto tudo. Tem algum sentido, ou ando em busca dele e não o tem?

Sim, tem um sentido, evoluir. Todas essas calamidades de que falas têm uma mesma origem, a ausência de amor, chamemos-lhe egoísmo. Da mesma forma que a soma do egoísmo de cada pessoa pode tornar o mundo num autêntico inferno, como acontece na actualidade, quando esse egoísmo se transformar em amor, a soma do amor de cada pessoa transformará o mundo num paraíso. Depende da vossa vontade converterdes interiormente o egoísmo em amor e se conseguirdes a mudança interior, então o exterior, o que vos rodeia, o mundo inteiro, mudará como consequência lógica disso.

O mundo físico em que habitais existe para vos ajudar a experimentar esse processo de transformação. É como a argila para a criança que quer aprender a moldar.

Continuo sem perceber. Evolução para quê, até onde? Que sentido tem todo esse esforço se, no fim de contas, tudo isso termina com a morte?

A evolução de cada ser para uma maior capacidade de amar, sentir e saber, para maiores níveis de felicidade, não termina nunca, caso contrário não faria sentido.

Que queres dizer com isso?

Que o ser nunca deixa de existir, ou seja, é imortal.

Como podes dizer isso se cada dia vemos morrer milhares, milhões de seres humanos?

O que morre é apenas o veículo que o ser utiliza para se mover no plano físico, isto é, o seu corpo físico. A sua essência, a sua consciência, continua a existir.

Queres dizer com isso que existe vida depois da morte?

Sim. Na realidade o que quero dizer é que a morte não existe e que o que se decompõe é somente o veículo que o espírito utiliza para se manifestar no plano físico.

E que é o espírito?

O espírito é o ser que existe, que vive e sente. É no espírito que reside a vontade e a consciência individuais, que jamais são destruídas. Tu és um espírito. Todos vós, humanos, sois espíritos, só que ligados a um corpo material durante alguns períodos a que chamaremos encarnações. Julgais que sois o vosso corpo físico, todavia, este é apenas o revestimento de que necessitais para poder actuar no mundo material.

Deixa ver se entendi bem. Então queres dizer que o espírito, ou seja, nós, pode existir de forma independente do corpo?

Sim, e isso é o que acontece depois da morte. O espírito separa-se completamente do corpo físico e continua a existir, a viver.

E não pode morrer o espírito?

Não, o espírito é imortal. Pode evoluir, melhorar ou parar na evolução, mas jamais ser destruído.

Sim, mas que provas temos de que exista vida depois da morte do corpo? Porque, que eu saiba, ninguém voltou para contar.

Perdoa que te contradiga, mas essa afirmação não está totalmente correcta. Existem milhares de testemunhos de pessoas que estiveram clinicamente mortas e que foram reanimadas. Muitas delas recordam-se de ter vivido certas experiências, bastante fortes e reais, para eles, durante esse período de tempo em que estiveram fisicamente mortas.

E essas vivências que contam, não podem ser produto de uma alucinação em virtude do estado crítico em que se encontravam?

Pois, então deve ser uma alucinação colectiva em que todos combinaram alucinar o mesmo, porque todas essas pessoas contam a mesma história.

Bom, eu às vezes interrogo-me se a minha própria existência não poderá ser uma ilusão...

Para se sofrer de ilusões é preciso existir. Há uma máxima de um pensador do vosso mundo que diz: "penso, logo existo." Eu acrescentaria: "sinto, logo existo". Podes duvidar da existência dos outros, porque não é uma experiência própria. Mas, daquilo que o próprio experimenta, não pode duvidar, pois a existência própria é vivida e experimentada por si mesmo. Aquele que viveu e sentiu essa experiência, não restam dúvidas de que foi real.

E qual é essa suposta história comum que contam?

A separação do corpo físico e a visão do próprio corpo do exterior. A sensação de viajar através de um túnel escuro, no final do qual se deparam com uma luz intensa. O encontro com familiares ou amigos anteriormente falecidos. Um diálogo com um ser luminoso. A visão retrospectiva da própria vida... até experimentar o regresso ao corpo, acompanhada de uma posterior mudança de valores e de um novo entendimento do fenómeno da morte. São pessoas que perdem o medo de morrer, porque já verificaram que a vida continua e que o que vem depois é muito melhor do que aquilo que deixam.

Bom, creio que são impressões que não deixam de ser subjectivas.

Analisados isoladamente e de forma superficial, é muito fácil desacreditar estes testemunhos. Porém, quando um fenómeno se repete, com umas características tão notavelmente parecidas, independentemente do país, da cultura e das crenças prévias, tanto em adultos como em crianças, creio que, pelo menos, convida a que se faça um estudo sério sobre isso. Existem investigadores muito sérios e reconhecidos no vosso mundo que se dedicaram a estudar

critérios as experiências próximas da morte e a recolher os testemunhos dessas pessoas, tal como o psiquiatra e filósofo norte-americano Raymond Moody ou o médico pediatra e investigador em neurologia Melvin Morse, que trabalhou com crianças que tiveram esse tipo de experiências, entre muitos outros. Aconselho-te a que leias os seus livros *Vida depois da Vida* e *Mais perto da Luz*.

Ainda assim, parece-me um suporte pouco consistente, quase accidental, para utilizar como prova da existência de vida depois da morte. Proporcionalmente, existem poucos casos de morte clínica e reanimação em relação aos que morrem e não regressam.

Existem muitos mais testemunhos, precisamente de pessoas moribundas que estão em processo de separação definitiva do corpo, a que chamais morte, e que, durante esse processo, muitas delas afirmam ver e conversar com os seus entes queridos já falecidos ou com outros seres luminosos que as preparam para a transição para o outro lado. Em quase todas as famílias, alguém recorda um testemunho com estas características, ocorrido com algum familiar já falecido. Porém, normalmente, julga-se que esteja com alucinações. Novamente, parece acontecer que, quando se aproxima a morte, todo o mundo se põe de acordo em alucinar a mesma coisa em todas as partes do mundo. Também tem havido muitos estudiosos, como a prestigiada psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, que se dedicaram a estudar a sério este tema. Convido-te a que leias o seu livro *A Morte, um Amanhecer*.

Contudo, todos estes são casos de pessoas que, ainda que tenham estado próximas da morte, estão fisicamente vivas.

Também existem os testemunhos de pessoas que contactaram com entes não encarnados, mais frequentemente com entes queridos falecidos recentemente, que se despedem deles em sonhos muito vívidos ou em aparições junto do leito. Também este é um caso bastante frequente, apesar de menos estudado pelos investigadores.

Ainda assim, julgo que deveria haver provas mais sólidas, não limitadas apenas ao curto intervalo entre a vida e a morte.

Existem médiuns (pessoas sensíveis) que têm um contacto mais frequente e constante com o mundo espiritual.

Isso, ainda me parece mais difícil de acreditar.

Não acredites nisso *a priori*, mas estuda-o, analisa as mensagens recebidas, porque pela qualidade da mensagem conhecerás o autor.

E como se pode saber se não estamos perante uma fraude, isto é, que o presumível médium não finge ser um defunto quando não passa dele mesmo?

A fraude é sempre possível. Mas, do mesmo modo que algumas pessoas falsificam dinheiro, não quer dizer que, todo o dinheiro que anda em circulação, seja falso, também, porque algumas pessoas fingem ser médiuns, não quer dizer que todos os médiuns sejam impostores ou oportunistas. A melhor garantia contra a fraude é que o médium seja uma pessoa honesta na sua vida quotidiana e não utilize as suas faculdades em benefício próprio. Há muitas mais pessoas com algum tipo de mediunidade inata do que as que pensais e, esta manifesta-se logo na infância. Porém, devido à oposição e incompreensão que geralmente recebem de quem as rodeia, tendem a reprimi-la e, os poucos que conseguem desenvolvê-la convenientemente e empregá-la para o bem comum, fazem-no discretamente, para não serem objecto de troça e descrédito que os prejudiquem na sua vida quotidiana.

E porque umas pessoas são médiuns e outras não? De que depende isso?

Depende do programa evolutivo de cada espírito. É uma circunstância, a de ser médium, que se conhece e se escolhe antes de encarnar e, quando utilizada correctamente, serve ao possuidor dessa faculdade para avançar mais rapidamente na sua evolução, através da ajuda que presta a outras pessoas. Está muito relacionado com os actos que o espírito realizou noutras vidas.

Queres dizer então, que o espírito existe antes de nascer e que já viveu outras vidas?

Assim é. E na actual vida física, as circunstâncias e provas que o espírito encontra estão estreitamente relacionadas com as decisões que tomou noutras vidas físicas passadas e no período de vida entre encarnações não ligado a um corpo físico.

E que provas temos de que existam vidas anteriores, quero dizer, de que exista vida antes do nascimento?

Existem os testemunhos de pessoas que têm recordações de vidas passadas, que podem ser espontâneos (sobretudo em crianças) ou induzidos através da hipnose regressiva. Há bastante bibliografia a esse respeito. Relativamente a recordações de crianças, recomendo-te que leias o trabalho de Ian Stevenson, um médico psiquiatra canadiano, que se dedica ao estudo dos presumidos casos de

reencarnação naquelas crianças pequenas que se "recordam" de uma "vida anterior". Actualmente já leva estudados mais de 2.500 casos de possível reencarnação em todo o mundo. Publicou mais de 20 livros e diversos artigos em revistas especializadas de Psicologia e Psiquiatria. Recomendo-te o seu livro *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*.

E não poderá ser, tudo isso, fruto da imaginação?

Admitindo que haja casos que possam ser fruto da imaginação, ou de alguma alteração psíquica, ou de qualquer outra razão, existem muitos outros em que as pessoas recordam detalhes muito concretos da vida passada anterior e que foram historicamente comprovados. Recordam, com muito detalhe, lugares, acontecimentos, muitos deles vividos em países nos quais a pessoa nunca esteve na sua vida actual, nomes. Os casos que mais prendem a atenção são os que acontecem com crianças de pequena idade, que podem, inclusivamente, falar espontaneamente uma língua a que jamais estiveram expostas na vida actual, tratando-se da recordação da língua que falaram na vida anterior. Acontece serem crianças entre os 2 e 4 anos de idade, que começam a falar aos seus pais ou irmãos de uma vida que tiveram noutra lugar e noutra tempo. A criança acontece sentir uma atracção muito forte em relação aos factos dessa vida e, com frequência, insiste com os seus pais para que o deixem regressar à família em que afirma ter vivido anteriormente.

Bem, as crianças têm muita imaginação. É complicado atribuir credibilidade a estes testemunhos.

Pois, deve então tratar-se de uma imaginação prodigiosa quando, o que "imaginam", se demonstra corresponder à verdade. Por outro lado, há muitos casos de pessoas adultas que se recordam de vidas anteriores quando se submetem a regressão sob hipnose.

E não poderá acontecer que essa vida, supostamente recordada, seja fruto da imaginação, sugerida pela própria hipnose?

Repito o que já disse. Admitindo que haja casos que possam ser fruto da imaginação ou provocados por qualquer outra razão, existem muitos outros em que as pessoas recordam detalhes muito concretos da vida passada anterior e que foram devidamente comprovados. Também merece atenção o facto de muitas pessoas, contrariando as suas crenças religiosas que não admitem a existência da reencarnação, quando se submetem a hipnose regressiva recordem acontecimentos de vidas anteriores. Mas, tudo isso requer um estudo sério e exaustivo para se poder separar o que pode não passar de

sugestão do que é uma possível recordação de outra vida. Existem muitos estudiosos sérios que se dedicaram a explorar a possibilidade da existência de vidas anteriores através das respostas obtidas de pessoas submetidas a hipnose regressiva, como a psicóloga Helen Wambach, autora do livro *Vida Antes da Vida*, o psiquiatra Brian Weiss no seu livro *Muitos Corpos, uma Só Alma* ou o anteriormente citado Raymond Moody no seu livro *Regressões*. Todos eles exploraram as respostas às perguntas acerca das suas possíveis vidas antes do nascimento, realizadas sob hipnose a milhares de pessoas, reconheceram uma série de elementos comuns nestas experiências e chegaram a conclusões semelhantes.

E quais são essas conclusões?

Que a vida física não é mais do que um instante da vida real, que nunca acaba. Que a morte do corpo não é o fim, mas uma etapa de transição para outra existência menos limitada. Que todos reencontraremos os entes queridos que passaram para o outro lado antes de nós e que também nos voltaremos a encontrar em encarnações futuras. Dizem-nos que realmente existe um plano para cada um de nós, que pressupõe crescimento, tanto em sabedoria como em amor e que tem de ser alcançado por nosso próprio mérito, com base em experiências, em liberdade, no plano físico. Que as circunstâncias com que nos confrontamos na vida não são fruto do acaso, mas consequência dos actos realizados em vidas anteriores. Que, antes de nascer, já conhecemos as provas a que nos vamos sujeitar na vida e que nos preparamos de modo consciencioso para as tentar superar com êxito.

Não entendo como podemos tirar essas conclusões do que se terá vivido noutras vidas físicas, se nessas vidas temos a mesma consciência que temos nesta, ou seja, estamos tão inconscientes da existência de vidas passadas como o estamos nesta.

Porque muitos deles, não só recordam detalhes de vidas passadas, como, ao mesmo tempo, recordam o motivo pelo qual tiveram de passar por certas vidas e provas. Isto é, também se recordam do que lhes aconteceu nos períodos entre vidas físicas, nos quais não estavam encarnados. Há investigadores que se dedicaram a investigar especificamente essas recordações dos períodos entre encarnações, como o psicólogo Michael Newton. O Dr. Newton especializou-se em induzir estados hipnóticos muito profundos nos quais as pessoas recordam o espaço entre uma vida e outra e as decisões que conduziram a encarnar precisamente em determinado

tempo, em determinada família e sob determinadas circunstâncias. Recomendo-te os seus livros *Viagem das Almas* e *Destino das Almas*.

E que tipo de provas ou circunstâncias são essas a que teremos de nos sujeitar em cada vida e porquê?

Muitas dessas provas consistem em experimentarmos em nós mesmos aquilo que fizemos aos outros, em nos confrontarmos com as consequências das situações que nós próprios provocamos, para que tomemos consciência do sofrimento ou da felicidade que estas acções tiveram sobre os outros. As provas são as mais variadas, mas em geral, são provas que têm como intenção o desprendimento do egoísmo e crescimento no amor.

E é necessário morrer ou viver uma experiência de proximidade da morte para se tomar consciência que se é um espírito e não o seu corpo?

Não. De facto todos vós tendes a capacidade de vos separardes temporariamente do vosso corpo e assim sucede, de forma inconsciente, numa fase do sono. Porém, há pessoas que são capazes de provocar esta separação de forma consciente através de certas técnicas de relaxação. As viagens astrais provam que a consciência não está ligada ao corpo.

Que é uma viagem astral?

É uma separação temporária do corpo. Mas, porque perguntas o que já sabes? Por acaso não chegaste aqui dessa forma?

Eu apenas pretendia comprovar o que outros descreveram. Uma coisa é a teoria e, outra, a prática. Não contava que me fosse acontecer algo parecido!

Pois, acontece. O teu corpo não está aqui. Está deitado na tua cama. Porém, tu sim.

Queres dizer que, não só podemos viver sem estar ligados a um corpo, como ainda que, estando fisicamente vivos, podemos sair e regressar ao corpo sem que ocorra a morte?

Assim sucede.

O que é que se separa exactamente?

Separa-se o espírito do corpo físico que, como já disse, é apenas um revestimento que se utiliza para poder actuar no mundo físico. Contudo, esta separação é somente temporária e existe uma ligação

entre os dois que nunca se quebra e que permite o regresso ao corpo físico sem danos para a saúde. É o chamado cordão de prata.

O que é o cordão de prata?

É o nexo de ligação entre o corpo astral e o físico, como um cordão umbilical que permite levar ao corpo físico a energia vital necessária para continuar vivo na ausência do corpo astral. Os clarividentes costumam descrever esse "cordão" como uma espécie de fio muito elástico de tonalidade prateada, extensível até ao local em que, por muito que se separe o corpo astral do corpo físico, o cordão estica sempre o necessário, quer dizer, estira-se por grandes distâncias quando o espírito se separa e viaja para longe do corpo físico.

E onde vai o espírito quando se separa do corpo?

Onde o seu pensamento o levar, ao mundo astral, e essa é uma viagem natural que assegura a dinâmica necessária ao desenvolvimento humano. Essas visitas nocturnas proporcionam à pessoa energia e experiências que a ajudarão mais tarde na sua vida física, posto que ali é assistido por entidades espirituais mais avançadas que aconselham e guiam. Se quiseres saber algo mais, aconselho-te que leias o livro *Projecção Astral* de Oliver Fox.

Corpo astral? Mundo astral? Entidades espirituais? Ufa! Espera um pouco! Isto avança demasiado rápido para mim!

Bom, eu só tento responder ao que me perguntas. Mas, como vamos saltando de umas coisas para outras, não aprofundamos nada. Se concordas, o que podemos agora fazer é ficarmos por aqui, de momento, porque já são horas de regressares ao corpo. Agora já tens alguns assuntos sobre que investigar por tua conta e reflectir. Procura os livros que te recomendei e tenta lê-los. Servir-te-ão como prova de que tudo isto que viveste não é uma partida da tua mente, mas realidade autêntica.

Não sei se me lembrarei de tudo...

Não te preocupes. Se te esforçares, recordarás o que precisas para os encontrares. Regista as novas perguntas que te forem surgindo nessa altura para as colocares nas próximas ocasiões em que nos virmos, se é que desejas que nos continuemos a ver.

Quando nos voltaremos a ver?

Depende de ti. De quiseres continuar a aprofundar os temas que, de forma superficial, começámos a abordar ou se preferes ficar por aqui mesmo.

À medida que vamos falando vão-me surgindo mais perguntas, a respeito da evolução, da imortalidade do espírito e essas coisas.

Guarda-as para a próxima ocasião. O que podemos fazer é ir abordando as perguntas por temas ainda que, como verás, é quase impossível aprofundar um aspecto sem necessariamente ter de entrar noutra tema. Também as respostas sugerem outras questões que requerem mais explicações.

Porém, tens de compreender que, de momento, mantenha uma postura de cepticismo a respeito de tudo o que contas.

Compreendo. Sei que a tua procura de respostas é sincera e que estás receptivo para ouvir, caso contrário eu não estaria aqui. Apercebo-me de que escutaste com atenção e que precisas de tempo para meditar naquilo de que falámos. Isso basta-me. Até à próxima, irmão.

Adeus Isaías.

E, quase sem me dar tempo para me despedir, senti um puxão forte. E com a mesma velocidade com que tinha saído catapultado para fora, senti-me como que atirado em queda livre à velocidade do raio, até me precipitar sobre o meu corpo. O regresso ao corpo foi custoso. Que contraste com a leveza de estar fora do corpo, com a doce e calma vibração que senti naquele lugar de sonho! Senti frio. Senti-me enjoado, com vontade de vomitar e pesado, como se vestisse um fato de chumbo que pesasse cem quilos. De início não me podia mexer, nem podia falar. Foi então quando comecei a tomar consciência do que se tinha passado. Estava em choque. Chorei de emoção. Aquela tinha sido a experiência mais extraordinária da minha vida. Durante os meses seguintes tentei voltar à normalidade. Porém, por muito que tentasse, não conseguia ver as coisas da mesma forma. Quase tudo me parecia banal. As preocupações quotidianas, o trabalho. Muitas vezes ficava ausente, sem ouvir, sem ver o que se passava à minha volta, a pensar naquela experiência. Dava-me vontade de o contar às pessoas, à família, a algum amigo. Porém, logo o meu senso comum me dizia que nem tentasse, que não me iriam entender, que me iriam considerar louco. Sentia-me um estranho, como se fosse um extraterrestre. Perguntava-me quantas pessoas teriam experimentado aquilo. Com o tempo começaram a surgir dúvidas. E se tudo não tivesse passado de uma alucinação, fruto da minha imaginação? Para tentar fazer-lhes frente lembrei-me de algo que Isaías me tinha dito: "Procura os livros que te recomendei e lê-os. Servir-te-ão de prova de que tudo o que viveste não foi uma

alucinação da tua mente". Pus-me à procura dos livros pela Internet. Não me lembrava dos nomes e títulos, mas de palavras e nomes que recordava da nossa conversa. Pus no Google "reencarnação, vidas passadas, vida depois da morte" e começaram a surgir os nomes de autores e títulos e reconheci entre eles os que Isaías tinha mencionado. Estudei-os minuciosamente, confirmando ponto por ponto o que ele me tinha dito. Se aquilo tinha sido uma alucinação, na realidade, mostrava-se muito acertada.

Desejei voltar a ver Isaías. Saudades do seu olhar doce que tanto me reconfortara. De voltar a sentir-me em paz. Os livros tinham-me ajudado a perceber que havia outras pessoas à procura de respostas para as mesmas questões com que eu me debatia e que eles, por seu lado, já tinham iniciado o caminho para obtenção das respostas. Porém, também me iam suscitando muitas outras perguntas, as quais fui anotando numa agenda e ia revendo mentalmente de vez em quando para as recordar, caso voltasse a ter a oportunidade de reencontrar Isaías. Ainda que me custasse reconhecê-lo, precisava que Isaías me continuasse a explicar, dissipando dúvidas, porque aquele ancião-jovem tinha conseguido pela primeira vez que as respostas de alguém me tivessem atingido tão profundamente. Além disso, fazia-me sentir tão bem, tão querido...! Continuava a ser céptico, mas alguma coisa no meu íntimo me dizia que estava no caminho certo. Assim, reiniciei os exercícios de relaxação com a esperança de voltar a contactar com Isaías. E voltei a sair do corpo. Desta vez não precisei de tanto esforço. Em apenas cinco sessões estava fora. Voltei a experimentar as mesmas sensações, a mesma viagem. E ali estava ele. À minha espera de novo, com um sorriso no rosto e o mesmo olhar enternecedor da primeira vez.

DEUS

Olá, maninho! Já era tempo! Fiz-me velho à tua espera! Repara que branco ficou o meu cabelo!

Como?... Se o teu cabelo já era branco da outra vez!

Não te ofendas, foi uma piada! Pensavas que aqui em cima não tínhamos sentido de humor? Enfim, que tal te saístes no teu regresso ao mundo? Sentiste saudades minhas?

Pois, sim. Tinha muita vontade de te ver, de estar aqui de novo, na paz. Encontrei os livros que me disseste e li-os. Ajudaram-me, porém tenho muitas mais perguntas.

Isso alegra-me. Força, dispara. Expõe-nas à tua vontade.

Não estou a dizer que acredite, mas segundo o que contas sobre a evolução espiritual e pelo que pude deduzir dos livros, deve existir uma espécie de plano organizado e que é bastante complexo.

Assim é. Um plano que abrange todos os seres da Criação e tudo o que existe. Ainda que para cada espírito exista um plano concreto de evolução, porque cada ser da criação é amado e está destinado a ser feliz. Nesse plano de evolução pessoal participa uma multidão de seres em diversos graus de evolução, ajudando cada espírito a percorrer esse caminho.

Que queres dizer com isso?

Pois, que tendes uma família espiritual. Todos e cada um de vós sois queridos por uma multidão de seres espirituais. Começando por Deus, continuando com o vosso guia espiritual, que jamais vos abandona, e outro bom número de espíritos. Muitos são amigos, familiares já falecidos, desta e doutras vidas. Além disso, e como se isso ainda não bastasse, todos e cada um de vós tem uma alma gémea, a vossa meia-laranja, um espírito perfeitamente semelhante a vós mesmos, o companheiro perfeito pelo qual começar a sentir o que é o amor verdadeiro. Alguns deles podem estar encarnados ao mesmo tempo que vós e podem fazer parte, ou não, da vossa família carnal, ou ser simplesmente pessoas amigas.

E como pode ser que, sendo cada um tão querido, se sinta muitas vezes tão só?

Porque viveis desligados do mundo espiritual, ignorantes da vossa ligação com outros seres que são semelhantes a vós, tanto com os que estão encarnados em simultâneo convosco, como com os que

vos apoiam a partir do mundo espiritual, inconscientes da vossa missão na Terra, tão distraídos como estais em apenas atender ao que os vossos sentidos e a vossa mente vos dizem, tão alheados do que podeis perceber através do sentimento. Que fique claro, ainda que vos sintais sós no mundo físico, jamais estais sós da parte do mundo espiritual. A cada um cabe descobrir essa ligação, descobrir essa subtil porta atrás da qual encontrareis a vossa vida autêntica, uma porta que apenas a chave do sentimento pode abrir. Pedi sinceramente, e sereis ajudados no despertar da vossa sensibilidade e reconfortados dos vossos sofrimentos. Porém, tendes de vos despojar das vossas couraças antiamor para o experimentar. Porque, será respeitado o desejo a quem quiser estar só e isolado do mundo.

Bom, já que mencionaste Deus, tenho sérias dúvidas de que Deus exista. Por acaso, já alguém O viu?

Por acaso, não tens visto a Sua obra? O Universo, a vida, tu mesmo? Deus não pode estar mais perto de ti do que já está. Porém, Ele não te obriga a que O reconheças e te abras a Ele. É preciso que tu O queiras sentir, recebê-lo. Todavia, se estás à espera de ver alguém como tu, da tua estatura, com olhos, cara, braços e pernas, então jamais o reconhecerás porque Deus é muito mais que isso. Seria como se uma célula do teu corpo perguntasse: "Onde está o corpo a que pertencço, que o não vejo?" "Estás nele, célula. Não te dás conta?". E a célula diria: "Mas, se a única coisa que vejo são células, células e mais células como eu, por todo o lado!" Pois, estuda a tua própria natureza, o teu próprio funcionamento e as relações que estabeleces com as outras células e as delas entre si, como se organizam tão maravilhosamente para formar um conjunto e observa o que forma esse conjunto. Então, célula, poderás conhecer e reconhecer o corpo do qual fazes parte.

Então, onde podemos encontrar provas da existência de Deus?

Como na célula do exemplo, primeiro na tua própria existência e, seguidamente, na existência do que te rodeia. Qual poderá ser a origem de um ser que sente e pensa, consciente da sua própria existência? E de um Universo tão perfeitamente engrenado? Não pode ser o nada, porque o nada não pode criar algo, simultaneamente tão complexo e belo. Por acaso alguém pode acreditar que uma bela sinfonia pode ser composta tocando as teclas de um piano à sorte? Pois, da mesma maneira não pode ser que algo, ao mesmo tempo tão belo e tão complexo como o Universo, a Vida e o Ser Humano seja fruto do acaso, antes se rege pelo princípio da causalidade.

Porém, por que tem de ser Deus quem criou tudo? Por acaso não existe na natureza um poder de criar?

Assim sucede. Porém, de onde vem o poder criador da natureza? De onde provêm as leis que regem o Universo? Aceitas que na natureza, no Universo, existe um poder criador e umas leis, as leis da Física, da Química, da Biologia, que o estruturam, que o ordenam, de maneira que os cientistas, quando descobrem algum fenómeno desconhecido, não o atribuem ao nada, mas procuram encontrar a causa que o provocou. Quer dizer, vós admitis no vosso dia-a-dia que uma das leis do Universo é a de que não existe efeito sem causa. Porém, na hora de responder à pergunta qual é a origem do Universo, ou seja, a primeira causa, vós mesmos, contrariando a própria lei da causa-efeito que aceitais como válida o resto do tempo, não tendes problemas em admitir que foi um efeito sem causa, ou seja, surgiu do nada! Isso é um contra-senso! Portanto, deve existir uma primeira causa de tudo e essa é Deus.

Perdoa-me que insista mas, por que tem de ser necessariamente Deus quem criou tudo? Por acaso, os humanos não são capazes de criar coisas belas e complexas? Tens aí a música, os computadores....

Certo, porque vós também tendes poder criador. Mas, se o tendes, donde provém? No Universo existem muitos seres em diferentes estádios de evolução, com maior ou menor capacidade de criar que a vossa, de acordo com o seu grau de avanço. Porém, temos de admitir que, se eles tiveram um princípio, pela lei da causa e efeito, tiveram de ser criados por algum processo anterior e que, na realidade, o poder criador dos seres criados procede de algo já criado, de acordo com umas leis preexistentes. Portanto, chegamos a um ponto em que precisamos de encontrar um princípio criador que não tenha sido criado, mas que tenha existido sempre e que sempre existirá, e que tenha estabelecido as leis e os princípios de tudo o que existe, e esse é Deus.

Bem, admitamos, apenas como mera possibilidade, que Deus existe. Na hipótese de Deus existir, teria curiosidade em saber quem é e como é esse suposto Deus, tão fugidio que não se deixa ver à vista desarmada.

Pela obra conheces o autor. Conhece-te a ti mesmo e o mundo que te rodeia e estarás a começar a conhecer Deus. Uma vez que na criatura estão as potencialidades do criador, se imaginares todas as boas qualidades humanas no grau mais elevado que puderes, estarás a começar a desenhar um esboço de Deus que, ainda que muito imperfeito, será o mais elaborado que podes ter d'Ele, dada a tua

capacidade actual. Há um provérbio muito antigo e muito acertado que à pergunta “Como é Deus?” responde “Como tu, quando chegares a Ele”.

Quais são essas qualidades?

Amor, sabedoria, justiça, verdade, humildade, generosidade, sinceridade, sensibilidade, compreensão, compaixão...

Existem qualidades de Deus que não podemos possuir?

Sim. O Criador é imutável, onipotente, não criado e existiu sempre. A criatura, ainda que não tendo fim, teve um princípio. É alterável, pois está em constante aperfeiçoamento e, ainda que a sua capacidade de progresso seja ilimitada, já que está em constante aperfeiçoamento, aumentando constantemente, não é infinita.

E, se esse ser é tão perfeito... Por que permite que exista o mal no mundo?

Ele permite que as criaturas experimentem à sua custa, que aprendam com os seus erros. O mal do mundo não surge de Deus, mas sim das criaturas em processo de evolução que, devido ao seu desconhecimento das leis espirituais, procedem contra os outros seres da criação.

Pois então, terás de me explicar de que tratam essas leis, porque duvido muito que consigam explicar a grande quantidade de perguntas que tenho, para as quais ainda não encontrei uma resposta satisfatória, e de coisas que não entendo e me parecem tremendamente injustas, no mundo em que vivemos.

Encantado. Prepara-te, porque vamos ter muito de que falar.

AS LEIS ESPIRITUAIS

1ª Lei: Lei da Evolução.

- O destino dos espíritos é evoluir de forma indefinida, para sempre.
- Em que se evolui? Em Amor e Sabedoria. Sem amor não há evolução. Sem amor não há sabedoria. Sem amor não há felicidade.
- A evolução depende da vontade e do esforço de cada um.

O MUNDO ESPIRITUAL

Disseste, no início, que a vida do espírito não começava com o nascimento.

Assim é.

E que há, antes do nascimento?

O mesmo que depois, VIDA, alternando-se os períodos de vida sem estar ligado ao mundo físico com os períodos nos quais o ser regressa ao mundo físico, encarnando num recém-nascido.

Então a vida não começa com o nascimento?

Não.

E todos vivemos outras vidas antes da actual?

Sim.

E onde se pensa que estamos antes de nascer?

No mundo espiritual.

E o que é que acontece depois de morrer?

O espírito desliga-se do corpo físico e regressa ao mundo espiritual, que é de onde veio. Ou seja, continua a sua vida sem estar ligado à matéria. Dito doutro modo e para resumir, o espírito proveniente do mundo espiritual liga-se ao mundo físico, encarnando num recém-nascido, decorrendo uma fase encarnado fisicamente, até que acontece a morte do seu corpo. Nesse momento, desliga-se dele e regressa ao mundo espiritual.

Este conceito acerca da origem e do destino do ser humano já tinha sido enunciado por Jesus, numa frase simples carregada de significado e que, até hoje, ainda não tinha sido totalmente compreendida, recolhida no evangelho de João (3, 13): “Nada subiu ao céu, senão o que de lá desceu.”

Sim, mas em que condições regressamos a esse mundo espiritual? Quero dizer, estamos despertos? Estamos conscientes do que nos aconteceu ou, como acreditam algumas religiões, permanecemos num estado letárgico até que aconteça alguma coisa “no final dos tempos”?

Muito pelo contrário, está-se mais consciente da realidade quando se está no mundo espiritual do que quando se está encarnado. Não pensem que, pelo facto de desencarnar, o espírito perde a consciência ou entra num estado de sonolência perpétua. Longe

disso, admitindo que o espírito possa passar por uma fase de confusão, de tempo variável que depende da evolução do espírito e das circunstâncias em que desencarnou, o espírito confronta-se com a sua autêntica vida e toma consciência, entre outras coisas, do objectivo das encarnações. Bem entendido, interage com outros seres, num mundo tão real ou mais que o vosso, já que o vosso mundo é uma imagem distorcida, apenas um reflexo, do mundo espiritual.

Sim, mas onde vai exactamente?

O que normalmente acontece é que cada espírito, depois de desencarnar, se coloca no plano do mundo espiritual que corresponde ao seu estado evolutivo. E isso depende do comportamento que o espírito tenha tido durante a encarnação em relação à lei do amor. O destino final do espírito é regressar sempre ao seu lar espiritual. Contudo, aqueles espíritos delinquentes, que praticaram grandes delitos contra os demais seres da criação, ficarão retidos pelo peso das suas acções no nível vibratório mais baixo do astral inferior. No extremo oposto, o espírito que tenha vencido grande parte do seu egoísmo e que se tenha comportado amorosamente, elevar-se-á às franjas vibratórias mais altas do astral superior. Entre esses dois extremos, existe uma infinidade de níveis intermédios nos quais se situará cada espírito em função do seu grau de elevação espiritual e do seu comportamento em relação à lei do amor.

Espera um pouco, porque me estou a perder. Podes explicar-me o que significa isso de “nível vibratório” e o que é que tem a ver com o estado evolutivo?

O nível vibratório refere-se à manifestação no plano energético do estado evolutivo do espírito. Pode-se dizer que a forma como se manifesta o amor no plano astral ou energético é uma vibração de alta frequência. Portanto, a vibração de alta frequência corresponde ao corpo astral dos espíritos mais avançados, com maior capacidade de amar e desprendidos do egoísmo. A vibração de baixa frequência é a própria dos espíritos pouco avançados e que ainda actuam com egoísmo. Entre esses dois extremos existem espíritos de níveis intermédios de evolução e, portanto, de níveis intermédios de vibração. Cada um deles, dependendo do seu estado evolutivo, a seguir à desencarnação, situar-se-á no plano correspondente ao seu nível vibratório.

Não entendo nada. Estás-me a falar do mundo espiritual, de níveis vibratórios, planos energéticos, de astral inferior e superior, porém soam-me a termos ambíguos que não sei o que significam exactamente nem a que se referem. Podes descrever-me como é esse suposto mundo espiritual, onde se situam exactamente esses níveis vibratórios energéticos ou como lhes quiseres chamar, de que falas e que significa isso de astral inferior e superior?

Descrever o mundo espiritual com todo o seu detalhe a alguém encarnado, que não pode nesse estado apreciá-lo em toda a sua extensão, é algo muito difícil. É como tentar explicar o que é a cor a um cego de nascença. Contudo, procurarei esclarecer algumas coisas a esse propósito, sobretudo daquelas partes do mundo espiritual de que as concepções ou crenças religiosas deram uma visão enganosa ou deformada em relação à realidade.

Em primeiro lugar, tenho de te dizer que o mundo espiritual não é um lugar difuso ou vazio onde não existem formas e onde os espíritos vagueiam ociosos sem saber onde ir. É um mundo real, palpável, que sempre existiu e sempre existirá, e que é o verdadeiro lar do espírito, já que, diferentemente dos mundos físicos que têm um princípio e um fim, aquele nunca poderá ser destruído.

Está bem, mas se é tão real porque não o podemos ver?

O facto de não ser visível para vós, não significa que não exista. Quando estais encarnados, as vossas percepções estão limitadas ao que sois capazes de captar com os vossos sentidos físicos. Por exemplo, vós definis a luz como um conjunto de ondas que vibram em diferentes frequências. O espectro de luz visível que vós podeis ver está limitado às sete cores do arco-íris, aumentando a frequência vibratória da luz desde o vermelho até ao violeta. Contudo, existe luz para cima e para baixo dessa gama de frequências que vós não podeis ver, mas que igualmente existe e que tendes sido capazes de detectar por meio de aparelhos. Por cima da frequência da cor violeta, existe a luz ultravioleta, os raios X e os raios gama. Por baixo da frequência do vermelho, ficam os raios infravermelhos, as microondas e as ondas de rádio e televisão.

Algo semelhante acontece com a percepção relativa ao mundo espiritual. Continuando com a analogia das ondas luminosas, poderia dizer-se que o mundo espiritual se situa numa banda de frequências que os vossos sentidos não podem captar e que, dentro dessa banda, existem frequências de maior e de menor vibração.

Mas, se existe, deve ser composto de alguma coisa. Sabemos que a matéria do nosso mundo está composta por diferentes tipos de átomos agrupados por distintos graus e formas e, das combinações destes átomos, surge a matéria da qual é composto o nosso mundo, com as suas propriedades físicas particulares. No caso do mundo espiritual, existe alguma matéria-prima a partir da qual se forme tudo o restante?

Sim, podereis chamar-lhe essência vital ou princípio espiritual.

E qual é a sua natureza?

Isso é complicado de explicar, mas vou dar-vos algumas pistas para o compreenderdes. Através dos trabalhos de Albert Einstein e do posterior desenvolvimento da Física Quântica, sabe-se que a matéria mais não é do que uma forma de energia condensada, que os átomos se podem separar em partículas mais simples e que, desta cisão, uma parte da matéria se transforma em luz. Portanto, ainda que a luz e a matéria tenham propriedades tão distintas, até ao ponto de parecerem coisas independentes, a diferença entre a luz e a matéria não é a sua essência, mas somente a sua estrutura e grau de condensação. Se vos custa entender, imaginai o que acontece com a água que apresenta propriedades tão diferentes no estado sólido (gelo), líquido e gasoso (vapor), ainda que a sua composição continue a ser sempre a mesma, apenas porque varia a mobilidade ou estado vibracional das suas moléculas. Estas estão mais estáticas no gelo, menos na água líquida e ainda menos no vapor. Se tomamos este exemplo como modelo, podemos dizer que o universo físico é a forma mais condensada que existe da essência vital e, nesse estado, manifesta uma série de propriedades e segue uma série de leis que a Física tenta desvendar. Porém, existem níveis de condensação intermédios entre o universo puramente espiritual e o universo físico que se podem agrupar, desde o mais subtil até ao mais denso, em espiritual, mental, astral (ou energético) e material (ou físico), cada um deles com propriedades e leis particulares. Estes mundos não estão separados uns dos outros, mas sim, perfeitamente inter-relacionados, de modo que não podem existir as formas mais condensadas desligadas das mais subtis.

Então, há alguma diferença entre os termos “mundo astral” e “mundo espiritual”? Porque às vezes fico com a impressão de que os empregas como termos equivalentes.

Sim, há diferenças. Como disse, o mundo espiritual é o plano onde nasce tudo o resto e é indestrutível, enquanto o mundo astral é a manifestação do mundo espiritual no plano energético. Ou seja,

trata-se já de uma forma muito condensada da essência vital, ainda que não tanto como o mundo material. O mundo astral é mutável e está submetido a processos periódicos de criação e de aniquilamento. O que se passa é que, quando faço referência ao mundo espiritual, é verdade que utilizo o conceito para me referir à soma dos três mundos mais subtis (espiritual, mental e astral) e que escapam à vossa percepção, por contraposição ao termo "mundo físico", o qual se refere ao mundo que vós conheceis. Utilizo um termo ou outro dependendo do contexto ou da ênfase que queira dar a algum aspecto do mesmo. Normalmente, utilizarei "mundo espiritual" como termo mais geral e amplo, enquanto "mundo astral" é um termo mais concreto, por ser a parte do mundo subtil mais próxima do mundo físico.

Fico com uma ideia do que dizes, mas quando falas de mundo astral, a que te referes concretamente?

Cada planeta físico está ligado ao seu correspondente planeta energético ou astral que lhe está sobreposto, mas que é muito mais extenso em tamanho do que o planeta físico, ainda que muito mais subtil na sua natureza. Digamos que se o planeta físico é do tamanho de um grão de café, o do planeta astral poderia ser equivalente ao tamanho de uma bola de futebol, porém de natureza energética, de forma que o grão de café ficaria no centro da bola de futebol. O planeta físico não poderia existir sem o planeta astral, já que é este último quem o vitaliza energeticamente e mantém a sua estrutura e permite o seu funcionamento. Dentro deste mundo astral, existem diferentes níveis ou camadas vibratórias que se diferenciam pela sua densidade, de modo que as camadas mais densas estão mais perto da superfície do planeta físico e as mais subtis estão progressivamente mais afastadas. Cada uma delas tem estrutura geológica e natureza próprias. Existem vales, montanhas, rios, flora e fauna, ainda que existam diferenças entre elas, pois a natureza é mais bela e perfeita nas camadas mais subtis do que nas mais rudes. Podemos dizer que a natureza no mundo físico é um reflexo inacabado da natureza astral e que tudo o que existe no mundo físico foi antes ensaiado no mundo astral.

E há vida nesse planeta astral?

Esse globo ou planeta astral está cheio de vida e é o lar dos espíritos e formas de vida não encarnada ligados ao planeta Terra. É a origem da maioria dos seres que nascem e o destino dos que morrem no vosso mundo físico. Quando, antes, disse que o espírito quando desencarna regressa ao mundo espiritual, o que acontece

normalmente é que o espírito fica num desses níveis vibratórios do planeta astral, o correspondente ao seu nível energético, que depende por sua vez do seu nível espiritual. Encontramo-nos agora num desses níveis, e a natureza que observas à tua volta é a própria deste nível vibratório.

Dizes que há espíritos a viver no mundo astral e que são os que encarnam na Terra. Gostaria de saber alguma coisa mais desse mundo e dos seus habitantes e, também, de que depende que nos situemos num nível ou noutro do mundo astral depois de morrer. Ah! E que me expliques, de uma vez por todas, a que te referes com isso de astral superior e inferior, porque ainda não o fizeste!

Está bem! Como já disse, posto que há espíritos a habitar em cada uma dessas franjas vibratórias do mundo astral, eles também criaram, a partir dos elementos naturais, a sua própria civilização. À medida que o espírito evolui, ou seja, se vai desprendendo do egoísmo e se torna mais amoroso, a sua prática no amor faz-lhe elevar a sua frequência vibratória, o que lhe permite subir até aos planos vibratórios que estão de acordo com o seu novo nível evolutivo. Em conformidade com esta lei da correspondência vibratória, os espíritos mais avançados, que têm natureza mais subtil, habitam nas regiões vibratórias mais subtis e mais afastadas da superfície terrestre, enquanto, à medida que descemos para camadas progressivamente mais densas, iremos encontrando comunidades de espíritos menos avançados, cuja natureza é também mais densa. Como consequência disto, a civilização é mais perfeita e avançada moral e tecnicamente nas camadas mais subtis do que nas mais densas. Ainda que se trate de uma divisão puramente arbitrária, podemos agrupar estes distintos níveis vibratórios em astral inferior, médio e superior, conforme se aumenta em vibração e se diminui em densidade. Os espíritos do astral superior vêem já muito claro qual é o destino do espírito e estão numa fase de evolução consciente. Centram toda a sua vontade e esforço em avançar espiritualmente e em ajudar a avançar os espíritos que estão menos evoluídos, ainda que estes, muitas vezes, não estejam conscientes da ajuda que recebem. E nisso, essencialmente, ocupam o seu tempo.

No astral inferior encontram-se os espíritos menos evoluídos espiritualmente que, tanto podem ser aqueles espíritos ainda jovens em estado primitivo de evolução, como aqueles que, apesar de terem vivido muitas vidas e de terem desenvolvido a sua inteligência, ainda não desenvolveram os seus sentimentos.

No astral médio encontraremos os espíritos com um grau de avanço intermédio. É aí onde vão parar a maioria de espíritos encarnados da

Terra depois de desencarnar, ainda que para chegar aí muitos tenham passado alguns períodos mais ou menos prolongados no astral inferior, por terem ficado retidos temporariamente devido às suas acções contra a lei do amor realizadas enquanto estavam encarnados.

Pelo que dizes, o astral inferior poderia equiparar-se ao inferno e o superior ao céu, enquanto o astral médio poderia representar o purgatório, não?

Em rigor, os conceitos de inferno, purgatório e céu são uma imagem extremamente distorcida da realidade espiritual que estou a expor e com a qual possuem escassa correspondência. Na realidade, todos os espíritos que alcançaram o astral superior estiveram no passado no astral inferior e passaram pelo astral médio. E se chegaram até aí foi porque, por mérito próprio, foram progredindo espiritualmente no amor, aumentando assim o seu nível vibratório e tornando-se dignos de habitar as regiões que actualmente ocupam. E todos os espíritos do astral inferior, quando evoluírem o suficiente, habitarão um dia nas regiões astralinas superiores, porque faz parte do processo de evolução espiritual. Portanto, não há lugares criados expressamente para servir de masmorras, nem o sofrimento, a que fica sujeito um ser por estar no astral inferior, dura eternamente.

Porém, segundo o que dizes, é certo que os “maus” acabam por ir parar ao astral inferior e que nesse lugar sofrem, não?

Sim. Contudo, nem todos os habitantes do astral inferior são necessariamente “maus” nem todos “sofrem”. Também o termo “mau” é inexacto. Seria melhor chamá-los espíritos retardados, que apenas avançaram em inteligência, mas pouco no amor. Como já te disse, habitam no astral inferior espíritos primitivos, nos primeiros estádios de evolução espiritual como seres individualizados e dotados de livre arbítrio. Esses espíritos primitivos não se misturam com os retardados, pois, apesar de se encontrarem na mesma franja, agrupam-se de acordo com a sua afinidade vibratória e vivem em zonas afastadas uns dos outros. Porém os espíritos primitivos não se sentem infelizes por se encontrarem no astral inferior, pois é o *habitat* que se adequa ao seu nível. São os espíritos retardados os que sofrem porque, ainda que não dêem amor sim, são mais sensíveis a percebê-lo do que os primitivos e sofrem ao notar a sua ausência. Sofrem por viver na companhia de outros seres tão egoístas como eles mesmos. Sofrem porque vislumbram uma vida melhor e sabem que a sua penosa situação se deve ao mau uso que fizeram do seu livre arbítrio ao terem procedido contra os outros.

Custa-me imaginar o que dizes.

Para que possas entender a diferença entre o que sente, no astral inferior, um espírito primitivo e um espírito retardado, vou-te dar um exemplo do teu mundo. Imagina a diferença entre, como se podem sentir um primata e um homem ocidental, ambos abandonados na selva. Enquanto o primata viverá perfeitamente feliz e integrado na selva, para um ocidental, acostumado às comodidades da vida civilizada, viver na selva será um suplício e sentir-se-á muito mal.

Porque existe o astral inferior, se é um lugar tão horrível?

Porque no Universo há um lugar para todos os seres, desde os mais primitivos até aos mais avançados e em cada planeta de nível semelhante ao vosso, o astral inferior é o lar dos seres que ainda estão a dar os primeiros passos na aprendizagem dos sentimentos. Também há que ter em conta que este não é um lugar especificamente criado para os espíritos que agiram contra a lei do amor. E sim, é tão horrível, porque foram eles mesmos que criaram as condições para que esses lugares em que habitam sejam asfixiantes, pela vibração conjunta que emana da sua própria baixa espiritual, da mesma forma que uma zona natural pode chegar a converter-se numa autêntica lixeira se os ocupantes dessa região forem pouco respeitadores do meio ambiente.

Agora que falamos dos espíritos do astral inferior, tenho uma curiosidade: existe o Demónio ou o Diabo?

Não existe nenhuma entidade dedicada ao mal permanentemente e, ainda menos, com os poderes de destruição tão onipotentes que são atribuídos a esse suposto diabo. As entidades que habitam o astral inferior são espíritos que pouco avançaram no sentimento. E, como já disse, isso pode suceder, ou porque se trata ainda de espíritos jovens ou porque, apesar de serem espíritos já mais ou menos velhos, tenham avançado pouco no desenvolvimento dos sentimentos. Ainda que haja espíritos no astral inferior que possam ser muito inteligentes mas tenham utilizado essa inteligência para prejudicar outros espíritos, se ainda não desenvolveram os seus sentimentos, não são sábios, porque a sabedoria tem origem na percepção do sentimento, e sentem-se desgraçados porque vivem no egoísmo e desconhecem a felicidade. Pela inveja de não possuírem a sabedoria e felicidade que intuem ter alcançado, os espíritos que já venceram o egoísmo e conheceram o amor, empregam todas as suas forças para dificultar o progresso espiritual dos seus irmãos encarnados, para que, tão-pouco eles, consigam desfrutar da felicidade que emana do amor. Como diz o ditado: "O

mal de muitos, consolo é". Por isso, organizam-se entre si com o objectivo de impedir o progresso dos desencarnados e conquistar adeptos para as suas fileiras. Porém, a sua capacidade de acção sobre os encarnados é bastante limitada, a não ser que estes, pelos seus próprios actos, se deixem influenciar por eles. Também o seu raio de influência está limitado às franjas vibratórias mais baixas, pois para alcançar franjas mais altas teriam de amar e, uma vez que se recusam a fazê-lo, auto-excluem-se desse nível. Depois, têm o problema de estar em constantes lutas entre facções rivais, porque, em consequência do egoísmo "todos querem ser chefe". Porém, tarde ou cedo, esses espíritos cansam-se de serem os "maus", porque são tremendamente infelizes e tentam sair dessa situação. Então são resgatados pelos espíritos das franjas mais elevadas que têm postos de socorro nas regiões adjacentes a estas regiões inóspitas.

Disseste-me, quando falámos das viagens astrais, que o espírito encarnado, uma vez livre do corpo, pode viajar até onde o seu pensamento o levar, de forma quase instantânea.

Assim é, porém apenas dentro dos níveis vibratórios compatíveis com o seu próprio.

Sucede também a um espírito desencarnado ter liberdade para viajar pelas diferentes franjas do mundo astral?

Os espíritos dos níveis superiores gozam de maior liberdade de movimento e podem descer aos níveis inferiores, ainda que para eles seja tão incómodo como para vós o seria caminhar através de um pântano. Os espíritos de níveis inferiores não podem ascender a níveis superiores enquanto não conseguirem aumentar o seu nível vibratório e isso apenas se consegue quando tenham evoluído espiritualmente. Portanto, os contactos entre espíritos de níveis diferentes realizam-se descendo sempre o mais avançado à região do menos avançado. Os espíritos que habitam nas zonas densas do astral inferior têm mais dificuldade em se moverem no seu ambiente, parecendo quase que vivem com as mesmas limitações que tem um humano encarnado, já que a vibração da "matéria astralina" dessa zona é tão baixa que se assemelha muito à da matéria física. Não acontece assim com os espíritos do astral superior, que podem viajar livremente, ainda que, para que se possam manifestar no astral inferior e possam ser vistos pelos seus habitantes, tenham de ajustar a sua vibração e isso acaba por ser tão penoso como para vós é respirar num compartimento cheio de fumo.

Porque há esta separação entre níveis?

Esta separação é inerente à natureza do mundo astral e impede que os espíritos pouco avançados possam infiltrar-se nas regiões de alta vibração, onde impera o amor, e prejudiquem os seus residentes.

Mas, então há algum tipo de ligação entre essas franjas vibratórias ou estão completamente separadas entre si?

As separações não são bruscas, mas graduais. Da mesma forma que a densidade da atmosfera diminui de forma progressiva quando nos afastamos da superfície terrestre, o mesmo acontece também com a densidade da matéria astralina. As diversas comunidades do astral estão ligadas entre si e existe um trânsito de espíritos, com a limitação que indicámos anteriormente. Quero dizer, enquanto os mais avançados se podem mover livremente através do seu nível e dos níveis inferiores, os menos avançados só podem alcançar níveis superiores aumentando o seu nível vibratório por meio da evolução espiritual. As comunidades do astral médio são ajudadas pelas comunidades do astral superior, das quais recebem assessoria espiritual e técnica para organizar as suas comunidades de acordo com as leis espirituais mais avançadas. Por sua vez, destas comunidades do astral médio, partem missões de ajuda aos espíritos do astral inferior que estão em condições de sair dessa franja vibratória, por terem tomado consciência dos prejuízos que causaram, porque mostraram arrependimento e vontade de melhorar, e por terem pedido sinceramente ajuda para sair dessa situação.

E em que consistem especificamente essas missões de ajuda?

Para que façais uma ideia, podemos dizer que as comunidades de espíritos mais avançados actuam como uma espécie de ONGs espirituais, que descem para ajudar ou para resgatar os espíritos sofredores em situação bastante difícil. Parece-se com o resgate de civis feridos por um bombardeamento, com a chegada dos combatentes, ou dos refugiados procedentes de regiões devastadas pela guerra, pela fome ou por catástrofes naturais. Com este objectivo, montam-se hospitais, albergues e escolas em certas regiões limítrofes entre o astral inferior e médio, para cuidados e reeducação dos espíritos recém-resgatados das franjas vibratórias baixas. Nestes lugares passarão o tempo necessário para a sua reabilitação. Uma vez recuperados, muitos deles envolvem-se activamente nos mesmos trabalhos de assistência e resgate de espíritos sofredores do astral inferior, do tipo do que eles mesmos acabaram de beneficiar, o que os faz sentirem-se úteis e um pouco mais felizes, pois é a maneira que

têm de agradecer o que foi feito por eles e, também, porque desejam ajudar do coração os seus irmãos, compreendendo perfeitamente pelo que estão a passar, visto que eles mesmos também o acabam de sentir na própria carne. Assim, também se ajudam a si mesmos, elevando o seu padrão vibratório pelos actos de amor que realizam em benefício dos outros. Logo que recuperem o nível vibratório adequado, e se eles assim o desejarem, podem regressar aos seus lares espirituais.

ESQUEMA EVOLUTIVO

Voltando ao tema da reencarnação, pergunto-me: se já vivemos outras vidas e se o nascimento na vida física não é o princípio, qual é então o princípio da vida do espírito, se é que o há?

O espírito é criado ignorante. Na realidade, o que se cria é o princípio espiritual, a chispa vital. A partir desse momento, a chispa vital originária, através de um processo que dura milhões de anos, vai passando por um sistema de aperfeiçoamento, através da experiência que obtém ao estar ligado às formas materiais adequadas ao seu nível evolutivo.

Não entendo a que te referes com a frase “estar ligado às formas materiais adequadas ao seu nível evolutivo”. Poderias explicar melhor?

Refiro-me à encarnação. Quando o princípio espiritual originário já evoluiu bastante e já é muito mais que isso, chamamos-lhe espírito. O espírito liga-se à forma material, que é o corpo, para aprender desta experiência. Em fases mais primitivas, o princípio espiritual originário liga-se a formas materiais mais simples, primeiro do reino mineral (primeiro nível), seguido do vegetal (segundo nível), depois, do animal (terceiro nível) e, mais à frente, já como espírito em fase humana (quarto nível), aprendendo em cada uma dessas experiências físicas. Esta aprendizagem é adquirida pelo ser espiritual definitivamente, de forma que quando inicia uma nova encarnação o faz já com o conhecimento obtido pela soma das incontáveis encarnações anteriores.

Queres dizer que, em vidas anteriores, fomos animais e, se procurarmos ainda mais atrás, poderemos ter encarnado numa pedra?

Mais ou menos, ainda que não exactamente, já que nas etapas anteriores, a individualidade do ser ainda não está tão definida como na fase humana. Esta vai aumentando progressivamente.

Que queres dizer com isso?

Pois, que não é exacto dizer que o teu espírito esteve encarnado numa pedra, porque nessa etapa não se podia considerar, nem que a chispa vital fosse já um espírito individualizado, nem que uma pedra tenha individualidade dentro do reino mineral. Que aconteceria à chispa vital se partíssemos a pedra em dois ou três fragmentos, dividiria-se também? Certamente que não. Contudo, sim podemos dizer que um proto-espírito está encarnado num cão, uma vez que o seu grau de individualização já está mais avançado.

E porque lhe chamas proto-espírito?

Utilizei-o aqui para o diferenciar do espírito que se encontra na fase humana. É uma etapa anterior do ser espiritual, no qual já existe um grau de individualidade bastante alto, contudo, ainda não se dispõe do livre arbítrio que corresponde aos seres espirituais que encarnam em mamíferos superiores.

Que se pretende conseguir com essa espécie de programa de encarnações sucessivas?

Que o ser espiritual avance tanto em conhecimento como em sentimento, que cresça em sabedoria e em amor.

Até quando? Quer dizer, há algum limite máximo a que possamos chegar?

O limite máximo a que se pode chegar através da evolução progressiva é a capacidade de Deus. E como esta é infinita, chegamos à conclusão de que não há limite. É um processo de evolução constante e infinito. Contudo, se te referes ao processo de encarnações materiais, à medida que o espírito avança, as encarnações vão-se espaçando cada vez mais e o tempo que o espírito passa sem encarnar, aumenta. Até que se chega a um ponto em o que o espírito já não necessita de continuar a encarnar no mundo físico para evoluir e, então, continua a sua evolução nos planos mais subtis da existência. Entraríamos então no quinto nível, e ainda há mais outros dois acima dele. Porém, aos humanos da Terra ainda falta bastante para chegar a esse ponto, pelo que não tem sentido que falemos disso agora.

Correndo o risco de me repetir nas perguntas, volto a fazê-las porque julgo que poderás acrescentar algo a certas respostas já dadas no início. Aqui vai esta: se o espírito tem um princípio, também tem um fim? Quero dizer, o espírito pode morrer?

O espírito não pode morrer. Seria um contra-senso que, depois de todo o esforço realizado pelo espírito para avançar, no estado mais elevado da sua evolução, deixasse de existir. Tende claro uma coisa: o espírito é imortal. Apenas morrem os diferentes corpos em que se encarna para evoluir.

Está bem, mas poderá acontecer que quando se estiver muito evoluído e próximo de Deus acabe por se fundir com Ele?

O espírito, ao evoluir, aproxima-se de Deus, mas não se funde com Ele, quer dizer, não perde nunca a sua individualidade, pois que perder a individualidade equivaleria quase a morrer. Mais correctamente, a sua vontade torna-se cada vez mais semelhante à do Criador e integra-se voluntariamente no plano divino.

Poderias dar-me uma panorâmica geral ou algum exemplo para que possamos entender de maneira global o processo de evolução espiritual?

Sim. A evolução individual dos espíritos assemelha-se à do ser humano numa única vida. O recém-nascido unicamente desenvolve por si mesmo e de maneira biologicamente programada, as funções vitais necessárias à manutenção da vida orgânica. Não tem capacidade de decisão própria e depende totalmente dos pais para subsistir. À medida que a criança cresce, vai adquirindo progressivamente certa autonomia e cada vez é menos dependente dos pais. Chegada a fase da adolescência, o indivíduo sente cada vez mais a necessidade de se auto-afirmar, de se sentir livre e independente para tomar as suas próprias decisões. Por isso, entra, muitas vezes, em conflito com os pais. Apesar destes tentarem aconselhá-lo com a experiência que decorre da idade, o adolescente toma-o como uma intromissão na sua vida. Muitas vezes toma decisões erradas, apesar das advertências dos pais. Porém, tem de o experimentar por si mesmo, apesar de isso o poder fazer sofrer. Na medida em que vai experimentando e aprendendo com o resultado das suas próprias decisões vai amadurecendo até chegar à etapa adulta, em que alcança a independência completa dos pais.

O processo de evolução espiritual é semelhante ao da criança que se torna adulto. Inicialmente, o princípio espiritual originário está totalmente dependente de outros seres espirituais mais avançados,

que orientam a sua evolução por completo. A encarnação, nestas etapas, serve para adquirir experiência e para que se desenvolvam certas qualidades como a inteligência e as emoções, que serão a base sobre a qual se desenvolverá a vontade própria do futuro espírito, como à criança pequena a interação com o mundo serve para se desenvolver, aprender a falar e a andar, mesmo que não seja ainda capaz de tomar decisões importantes por sua conta. À medida que o ser espiritual evolui, permite-se-lhe participar na tomada de decisões, ou seja, vai adquirindo certa autonomia. Chegado certo momento, quando o ser espiritual já é suficientemente maduro, adquire o livre arbítrio, que é a capacidade de decidir o seu destino por si mesmo. Isto é, assume a sua independência e toma as suas próprias decisões em relação à sua evolução. Os espíritos tutelares exercem nessa altura um papel semelhante ao daqueles pais que aconselham e advertem para os perigos que envolvem certas atitudes, mas que não impõem, permitindo que o espírito escolha o seu próprio caminho, que se engane mil e uma vezes, que aprenda por experiência própria e que seja ele mesmo quem, com base nas suas vivências, decida mudar ou não mudar o rumo da sua evolução.

Isso tira-me algumas dúvidas, mas continuo sem compreender essas primeiras etapas em que falas de chispa vital e encarnação nos reinos mineral, vegetal e animal. O que é que se pretende que o ser aprenda nestas etapas? Já que me parece que o princípio espiritual originário, a chispa vital, o proto-espírito ou como lhe queiras chamar, não tem consciência do que faz.

De igual modo com o que sucede com o recém-nascido, apesar do ser espiritual encarnado nas primeiras etapas da sua evolução não estar consciente nem sequer da sua própria existência, isso não o impede de aprender e, esta aprendizagem, permanece no espírito para sempre, de forma que, ainda que se processe de forma inconsciente até o espírito se encontrar mais avançado, quando iniciar uma nova encarnação, já não parte do zero, mas sim apetrechado com o conhecimento obtido pela soma das encarnações prévias e no período entre encarnações.

Poderás compreender a evolução espiritual nas primeiras etapas tomando como referência o processo de evolução das espécies. Vós mesmos sítuais o início da vida há milhares de milhões de anos, com a aparição na Terra de seres unicelulares que progressivamente foram aumentando em complexidade, de maneira que surgiu uma primeira diferenciação entre os reinos animal e vegetal; depois, cada reino evoluiu gradualmente em multiplicidade e complexidade nas formas de vida, a partir das formas mais simples. Por exemplo, o reino animal

passou numa primeira etapa de seres unicelulares a pluricelulares. Mais tarde apareceram os vertebrados, entre eles, os peixes. Dos peixes evoluíram os anfíbios, dos anfíbios, os répteis, dos répteis as aves e, das aves, os mamíferos, num processo que durou milhões de anos. Posteriormente, dos mamíferos mais avançados surgiram os homínidos e daí as sucessivas espécies de homens primitivos, que cada vez tinham uma capacidade craniana maior do que a dos seus antecessores, desde o *Homo Habilis*, passando pelo *Homem de Neanderthal*, pelo *Homem de Cro-magnon*, até chegar ao *Homo Sapiens Sapiens* actual.

Na realidade, todo esse processo evolutivo que aconteceu a nível físico foi dirigido a partir do mundo espiritual, com o objectivo de que os espíritos em evolução encontrassem o suporte físico adequado para desenvolver as suas crescentes capacidades, pois necessitam, para o seu progresso, de experimentar a vida física em todas as suas manifestações, desde as formas mais simples até às mais avançadas. São as entidades espirituais avançadas quem promove a aparição de espécies mais evoluídas no mundo físico, quando existe a necessidade de proporcionar aos seres espirituais um veículo físico mais adequado a permitir-lhes continuar a avançar na sua aprendizagem. Essas novas espécies surgem como modificações de espécies já existentes, para que o processo de transição do espírito de uma espécie para outra seja progressivo e não brusco.

Queres dizer então, que o ser espiritual tem de encarnar em todas as espécies para poder avançar?

Em todas não, porque há muitas espécies que são de nível equivalente. Mas sim, terá de passar por todos os níveis.

E não poderá acontecer que à medida que os espíritos vão avançando, escasseiem os proto-espíritos que necessitem de encarnar nas espécies inferiores? Que aconteceria, então, com essas espécies?

O processo de criação espiritual não cessa nunca, de maneira que existem sempre seres nos diferentes níveis evolutivos que necessitam de encarnar no mundo físico para aprender. O que, sim é certo é que, no processo criativo, existem ciclos ou fases de maior ou menor intensidade criativa, de maneira que às vezes acontece que se acumula grande quantidade de espíritos ou proto-espíritos num período, podendo haver menos em períodos anteriores ou posteriores, tal como acontece com as taxas de natalidade de muitos países, em que se verificam períodos de explosão demográfica alternando com

períodos de menor natalidade. Mas, tudo isso está previsto no planeamento cósmico de evolução e não tenhais dúvidas que as entidades espirituais superiores encarregadas de o conduzir, conhecem perfeitamente essas necessidades. Se existir uma grande quantidade de seres a dar simultaneamente o mesmo salto evolutivo, isso pode determinar a extinção em massa de determinadas espécies que não necessárias em determinados momentos, como aconteceu com os dinossáurios, e a aparição e proliferação de novas espécies evolutivamente mais avançadas.

De acordo com o exposto, queres dizer que o espírito de um animal pode encarnar num humano?

Como já tinha dito, à medida que o espírito avança necessita também de encarnar num corpo material mais avançado, mas não muito mais do que a sua capacidade, senão ver-se-ia ultrapassado pela situação, da mesma forma que o estudante numa escola de pilotos não começa a sua formação indo pilotar directamente um avião de passageiros, mas começa a sua aprendizagem, primeiro num simulador de voo, a seguir pilota avionetas e, só quando estiver preparado, inicia a pilotagem de aviões grandes. O proto-espírito em condições de encarnar num primata, ainda que sem livre arbítrio completo, embora já com bastantes capacidades tanto em inteligência como em sentimento, pode encarnar num homínide e, à medida que vai aprendendo, irá encarnando em espécies com capacidade craniana mais adequada às suas necessidades evolutivas. De maneira que o espírito de um animal acabará por evoluir até chegar a ser um espírito humano, acabando por encarnar em qualquer momento na espécie humana. Mas isso não acontecerá bruscamente, numa vida imediata, mas após um processo encarnatório em espécies intermédias, da mesma maneira que uma criança que está no primeiro ano da primária, tendo tido aproveitamento em todas as matérias, não ingressará, no ano seguinte, no segundo ano da licenciatura, mas sim no segundo da primária e, à medida que for superando os anos a seguir, chegará então, o momento em que frequentará o segundo ano da licenciatura.

E inversamente, pode o espírito de um humano encarnar num animal?

De acordo com o anteriormente descrito, a encarnação de humanos em animais não é possível, já que seria um retrocesso na evolução. O espírito pode estancar na sua evolução, mas não pode regredir ou retroceder nas etapas evolutivas que já tenha superado, da mesma forma que, se um aluno não for aprovado nos exames de um ano

lectivo, não recua para o ano anterior, mas é obrigado a repetir o mesmo ano.

Pois, se isso é assim, quer dizer, se todos fomos já, alguma vez, animais e os animais virão a ser no futuro como nós, isso faz-me questionar fortemente o comportamento que temos em relação a eles, sobretudo os mais próximos na evolução, como os mamíferos superiores. Por exemplo, criá-los para comer a sua carne ou utilizar a sua pele, a caça e os espectáculos baseados em fazer sofrer os animais, como a tauromaquia, se estão espiritualmente tão próximo de nós, é quase como fazê-lo a um humano!

É verdade. Como irmãos vossos mais novos que são, mereceriam uma maior consideração e respeito. Porém, sendo certo que a maioria dos humanos, que nem sequer têm respeito pela vida ou pelos direitos dos da sua própria espécie, ainda mais difícil é esperar deles respeito em relação àqueles por quem têm uma consideração de pouco menos que nada. Ainda assim, já há algum progresso em relação a épocas passadas. Os homens das cavernas não viam nenhum problema em comer carne humana, todavia, na actualidade, o canibalismo é considerado um acto repugnante e desumano. E porquê? Pois, porque o grau de sensibilidade em relação aos restantes seres humanos aumentou relativamente àquela época primitiva. Com os animais acontecerá o mesmo. Quando a maioria estiver sensibilizada para o seu sofrimento e se der conta de que se trata de irmãos muito próximos na evolução, tanto física como espiritualmente, deixarão de ser escravizados, torturados e assassinados para comer a sua carne ou vestir-se com as suas peles. De facto, já há muitas pessoas que considerariam uma aberração comer os seus animais de estimação e já aparece muita gente no vosso mundo que luta pela defesa dos direitos dos animais, renunciando comê-los, por já terem evoluído o suficiente para se consciencializarem do laço que vos une a eles. À medida que a humanidade avance espiritualmente, também o fará o vegetarianismo e o respeito pelos direitos dos animais. Nas civilizações humanas espiritualmente mais avançadas, um escalão acima da vossa, comer carne de animais é tão repugnante como para vós é comer carne humana e, obviamente, não se divertem enjaulando, torturando ou matando animais como se passa no vosso mundo.

Sim, porém sempre ouvi dizer que, para se ter saúde, se deve comer de tudo, também carne e que, se a não comeres, acabas por adoecer por falta de alguns nutrientes essenciais. Que há de verdadeiro nisso?

É verdade que quando uma pessoa que comeu carne durante toda a sua vida, resolve passar ao vegetarianismo, é recomendável que o faça progressivamente, pois a sua fisiologia está habituada àquilo. Porém, não é verdade que o vegetariano tenha algum *deficit* nutritivo. Os legumes são fontes de proteína abundante e que não provém da carne. Muito pelo contrário. São muito mais saudáveis. Sendo vegetarianos evitaremos muitas enfermidades que resultam da putrefacção da carne dentro de vosso organismo e pela distorção e descida da taxa vibratória do corpo astral provocadas pela ingestão de um ser tão semelhante a vós, em evolução. Para a vossa fisiologia, uma dieta ovolactovegetariana é perfeitamente saudável e proporciona ao organismo tudo o que ele necessita.

E de que depende que o espírito deixe de encarnar numa espécie e passe a encarnar noutra mais evoluída?

Do avanço que tenha conseguido nessa etapa. Enquanto o ser espiritual não aprender o suficiente, encarnando em espécies de semelhante nível evolutivo, não passará a encarnar nas espécies de nível evolutivo imediatamente superior. Os seres que mais rapidamente avançarem, serão os primeiros a passar a encarnar em espécies um escalão acima do actual.

E isto pode acontecer também em humanos? Quero dizer, que acontecerá quando evoluirmos acima da capacidade da nossa espécie a nível físico?

Vós ainda não utilizais nem a quarta parte da capacidade potencial do vosso organismo, assim ainda estais longe de poder argumentar que o vosso organismo se tornou obsoleto para suportar as vossas crescentes capacidades. De qualquer modo, a espécie humana do vosso planeta tem evoluído no plano físico, lenta, mas inexoravelmente, em paralelo com o vosso progresso espiritual, pelo que não há necessidade de vos preocupardes com a possibilidades do corpo não corresponderem ao vosso nível evolutivo. Como já disse, a fase de evolução humana não é, nem de perto, a etapa final da evolução espiritual. Nem sequer, o nível de humanidade em que vos encontrais, é já um nível avançado, nem a nível espiritual, nem a nível físico. Do mesmo modo que dois degraus abaixo de vós existia o *Homo Habilis* e um degrau abaixo, o *Homem de Neanderthal*, acima do vosso nível existem 4 níveis de humanidade mais (desde o 4.4 ao 4.7), espiritualmente com maior capacidade de amor e de sabedoria. Esses seres sim, necessitarão de corpos mais avançados, mais subtis e com maior capacidade que os vossos para poder desenvolver todo o seu potencial.

E onde estão esses super-homens, que eu não os vejo em lado nenhum?

Existem humanidades inteiras habitando outros planetas, abrangendo todos os níveis evolutivos e, portanto, também os que são superiores aos vossos. Inclusivamente, uns poucos desses humanos mais avançados viveram e estão a viver entre vós para vos ajudar a aumentar o vosso nível evolutivo. Mas, falaremos deste tema mais à frente.

E até onde vai a nossa evolução física? Quer dizer, em que mudará o nosso corpo físico?

Será como ir mudando de roupa, desde um traje de esparto até um traje de seda, passando pelo veludo, pela lã e pelo algodão como fases intermédias. Tornar-se-á mais subtil, menos denso, e portanto necessitará de uma alimentação menos agressiva, que deverá ser mais energética e menos sólida. Continuará a aumentar a capacidade cerebral, a qual, além de permitir um maior desenvolvimento da capacidade intelectual, servirá para alimentar o desenvolvimento das percepções extra-sensoriais como a telepatia, a clarividência, a telecinese, para vós, agora, ainda em estado latente, até ao ponto da maioria os desconhecer e negar a sua existência. De facto, os poucos que as têm desenvolvidas, seja de forma inata ou por meio da própria vontade e esforço, são considerados lunáticos pelos restantes. Em geral, será um corpo menos apto para os trabalhos físicos duros e mais sensível aos sentimentos e aos pensamentos.

CONFIGURAÇÃO DO SER HUMANO

Já que estamos a falar da evolução física do corpo, gostava de retomar o tema da configuração do ser humano que abordamos no início, porque preciso de saber algumas coisas mais. Se não entendi mal, o ser humano encarnado é composto de um corpo e de um espírito, no último residindo todas as capacidades que geralmente atribuímos ao cérebro, como a inteligência, a capacidade de sentir, a consciência, a vontade. Isto está certo?

Na verdade é algo mais complexo.

Poderias explicar-mo?

Sim. Se te lembrares, quando falámos da essência e estrutura do Universo, falámos da existência de quatro estados diferentes de condensação da essência vital ou princípio espiritual, que constituem os Universos espiritual, mental, astral e físico. O ser humano também participa em cada uma destas essências. De facto, um humano fisicamente encarnado é composto de quatro corpos interligados. Da menor à maior vibração são o corpo físico, que todos conheceis, o corpo astral (ou energético), o corpo mental e o corpo espiritual. Não penseis que esses corpos, por serem mais subtis, não têm uma estrutura e uma organização complexas.

Qual é a natureza desses corpos?

Podemos dizer que cada corpo possui um código genético próprio a partir do qual se estrutura, e que a organização dos corpos mais rudes depende da estrutura dos corpos mais subtis; todos eles estão estreitamente interligados, de forma que não podem existir os corpos de maior densidade à margem dos mais subtis.

Não entendo o que queres dizer.

Pois, que o corpo físico é construído na realidade sobre o molde ou padrão determinado pela configuração do corpo astral e este sobre o molde que constitui o corpo mental que, por sua vez, se configura sobre o molde que lhe fixa o corpo espiritual, de modo que o corpo mental é uma ponte entre o corpo físico e os outros dois. Quando sobrevém a morte, na realidade o que acontece é que um desses quatro corpos, o físico, se separa definitivamente do resto e, ao perder a sustentação que lhe dá vida, decompõe-se. Mas, o ser espiritual continua a viver com os seus três corpos mais subtis.

E o que é o corpo astral?

O corpo astral é um corpo cuja aparência é semelhante à do corpo humano, mas de aspecto luminoso e semitransparente. Na realidade é composto por um fluido gasoenergético, que resulta da combinação de quatro gases nobres: hélio, árgon, xénon e cripton energizados pela luz de alta vibração que provém do Sol. O corpo astral, num humano encarnado, está sobreposto ao corpo físico e intimamente ligado a ele, de forma a interpenetrar cada uma das células do organismo proporcionando-lhes a energia vital de que necessitam. A função dos gases nobres é a de serem os portadores materiais dessa energia, que não pode ser absorvida directamente pelo corpo físico. Isto é, as moléculas gasosas captam a energia vital

do sol aumentando a sua vibração e de imediato transmitem-na ao corpo baixando a sua taxa vibratória. Quando o espírito se liga ao óvulo recém-fecundado, o seu corpo astral constitui um padrão para o desenvolvimento e formação do corpo humano desde o zigoto até ao adulto e chega, inclusivamente, a incorporar uma parte da carga genética própria do espírito encarnante no zigoto.

Pois eu pensava que a dotação genética era 100% herdada dos progenitores, provindo 50% de cada um.

A herança dos pais representa cerca de 90% da carga genética e o espírito encarnante, através da configuração genética do corpo astral, representa cerca de 10%. Este é o mecanismo principal através do qual se produz a evolução da espécie, porque em cada geração os espíritos encarnantes incorporam no corpo físico parte das modificações que tenham incorporado no seu corpo astral, as quais são consequência, por seu lado, das modificações dos corpos mental e espiritual que se foram realizando em consequência do seu progresso evolutivo.

Podes-me explicar algo mais sobre a estrutura do corpo astral e como se produz a sua ligação ao corpo físico?

Sim. O corpo astral está estruturado em 7 camadas, cada uma das quais vibra em distinta gama de frequências e, por isso, tem associada uma cor diferente e está associada a diferentes funções do corpo físico. A sua estrutura assemelha-se à de uma rede eléctrica cujo objectivo é o de abastecer completamente o corpo de energia vital, compõe-se de inumeráveis cabos ou filamentos (chamados no Oriente *nadis*) que se agrupam, em determinados pontos, em feixes de filamentos, chamados meridianos, por onde circulam maiores fluxos de energia. Os centros principais de entrada de energia, a que a medicina oriental chama chakras, são sete e estão localizados ao longo da coluna vertebral. O chakra principal é o que está situado no plexo solar, na ponta do esterno. A sua função é captar e distribuir energia vital aos outros seis chakras principais. Cada um deles representa a ligação de cada uma das camadas do corpo astral ao corpo físico. Para conhecer com mais detalhe a configuração do corpo astral e da correspondência entre camadas, *chakras* e órgãos, recomendo-te o livro *O Homem, Célula Cósmica* do Grupo Atzlán.

Disseste que o corpo astral é de aspecto luminoso e semitransparente. Então pode-se ver?

Com o devido treino pode-se chegar a ver a energia do corpo astral que sobressai do corpo físico, o que normalmente é conhecido pelo

nome de aura. Há pessoas que, de maneira espontânea, têm essa capacidade desenvolvida. Quando o ser está desligado do corpo físico pode ser apreciada em toda a sua extensão, cujo aspecto é realmente o de um ser humano, mas de aspecto semitransparente e luminoso e é o que se costuma ver quando alguém refere que viu um ser querido recentemente falecido. Também através de certos instrumentos se pode detectar e medir as suas oscilações. Para maior desenvolvimento deste tema recomendo-te os livros de Barbara Ann Brennan, doutora em física atmosférica, que trabalhou como investigadora na NASA, que é uma das investigadoras pioneiras na demonstração científica no vosso mundo da existência do corpo astral, a que ela chama Campo Energético Humano (CEH).

É verdade que pela cor da aura se pode saber o nível evolutivo de uma pessoa?

Sim. Os seres mais avançados têm uma aura mais extensa e brilhante. Os seres que actuam contra a lei do amor têm uma aura suja, quer dizer, as cores da sua aura são opacas e foscas, uma mistura de cada cor com o negro. Também a depressão emocional e a doença diminuem o brilho da aura.

E que são o corpo mental e o corpo espiritual?

Não vou entrar em detalhes a respeito da configuração desses corpos, porque vos confundiria. O mais importante é que o corpo mental é a sede do pensamento, enquanto o corpo espiritual é a sede da consciência, da vontade e do sentimento. Mais adiante aprofundaremos o desenvolvimento dos sentimentos e as relações que se estabelecem entre pensamentos e sentimentos, uma vez que são a chave do processo de evolução espiritual.

A REENCARNAÇÃO HUMANA E O SEU PAPEL NA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Apesar de já termos falado dela, poderias dar-me uma definição exacta do que é a reencarnação?

A reencarnação refere-se à pluralidade de vidas físicas ou encarnações, isto é, um mesmo ser ou espírito que já animou um corpo desde o nascimento até à morte pode voltar a encarnar num novo recém-nascido e viver uma nova vida no mundo físico.

Qual é o objectivo da reencarnação a respeito da evolução espiritual?

A aprendizagem espiritual assemelha-se à que tem lugar na escola. Na escola existe uma alternância de períodos de aulas com períodos de avaliação ou exames, em que o aluno tem de demonstrar o que aprendeu. O mesmo acontece com a aprendizagem espiritual. Na fase de desencarnado, o espírito estuda e prepara-se espiritualmente. No período de encarnado, trata-se de por em prática o que aprendeu, sem nenhum tipo de imposição, ou seja, da livre vontade do espírito encarnado. Cada encarnação é uma oportunidade de avaliação de um curso em particular. Se esta avaliação for superada, passa-se ao estudo de um curso mais avançado, que se iniciará no plano espiritual com a aprendizagem de novos ensinamentos espirituais. Quando o espírito estiver preparado e os seus novos conhecimentos já aprendidos, voltará a encarnar para os reter interiormente com a prática.

Pois a mim parece-me que há pessoas que enfrentam na vida provas muito duras que eu não sei se seria capaz de superar.

Em cada encarnação, cada espírito, enfrenta as provas que são próprias dessa encarnação e que estão de acordo com a sua capacidade espiritual. O espírito conhece, antes de encarnar, que tipo de provas necessita para avançar, e prepara-se cuidadosamente para as poder superar com êxito durante o período em que não está encarnado, tal como o desportista que participa numa final não chega a essa competição por acaso, mas isso resulta de um treino consciencioso durante todo o ano em que foi superando previamente diversas provas de qualificação. Portanto, a ninguém são impostas provas que não possa superar.

Não entendo qual é a necessidade da reencarnação. Por que razão é necessário viver mais vezes no mundo físico?

Por acaso um aluno conclui a sua formação num único ano? Ainda que tenha aprendido muitas coisas num só ano, haverá sempre alguma coisa que não terá podido aprender e que requer mais tempo. O espírito em evolução é também um aluno e também necessita de mais de um ano, ou seja, de mais de uma vida, para aprender tudo o que necessita e deseja.

E não poderia viver-se aqui uma vez e passar logo a outro plano da existência e continuar aí a evoluir sem necessidade de regressar à Terra?

Poderia mas, do mesmo modo que seria um desperdício deitar fora uma peça de vestuário depois de a termos usado apenas uma vez, seria uma subutilização do mundo material se apenas o frequentássemos uma única vez, uns 100 anos como máximo, que é quanto pode durar uma das vossas vidas físicas, comparada com a de milhares de milhões de anos que foram necessários para que se formasse um planeta e se desenvolvessem as condições para poder albergar vida. É uma questão de optimização de recursos. Por acaso, vós fazeis escolas para um único ano? No vosso mundo, um aluno passa pelo menos seis anos no mesmo estabelecimento sem necessidade de mudar de local. Por exemplo, numa escola primária, o aluno estará aí desde os 6 aos 10 anos. Apenas quando o aluno complete a sua formação primária é que passa para o ensino preparatório do secundário e muda de estabelecimento. Pois, o mesmo acontece com o espírito em formação. O vosso planeta é como uma escola primária onde os espíritos na idade da primária vêm aprender. Quando o espírito já tiver aprendido tudo o que essa escola, quero dizer, esse mundo, lhe possa ensinar, poderá então passar a outra escola em que se ministrem conhecimentos para uma educação superior, ou seja, poderá encarnar num outro mundo mais de acordo com o seu nível evolutivo e as suas novas necessidades de aprendizagem. Seguidamente, continuará a evoluir nesse mundo ou noutra de nível semelhante.

E por que razão, se já vivemos antes, não nos recordamos de outras vidas?

É uma necessidade do espírito no vosso actual estado evolutivo.

E por que motivo precisamos de esquecer esse suposto passado de outras vidas?

É necessário para vos concentrardes nos objectivos da vida actual, sem que haja recordações, próprias ou de outras pessoas, que impeçam o espírito de actuar com livre arbítrio, para que a sua actuação não esteja condicionada pelos actos do passado.

Isso parece estar em contradição com a lei da evolução progressiva, pois se o espírito não pode recordar o que aprendeu em vidas anteriores, não é como se voltasse, cada vez, a começar do zero?

Esquecem-se as recordações concretas, mas não o que se aprendeu espiritualmente. Isso fica retido pelo espírito na sua memória espiritual, ainda que não na memória física, que certamente começa do zero em cada encarnação. Para que entendais isto, dou-vos um exemplo actual. Imaginai que alguém inicia o seu primeiro curso de

aprendizagem em informática e que lhe é entregue um computador para realizar o curso, para que pratique e guarde na memória do computador todos os exercícios e trabalhos do curso. Quando chegar ao final do curso, o aluno terá aprendido uma série de aspectos da informática. No curso seguinte mudará de classe e mudará de computador. Entrega-se-lhe um novo computador, com a memória a zero e com maior capacidade de processamento e de memória para que possa dispor de toda a sua capacidade para aumentar os seus conhecimentos. Mesmo que o aluno não tenha podido transferir os documentos e exercícios da memória do primeiro computador para o segundo, o que tenha aprendido sobre Informática não o irá esquecer. Com esse conhecimento poderá configurar o novo computador a seu gosto, não partindo do zero, mas antes fazendo uso dos conhecimentos adquiridos no primeiro curso, independentemente do que tenha acontecido ao computador antigo e aos dados nele guardados. Quando o espírito encarna num novo corpo, esse corpo é como o computador novo com a memória a zero que se dá ao aluno ao iniciar o curso, e que o aluno irá utilizar para aprender. Com o tempo, o corpo físico desgasta-se até o ponto de já não servir ao espírito para continuar a avançar. É então que é necessário “reformatar” o computador velho, quer dizer, desencarnar. A memória física, o cérebro, descompõe-se com o resto do corpo, mas não a memória espiritual, que retém tudo o que aprendeu nessa vida. No estado de desencarnado, o espírito pode aceder a todos os detalhes de encarnações anteriores, uma vez que deixa de ter a sua capacidade restringida à capacidade do corpo físico.

Então poderemos recordar todas as nossas vidas anteriores quando tivermos morrido?

Tudo o que foi vivido nas encarnações de um espírito e no período entre vidas físicas, fica arquivado para uso pessoal do espírito, ainda que, enquanto o espírito for pouco evoluído, a sua capacidade de explorar esta memória seja restringida às vidas mais recentes. A penetração na memória espiritual de vidas anteriores aumenta conforme o espírito evoluir.

Continuo sem ver a necessidade do esquecimento de outras vidas. Em que pode prejudicar o espírito a recordação de outras vidas? Julgo que até seria mais o oposto. Se o espírito conservasse a memória das suas vidas passadas, não tomaria maior consciência do processo evolutivo e aproveitaria melhor a encarnação para evoluir?

A análise racional que fazes está correcta para os espíritos que tenham alcançado já um certo nível evolutivo, porém não para os

espíritos menos avançados, a quem um excesso de informação poderia impedir o seu desenvolvimento por não saberem empregar correctamente esse conhecimento. De forma que o conhecimento se vai tornando acessível à medida que o espírito vai evoluindo e se vai esforçando em procurá-lo.

Pois, terás de me dar um exemplo para que eu compreenda o que queres dizer, porque não vejo claro de que maneira podem, as recordações das vidas passadas, enfraquecer a evolução de um ser.

De acordo. Imagina que alguém foi um assassino numa vida passada e que, tanto ele como outros espíritos que conviveram com ele, recordam as más acções praticadas. Este espírito, agora reflectiu sobre os danos que causou e vem com o propósito de se emendar na nova vida que começou. Imagina que tenha voltado a encarnar no meio das pessoas que conviveram com ele e que recordam o que ele tinha feito. Nessas circunstâncias, o espírito viveria marcado pelo seu passado e, seguramente, seria alvo do desprezo contínuo das pessoas que se recordassem que ele foi um assassino e que não sejam suficientemente avançadas espiritualmente para compreender que todos cometemos erros no passado, e que todos tivemos necessidade de inumeráveis oportunidades para os rectificar. Até poderia haver alguns que quisessem ajustar contas com ele, vingar-se pelas contas pendentes do passado. O espírito também poderia, sob essa pressão, vingar-se dos que o oprimissem e retomar a sua actividade criminosas, com o que, longe de conseguir um melhoramento, estaríamos a condená-lo à estagnação espiritual.

E como o beneficiará o esquecimento das vidas passadas?

Podemos imaginar como se o espírito tivesse aderido a um programa de protecção de testemunhas, em que à testemunha protegida, antigo delinquente, com base na colaboração com a justiça, e para evitar represálias dos seus antigos companheiros, é atribuída uma nova identidade e um novo trabalho em lugar afastado, para que inicie uma nova vida, longe de perigo, com o objectivo de o reinserir na sociedade. Neste caso, este efeito de nova identidade, consegue-se através da reencarnação e esquecimento das vidas passadas.

E terá sempre de ser assim, quero dizer, nunca poderemos recordar-nos do que fizemos em vidas anteriores enquanto estivermos encarnados, sem esperar pela morte?

Nunca, não. De facto, como te disse de início, existem pessoas que têm recordações esporádicas de outras vidas, sobretudo na infância,

e algumas conseguem recordar alguns pormenores através da hipnose regressiva. No Oriente, conhecessem-se muitos mais casos de recordações espontâneas de vidas passadas em crianças do que no Ocidente. Isso deve-se ao facto de, sendo regiões em que se acredita na reencarnação, os pais não reprimem as crianças quando estas contam o que recordam. Porém, a recordação consciente só será possível quando, no mundo, encarnem maioritariamente espíritos que tenham avançado o suficiente na aprendizagem do amor, para não utilizarem o passado como desculpa para não amar. Recordareis quando compreenderdes que todos somos irmãos e que cometemos erros no passado, e que todos tivemos necessidade de inumeráveis oportunidades para rectificar. Assim acontece em mundos mais avançados, em que a recordação de uma ou várias vidas anteriores é o normal.

Pois, agora que trazes à colação o tema, não me parece que nas zonas onde predominam as religiões orientais que acreditam na reencarnação, como o hinduísmo e o budismo, estejam melhor que nós. Temos o exemplo do hinduísmo, onde a crença na reencarnação se utiliza para justificar as desigualdades entre as pessoas. Refiro-me ao sistema de castas.

Aí tens um exemplo que demonstra que é a evolução interior e não o conhecimento exterior, o que faz com que o espírito evolua, pois que aí, ainda que acreditando na existência da reencarnação, manipularam o seu significado para justificar o seu egoísmo. Também é um exemplo de que, para os espíritos menos avançados, um excesso de informação bloqueia o seu desenvolvimento evolutivo, por não saberem empregar correctamente este conhecimento. Os hindus que justificam o sistema de castas, ainda que sem conhecer o passado directo do espírito, já estão a pressupor que aquele que encarna na casta dos intocáveis, o deve a ter sido alguém que tenha agido mal noutra vida e utilizam-no como desculpa para, em vez de o ajudar, lhe tornar a vida o mais difícil possível. Que lamentável conclusão, baseada no egoísmo dos que, tendo encarnado na casta mais favorecida materialmente, em lugar de dar uma mão ao desfavorecido, o pisam para que, nem sequer pelo seu próprio esforço, saia da miséria! Desta forma, na próxima encarnação, os que se julgam melhores por terem sido materialmente favorecidos, arriscam-se a encarnar numa situação de miséria como a dos intocáveis, para que sintam na própria carne o que é a miséria, o racismo e a incompreensão. Com esta experiência, quando estiverem em posição de mudar o estado das coisas, por exemplo, voltando a encarnar na casta dominante, talvez se recordem do que

aprenderam interiormente na vida anterior, na qual foram intocáveis, e trabalhem para a abolição do sistema de castas. Pelo contrário, o budismo, de origem posterior e espiritualmente muito mais avançado, ao mesmo tempo que mantém a crença na reencarnação, incorpora a crença no amor ao próximo e não anda à procura de argumentos para o oprimir, de maneira que os budistas são crentes na reencarnação, mas não são “castistas”, quer dizer, estão contra o sistema de castas.

A COMUNICAÇÃO COM O MUNDO ESPIRITUAL

Perdoa que insista, mas não seria melhor para todos ter uma recordação consciente de como funciona o sistema das reencarnações sucessivas para conseguir que os espíritos evoluam?

A evolução espiritual só é autêntica quando tiver sido verdadeiramente realizada por decisão própria do espírito. Se ele estivesse consciente o tempo todo da presença de seres superiores amparando o seu progresso, não actuaria livremente, mas antes fá-lo-ia condicionado pela presença dos seus guias. Aconteceria o mesmo que à criança que age de uma forma na presença dos pais ou dos professores, por temor ou respeito, enquanto na sua ausência, procede de forma diferente, com mais autenticidade, pois se sente mais livre por não estar presente nenhum adulto que a possa repreender, caso faça alguma travessura. Durante o tempo em que o espírito está desencarnado no mundo espiritual, a presença dos seres superiores tutelares é mais manifesta. Com a encarnação no mundo físico, nas condições que vos são proporcionadas, ou seja, sem recordações nem manifestações evidentes de uma supervisão superior, pretende-se que o espírito actue em liberdade plena, sem nenhum tipo de coacção, para que seja ele mesmo através das suas próprias experiências quem decide o que quer.

Então, isso quer dizer, que não se poderá ter consciência da realidade espiritual enquanto se estiver encarnado?

Não é isso. Se assim fosse, não estaríamos a conversar tu e eu sobre isso, uma vez que tu, agora mesmo, estás encarnado. Aquele que queira sinceramente aprofundar o conhecimento da realidade espiritual obterá as respostas e a ajuda espiritual de que precisar. Repara no teu próprio exemplo. Começaste a interrogar-te sobre questões fundamentais, a procurar verdadeiramente e vais obtendo respostas. Porém, a maioria prefere olhar para o outro lado. A grande

curiosidade que tendes em averiguar como funciona materialmente o Universo é o que vos tem impulsionado a realizar descobertas científicas cada vez mais importantes. Também no campo espiritual, a razão necessita de respostas para nos sentirmos realizados e, através da descoberta das relações causa-efeito, vão-se conseguindo desvendar realidades que permaneciam ocultas ao simples olhar.

E como irá acontecer isso? Como obteremos uma resposta?

O espírito pode conhecer a realidade espiritual aparentemente oculta quando se empenhe em investigar em profundidade em si mesmo, porque as leis espirituais estão escritas no espírito. Há algo no espírito que lhe permite reconhecer o verdadeiro do falso, quando se vê com isso confrontado. Esse algo é a voz da consciência, a voz do sentimento, que é cada vez mais clara à medida que o espírito seja mais evoluído. Se parássemos a escutá-la de vez em quando, obteríamos muitas respostas. Mas terá de ser por esforço próprio e força de vontade que se irá penetrando na realidade espiritual, que é também a sua realidade intrínseca. Por isso há um provérbio muito antigo que diz: "Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo".

E, desta forma, não se está a abandonar o espírito à sua própria sorte, como a criança pequena que é abandonado pelos pais?

Não é abandonado, os espíritos-guia estão sempre presentes para ajudar. As respostas são-nos subtilmente sugeridas quando temos questões que, sinceramente, não sabemos resolver. O que se passa é que em vós mesmos existem tantos medos e tabus que, aos vossos irmãos do mundo espiritual, se torna muito complicado ajudar-vos, já que não admitis respostas que não encaixem nos vossos preconceitos e arquétipos.

Que queres dizer?

Queres um exemplo? Repara na vossa atitude em relação à morte. Hoje em dia, a morte é um tabu para a sociedade ocidental e cada vez que desencarna um espírito desencadeia-se uma verdadeira tragédia entre os familiares e entes queridos. E porquê? Porque não quereis aceitar as evidências que vos estão a ser oferecidas a respeito da sobrevivência do espírito depois da morte, simplesmente porque para o aceitardes teríeis que alterar o vosso modelo mental actual. Quando os espíritos, após terem passado para o outro plano, tentam despedir-se e tranquilizar os seus entes queridos manifestando-se-lhes de alguma forma, há sempre uma tendência para não acreditar naquilo a que se assiste e percebe, simplesmente porque não acreditais que tal seja possível, porque não se enquadra nos vossos

esquemas mentais e a mente vos leva a fazer crer que se trata de uma alucinação provocada pelo estado de choque. Por um lado, existe a influência da Religião, oferecendo uma explicação do que é a morte e do que vem depois dela, baseada em obtusos dogmas pouco credíveis e não nas evidências e testemunhos reais, e que decreta que, qualquer contacto com o mundo espiritual não supervisionado por ela, ou se trata de pura imaginação ou, como aconteceu em épocas passadas, "é coisa do demónio", assim estimulando o medo de qualquer contacto com o mais além. Por outro lado, está a Ciência Materialista que só aceita aquilo que pode medir com os seus aparelhos e que se nega a investigar seriamente o tema, colocando o máximo de obstáculos ao trabalho de uns poucos, mas corajosos, investigadores que, tendo convivido com doentes terminais e com pacientes que tiveram experiências próximas da morte, se atreveram a dar o passo seguinte e tentaram levantar o véu. O resultado prático é, as pessoas que estão a passar por esse momento crítico e os seus entes queridos, encontrarem-se no mais absoluto desamparo emocional por falta de alguma explicação credível ou alguma esperança consoladora.

E que há a fazer para receber ajuda do mundo espiritual?

É muito fácil. Apenas é preciso pedi-la. Trata-se de tentar enviar uma mensagem telepática ao mundo espiritual a partir do sentimento, através do pensamento e esperar para ver o que acontece. Trata-se simplesmente de expor o que se passa consigo mesmo, do que se necessita e pedir ajuda. Os espíritos-guia estão ali para captar essas mensagens e agir em conformidade. Se o pedido é feito de forma sincera, com o coração, e é feito com a intenção de se obter avanço espiritual, não tenhais dúvida de que obtereis uma resposta. Esta é a autêntica forma de orar e não a repetição uma e outra vez de um conjunto de frases com louvores a Deus, Jesus ou à Virgem que não têm nenhum significado nem para vós nem para o mundo espiritual.

E como se contacta com ele ou com os espíritos-guia? Quer dizer, como se processa essa ajuda proveniente do mundo espiritual, já que eu não tenho consciência de alguma vez ter contactado com qualquer espírito de qualquer forma, nem verbal nem visualmente.

Quererás dizer, até que começaste a contactar comigo, porque eu não estou propriamente encarnado. Mas compreendo o que queres dizer, uma vez que esta não é a forma habitual de contacto. Se a ajuda que recebeis não é evidente para vós é porque essa ajuda é dada de maneira muito subtil, para não interferir com o vosso livre arbítrio, e apenas é facultada quando o espírito necessita dela e está

receptivo para a acolher. O espírito guia comunica convosco, mentalmente, através da voz da consciência. Também os restantes espíritos vos falam mentalmente e vos sugerem ideias dependendo do tipo de preocupações que tendes. Portanto, na voz da consciência de cada um, há uma parte que vem do mundo espiritual, tanto dos guias como dos irmãos espirituais. Mas também há uma parte do nosso próprio eu espiritual, que alberga a sabedoria de incontáveis encarnações. Em qualquer caso, essa voz tenta aconselhar-vos e ajudar-vos a resolver os vossos problemas, para que de cada circunstância da vida, seja esta dolorosa ou feliz, tireis o maior proveito possível para vossa evolução espiritual, para que vos seja útil no vosso processo de supressão do egoísmo e na vossa aprendizagem do que é o amor incondicional. Para poder receber essa ajuda é preciso acreditar que é possível, estar disposto a fazer as perguntas para as quais necessitais de resposta e estar disposto a acatar as respostas que vos chegam pela voz da consciência.

Isto tem que ver com a meditação?

Sim. Do ponto de vista espiritual, meditar é tentar abstrair-se dos problemas diários, para atingir um estado de serenidade que permita ouvir a voz interior que nos ajude a tornarmo-nos melhores, a ver os nossos defeitos e a começar a viver em função do sentimento. Meditar implica analisar-se a si mesmo com vista ao autoconhecimento, descobrir quando se está a actuar com o egoísmo e quando se segue o sentimento. Não importa que método utilizemos para o conseguir, se é mais ou menos estético, porque não é o que se faz, mas a intenção com que é feito e, às vezes, ficamos pela aparência e não chegamos à essência. Digo-vos, porque há muita gente com muita flexibilidade e com grande habilidade para se colocar e aguentar na posição de lótus durante horas, que respira profundamente mantendo a sua mente em branco, mas que mal sai da sessão, continua com os seus maus hábitos espirituais e se convence a si mesma de que é espiritual só porque pratica uma determinada técnica de relaxação. Isto não é meditar, mas parecer fazê-lo.

Sim, mas como ouvir a voz da consciência? A mim, isso parece-me muito difícil, quer dizer, como distinguir entre um pensamento que vem da consciência e qualquer outro pensamento vulgar da nossa mente? Não me parece nada fácil.

Para que possais ouvir claramente a voz da consciência, tendes de tentar silenciar por um instante o falatório de vossa mente, libertá-la durante esses momentos das preocupações quotidianas. Procurai um

momento de tranquilidade por dia, para estar convosco mesmos, para meditar sobre as vossas imperfeições e as vossas atitudes durante o dia e então, se o fizerdes sinceramente, sereis ajudados a encontrar as respostas de que precisais e sereis reconfortados para enfrentardes com mais serenidade e força as vossas provas. A voz da consciência não é condescendente, não é parcial, não mente, e diz coisas que podem atormentar o nosso egoísmo. Há pessoas que têm o canal da comunicação espiritual mais aberto, porque confiam nessa forma de percepção e usam a vontade para a melhorar, e sabem distinguir entre uma resposta obtida por reflexão própria e uma que é dada pelos espíritos-guia com os quais, inclusivamente, podem chegar a estabelecer um diálogo consciente.

E essa é a única forma pela qual nos é prestada ajuda a partir do mundo espiritual?

Não. Também recebeis todos uma ajuda mais directa durante o sono. Enquanto o corpo dorme, o espírito abandona por uns momentos o plano físico para aceder ao plano espiritual e encontra-se com os seus guias e entes queridos de quem recebe ajuda para resolver os problemas do dia-a-dia e que lhe dão forças para continuar. Ou seja, todos realizais viagens astrais durante a noite, ainda que não de forma consciente. Esse contacto com o mundo espiritual vivido durante o sono não é recordado com total clareza pela maioria das pessoas, manifestando-se em forma de imagens e recordações mais ou menos nítidas, sob a forma de sonhos, os quais contêm em si mesmos ajudas espirituais encriptadas que ajudam a ver mais claramente aquilo que custa tanto a ver em estado de vigília. Por isso é tão importante dormir bem para se estar bem animicamente, porque, quando a pessoa não dorme, está-se a impedir a si mesma de entrar em contacto directo com o mundo espiritual e de aí receber a ajuda e o ânimo de que necessita para enfrentar as provas no mundo físico.

Então os sonhos são recordações de viagens astrais?

Nem sempre. A maioria são preocupações mentais. Mas alguns são recordações mais ou menos nítidas sobre viagens astrais, muitos em código simbólico.

Então, os sonhos têm uma interpretação?

Os que são ajuda do mundo espiritual sim, têm interpretação. Existem símbolos comuns para todos. Normalmente, no próprio símbolo está a chave para a interpretação do sonho. Os touros representam provas ou tentações materiais. As crianças, o sentimento. A água, a

afectividade. Se estiver limpa, é que a afectividade também o está. Se a água estiver turva, é que há algo sombrio nessa afectividade. Pode representar intenções egoístas. Uma casa representa o interior espiritual. Se alguém entra numa casa por uma janela e não pela porta é que não é sincero, esconde algo ou tenta manipular. Andar por caminhos com maior ou menor dificuldade, seja a pé ou conduzindo um veículo, costuma representar o caminho espiritual, e os obstáculos que se encontram nesse caminho representam as provas que iremos encontrar. O gelo pode representar agrado. Cair significa uma deterioração emocional brusca, como uma depressão.

Sim, e se não souberes o significado de cada símbolo?

Pode-se aprender a interpretá-los. Geralmente, no próprio sonho está a chave para a interpretação, e o próprio espírito intui se o sonho é ou não importante e se é ou não significativo para si mesmo. Se o próprio não o sabe interpretar, o mundo espiritual dá-lhe as pistas de que necessita para o poder fazer. Mas, em primeiro lugar, é preciso ter vontade para aprofundar o conhecimento de si mesmo e dos sonhos que nos são dados para nos auxiliarem nesse processo.

Porque é que a ajuda nos é dada de forma codificada e não directamente?

Para não afectar o livre arbítrio do espírito e para que seja o próprio a esforçar-se pela sua própria evolução. O bom professor de matemática sabe que, se quiser que os seus alunos aprendam realmente, não deve dar-lhes directamente a solução dos problemas matemáticos que lhes coloca, antes deve ajudá-los a que os resolvam por si mesmos e apenas lhes fornecendo as indicações necessárias, quando se revelar impossível para eles prosseguirem apenas com os seus conhecimentos. Com o espírito em evolução, acontece o mesmo. Se lhe fosse dada a solução directamente, não se esforçaria por resolver ele mesmo as suas próprias provas espirituais e não progrediria. Acomodava-se à espera que os seus guias lhe resolvessem os problemas. Tão-pouco seria adequado indicar-lhe a decisão a tomar, porque isso seria uma interferência no seu livre arbítrio. O espírito deve decidir por si mesmo. As pistas que lhe são dadas, são apenas as necessárias, porque há certos detalhes importantes que escapam ao espírito e que ele necessita de conhecer para poder resolver os problemas por si mesmo. Quando o espírito estiver completamente consciente do seu problema e tenha capacidade para o solucionar sozinho, mas por sua própria vontade decida não o querer fazer, então não se lhe presta ajuda, porque ele não precisa dela. Seria tão inútil como ir distribuir comida num bairro

de gente abastada, que pelos seus próprios meios pode adquirir a comida que lhe está a ser oferecida.

E por que motivo não estamos conscientes dessa separação vivida durante o sono?

Algumas pessoas são capazes de se separar do corpo à vontade e ter plena consciência do que experimentaram durante a viagem astral.

Então, todos os humanos podem fazer viagens astrais?

De maneira inconsciente, todos viajais durante uma fase do sono. Alguns, de forma ocasional, conseguem separar-se e tomar consciência desta separação. Mas, de maneira consciente só uns poucos. Com o devido treino e constância muitos de vós podeis realizar viagens astrais conscientes. Mas, como a maioria não acredita sequer que isso seja possível e não se prepara para o conseguir, pois assim não sucede nunca. Nos mundos avançados ensina-se desde crianças a realizar viagens astrais de maneira consciente, como uma ferramenta mais a empregar na sua própria evolução pessoal, de forma que toda a gente é capaz de as realizar.

E de que depende que alguém tenha maior o menor facilidade para realizar viagens astrais?

Da capacidade espiritual da pessoa, da vontade em progredir espiritualmente, da sua consciência sobre a espiritualidade e de o ter ou não escolhido antes de nascer. Também há pessoas que têm uma capacidade inata, de nascimento, para contactar com o mundo espiritual de forma ainda mais directa, sem necessidade de se separar totalmente do corpo. São aqueles a que chamais, comumente, médiuns.

Poderias dar-me a tua explicação do que é um médium?

Médium significa canal. Um médium é alguém que tem um contacto com o mundo espiritual mais directo e evidente que as restantes pessoas, como se tivesse uma ligação à Internet de alta velocidade, enquanto os outros apenas tivessem uma ligação telefónica normal. Para a maioria de pessoas a existência de um mundo mais além do físico não parece nada evidente, porque apenas percebem o que os rodeia, o que os seus sentidos físicos são capazes de captar. Mas um médium tem uma sensibilidade adicional, como se tivesse uma potente antena que lhe permitisse sintonizar emissores que transmitem numa gama de frequências diferente e que os restantes, com as suas antenas convencionais, não podem captar.

Mas, entendo eu, que nem todos os médiuns são iguais nem tão pouco o são as suas capacidades mediúnicas. Quer dizer que existem diferentes tipos de mediunidade?

Sim. Podem-se classificar segundo a manifestação ou o tipo de contacto com o mundo espiritual que predomine. De acordo com esta forma de classificar encontraremos o médium vidente, que é aquele que pode ver os espíritos ou o médium auditivo, que é aquele que pode ouvi-los. Um médium escrevente é aquele que recebe as mensagens através da escrita, esteja ou não consciente do que escreve. Um médium intuitivo é aquele que recebe as mensagens espirituais directamente na sua mente, inspirado pelos espíritos. Um médium de incorporação é aquele que empresta ou permite que temporariamente um espírito desencarnado utilize o seu corpo e os seus sentidos, total ou parcialmente, para se manifestar no plano físico, recuperando depois o controlo do mesmo. Um médium terapeuta é aquele que canaliza as energias transmitidas por espíritos elevados com a intenção de melhorar o estado vital de um espírito encarnado. Um médium sensitivo é aquele que pode perceber a presença, o estado de ânimo e as mensagens, sem ser através de nenhum sentido físico. Um médium clarividente é aquele que pode captar cenas do futuro ou do passado, etc.

Então, alguém que seja médium é um privilegiado em relação aos demais, já que está mais favorecido que os restantes para contactar com os seus guias de forma mais fácil.

A mediunidade inata é atribuída, em certas circunstâncias, ao espírito que dela necessite, para que lhe seja útil para evoluir mais rapidamente, como instrumento que deve utilizar para ajudar os outros, encarnados e desencarnados. O que acontece é que a maioria, uma vez encarnados, ou bem preferiria não a ter, devido à incompreensão que recebe da parte dos que não a têm ou, então, tenta utilizá-la em seu benefício pessoal. A capacidade de contactar não é dirigida exclusivamente aos guias espirituais, mas é possível estabelecer contacto com o mundo espiritual em geral, e neste mundo, tal como se passa no vosso, nem todos são bons. Há espíritos em distintos graus de evolução e o canal está aberto para todos, de maneira que se podem receber influências positivas e, também, negativas. Dependendo do uso que o médium queira fazer desse canal, atrairá a influência de espíritos mais ou menos avançados.

Então também podemos ser influenciados por espíritos inferiores?

Também. Todo o encarnado, seja ou não seja médium, recebe influências e sugestões dos espíritos, e também dos espíritos inferiores.

Mas, da igual forma que os superiores, só podem entrar se isso lhes for permitido. Por serem entes de baixa vibração, só sintonizam contigo se tu baixares a tua vibração. Aproveitam as debilidades espirituais, os defeitos, para se colarem. Os sentimentos mesquinhos, os actos que vão contra a lei do amor são a sua porta de entrada.

Então, um espírito pouco avançado aproxima-se sempre para atormentar, por exemplo, um médium?

Não. Também se pode aproximar porque necessita de ajuda para sair da sua situação infeliz. Tratando-se de um espírito que, por qualquer razão, se agarrou fortemente à vida material e não percebe a ajuda que lhe está a ser oferecida directamente a partir do mundo espiritual. O médium é, então, para eles como um farol no meio do nevoeiro, por causa do estado de perturbação em que se encontram e pode servir-lhes de intermediário, proporcionando-lhes a ajuda necessária para os encaminhar para o seu destino no mundo espiritual.

Pois a mediunidade não goza de grande reputação neste mundo.

Pois. Costuma acontecer nos mundos do vosso nível evolutivo.

Por que razão?

Existem várias razões. Uma, é pelo mau exemplo que têm dado aqueles que tentam utilizar o contacto com o mundo espiritual para conseguir objectivos obscuros e egoístas, assim atraindo a influência dos espíritos mais baixos, ou daqueles que a converteram numa fraude, tentando enriquecer à sua custa. Também foi perseguida e desprestigiada por todas as maneiras possíveis, porque não convinha aos poderosos da Terra que se desenvolvesse, pois o conhecimento que se obtém directamente do mundo espiritual pode fazer com que a humanidade desperte e tome consciência da realidade espiritual, do autêntico propósito da vida e tente libertar-se das correntes que a impedem de evoluir, de forma a esses poderosos perderem toda a sua influência para enganar e manipular, continuando a explorá-la em seu benefício.

Mas que sentido faz que haja pessoas que tenham esta ligação especial com o mundo espiritual, para servirem de intermediários dos restantes, se cada um tem a sua própria ligação?

Se cada um dos seres humanos tivesse aberto o seu canal com o mundo espiritual, não seria tão necessário que encarnassem espíritos com o objectivo de servir de canal de comunicação dos restantes com o mundo espiritual. Contudo, devido à enorme dificuldade que

encontram muitos seres neste mundo para activar a sua própria ligação, seja por falta de vontade, por desconhecimento ou por temor, privam-se de receber directamente a ajuda de que necessitam. Então, o mundo espiritual serve-se de certos espíritos, que vêm com a missão específica de servir de porta-vozes para transmitir as mensagens necessárias aos espíritos encarnados para a sua evolução. Tomai como certa uma coisa, o contacto entre o mundo espiritual e o mundo dos encarnados existirá sempre, porque faz falta ao espírito encarnado receber ajuda espiritual para progredir e pouco importa como ou de que maneira se estabeleça esse contacto.

Mas, se não entendi mal, da mesma forma que existem no mundo espiritual, espíritos bem-intencionados que pretendem ajudar-nos, também há espíritos pouco avançados que tentarão fazer os possíveis para que não avancemos e estes, também, podem contactar connosco. Qual a forma de sabermos quem é o nosso interlocutor no outro lado e que intenções traz?

A qualidade da mensagem é a melhor forma de conhecer a idoneidade do autor. Tratando-se de uma mensagem boa e útil, que chega ao coração e é útil para avançar no amor, então não duvideis que se trata de mensagem de um espírito bom. Se a mensagem tenta estimular o egoísmo sob alguma das suas manifestações, por muito que o interlocutor se tenha identificado com um nome célebre, do tipo Jesus, a Virgem ou Santa Teresa, então tende como seguro que se trata de um impostor que não traz boas intenções. Como Jesus disse "Pelos seus frutos os conhecereis. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem tão-pouco pode a árvore podre dar bons frutos".

E de que depende que contactemos com uns espíritos ou com outros?

O contacto mediúnico parece-se muito com o que se pode ter com alguém através de Internet, já que em ambos casos não se pode ver fisicamente o nosso interlocutor. Em ambos os casos podemos contactar com pessoas de lugares distantes e, posto que as não conhecemos, podem ser pessoas com boas intenções ou pessoas com más intenções que nos tentem enganar. Dependendo das inclinações que tivermos entraremos em contacto com um tipo de pessoas ou com o outro. Se alguém se sente atraído por determinado tema, procurará um *chat* ou um fórum com essa temática, em que contactará com pessoas que têm esse mesmo gosto. Se, por exemplo alguém está empenhado em entrar numa ONG para ajudar os outros, procurará páginas web ou fóruns com essa temática. Nestes fóruns é mais difícil encontrar gente com más intenções, porque não é o tipo

de temática que interesse aos que não trazem boas intenções. Mas, se alguém entra em fóruns que prometem enriquecer sem esforço ou encontrar um par escolhido por catálogo, pode ter como certo que nada de bom pode sair daí. Da mesma forma, seja-se médium ou não, atrair-se-á a influência de espíritos mais ou menos elevados, pela afinidade de pensamento e acção com eles. Quer dizer, uma pessoa adepta do jogo e das apostas atrairá a influência de espíritos viciados no jogo e que ainda não se libertaram das suas dependências depois de morrer, os quais estimularão na pessoa o seu vício no jogo para satisfazer os seus próprios desejos. No lado contrário, se alguém tem vontade de ajudar os outros, atrairá a influência de espíritos benéficos que o ajudarão a conseguir os seus objectivos. Portanto, a melhor garantia para estabelecer contacto com os espíritos elevados ou bem-intencionados é a sincera vontade de empregar as comunicações para o progresso espiritual de si próprio e dos outros. A elevação de sentimento e pensamento gera no médium e no ambiente que o rodeia, um nível vibratório elevado que impede a entrada de espíritos de baixa vibração e que não sejam portadores de boas intenções.

Mas, não pode acontecer que uma pessoa, seja médium ou não, se torne vítima das influências dos espíritos negativos e, ainda que queira mudar, não possa retomar o bom caminho por culpa deles?

Não. Depende de cada um seguir por um caminho ou por outro. Pode ser difícil desfazer-se de antigos parceiros de malfeitorias, que procurarão exercer influência para não perder a sua vítima, mas não podem mais do que a vontade do próprio, pois isso constituiria uma violação da lei do livre arbítrio de cada um. Além disso, como já disse, todos temos um espírito-guia pessoal, um ser altamente evoluído que é o nosso tutor espiritual e protector. É o que a religião chamou "Anjo-da-Guarda". Este ser tem mais poder sozinho do que todos os espíritos inferiores juntos e está sempre à nossa disposição para nos orientar e incentivar no caminho certo. Se ele quisesse, poderia afastar de um só golpe os espíritos menos evoluídos que permanentemente nos apoquentam. Mas, acontece muitas vezes que a pessoa não quer essa ajuda e, por respeito ao seu livre arbítrio, o "Anjo-da-Guarda" permanece à espera, permitindo que o seu pupilo se junte às companhias que voluntariamente procurou, aguardando pelo momento em que ele queira voltar a ouvi-lo. Também existem outros seres, que ainda que não sejam tão evoluídos, costumam seguir-nos os passos para nos ajudar como, por exemplo, certos entes queridos ou familiares e amigos já falecidos e outros espíritos benéficos que, ainda que não sejam nossos conhecidos, se dedicam a ajudar quem

precisa. Mas novamente, se a pessoa não os quiser ouvir ou receber a sua ajuda, não têm outro remédio senão esperar por melhor oportunidade.

E como se podem livrar da influência desses espíritos negativos?

Com a atitude adoptada. Quanto mais vivamos sentindo, pensando e actuando em conformidade com a lei do amor, mais atrairemos a influência dos espíritos superiores e menos possibilidades daremos aos espíritos inferiores de nos atormentarem.

O PROCESSO ENCARNATÓRIO

No início, falámos do que acontecia depois da morte ou desencarnação, mas tenho interesse em saber com mais pormenor o que se passa antes de nascer. Como se encarna? Quer dizer, se o espírito existe antes do nascimento, julgo que haverá um começo na sua relação com o corpo no qual vai encarnar. Como e quando se incorpora o espírito no corpo do bebé?

Regra geral, o espírito que vai encarnar costuma começar a visitar a sua futura família, inclusivamente antes da concepção, estimulando o desejo de ter filhos na mãe ou no pai. A partir do momento da concepção, o espírito liga-se ao óvulo recém-fecundado e, durante a gestação, participa no seu crescimento e normal desenvolvimento, de forma que este vínculo entre o corpo e o espírito não se quebra até ao momento em que aconteça a desencarnação. Durante a gestação existe uma progressiva união entre o corpo astral do espírito encarnante e o corpo físico do bebé em gestação. O espírito encarnante começa a dar-se conta, tanto do que se faz ao feto, como daquilo que a mãe sente ou percebe. Ainda que o espírito já se tenha ligado ao corpo, conserva ainda bastante liberdade de movimento. Continua a estar em contacto com os seus amigos e guias no mundo espiritual. É um período de transição em que o espírito vai e vem constantemente do mundo espiritual ao físico e vice-versa, em que se prepara para o nascimento, se familiariza com os que vão ser os seus pais e próximos no mundo físico e se despede da sua família espiritual. Contudo, a incorporação do espírito no corpo do bebé produz-se por norma geral, no momento do nascimento.

Sim, mas há muitos casais que não desejam ter filhos e também se produz uma encarnação. Como se consegue isso?

Estimulando o apetite sexual dos pais e induzindo-os ao descuido, caso usem medidas contraceptivas.

Por outro lado, há pais que desejam ter filhos e, por muito que o tentem, não se produz a encarnação.

Por acaso pensais que sois vós que controlais o processo encarnatório? Pois bem vos enganais. Já vos disse que a encarnação depende dos acordos pré-encarnatórios entre espíritos. Há ocasiões em que as pessoas querem ter filhos e não podem, apesar de não haver nenhum impedimento físico. Todavia, noutras ocasiões, mesmo sem ser desejado, produz-se a concepção de forma acidental. Daí que o refrão popular “ o nascimento e a mortalha, no céu se talha”, seja muito acertado. Podeis impedir ou atrasar a chegada de um espírito ao mundo. Mas não podeis forçar que venha um espírito, se o mundo espiritual não o tiver previsto ou não o considerar oportuno, atendendo a critérios espirituais.

Por outro lado, deveríeis ter muita maior sensibilidade em relação ao tratamento que dais ao bebé em gestação, atendendo a que já está ligado a ele um espírito que entende e sente, tanto o bom, como o mau. Que se alegra e se sente feliz quando compreende que vai ser recebido com amor e que sofre quando percebe que não é bem-vindo ou que se procura lesá-lo, como acontece quando se tenta a interrupção da gravidez.

Pois há pessoas que estão a favor da interrupção da gravidez, porque consideram que é melhor que não nasça uma criança cuja mãe ou pai não o desejem ou não o podem criar conforme é devido, ou porque vem com alguma malformação, porque são de opinião que isso é trazer ao mundo uma criança destinada ao sofrimento.

Então, se a criança já tiver nascido e não pretendam encarregar-se dela por essas mesmas razões, considerariam lícito abandoná-lo ou matá-lo?

Não, claro. Isso seria um crime, um acto desumano, abandonar ou matar um recém-nascido.

Então, porque é considerado um crime depois da criança sair do ventre e não se tem a mesma opinião enquanto a criança está dentro?

Bom, julgo eu que se referem ao aborto antes de se ter formado a criança, durante os primeiros meses da gravidez, quando ainda não se formou o feto.

Pelo que explicas, então o *quid* da questão resume-se a decidir quando se ultrapassa o limite entre considerar a vida em formação um grupo de células ou considerá-la já uma criança. Queres dizer que, enquanto se considera um grupo de células, é lícito interrompê-lo e, quando o grupo de células se considera já uma criança, deve levar-se a sério o assunto e começar a respeitar a sua vida?

Suponho que seja algo parecido.

E, segundo essa forma de pensar, quando se ultrapassa a fronteira entre considerar o embrião um grupo de células ou uma criança? Dez dias, um mês, três meses ou cinco meses?

Pois, não sei. Suponho que cada pessoa tenha a sua própria ideia a respeito de quando se deva ou não considerar uma criança. Talvez, antes dos três meses, não e, depois, sim.

Na realidade, os partidários do aborto partem do princípio de que a vida humana se inicia com o nascimento e termina com a morte, e não têm muito claro quando começar a considerar o ser em formação um ser humano. Por isso, acontece também, que estas mesmas pessoas são a favor da eutanásia nos casos em que as pessoas sofrem de uma doença terminal ou nos casos de incapacidades graves, de não se poder mover, etc. e isso acontece porque têm um conceito materialista da vida, ou seja, apenas admitem a existência da vida física e identificam o ser humano com o corpo que utiliza para se manifestar no plano físico. Por isso, partindo desse ponto de vista, nas primeiras etapas da gestação, quando as células do embrião ainda não se encontram suficientemente diferenciadas para adquirir a forma do bebé, não o consideram um ser humano e, por conseguinte, não vêem inconveniente em interromper a gravidez. Mas, do ponto de vista espiritual, um corpo, seja um feto, uma criança ou um adulto, sem espírito, não tem vida, porque sem o princípio espiritual não é possível a vida. A vida é a vida do espírito e não a do corpo no qual encarna e não é no desenvolvimento do corpo onde se deve fixar a atenção, mas antes em qual deva ser o momento em o que o espírito se associa ao desenvolvimento do embrião, pois é nesse momento que começa a ter vida e que é, como já dissemos, a partir do momento da concepção. Portanto, a partir do momento em que o espírito se liga ao corpo, interromper a gravidez é uma ofensa à liberdade do espírito que vai encarnar.

Sim, mas suponho que é muito difícil para a mãe encarnada ver as coisas dessa perspectiva, tendo em conta o tipo de convicções que se têm neste mundo que, maioritariamente, não admitem a existência da vida antes do nascimento.

Em todo o ser humano, e portanto também em toda a mãe, existe a intuição de como se produz o processo encarnatório, posto que este processo já foi vivido inumeráveis vezes por cada ser encarnado. A voz da consciência adverte-nos de que com o aborto estamos a atentar contra o livre arbítrio do ser que vai encarnar.

Sim, mas também está em causa a liberdade da mãe decidir se quer ter filhos ou não.

Certamente. Mas se realmente não quer ter filhos deve tomar medidas antes que apareça em cena o ser que vai encarnar, quer dizer, deve utilizar métodos contraceptivos, para não ter que interromper um processo depois de ele ter sido já iniciado.

Deve-se limitar a procriação mediante o uso de contraceptivos?

No vosso mundo é recomendável não conceber mais filhos do que aqueles pelos quais se está disposto a assumir a responsabilidade, e a contracepção é a forma de o fazer sem prejudicar nenhum espírito encarnante. Nos mundos avançados, para que se conceba um ser, faz falta algo mais do que manter uma relação sexual e encarnam mais ou menos filhos, dependendo das necessidades evolutivas.

Sim, mas se a mãe, seja pela razão que for, não quiser ter filhos e não tiver tomado medidas...

Então estará de acordo em admitir que, quando for a vez de ela encarnar nas próximas vidas, a sua mãe possa tomar a decisão de interromper a sua gravidez por motivos semelhantes às que ela teve para o fazer agora, porque o espírito que abortou como mãe numa vida, arrisca-se a ser abortado como filho na próxima ocasião que seja a sua vez de encarnar ou a não poder conceber numa próxima encarnação, já que, quando teve essa capacidade não quis fazer uso dela, e a lei de causa-efeito nos coloca frente a frente exactamente com as mesmas circunstâncias que nós criamos. Sabeis que muitos dos problemas entre filhos e mãe ou pai têm como ponto de partida os abortos e tentativas de aborto? Se o espírito encarnante não for suficientemente evoluído, pode levar muito a mal que a sua futura mãe ou o seu pai tentem fazer fracassar a sua oportunidade de encarnar e procura vingar-se deles a partir do mundo espiritual,

influenciando-os negativamente. E se, finalmente, acaba por encarnar, a recordação inconsciente do que viveu durante a gestação, pode transformar-se em animosidade para com os progenitores que o rejeitaram. Inclusivamente, pode ficar traumatizado e vir com uma deficiência mental ou física.

E não há nenhuma circunstância em que o aborto seja admissível do ponto de vista espiritual? Estou-me a lembrar de vários casos extremos como, risco de morte da mãe, ou em que a concepção seja fruto de uma violação, ou no caso em que a criança venha com malformações.

Nos dois primeiros casos é aceitável, sobretudo quando existe um risco evidente de que a mãe morra, porque se houver de escolher entre a vida de um ser que ainda não nasceu e um que já cá está, é preferível optar pelo segundo. No caso de uma concepção fruto de uma violação, prevalece o livre arbítrio da mãe sobre o direito do espírito a nascer e, já que a concepção se realizou contra a sua vontade, tem o direito de não ter o filho sem que isso seja considerado um acto contra a lei do livre arbítrio. Ainda assim, o mundo espiritual encoraja sempre a prosseguir com a vida, mesmo quando possa ser proveniente de um acto tão deplorável como uma violação. Sabei que estas circunstâncias não costumam ser fruto do acaso, e pode ser algo destinado a confrontar o espírito com uma acção realizada noutras vidas. Em todo o caso, será a mãe que deve decidir a escolha com que mais se identifique.

O último caso que apresentas, ou seja, quando o bebé em gestação vem com alguma deficiência congénita, é muito diferente e, um aborto por tal motivo, não se justifica do ponto de vista espiritual. Do vosso ponto de vista materialista, imaginais que a vida de uma pessoa com algum tipo de doença congénita é inútil e é um sofrimento que carece de sentido. Mas, a partir do mundo espiritual, as coisas vêem-se de outra perspectiva. Sabei que por detrás desse corpo imperfeito existe um espírito igual ao dos que encarnam em corpos sãos e que, pelo facto de aquele espírito não se poder manifestar em toda a sua plenitude no mundo físico, por não possuir um instrumento adequado à sua capacidade, não significa que não sinta e compreenda de igual modo a qualquer outro ser encarnado num corpo são, nem que não possa aprender com esta experiência que, possivelmente, até foi escolhida por ele mesmo. Sabei que os espíritos que encarnam nessa situação não o fazem por acaso, mas que é uma circunstância que, ainda que vos possa parecer de sofrimento e incompreensível, pode servir para o progresso espiritual, tanto para o espírito encarnante

como para a família acolhedora. A deficiência física ou mental é uma circunstância passageira que acabará logo que o corpo se extinga. Mas, os sentimentos que tenham despertado e se tenham fortalecido através dessa experiência, tanto de um como dos outros, perdurarão como um benefício espiritual para sempre. Portanto, saibei que neste caso, com o aborto nestas circunstâncias, interrompeis uma possibilidade de progresso espiritual de um ou vários espíritos.

Então, é incorrecto utilizar técnicas como a selecção de óvulos, espermatozóides ou embriões quando se utilizam para evitar uma deficiência congénita no recém-nascido, já que esta pode ter sido uma circunstância escolhida pelo espírito para o seu progresso em consequência de maus actos de outras vidas?

Não, homem! Isso é muito diferente. É sempre positivo trabalhar para promover a prevenção das doenças ou qualquer outra circunstância dolorosa ou adversa. Mas isso não deve ser à custa de gerar outra ainda mais dolorosa. Não se censura o acto de evitar a doença, mas sim o acto contra a vida. No caso anterior, para se evitar um mal, que é o de vir a sofrer de uma enfermidade, cria-se outro, que é a eliminação de uma vida. No segundo caso é tudo ao contrário. Luta-se contra a doença, gerando vida, não destruindo-a e isso é sempre positivo. Saibei que, em qualquer caso, deve-se sempre ajudar quem necessite, sem levar em conta quem foi ou o que fez. O conhecimento sobre a origem das circunstâncias dolorosas que afectam o ser humano, que vos parecem tão incompreensíveis, são-vos dadas para que compreendais e para que a compreensão vos dê as forças para ajudar quem precisa, não para vos coibirdes de ajudar quem necessita, com o argumento de que o merece pelo mal que possa ter feito noutra vida.

E no caso de uma fecundação *in vitro*, fora do corpo da mãe, que acontece com os óvulos fecundados que não vão ser implantados?

Calma, que não se encontra ligado nenhum espírito a embriões congelados. Nesses casos de fecundação externa, a incorporação do espírito acontece quando o embrião é implantado no útero para o seu desenvolvimento, porque se não houver nenhuma possibilidade de que esse embrião se venha a desenvolver, simplesmente o espírito não se incorpora. Acresce que, na fecundação externa ou por inseminação artificial, se perde a possibilidade de encarnarem seres espiritualmente mais avançados do que os dos pais.

Porquê?

Porque, para que isso suceda, é necessário que os espíritos que formam o casal se amem, o que gera durante a relação sexual da concepção, uma acumulação energética de alta vibração, a do amor, que permite a entrada nesse momento de um espírito muito mais avançado, de alta vibração.

E, em que momento se perde a consciência e a memória do passado espiritual?

Isso não sucede de forma brusca e violenta, mas acontece que o espírito vai entrando numa progressiva sonolência, como num adormecimento, que pode começar logo durante o processo de gestação. Os espíritos menos avançados entram nesse estado de sonolência rapidamente. Os espíritos mais avançados têm mais autonomia espiritual e perdem a consciência mais tarde, de modo que podem conservar a sua liberdade até ao momento do nascimento e não a perderem, totalmente, até passados alguns anos de vida da criança.

Pode um espírito que tenha encarnado como homem, encarnar na vida seguinte como mulher e inversamente, ou seja, os espíritos encarnam sempre em pessoas do mesmo sexo ou podem mudar de sexo de uma para outra vida?

O espírito em estado puro não tem sexo, de forma que a condição sexual aparece pela necessidade de encarnar no mundo físico. Daí que um mesmo espírito possa ser homem numa vida e mulher na seguinte, de acordo com as necessidades de aprendizagem espiritual. Ainda assim, acontece haver uma tendência para escolher com maior frequência um dos dois sexos para encarnar e a alma gémea costuma eleger o sexo contrário, se decidiram encarnar juntos como casal.

Certo, mas segundo entendi, quando um espírito desencarnado se mostra aos encarnados costuma distinguir-se entre homem ou mulher. Como é isso possível se, segundo dizes, o espírito não tem sexo?

Quando o espírito ainda se encontra na fase de evolução humana, mesmo que esteja desencarnado, mantém no seu corpo astral os traços que o diferenciam sexualmente e toma o aspecto que está mais de acordo com o seu estado evolutivo e as suas preferências. Os espíritos que tenham desencarnado recentemente costumam manter, pelo menos durante algum tempo, certos traços da fisionomia da última vida, mesmo que o espírito seja elevado ou se tenha libertado totalmente dos acontecimentos da última

encarnação, com a particularidade de, esses traços, estarem aformoseados e ausentes deles todas as mazelas da velhice. Os espíritos muito avançados podem tomar, se necessitarem aparecer a algum encarnado, a fisionomia que lhes pareça mais conveniente para a missão que devem cumprir.

VIDA NOUTROS MUNDOS

Falaste, no início, de um plano que engloba todos os seres da criação, de que cada planeta tem o seu correspondente planeta astral... Além disso, em muitas das respostas que dás, acabas acrescentando comentários breves ao que se passa “nos mundos avançados”. Ainda que não tenhamos falado especificamente sobre este tema, deduzo de tudo isso que há vida inteligente noutros planetas.

Com certeza. O Universo é muito grande. Em todo o Universo existem espíritos em constante evolução que necessitam de encarnações no mundo físico para avançar no seu caminho de aperfeiçoamento.

E por que não temos prova evidente da existência de civilizações ou humanidades extraterrestres?

As que são menos avançadas ou iguais à vossa ainda não têm os meios tecnológicos para viajar ou contactar com outros mundos. As mais avançadas, mesmo que tenham capacidade para visitar o vosso planeta e interagir convosco, procuram não interferir na vossa evolução e intervêm no vosso planeta de forma muito subtil. Ainda assim, existem muitas evidências de contactos com seres de outros mundos desde épocas muito antigas que ficaram registados nos livros sagrados de muitas civilizações (claro que não com o nome de extraterrestres, mas sim como deuses ou enviados dos deuses). Também, na actualidade, existe abundante quantidade de avistamentos de naves que, pela sua capacidade de movimento, ultrapassam largamente as possibilidades da vossa tecnologia actual, e testemunhos de pessoas que tiveram contacto com seres de outros mundos, não obstante os vossos governos se esforçarem por ocultá-lo pelo receio de perder o controlo que exercem sobre vós.

Quando falas de humanidades mais avançadas, referes-te a mais avançadas tecnologicamente?

Refiro-me a humanidades mais avançadas espiritualmente ainda que, tecnologicamente, também sejam muito mais avançadas que a vossa.

E pode haver humanidades ou civilizações avançadas tecnologicamente, mas que não sejam espiritualmente mais avançadas que a nossa?

Sim, de facto existem. O que acontece é que, se não seguirem a lei do amor, acabam por se autodestruir devido ao mau uso da tecnologia, que costumam empregar em lutas internas ou contra outras civilizações vizinhas. Apenas as que se constroem sobre a base do amor e do respeito pelo livre arbítrio são duráveis, já que não perdem tempo, nem gastam recursos e esforços em destruir, mas apenas a construir. De forma que no final, as civilizações espiritualmente mais avançadas também o são tecnologicamente.

E que acontece a esses espíritos que viveram em civilizações que não seguiram a lei do amor e se autodestruíram?

Como te disse, os espíritos são imortais e, por conseguinte, continuam a viver no plano espiritual. Continuarão a sua evolução encarnando sobre os restos das civilizações destruídas. No caso de o planeta ter sido completamente destruído, serão transferidos para o astral de outros planetas semelhantes ao seu para que possam encarnar neles, da mesma maneira que no vosso mundo, se uma cidade é arrasada por uma inundaçãõ, se realojam os sobreviventes em zonas menos perigosas. Os menos avançados, normalmente, serão transferidos para planetas mais primitivos, onde as condições para a sobrevivência são muito mais exigentes, para que aprendam a dar mais valor ao que uma vez tiveram e não souberam conservar.

Então, podem os espíritos originários de outros planetas encarnar na Terra e, vice-versa, os originários da Terra encarnar noutros planetas?

Sim, e não apenas no caso extremo de planetas destruídos. Produzem-se, periodicamente, transferências de espíritos de uns planetas para outros, com certas restrições, dado que os espíritos não podem encarnar em planetas que estejam acima do seu próprio nível evolutivo. Terão de o fazer em planetas de nível semelhante ao seu planeta de origem ou de níveis inferiores, mas também existem problemas de acoplamento vibratório se os espíritos são muito avançados e o planeta muito primitivo, de maneira que, quando os espíritos evoluídos encarnam num planeta que o é menos, devem

reajustar o padrão vibratório do seu corpo astral para poderem acomodar-se a um corpo físico próprio do planeta. Quando o nível vibratório do espírito é muito maior que o nível do planeta este ajuste torna-se praticamente impossível. Para que tenhais uma ideia, seria como tentar vestir uma peça de roupa dois números abaixo da que usais. Por isso, o nível evolutivo dos espíritos avançados que encarnam no vosso planeta pode estar, quando muito, um escalão acima do vosso e, em ocasiões especiais, até dois escalões, mas não mais.

Com que objectivo, os espíritos originários de um planeta que não foi destruído, encarnam noutra planeta diferente?

Geralmente, para promover a evolução espiritual. Os espíritos avançados podem encarnar em planetas menos avançados para promover o progresso espiritual dos espíritos originários desse planeta. Também acontece que determinados espíritos evoluam mais rapidamente que a média do seu planeta de origem e este torna-se limitado para continuarem a evoluir ao seu ritmo. Passarão a encarnar então em mundos mais evoluídos, em consonância com o seu nível evolutivo, o mesmo que vós, quando acabais o último curso escolar na primária, mudais de escola para prosseguir nos estudos secundários. Também acontece que, em determinados momentos, se dão em certos planetas circunstâncias muito favoráveis que permitem a um espírito por à prova as suas aptidões e acelerar o seu progresso evolutivo. Acontece que, quando existe num planeta um grande número de espíritos dispostos a dar um salto evolutivo colectivo, é necessário que o planeta inteiro se reestruture para se adaptar às necessidades dos espíritos encarnados nessa nova fase. Quando um planeta está a viver circunstâncias deste tipo, muitos espíritos procedentes doutros planetas de semelhante nível evolutivo sentem-se atraídos e pedem para encarnar nele para poderem experimentar essas circunstâncias e utilizá-las no seu progresso espiritual.

E que tipo de circunstâncias são essas tão atractivas para os espíritos doutros planetas?

Sucede que o vosso planeta se aproxima da possibilidade de uma mudança de nível. Pode deixar de ser um planeta de terceiro nível e passar a ser um de quarto nível. E isso pode ocorrer se um número suficiente de espíritos conseguir tomar consciência do destino do espírito, da sua imortalidade, de que todos os seres são irmãos e que encarnamos para evoluir espiritualmente, para aprender a amar e para nos desfazermos do nosso egoísmo, que é a causa de todos os males do planeta. Esses espíritos trabalharão para que se estabeleça na Terra uma nova forma de fazer as coisas, baseada no amor, e isso

transformará o mundo a todos os níveis: a nível social, económico, político... Mas acontece que ao mesmo tempo existem multidões de espíritos que não querem renunciar ao seu egoísmo, como os poderosos que controlam o mundo, que não querem que nada mude porque não querem renunciar ao seu poder e à sua riqueza material, baseada na opressão dos seus irmãos e que se opõem com todas as suas forças aos intentos reformadores do primeiro grupo. Cada espírito deverá tomar uma decisão, ou lutar pelo amor, ou lutar pelo egoísmo e trabalhar activamente pela escolha que fez. E esta é a circunstância excepcional, a oportunidade extraordinária de progresso para o espírito que opte pelo grupo do amor, porque terá que enfrentar um grande número de obstáculos: a incompreensão, a calúnia e a violência daqueles espíritos que ainda se agarram ao egoísmo e que tentarão por todos os meios, fazer com que abandone o seu objectivo. E se, apesar de todos os ataques, humilhações e agressões de todo o tipo, conseguir continuar a acreditar no amor, estará um passo mais perto do grande objectivo do espírito, o de chegar a amar incondicionalmente.

Sim, conheço a história. Nos filmes talvez ganhem os bons, mas na realidade, no final, ganham sempre os maus, porque os bons, como são pacíficos, são sempre massacrados. A história está cheia de casos destes: os primeiros cristãos, os cátaros...

Certamente que a continuação interminável desta luta produziria uma estagnação espiritual e um sofrimento indevido e estéril do grupo dos praticantes do amor, devido a que o grupo egoísta poderia boicotar indefinidamente todos os seus intentos de transformação. Mas esta luta tão intensa não se prolongará indefinidamente. Será necessário que haja finalmente uma separação dos dois grupos. A separação implica que um dos grupos tenha que abandonar o planeta para passar a encarnar noutra ou noutras planetas que se encontrem nas condições adequadas ao seu nível evolutivo. A vossa humanidade está vivendo um processo deste género, no final do qual se produzirá uma selecção espiritual como a descrita.

Isso faz-me lembrar o juízo final do Apocalipse bíblico. Tem algo a ver?

Digamos que o juízo final de que se fala na Bíblia é uma interpretação pessoal do autor a respeito de umas visões sobre o provável futuro da Terra, onde vislumbrou esse processo e ao escrevê-lo plasmou-o dessa maneira, de acordo com a sua capacidade. Certamente, que o final do ciclo não é o final do mundo, apenas o final de uma etapa. E tão-pouco, o facto de alguém ter decidido não renunciar ao egoísmo

agora, implica que essa escolha seja definitiva. Cada um pode mudar de opinião quando quiser e, se não aproveitou esta oportunidade, poderá fazê-lo mais adiante. Portanto, tão-pouco é Deus quem escolhe "os bons para os colocar à direita e os maus à esquerda" sendo que a escolha parte de cada um. O mundo espiritual dá as mesmas oportunidades a todos e é cada um, através do livre arbítrio, quem escolhe o que quer fazer, em que mundo quer viver. Dependendo da sua vontade e do que consiga com o seu esforço pessoal, terá uma coisa ou outra. Os que quiserem viver no amor, viverão num mundo baseado no amor. Os que quiserem viver no egoísmo, viverão num mundo baseado no egoísmo, até que se dêem conta de que viver desse modo os torna desgraçados e, então, decidam mudar.

E qual é o grupo que vai embora e o grupo que fica?

Depende. Existem duas opções. Se o número de espíritos que tenham conseguido evoluir não for suficiente para conseguir encaminhar o planeta em direcção ao amor, então o planeta não dará o salto evolutivo, no seu conjunto. Manterá o seu nível vibratório actual, albergando os espíritos que não deram o salto evolutivo. Serão os que deram o salto os que irão ser transferidos para planetas de maior nível evolutivo para aí encarnar. A Terra continuará, então, a ser um planeta de terceiro nível, permanecendo habitada pelos espíritos que não se quiseram libertar do egoísmo e que continuarão a enfrentar, durante uns quantos milhares de anos mais, o mesmo tipo de provas que ainda não superaram. Entretanto, os espíritos adeptos do amor, que renunciaram ao egoísmo, encarnarão em planetas de nível superior, de acordo com o nível evolutivo que eles tenham já atingido, onde encontrarão outros espíritos em harmoniza com o seu próprio íntimo e onde poderão ser felizes ao não encontrarem oposição para a manifestação do seu amor e onde enfrentarão desafios mais avançados.

Pelo contrário, se o número de espíritos que tiverem conseguido evoluir for suficiente para conseguirem que a humanidade se encaminhe e se guie segundo as leis espirituais, o planeta, no seu conjunto, dará o salto evolutivo. Os espíritos que tenham conseguido dar esse salto evolutivo serão os que permanecem no planeta, enquanto, os que não o deram, serão transferidos para planetas do seu mesmo nível evolutivo para encarnar aí. Isso é o que significa a frase que Jesus disse no Sermão da Montanha: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra." Esta frase não pode ser entendida sem o conhecimento da reencarnação, da lei da evolução e da justiça espiritual. Pois, como irão possuir a Terra os

mansos, se estamos cansados de ver que são os opressores, os poderosos, os violentos, os que acabam por ostentar o poder e o domínio sobre a Terra, enquanto "os mansos", os pacíficos, são sempre os que têm de fugir dos conflitos se não quiserem acabar por serem massacrados? E é precisamente desse processo de selecção em função do nível evolutivo que Jesus fala e que levará a encarnar no futuro, na Terra, aqueles espíritos que tenham avançado no amor e na paz ("os mansos"), enquanto, aqueles que não cumpriram a lei do amor, serão transferidos ou "desterrados" para que encarnem num planeta mais de acordo com o seu nível evolutivo.

Como serão transferidos para outros mundos, os espíritos que não podem permanecer?

Será um processo gradual. Os espíritos que não se harmonizem com o nível vibratório do planeta, uma vez falecidos, deixam de encarnar na Terra e passarão a encarnar noutros planetas com o seu mesmo nível evolutivo. No caso de o planeta ascender de nível, a subida no nível vibratório impossibilitará os espíritos que não tenham alcançado o dito nível de nascer neste mundo, de modo que terão de encarnar em mundos que correspondam ao seu nível vibratório. A partir de certo momento, apenas nascerão crianças com um padrão vibratório mínimo.

Então terá de se esperar para morrer para poder passar a outro planeta?

Normalmente sim, mas nem sempre. No caso de catástrofes planetárias também se permitem transferências de espíritos fisicamente encarnados através da actuação de civilizações extraterrestres com a tecnologia suficiente para transportar milhares de pessoas de um planeta para outro, de forma semelhante a quando se produzem catástrofes naturais em certas regiões do vosso planeta, em que se põe em marcha o envio de ajuda humanitária com o objectivo de cuidar e evacuar os sobreviventes das zonas afectadas.

No caso de não se dar o salto evolutivo, isso condena o planeta à estagnação espiritual?

De modo nenhum. Dentro de uns milhares de anos apresentar-se-á outra oportunidade semelhante de dar o salto evolutivo. Então, uma boa parte dos, agora, espíritos egoístas terão vivido suficientes experiências para terem despertado para o amor, podendo dar então o salto evolutivo que não quiseram dar na anterior oportunidade. Estas oportunidades de avanço colectivo já se deram

na Terra no passado. Da última vez, os seres que tinham conseguido evoluir o suficiente, por serem uma minoria no vosso planeta, foram os que tiveram que ser transferidos para outro planeta mais avançado e a Terra ficou como lar dos espíritos que não o tinham conseguido. Aproveitou-se a altura de mudanças geológicas, para realizar algumas migrações planetárias massivas entre planetas que estavam a passar pelas mesmas circunstâncias. O planeta Terra ficou como refúgio dos contingentes de humanos que não tinham conseguido dar o salto evolutivo nos seus respectivos planetas de origem.

Queres dizer com isso que, muitas das raças da Terra, não são originárias do nosso planeta, mas que vieram doutros mundos?

É verdade. Também é uma forma útil para entenderdes que todos sois irmãos, pois, em muitos lugares do Universo, a vida se desenvolve com padrões muito semelhantes aos da Terra, e raças que procedem de diversos planetas, podem misturar-se e coexistir como irmãs porque as diferenças entre elas são mínimas.

Parece-me um pouco difícil de aceitar isso.

É muito normal, porque há muitos acontecimentos do passado da história da Humanidade que vós desconheceis, porque os registos históricos foram destruídos inúmeráveis vezes pelos governantes de diversas épocas com a intenção de que o povo desconheça a história dos erros que se cometeram no passado e não possa aprender com eles. Um povo ignorante é mais fácil de manipular. Como diz o provérbio: "Os povos que esquecem a sua história estão condenados a repeti-la". Mas, se bem observardes, em muitas culturas, há tradições ancestrais que foram transmitidas oralmente de geração em geração e que situam a origem do seu povo ou raça fora da Terra, em gente vinda das estrelas.

Já que falaste do grande salto evolutivo que pode viver a Terra, gostaria de conhecer com mais pormenor esse possível maravilhoso futuro que nos espera, o qual vejo bastante longínquo e, sinceramente, muito utópico, dada a penosa situação do planeta e da sua humanidade neste momento.

Pois, esse futuro que te parece tão improvável é uma realidade em milhares de milhões de planetas. E ainda que certamente a Terra e a sua humanidade se encontrem numa situação bastante lamentável, em questão de um par de séculos, as coisas podem dar uma reviravolta tremenda. Queres um exemplo? Compara o nível tecnológico da humanidade no ano 1800 com o dessa mesma humanidade no ano 2000. O salto é realmente surpreendente. Mas, se

puдesses retroceder 200 anos para o contares aos humanos daquela época, ninguém acreditaria em ti. Pois imagina se o ser humano se dedicasse ao avanço espiritual com a mesma vontade e entusiasmo que tem posto no desenvolvimento mental e material! A Terra está a viver agora uma época de despertar espiritual. Quando todos aqueles espíritos que quiserem despertar o tenham feito e metam mãos à obra, as coisas mudarão muito rapidamente.

Podes descrever-me, então, como vivem as civilizações mais evoluídas, essas que seguem a lei do amor, para ver se nos podem servir de exemplo e modelo?

Encantado. Descrever-te-ei as civilizações que evolutivamente estão imediatamente um escalão ou dois acima da vossa, porque seria muito difícil para vós compreender como vivem civilizações ainda mais avançadas. Em qualquer caso, tem em conta que não há uma civilização que seja igual a outra. Mas há algumas coisas que todas têm em comum, que são as que te descreverei, pois se referem à parte espiritual. A mais importante de todas é que são civilizações conscientes do processo de evolução espiritual individual e colectivo e, portanto, orientam todos os seus esforços para procurar o avanço espiritual de cada um dos seus habitantes e do conjunto da sua humanidade. Assim, todas as suas normas, leis, formas de governo e gestão dos recursos são inspiradas na lei do amor e no resto das leis espirituais. Como consequência disso não se verificam nelas manifestações de ódio, nem de egoísmos individuais ou colectivos, nem violência de nenhum tipo, nem nenhuma forma de abuso de uns seres sobre os outros. Em consequência disso, não existem guerras, nem terrorismo, nem delinquência de nenhum tipo, nem assassinatos, nem prostituição, nem sequestros, nem ditaduras, nem militarismo, nem escravatura, porque todos se consideram irmãos.

Parece uma utopia. E como conseguiram isso?

Porque chegaram à conclusão de que o egoísmo apenas conduz à destruição e ao sofrimento, e de que a única forma de se ser verdadeiramente feliz é amar. Portanto direccionaram todas as suas energias para o desenvolvimento do amor e eliminação progressiva do egoísmo dos seus corações e, em consequência disso, transformaram os seus mundos em lares harmoniosos onde se viver. Mas não acrediteis que chegar a esse ponto foi um caminho de rosas, pois tiveram também de passar por um custoso processo evolutivo. Tiveram de sentir as consequências das suas atitudes egoístas, passar por vicissitudes semelhantes às vossas. A diferença entre mundos é a

rapidez com que se apercebem de que o caminho do egoísmo e a ausência de amor não levam a lado nenhum.

Que me poderias dizer do seu governo e estruturas política e económica?

Normalmente, cada planeta dispõe de um governo planetário comum. Não existem divisões por estados ou nações com governos independentes, ainda que cada região mantenha as suas peculiaridades históricas e haja governos autónomos que estão integrados na estrutura do governo planetário.

O Estado controla e gere os meios de produção em função das necessidades dos habitantes do planeta, com o objectivo de alcançar o bem-estar comum. Isto é, não existe a empresa privada, por não existirem interesses particulares que beneficiem uns poucos em detrimento dos restantes. Portanto, não existe a necessidade de promover o consumo excessivo de produtos através da publicidade para manter os benefícios empresariais. Ainda que existam formas de quantificar o valor do esforço, que corresponde ao tempo de trabalho e serve para adquirir certos bens de consumo, não existe o dinheiro em si mesmo como algo que tenha valor autónomo, pelo que se eliminaram as actividades destinadas ao enriquecimento através de qualquer negócio financeiro especulativo, como a banca, a bolsa, etc. Em virtude disso, a economia é extremamente estável, já que não existem nem a inflação, nem a desvalorização e revalorização da moeda, nem incrementos ou depreciações de classes de interesses, simplesmente porque o conceito de interesse não existe. Se o custo de alguns produtos varia, isso depende exclusivamente da disponibilidade de recursos para os produzir. Mas, uma vez que são sociedades com grande capacidade de previsão, conseguiram libertar-se da dependência de determinadas matérias-primas e de fontes de energia esgotáveis. São muito cuidadosos com o meio ambiente e foram progressivamente adoptando fontes de energia renováveis e não contaminantes. Produzem-se poucos resíduos que, além disso, são reciclados quase em 100%.

A nível social existem certos direitos mínimos, irrevogáveis, a que toda a gente tem direito pelo simples facto de existir, como à alimentação, à habitação, à educação e ao trabalho. Não existem, por conseguinte, nem a fome, nem os "sem-abrigo", nem as hipotecas, nem a pobreza, nem o desemprego, nem o abandono escolar. O nível de vida material dos habitantes é bastante cómodo e semelhante entre indivíduos e regiões de todo o planeta, já que, na ausência do egoísmo, não existe nos habitantes desses planetas a ambição em acumular riquezas ou posses materiais.

Em que trabalha a gente, se é que trabalha?

Maioritariamente trabalham na educação e investigação científica e tecnológica, pelo bem comum, para melhorar ao máximo o nível de vida de todos os habitantes em todos os domínios, com o objectivo de promover a evolução espiritual individual e colectiva. Os trabalhos mais pesados dos sectores primário e secundário, isto é, agricultura e indústria, estão totalmente automatizados e nesses casos a tarefa dos profissionais é a supervisão dos processos de produção. As jornadas laborais são muito mais curtas do que no vosso planeta, ainda que mais produtivas, porque não há ninguém a efectuar trabalhos desagradáveis nem que não correspondam à sua vocação. Ao mesmo tempo, não existe ninguém ocioso ou que viva do trabalho dos demais, devido a que, se todo o mundo usufrui, também deve contribuir com o seu trabalho para o bem-estar comum. Certas profissões que existem na Terra destinadas à compra e venda, como vendedores ou publicitários, não existem, já que o próprio tipo de sociedade evita a necessidade de promover os produtos. Produz-se o que é necessário e cada um beneficia da parte que lhe pertence, sem necessidade de ser pressionado para consumir mais ou menos. Portanto, não existem as modas e não se actualizam arbitrariamente os hábitos de consumo, senão quando se tenham conseguido melhores produtos que contribuam para melhorar a saúde e o bem-estar interior e exterior dos seus habitantes. Eliminadas as actividades supérfluas, as sociedades avançam muito rapidamente, tanto tecnológica como espiritualmente, pois se evita submeter o indivíduo a actividades egoístas, de carácter eminentemente material ou destrutivo.

O que me descreves parece-se com o sistema económico comunista ou socialista de alguns países da Terra.

Em algumas coisas, sim.

Pois, na Terra esse sistema fracassou rotundamente.

Tem em conta que nos países da Terra onde foi implantado o socialismo, este foi imposto através da violência e nunca teve uma vertente espiritual, mas antes apenas material. Apesar da aparente colectividade, na realidade, o egoísmo individual que é a base das desigualdades, promoveu a aparição de uma classe dominante que impunha aos demais os seus ditames. Para que o socialismo seja real e funcione terá de fazer-se também no campo espiritual, não apenas a nível da matéria, e terá de ser adoptado por convencimento interior, nunca por coacção mediante o emprego da força, como

aconteceu no vosso mundo. Quer dizer, há que erradicar o egoísmo do interior de cada pessoa e substituí-lo por amor e, então, as mudanças materiais ao nível colectivo aparecerão espontaneamente como lógica consequência da mudança interior. Por contraposição ao socialismo egoísta, materialista e ateu da Terra, esses mundos vivem no que se poderia chamar um "socialismo espiritual".

E qual é o sistema de governo? Quero dizer, trata-se de democracias, repúblicas, monarquias?

Não se pode encontrar em nenhum desses nomes o termo adequado. É o governo dos mais evoluídos. Atribui-se maior responsabilidade a quem tem maior capacidade, em termos de sabedoria e amor.

Há algum tipo de governo na Terra que se lhe assemelhe?

O mais parecido é o de algumas tribos ameríndias, com os seus conselhos de anciãos.

E como se elegem os governantes?

Bom, isso varia em cada planeta. Normalmente, existem diferentes conselhos formados por representantes de diferentes áreas e, dentro do conselho, elege-se o coordenador por votação dos membros do conselho, que pode ser rotativo ou a mais longo prazo, conforme o planeta.

E como se chega a fazer parte desses Conselhos?

Pelas capacidades que demonstrem certos indivíduos durante a sua infância, orienta-se então a sua educação para tarefas de direcção e, conforme se vai desenvolvendo a sua capacidade, vão desempenhando cargos de maior responsabilidade de acordo com as necessidades que existam para certas funções de direcção.

Não se me afigura um sistema muito democrático, mas muito mais uma forma muito hierarquizada de governo. Não me parece que isso seja uma eleição feita por toda a gente, antes que as pessoas de cima escolhem os seus sucessores.

As pessoas desses mundos estão de acordo com esta forma de governo, pois sabem que o governo está nas mãos das pessoas mais sábias e amorosas. Os que governam não têm intenção de dominar, nem de oprimir, nem abusam do seu poder, como acontece no vosso mundo, em que é tudo o inverso. Aceitam-no como uma oportunidade de ajudar no progresso dos seus irmãos utilizando ao

máximo as suas capacidades. Tão-pouco têm a ambição de se perpetuar no poder para acumular riquezas e privilégios, já que nem eles têm essa intenção, nem o facto de ocupar esses cargos representa nenhum privilégio especial em relação aos restantes cidadãos. Além disso, muitas das decisões que dizem respeito ao conjunto dos cidadãos são tomadas por referendo.

Pois, a mim parece-me que se trata de oligarquias, onde só uns poucos eleitos têm opção de governar.

É certo que, às tarefas de governo desses mundos, não se permite o acesso a qualquer um. Mas, ao contrário da Terra, onde as elites de poder se formam a partir dos membros das famílias mais ricas e poderosas, economicamente falando, que são normalmente pessoas de baixo nível espiritual, extremamente egoístas, ambiciosas de poder e riquezas, nesses mundos acontece justamente o contrário. Dá-se o comando, precisamente, aos menos egoístas, àqueles que têm o nível de amor mais elevado, aos mais humildes e mais sábios.

Continua a parecer-me um sistema de governo muito hierárquico, onde as mesmas pessoas estão demasiado tempo a governar.

É normal que o vejas assim, porque no vosso mundo estais acostumados a observar que as pessoas que estão certo tempo no poder, se não eram corruptos inicialmente, acabam por se corromper e utilizarem o poder em o seu próprio benefício ou no de certos grupos de interesses, prejudicando os restantes. Mas não acontece assim nesses mundos.

Não o consigo ver claro.

Repara, vou-te dar um exemplo do teu próprio mundo para que compreendas. Para que uma pessoa seja médico no vosso mundo é-lhe exigida uma formação académica que dura anos, a aquisição de uma experiência mínima, a demonstração do seu profissionalismo e que se comprometa a respeitar um código ético muito rigoroso. Seria um desperdício que, depois de toda esta preparação, fosse destituído do seu cargo todos os quatro anos. Imagina que tens apendicite e que tens de ser operado. Quererias que o cirurgião fosse uma pessoa como a que descrevi ou, por acaso, preferirias que o cirurgião fosse escolhido numa eleição entre várias pessoas que não têm formação como cirurgiões? Pois, essa última forma, é o que acontece no vosso mundo em que, para a tarefa de governar, deixais que qualquer pessoa sem escrúpulos lhe possa aceder. Nesses mundos exige-se aos governantes o mesmo que vós exigis a um médico, que estejam

preparados, que tenham um nível de amor determinado e que o demonstrem com factos.

Então não te parece que a democracia seja uma forma de governo avançada?

Talvez me tenha explicado mal. Que a gente tenha capacidade para eleger o seu governo e não seja uma imposição de certa gente, é algo espiritualmente avançado. De facto, os governos que descrevo, foram eleitos livremente pelos cidadãos desses mundos e, qualquer mudança importante que se introduza, necessita do consenso e aceitação pelos seus habitantes. Mas, às vezes, pelo facto de existirem eleições periódicas para escolher determinados representantes, não significa que se trate de uma eleição livre e democrática, se os candidatos já tiverem sido pré-seleccionados entre aqueles que sejam do agrado dos que detêm o poder na sombra e se a propaganda estiver dirigida ao favorecimento de certas opções políticas em detrimento de outras. Que pensaríeis de umas eleições em que os candidatos fossem Stalin e Hitler?

Possivelmente que seria melhor abster-se ou votar em branco.

Em qualquer caso, o sistema de eleições periódicas é, de momento, a forma mais avançada possível de governo no vosso mundo, pois que, com o nível de corrupção que existe na classe política, não é conveniente deixar muito tempo os mesmos no poder.

Mas espera. Disseste alguma coisa sobre aqueles que detêm o poder na sombra, que queres dizer?

Deveis estar atentos ao facto de que, às vezes, os que têm os cargos políticos não são os verdadeiros governantes, mas antes simples marionetas substituíveis e que as aparentes democracias, com eleições periódicas e partidos políticos opostos, são uma farsa para encobrir a ditadura de uma elite que não tem outro objectivo que não seja manter na ignorância as pessoas para continuar com os seus abusos.

Como é a educação?

Educa-se globalmente o espírito, mente e corpo ao máximo das suas potencialidades e orienta-se cada indivíduo de acordo com a sua vocação. Nesses mundos as percepções extra-sensoriais estão muito desenvolvidas. Graças a elas os professores conhecem muito melhor os seus alunos, o que lhes permite conhecer a sua capacidade, a sua vocação e as suas inquietações. À parte da formação intelectual, desenvolvem-se as potencialidades do indivíduo que vós nem sequer

admitis e que lhes permitem desenvolver a sua própria união com a espiritualidade superior, como a clarividência, a telepatia e a psicocinese.

E que tipo de crenças têm?

Não existem religiões como tais, se entendermos como religião uma organização estruturada com sacerdotes e dogmas na qual tem de se filiar de alguma forma e que obriga a acreditar em determinados dogmas e a seguir determinadas regras. Como te disse antes, o que existe é uma consciência muito clara da realidade espiritual, da origem e do destino de cada ser, das leis que governam o Universo e isso reflecte-se na actividade que se desenvolve no planeta, na educação, na economia, na política, etc.

2ª Lei: Lei do Livre Arbítrio.

- O espírito possui a liberdade de decidir sobre o seu destino, sobre se quer ou não evoluir.
- Avança-se quando o espírito se harmoniza com a lei do amor por decisão livre, porque compreende e compartilha essa lei e actua de harmonia com ela.
- A progressão espiritual apenas se verifica quando é escolhida e interiorizada de livre vontade e pelo esforço do próprio espírito, sem nenhum tipo de coacção ou imposição.
- Apenas há evolução em liberdade.

Em muitas das explicações que me dás, falas do livre arbítrio como algo que é muito importante respeitar.

Assim é.

Mas que é o livre arbítrio exactamente?

É a capacidade que possui o espírito para decidir por si mesmo o que quer fazer.

E porque é tão importante respeitar o livre arbítrio?

Porque é uma lei espiritual fundamental na qual se apoia o progresso evolutivo do espírito.

E em que consiste a lei do livre arbítrio?

É uma lei espiritual que diz que o espírito possui a liberdade de escolher por si mesmo o seu próprio destino.

E porque dizes que o progresso evolutivo do espírito se apoia no livre arbítrio?

Porque a evolução espiritual apenas é real quando é escolhida e interiorizada por livre vontade, quer dizer, por escolha livre do espírito, sem nenhum tipo de coacção ou imposição.

Porque é assim?

Porque se o progresso fosse forçado, logo que desaparecesse a forma de coacção ou imposição, o espírito voltaria a ser conforme é na realidade e não conforme o que as circunstâncias o obrigaram a ser.

Pois se é uma lei espiritual porque não se cumpre esta lei na Terra?

Sim cumpre-se, já que as leis espirituais estão escritas na essência de cada espírito. Há uma força que impulsiona o espírito a procurar sempre a felicidade e, através dessa busca, o espírito evoluir. Do mesmo modo que não é possível ser feliz sem amor, não há espírito que possa chegar a ser verdadeiramente feliz espiritualmente sem ser livre, porque está na sua essência sê-lo. Se Deus tivesse querido que os espíritos não fossem livres, teria programado a sua natureza para serem felizes sendo escravos. Mas, uma vez que acontece precisamente o contrário, quer dizer, que o espírito se sente desgraçado na escravatura, seja esta de que tipo for, teremos de concluir que o espírito foi criado para ser livre e, assim é, tanto na Terra como no resto do Universo.

Certo, mas a realidade demonstra que a maioria das pessoas do nosso planeta não actua com liberdade, antes força-se a si mesma ou é forçada a fazer uma quantidade de coisas que não quer.

Efectivamente. Acontece assim no vosso mundo. Produzem-se constantes atropelos desta lei devido à escassa evolução da maioria dos seus habitantes que ainda a não conhecem ou não a querem respeitar, uma vez que, para respeitar o livre arbítrio deveriam renunciar ao egoísmo. Daí que um dos objectivos da aprendizagem espiritual seja aprender a respeitar o livre arbítrio dos outros, mas também exigir que se respeite o livre arbítrio próprio.

Queres dizer que noutros mundos mais avançados é respeitada e conhecida a lei do livre arbítrio por parte dos seus habitantes?

Assim é, porque é uma lei espiritual universal. E os mundos deles são muito mais felizes que o vosso, precisamente porque põem muita ênfase no respeito pelo livre arbítrio, assim como pelas restantes leis espirituais.

Pois, podiam vir cá ensinar-nos o segredo da sua felicidade...

Precisamente porque os espíritos avançados conhecem, respeitam e seguem a lei do livre arbítrio, têm muito cuidado em não a violar, sobretudo no que se refere à interferência nos mundos habitados por espíritos menos avançados. Ainda que não haja intenção de prejudicar, um excesso de interferência pode criar dependência dos espíritos ou civilizações menos avançadas em relação às mais avançadas e isso provocaria uma estagnação na evolução do planeta receptor. Por isso, a ajuda que é dada, tanto pelo plano espiritual, como pelos mundos físicos espiritualmente avançados aos mundos menos avançados é sempre muito subtil e jamais contra a vontade do próprio ser ou seres que dela necessitam porque, então se estaria a forçar o seu livre arbítrio. Está condicionada a que cada ser em questão manifeste a sua vontade de evoluir e receber ajuda.

Acabo por não perceber onde está o problema. Poderias dar um exemplo para que eu entenda?

De acordo. Imagina que um habitante de um mundo avançado chega à Terra e vós, reconhecendo a sua maior evolução, decidis oferecer-lhe o governo do planeta para que solucione todos os seus problemas. De acordo com o seu conhecimento das leis espirituais e conforme acontece no seu planeta de origem, onde o respeito pelos outros seres inferiores da evolução os levou a seguir uma dieta vegetariana e a não molestar nenhum animal, decide promulgar umas leis de protecção aos animais que proibem, entre outras coisas,

a caça, a tauromaquia e o consumo de carne. Estaria disposta a humanidade da Terra a aceitar tais renúncias?

Pois, não sei. Suponho que haveria gente a favor e gente contra.

No actual estado da humanidade e, sendo muito generoso, mais de 80% estaria contra estas medidas. E levantar-se-iam protestos e revoltas tremendamente violentas por todo o planeta para impedir o cumprimento dessa nova lei. Sob este dilema, que devia fazer o mandatário? Renunciar às suas próprias convicções para agradar ao povo ou, pelo contrário, impor as leis apesar da oposição da maioria? Se tomasse a primeira decisão, estaria a desrespeitar o seu próprio livre arbítrio, ao ter que fazer coisas que vão contra a sua própria vontade. Se escolhesse a segunda, estaria a ofender o livre arbítrio do povo, impondo-lhe uma lei que iria contra a sua vontade.

Trata-se, então, de um dilema sem solução possível.

Sim, é isso. E é a razão pela qual não há pessoas evoluídas a governar no vosso mundo. Se os seres avançados não assumem posições de governo material em mundos como o vosso é, simplesmente, porque maioritariamente vós não quereis que eles estejam ao comando, nem quereis aceitar as mudanças que eles propõem. E eles, tão-pouco desejam impor a sua vontade sobre a vossa porque sabem que não serve de nada obrigar. Já se têm dado na história do vosso planeta numerosos casos de gente mais o menos honesta que chegaram a desempenhar altos cargos de poder e tentaram mudar as coisas para melhor. E o que se passou? Pois, duraram muito pouco. Os que os rodeavam, eliminaram-nos. Por isso, os espíritos elevados apenas aconselham, demonstram com o exemplo sem impor e, seguidamente, cada um opta por aquilo com que se identifica.

Quais seriam os resultados práticos da aplicação da lei do livre arbítrio na Terra se, igualmente ao que acontece noutros mundos mais avançados, decidíssemos segui-la?

A desaparecimento de qualquer forma de escravidão, de coacção, de opressão, de manipulação, de maldades de uns seres humanos sobre outros.

Um ser avançado jamais desrespeitaria o direito à vida de outros seres. Portanto, desapareceriam as guerras, a pena de morte, o assassinato e o aborto porque com essas práticas se está ofender o direito à vida de outros seres.

Desapareceria qualquer forma de maus-tratos ou abuso sexual contra crianças e adultos. Portanto, desapareceriam a pederastia, as violações, a prostituição e qualquer outra forma de prática sexual em

a que se força ou coage a vontade de outros seres humanos, especialmente quando se trata dos seres mais débeis e indefesos.

Desapareceria qualquer regra que limitasse a livre expressão do pensamento e do sentimento. Não existiriam, portanto, a censura, a manipulação, o engano, a repressão nem a detenção ilegal.

Desapareceria qualquer religião, filosofia ou doutrina egoísta que justificasse a opressão, a agressão, o controlo e/ou a violência contra outros seres humanos por diferenças raciais, religiosas, culturais, económicas, políticas ou de qualquer outra índole. Portanto, desapareceriam o racismo, o totalitarismo, o fascismo, o fanatismo religioso, o militarismo, o imperialismo ou o capitalismo, porque são ideologias que baseiam o bem-estar de uns quantos no sofrimento de outros seres humanos. Qualquer que seja a forma de escravidão, seja esta material ou mental, que se tente impor ao ser espiritual, fracassará, porque o espírito se revolta intimamente contra aquilo que o escraviza e, tarde ou cedo, lutará com todas as suas forças para se libertar. Esta é a razão pela qual, qualquer doutrina, religião, ideologia, sistema político ou económico que não respeite a lei do livre arbítrio do espírito será instável e efémera, enquanto os sistemas baseados nas leis espirituais são estáveis e duradouros.

Desapareceria qualquer forma de servidão, maltrato físico ou psicológico, dentro e fora do ambiente familiar, dos pais contra os filhos, dos filhos contra os pais, de marido contra mulher ou de mulher contra marido, de chefes contra empregados, dos fortes contra os frágeis.

Desapareceria qualquer prática, actividade ou diversão baseada em gerar sofrimento e destruição noutros seres vivos que não obedecessem a critérios de estrita sobrevivência, sobretudo naqueles evolutivamente mais próximos, como os mamíferos superiores, sejam a tauromaquia, a caça, a pesca e a criação de gado dos países desenvolvidos.

Mas, para poder respeitar uma lei é preciso conhecê-la não? Como é possível ensinar alguma coisa às pessoas que não têm interesse em aprender, sem as obrigar de alguma forma? Não teria de se fazer como se faz com a criança rebelde que não quer ir à escola, que se obriga de alguma forma para que vá e aprenda?

Como disse, se acabamos de referir que cumprir a lei do livre arbítrio é respeitar a vontade do espírito de decidir livremente, por muito espiritual que seja, a natureza da lei impede que seja imposta, pois ao fazê-lo estaríamos a ofender a própria lei. Por outras palavras, o fim não justifica os meios e, ainda menos, se através dos meios estamos a descumprir o fim que perseguimos. Obrigar não é a forma e, como já

disse, o que se obtém com a imposição ou a coacção perde-se mal desapareça a força coactora. O espírito voltaria a ser conforme é na realidade e não conforme as circunstâncias o obrigaram a ser. Precisamente, a reencarnação e o esquecimento das vidas anteriores estão pensados para que o espírito experimente o livre arbítrio e evolua por mérito próprio, sem nenhum tipo de coacção. Já falámos abundantemente disso anteriormente de que é o próprio espírito quem escolhe livremente se quer ou não avançar e o tipo de provas a que se quer submeter para avançar. E, a respeito do exemplo que apresentas da criança e a escola, as correntes educativas mais avançadas espiritualmente, que também já chegaram ao vosso mundo, tentam não forçar a criança, antes preferem estimular as suas próprias capacidades, tornando a aprendizagem atractiva e não fastidiosa, sendo a melhor maneira para a criança aprender, não por obrigação, mas sim por devoção.

Então, qual é a forma correcta para as pessoas conhecerem as leis espirituais?

A única forma é divulgá-las com o exemplo, que foi o que fizeram os espíritos avançados que encarnaram na Terra. Falo de Jesus, Buda, Krishna, Zoroastro, Antúlio e outras reencarnações de seres avançados, que encarnaram na Terra para ensinar a lei do amor, a do livre arbítrio e as outras leis espirituais. Fizeram da sua vida um exemplo de dedicação pessoal e do modo de viver de harmonia com as leis espirituais, sem obrigar ninguém a fazer o mesmo.

Pois, a lei do livre arbítrio não a aprenderam muito bem, os supostos seguidores de Jesus, uma vez que acabaram por impor aos outros as suas crenças pela força, mediante o uso da violência, da coacção e do medo. Refiro-me à Igreja Católica, com a Inquisição e as Cruzadas.

Então são os seguidores que não estão à altura da mensagem que dizem trazer. Mas isso não é culpa de Jesus ou das outras encarnações, mas sim do egoísmo e da falta de evolução que reina no vosso mundo, que levou certas pessoas a apropriarem-se de ideias que eram verdadeiras e a deturpá-las para controlar e manipular os outros. As religiões ou crenças que impõem ou obrigam não conseguirão que o espírito evolua, nem se podem considerar verdadeiras ou em harmonia com Deus e a espiritualidade superior, já que ninguém que desrespeite a lei do livre arbítrio se pode considerar como intermediário de Deus ou que cumpre os desígnios de Deus e, com o tempo, desaparecerão irremediavelmente da Terra. Mas

falaremos deste tema especificamente noutra ocasião, pois é bastante importante.

Sim, mas, apesar dessa intervenção, não vejo que as coisas tenham melhorado muito no mundo.

Alguma coisa, sim. Em épocas passadas, criavam-se humanos como se fossem gado, para os comer e isso, agora, parecer-vos-ia uma abominação. O canibalismo está praticamente extinto na Terra. Há menos de 200 anos ainda existia a escravatura de forma legal e existia o comércio de escravos em todo o mundo. Mesmo existindo agora escravatura sob outras formas, pelo menos a escravatura formal é perseguida e penalizada pelas leis de todos os países e apenas clandestinamente se pratica. As perseguições religiosas, apesar de ainda existirem nalgumas partes do mundo, diminuíram em intensidade e em crueldade e existe legislação em muitos países que protege o direito à liberdade religiosa, impensável na Europa antes da reforma protestante. A pena de morte como forma de castigo foi abolida em muitos países. A redacção e aprovação por um organismo internacional como a ONU da Carta da Declaração dos Direitos Humanos, ainda que na prática não esteja a ser cumprida, é um exemplo claro de que existem espíritos no vosso planeta suficientemente avançados para reconhecer que existem direitos fundamentais que não devem ser ofendidos. Nela são especificados perfeitamente os direitos que garantem a realização do livre arbítrio e exigem a tomada de medidas pelas nações de acções que impeçam que se ofenda o livre arbítrio dos outros seres humanos. Portanto, esta carta pode-se considerar um desenvolvimento muito acertado da lei do livre arbítrio. Nos dez mandamentos encontramos também breves toques no sentido do respeito pelo livre arbítrio, como os mandamentos "não matarás" e "não roubarás". Ainda que falte fazer muito, tudo isso são avanços em relação à situação de épocas passadas.

3ª Lei: Lei da Justiça Espiritual ou Lei da Acção e Reacção Espiritual (causa-efeito)

- O que fazes aos outros, também o fazes a ti mesmo.
- Avança-se espiritualmente quando o espírito toma consciência dos seus erros (actos contra outros seres da criação) e os repara.

Há muita gente que justifica o seu ateísmo com a máxima: “Se houvesse realmente um Deus, Ele não permitiria que existissem essas injustiças no mundo”. Qual é a tua opinião a esse respeito?

Que se trata de uma ideia fundada num conhecimento incompleto da realidade espiritual, que conduz a interpretar certas situações dramáticas da Terra como fazendo parte de uma injustiça, porque se julga que a vida do ser começa com o nascimento do corpo físico. Se considerarmos que a vida do ser humano se inicia com o nascimento, chegaremos à conclusão inevitável de que o mundo é injusto e de que, se existe um criador, se trata de um criador igualmente injusto, pois parece que favorece desde o princípio umas criaturas em detrimento de outras. Acaso não há seres que desde o seu nascimento já vêm ao mundo com uma perspectiva de vida cheia de desgraças, seja porque nascem com deficiências de nascimento ou em extrema pobreza ou em famílias que não os querem, enquanto outros parecem ser os favoritos da providência porque são mais espertos, mais belos, mais ternos, mais amados ou mais escorregitos?

Mas, se considerarmos que esta vida não é mais que um breve episódio na vida de cada ser e que este episódio é a exacta continuação e consequência de uma série de episódios anteriores, cujo argumento se entrelaça perfeitamente com as circunstâncias em que o espírito se encontra na vida actual, começaremos a compreender aquilo que antes nos parecia incompreensível e, por isso, injusto.

Absolutamente todos os espíritos partem do mesmo ponto. Todos os seres espirituais são criados iguais como um princípio vital espiritual ignorante e inconsciente, mas com a potencialidade de evoluir constante e indefinidamente até alcançar as mais elevadas cotas de amor e sabedoria, através da soma de experiências de incontáveis encarnações. As únicas diferenças à partida entre uns e outros residem no momento em que foram criados, ou seja, na idade do espírito, uma vez que o processo de criação de vida espiritual não termina nunca. Enquanto uns iniciaram essa andança há milhares de milhões de anos, ainda antes de a vossa galáxia não passar de uma nebulosa em formação, carregando às costas incontáveis encarnações no mundo físico, outros apenas acabam de iniciar o seu processo evolutivo, quer dizer, que são espíritos jovens. Dependendo das suas acções e decisões, o seu caminho evolutivo será recto ou tortuoso, lento ou rápido. Por acaso não tendes observado que há pessoas que desde a sua mais terna infância demonstram uma

grande maturidade que não é própria da sua idade, com uma grande capacidade para amar e compreender, enquanto outros, sendo já adultos ou anciãos de corpo, são ainda imaturos no seu comportamento, até o ponto de que parecem ter menos idade do que a que aparentam fisicamente? As diferenças que observais entre uns espíritos e outros relativamente à sua capacidade espiritual, aparentemente inata, deve-se à maior ou menor idade do espírito e ao maior ou menor aproveitamento que retiraram das encarnações para o seu progresso espiritual. As diferenças que observais nas circunstâncias da sua vida, que parecem fruto do destino, correspondem portanto às consequências das decisões que esses mesmos espíritos tomaram em vidas anteriores e no período de vida em que não estiveram encarnados.

E de que maneira os actos da vida actual têm a ver com os vividos no passado?

Existe uma lei universal, a que podíamos chamar Lei da Justiça Espiritual, Lei de Causa-Efeito ou Lei de Acção e Reacção Espiritual que diz, mais ou menos, que o espírito recebe exactamente o mesmo que dá. Na realidade, equivale a dizer que o que fazemos aos demais, o estamos a fazer a nós mesmos. A consequência disso é que cada espírito tem de enfrentar as circunstâncias que ele mesmo criou, de maneira que muitas das circunstâncias adversas que o espírito enfrenta numa vida são consequência ou efeito de uma causa que ele mesmo criou numa encarnação anterior.

Porque é uma lei universal?

Porque o espírito não pode ser feliz nem pode progredir na sua evolução espiritual sem se ter confrontado e ter resolvido aquelas circunstâncias, aqueles actos que realizou contra as leis universais e contra os demais seres da criação.

Se, pela lei do livre arbítrio, o espírito é livre para escolher o caminho que quiser, de tomar as decisões que julgue convenientes, pela lei da justiça espiritual tem de saber que cada acção que realiza tem as suas consequências e que, finalmente, tarde ou cedo, estas acabarão por o afectar a ele. Dito de outra forma: "A sementeira é livre, a colheita é obrigatória". Quer dizer, se alguma coisa nos pareceu correcta como emissores, também nos deverá parecer justa como receptores e vice-versa e, se não gostamos de receber o mesmo que fizemos, é porque havia algo no que fizemos que não era assim tão bom, porque o que não é bom para nós, também não é bom para os outros. Ouvistes o que muitos grandes profetas, inclusive o próprio Jesus, disseram: "Não faças aos outros o que não queres

que te façam a ti" e "faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti." Conhecendo a lei de acção e reacção deveria acrescentar-se a estas máximas uma nota: "Não faças aos outros o que não quiseses que te façam a ti, *porque afinal estás fazê-lo a ti mesmo*" e "faz aos outros o que gostasses que te fizessem a ti, *porque na verdade o estás a fazer a ti mesmo*". Nesta máxima, "o que fazes aos também o fazes a ti mesmo", se encerra o princípio da justiça espiritual.

Porque lhe chamas lei de acção e reacção espiritual?

Porque, de certo modo, se assemelha à Terceira Lei de Newton ou Lei de acção e reacção da Física Clássica. Para quem não esteja familiarizado com ela, esta lei diz algo como, sempre que um corpo exerce uma força sobre outro, simultaneamente recebe dele uma força de igual intensidade e de sentido oposto. Quer dizer, se dois astronautas estão no espaço, agarrados pelas mãos e um deles decide empurrar o outro, ele mesmo se verá deslocado com a mesma força que exerceu, mas em direcção contrária. Os efeitos da lei de acção e reacção da física são bem conhecidos por aqueles que já dispararam com uma espingarda ou arma semelhante. Sabemos que, no disparo, a espingarda exerce uma força sobre a bala que a empurra para o exterior a grande velocidade. Mas, ao mesmo tempo a bala exerce sobre a espingarda a mesma força, mas em sentido contrário. Esta força, devido à existência da lei de acção e reacção, é conhecida na gíria das armas como coice, e é tão forte que, a quem não estiver treinado, pode causar lesões no ponto de apoio da arma.

Pois, a nível espiritual, de forma análoga a esta lei de acção e reacção física, a lei de acção e reacção espiritual diz-nos que todo acto realizado sobre os outros ser-nos-á devolvido na mesma medida. O que implica na prática e como já disse, que tudo aquilo que fazemos aos outros, na realidade, estamos a fazê-lo a nós mesmos.

Esta é a base da justiça espiritual, já que cada um se verá confrontado com as suas próprias acções e cabe a cada um a decisão de modificar a sua conduta ou não, depois de experimentar as consequências dos seus actos.

E de que maneira essas acções dirigidas aos outros se repercutem na evolução espiritual?

O efeito destas acções, se tiverem sido contra a lei do amor, é como um peso que impede o espírito de se elevar até níveis mais altos de evolução. Pelo contrário, as acções em sintonia com a lei do amor actuam como a chama do queimador de um balão aerostático. A chama, ao aquecer o ar, aumenta o nível vibratório das moléculas de

gás e diminui a densidade do ar no interior do balão, o que lhe permite a elevação a zonas da atmosfera menos densas.

De igual modo, as acções a favor da lei do amor aumentam a vibração do espírito e permitem-lhe, assim, ascender às regiões do mundo astral de maior vibração, quer dizer, de maior nível espiritual.

Pois, não vejo que esta lei se cumpra muito amiúde. Por acaso não há assassinos, criminosos e genocidas reconhecidos que nunca são levados perante a justiça e morrem placidamente de velhos?

O facto de que o efeito associado a uma causa ou acção determinada não se verificar de forma imediata, pode dar a impressão ao encarnado de que não existe justiça, por não ver o criminoso responder pelos seus delitos na mesma encarnação. É certo que numa só vida, muitos delitos ficam impunes, sobretudo os praticados por aqueles que ocupam posições de poder terreno. Nesses casos, acontece que os que actuaram contra a lei do amor prejudicando outros espíritos, em vidas posteriores, enfrentarão as consequências dos seus actos. Imaginemos um governante que foi o causador de guerras e deu as ordens para torturar e condenar à morte milhares de pessoas. Devido ao seu poder, nunca foi julgado nem condenado por nenhum tribunal da Terra. Tende por certo que aquelas contas que não saldou na dita vida ficam pendentes para as próximas e o verdugo de ontem pode ser a vítima, aparentemente inocente, de amanhã. Isso é o que significa a frase "bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados" pois que o que a justiça terrena deixa por resolver, não tenhais dúvida de que a justiça espiritual o resolverá. Todavia, ficai a saber que a intenção deste sistema não é castigar, mas sim ensinar. Em qualquer caso, todo o espírito que provocou danos fica em dívida para consigo mesmo e, para poder avançar, é necessário, primeiro, que se dê conta dos danos realizados e, segundo, que os repare.

No extremo oposto, não existem pessoas que praticaram muito o bem durante a sua vida e em paga foram caluniadas, torturadas e assassinadas?

Também há que ver a outra face da moeda da lei da justiça espiritual, pois aqueles que actuaram em conformidade com a lei do amor e que receberam a ingratidão, a incompreensão, a oposição, a violência, a tortura ou a morte em troca do bem que fizeram, por parte de seus contemporâneos, podem estar seguros de que os seus actos serão recompensados no mundo espiritual, que é o mundo verdadeiro e que não está sujeito às leis arbitrárias dos homens. É isso o que significam as palavras de Jesus "bem-aventurados os pobres de

espírito (refere-se aos humildes), porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados".

E porque tem de haver um atraso entre a acção e a reacção, ou seja, entre o acto e as suas consequências sobre quem o comete? Não seria mais justo que acção e reacção fossem imediatas?

A reacção activa-se no momento em que se realiza a acção, ainda que não se torne efectiva imediatamente. Se a acção é a favor das leis espirituais, receberemos uma "bonificação espiritual", enquanto se for contra, dizemos que se contraiu uma "dívida espiritual". A "recolha dos frutos" demorará até que o espírito conclua a etapa em que está à prova, ou seja, quando finalize a encarnação, da mesma forma que quando se realiza um exame não se conhece a nota até terminar completamente o exame, nem se fica à espera para continuar com o exercício seguinte até o professor corrigir o exercício recém-terminado. Quando se trata de um acto a favor das leis espirituais, em algum momento receberemos do mundo espiritual a compensação pertinente, ainda que não seja imediatamente, tal como num trabalho por encomenda, apenas se recebe a paga uma vez o trabalho concluído e não enquanto se está a efectuar. Esta "recompensa espiritual" traduz-se no final numa subida do espírito a esferas de maior evolução, onde habitam espíritos mais afectuosos, depois de concluída a encarnação. No caso de dívida espiritual, a reparação esperará até que o espírito decida por sua própria vontade saldar voluntariamente o dano que causou, o qual implica necessariamente que o espírito tenha tomado consciência da sua própria acção. Pela lei do livre arbítrio não se pode obrigá-lo a fazê-lo. Será o espírito que o decidirá quando chegar o momento de enfrentar essas circunstâncias. Mas, se quer avançar espiritualmente, inevitavelmente, tarde ou cedo, deverá confrontar-se com elas e reparar os danos que provocou. Enquanto isso não ocorrer não se verá confrontado com certas provas, mas o peso dos actos realizados contra a lei do amor, uma vez concluída a encarnação, retê-lo-á nos níveis inferiores do mundo astral, habitados por espíritos de semelhante condição à sua e que, devido à sua falta de harmonia com as leis do amor, se dedicam a magoar-se mutuamente, o que implica que a vida nesses níveis seja bastante infeliz e cheia de sofrimento para os seus habitantes.

E como se consegue que o espírito tome consciência dos danos provocados nos outros?

Em algum momento depois da desencarnação, o espírito enfrenta a revisão exaustiva dos acontecimentos moralmente mais relevantes da

última vida. Durante essa revisão da vida, para cada situação vivida, o espírito não apenas tem consciência do que sentiu nesse momento, mas também, simultaneamente, dos sentimentos e das emoções dos outros seres que receberam as consequências dos seus actos, dando-se conta do bem-estar ou mal-estar destes como se fosse o próprio.

Qual é exactamente o objectivo desta revisão?

Que o espírito tome consciência da relevância das decisões que tomou na vida a respeito das leis espirituais e a respeito das consequências dos seus actos sobre os outros, se actuou com amor ou se actuou por egoísmo, com o objectivo de que isso lhe sirva para evoluir. E para que conheça quais são os assuntos por resolver que enfrentava nessa encarnação, os que superou e os que ainda aguardam superação, já que as provas das próximas encarnações dependem em grande medida da actuação que se tenha tido nas encarnações anteriores.

Parece-se com o juízo final, não?

Mais ou menos, mas sem nenhuma intenção de humilhar ou castigar o espírito, sendo que se efectua para que tome consciência dos seus actos em relação às leis espirituais e em relação aos demais seres da criação.

E quem julga se os actos foram ou não correctos?

O próprio com a ajuda de espíritos superiores.

Como pode o espírito estar consciente de que foi injusto ou não o seu comportamento se o não esteve durante a vida física?

Porque recebe a ajuda dos espíritos superiores, que lhe fornecem a clareza espiritual que, pela sua própria evolução, ainda não possui.

E, julgando-se a si mesmo, não poderá acontecer que não seja totalmente imparcial? Quer dizer, como evitar que o espírito não actue com favoritismo em relação a si próprio?

Não actua de forma tendenciosa porque o espírito se encontra em estado de clareza espiritual induzida pelos espíritos superiores que mencionei. Nesse estado observa a realidade tal qual é, de forma totalmente imparcial.

E que acontece depois?

O espírito prepara-se para corrigir e superar aquelas atitudes negativas nas próximas encarnações e escolhe, segundo a sua capacidade, aquelas provas que lhe podem servir para as corrigir.

Dependerá do caminho que o espírito queira escolher. Por um lado está a reparação lenta, mas mais dilatada no tempo. Por outro lado existem provas mais difíceis, mas que servem para avançar mais rapidamente.

E isso acontece imediatamente? Quero dizer, na vida seguinte o espírito já se vê confrontado com a reparação do que fez na vida anterior?

Não necessariamente, porque há muitos espíritos que não mostraram nenhum propósito de emenda e, por isso, ficaram retidos nas franjas mais baixas do astral inferior; assim, voltam à vida sem ter passado por prévio processo de reeducação. E ainda que o espírito tenha iniciado o seu processo de melhoramento, há que ter em conta que, de início, a vontade de se fixar no bem é frágil e não aguenta as provas mais duras. Por isso, o espírito tem a opção de viver encarnações de transição nas quais não enfrenta o pagamento da sua dívida, mas que lhe servem de preparação para fortalecer a sua vontade de melhoramento e a sua perseverança. As encarnações de expiação propriamente ditas, em que o espírito enfrentará as provas mais fortes, virão quando estiver muito preparado e com uma vontade de melhorar mais firme.

Que tipos de provas esperam o espírito “endividado”?

Em geral, sofrer na própria carne circunstâncias semelhantes às que gerou na outra vida, para tomar consciência do que está e do que não está em harmonia com as leis espirituais e trabalhar para reparar o dano que provocou.

Pois, terias que dar um exemplo para que eu entenda.

Está bem. Imaginai um espírito que encarna no século XVIII, numa família branca rica, que possui fazendas e escravos para que trabalhem as terras.

Seguramente este espírito não se dará conta, já que foi o que os pais lhe ensinaram, que os escravos também são seres que sentem e sofrem como ele e que a escravatura é um acto contra as leis do amor e a do livre arbítrio, já que ninguém tem o direito de se apropriar da vontade de nenhum ser em benefício próprio, seja este material ou de qualquer outro tipo e menos ainda de um igual a si. Seguramente, se perguntares ao espírito do agora jovem patrão se lhe parece bem ter escravos, o mais provável é que se ofenda na sua honra porque: “como se pode comparar um sujo e ignorante escravo com um senhor da sua categoria?”. Circunstância de “sujo, ignorante e escravo” que ele contribuiu tão activamente para criar e manter. Já

que lhe parece que este estado de coisas está bem, então estará de acordo em experimentar a situação a partir do lado oposto, isto é, nascendo na próxima vida como filho ou filha de uma das escravas da sua família, sentindo assim no seu próprio ser o sofrimento que deriva de se ser um escravo. Por acaso, se perguntares ao espírito, agora como escravo nesta encarnação, se concorda com a escravatura, não te responderá que a escravatura é desumana e se queixará amargamente da sua sorte, dizendo: "Senhor, que terei feito eu para merecer isto?" No fim de contas, não fez mais do que colher o que tinha semeado. Se tirar um bom ensinamento dessa experiência, quando estiver na ocasião de mudar o estado das coisas, por exemplo, voltando a ser o dono da fazenda, talvez se recorde do que aprendeu interiormente na vida anterior e trabalhe pela abolição da escravatura.

Devo deduzir deste exemplo que os escravos podem ter sido senhores noutra vida e ter praticado a escravatura?

Sim e os senhores, escravos. Um mesmo grupo de espíritos pode ter estado a experimentar essas posições alternadamente numa pluralidade de vidas até que, finalmente, se dêem conta de que a melhor maneira de ver respeitada a nossa liberdade é respeitar a liberdade dos outros em quaisquer circunstâncias. Pois é assim, com tudo.

Mas, obrigar o espírito a passar pelo mesmo que tenha feito, não é equivalente ao olho por olho, dente por dente?

Digo desde já que não é um castigo, antes uma forma de aprendizagem. Se alguém julga que actuou de forma justa, não terá nenhum receio em receber aquilo que deu. Pelo contrário, estará desejoso de receber a justa recompensa pelas suas boas acções. Pelo contrário, se operou com egoísmo, prejudicando os outros, não terá grandes desejos de fazer a colheita da sua má sementeira. Se a intenção da lei fosse castigar o infractor, como uma espécie de vingança, poderíamos considerá-la olho por olho. Porém, o objectivo da lei não é castigar, mas sim promover a evolução do espírito através da experimentação pessoal das acções que o próprio provoca. Dito de outro modo, a lei da justiça espiritual confronta-nos com os nossos próprios actos de maneira que possamos aprender com isso. E não terá, necessária e literalmente, de passar pelas mesmas situações que ele provocou, mas costuma ser a forma mais rápida de aprendizagem e a escolhida por muitos espíritos, desejosos de sair da sua situação de inferioridade espiritual em que se sentem profundamente infelizes.

E não existe outro sistema menos drástico para que o espírito possa saldar a sua dívida?

A intensidade das provas depende de quão rápido o espírito em questão queira saldar a sua dívida espiritual e da capacidade que tenha para a poder superar. Apenas quando o espírito estiver preparado para a superar, se lhe apresenta a prova. Como se de um empréstimo bancário se tratasse, mas sem interesses, ao espírito que quer evoluir, mas está endividado karmicamente, são-lhe apresentadas várias opções para a extinção e pagamento da dívida e é decisão do mesmo a escolha de um caminho ou outro. Pode-se tentar liquidar em menos tempo mas em prestações mais altas ou em mais tempo e prestações mais baixas. Os guias espirituais costumam recomendar a segunda opção, ou seja, pagar a dívida em prestações mais cómodas, ainda que deste modo o espírito precise de maior número de encarnações para a saldar. Contudo, os espíritos costumam ter pressa em querer abandonar o estado de sofrimento em que se encontram pelo peso dos danos provocados e têm tendência a escolher as provas mais intensas que os ajudam a eliminar *karma* rapidamente. Em qualquer caso, o espírito deve consentir em confrontar-se com ela e é preparado para que possa superá-la com êxito.

Que significa “*karma*”?

É uma palavra de origem oriental que equivale a dizer “dívida espiritual”.

Mas, parece que certas provas são extremamente dolorosas, como que para reprimir o espírito, à parte da vida ser um vale de lágrimas.

Porque julgais sem conhecimento de causa. A muitos, que só vêem a primeira parte da história, ou seja, quando se cometem impunemente os actos que constituem delitos, parece-lhes injusto que acabem sem condenação. Se, esses mesmos, vêem apenas a segunda parte da história, isto é, a de saldar as contas já noutra vida posterior, parece-lhes injusto que alguém possa sofrer semelhantes atrocidades, porque não compreendem donde vem nem o porquê de uma desgraça de tal calibre. Porém, se conhecessem o passado criminoso do espírito, muitos deles, nem sequer lhe teriam dado uma segunda oportunidade. No mundo espiritual há sempre uma segunda oportunidade ou, melhor dito, existem oportunidades infinitas de rectificação.

Se no mundo espiritual existem, na realidade, infinitas oportunidades de rectificar, donde vem a crença em penas ou castigos eternos para os maus que, por exemplo, tem a doutrina cristã?

A crença em castigos eternos não tem origem divina. Carece de fundamento, não corresponde à realidade espiritual e não é mais que outra falácia que as castas sacerdotais introduziram com a intenção de controlar as pessoas através do medo irracional. É lamentável que os que se erigem em guias espirituais, que supostamente deviam ajudar os outros a encontrar o seu caminho espiritual, longe de o fazer, dificultam-no ainda mais, confundindo e manipulando as mentes, aproveitando as suas debilidades para engrandecimento dos próprios, contribuindo para complicar um caminho já de si suficientemente carregado de circunstâncias difíceis.

E porque acontece a muita gente ter a impressão de que os acontecimentos penosos da sua vida são uma circunstância que lhes foi imposta sem terem sido consultados?

Porque é uma escolha que é tomada antes de encarnar e o esquecimento do passado espiritual que se produz ao encarnar fá-lo pensar que não tomaram parte em tal decisão. Existem muitos espíritos que decidiram dar o passo para avançar e, portanto, de enfrentarem circunstâncias enormemente difíceis e incompreensíveis para os que desconhecem as leis espirituais. Muita gente não pode entender que uma boa pessoa tenha que fazer frente a tantas situações penosas e desgraçadas que não causou, mas que lhe advêm como que por uma espécie de fatalidade do destino. E é então quando concluem que não pode existir justiça verdadeira, se pessoas boas têm de sofrer tão atrozmente. Mas se pudessem deitar uma vista de olhos ao passado espiritual dessa pessoa encontrariam o porquê. E é porque o espírito está a começar a reparar o dano causado, antes de se sentir alinhado com as leis espirituais. Portanto, alegrai-vos por encontrardes pessoas assim, primeiro, porque se trata de espíritos que já fizeram uma mudança profunda e positiva em direcção à sua regeneração e, segundo, porque o facto de enfrentarem provas desse calibre significa que conseguiram chegar a um nível de evolução bastante avançado, que lhes permite enfrentar com possibilidade de êxito uma intensa reparação da sua dívida.

Devo, então, entender que todas as circunstâncias negativas que o espírito enfrenta são consequências de actos do passado?

Não. Muitas são consequência directa de actos da vida actual e há outras que são inerentes ao nível evolutivo do planeta em que se encarna.

Queres dizer que um espírito que não tem dívidas pode passar por circunstâncias negativas que não correspondem a expiação?

Sim, acontece muito amiúde. Mas é uma escolha livre do espírito fazê-lo.

E isso que sentido tem? Parece masoquismo!

Não julgueis que o espírito decide tomar esse caminho porque tem prazer em sofrer. E, se esse sofrimento fosse completamente estéril e dele não derivasse nenhum progresso espiritual, tão-pouco faria sentido. Mas, se dele resultar um avanço espiritual na aprendizagem do amor e, portanto, numa aproximação à felicidade verdadeira, uma vez as circunstâncias penosas superadas com êxito e deixadas para trás, concluiremos que valeu a pena, do mesmo modo que ao corredor de fundo terá valido a pena o esforço da corrida se conseguir chegar à meta batendo a sua marca pessoal. Esta escolha é própria de espíritos avançados que, por um acto de amor para com os seus irmãos de menor evolução, encarnam para os ajudar, para lhes ensinar o caminho do amor e, ao mesmo tempo, lhes permitir progredir mais rapidamente, porque põem à prova a sua capacidade de amar incondicionalmente, visto que terão de suportar grande número de ingratidões e injustiças por parte de espíritos menos avançados.

Ainda que me digas que as circunstâncias negativas servem para evoluir e que muitas são consequência de actos do passado, existem factos que, independentemente do que se tenha feito em vidas anteriores, me parecem tão injustos, desumanos e intoleráveis – dou-te como exemplo a fome, a miséria, as guerras – que não se deviam permitir. Entretanto, ainda que havendo um suposto ser ou muitos seres super-bons e super-poderosos, não fazem nada para mudar o lamentável rumo da humanidade. Que me podes responder a isto?

Certamente que existe grande quantidade de factos que são desumanos e intoleráveis, mas são os espíritos que encarnam na Terra que os criaram e é a eles que pertence tomar consciência disso e trabalhar para os erradicar da face do planeta, porque podem e devem fazê-lo. Como já disse, a progressão espiritual apenas se verifica quando é desejada e interiorizada de livre vontade e por esforço do próprio espírito, sem nenhum tipo de coacção ou imposição. Essa é uma lei espiritual, a lei do livre arbítrio, que é respeitada por todos os seres espiritualmente avançados. Essa é a razão pela qual não se vê Deus ou os seres superiores repararem as injustiças do mundo. Seguramente que, se aparecesse um ser todo-

poderoso no mundo que viesse pôr em ordem determinados assuntos, certamente, os mesmos terrestres que antes reclamavam a presença de um Salvador, se queixariam de falta de liberdade, já que seguramente as decisões que esse ser tomasse nunca seriam do gosto de todos. Haveria sempre quem não estivesse de acordo e se sentisse prejudicado por determinadas decisões, porque há pouca gente no vosso mundo que esteja disposta a renunciar ao egoísmo, pouca gente disposta a repartir, o que julgam seu, com os que têm menos que eles.

Por isso, permite-se aos humanos que experimentem no mundo físico o uso do livre arbítrio, sem restrições, e que façam frente às circunstâncias que eles mesmos criaram. Que sejam eles a chegar à conclusão de que os males de que padecem são fruto do egoísmo e que, enquanto o egoísmo reinar no coração dos seres humanos, continuará a haver guerras, fome, miséria e injustiça. Que, a única maneira de erradicar todos esses males, é erradicar o egoísmo de todos e cada um dos corações e que o único antídoto que existe para o veneno do egoísmo é o amor. Não espereis de braços cruzados que vos venham salvar. Agi e sereis ajudados, porque os espíritos avançados e seguidores da lei do amor estão sempre dispostos a ajudar-vos, muito subtilmente. Mas, a iniciativa tem de ser vossa, por decisão da vossa vontade e não contra a vossa vontade. É como se alguém que acaba de cair a um rio pedisse que a salvassem, mas ela própria não tentasse mexer os braços para nadar e manter-se ao de cima. Vós tendes o poder, se assim o decidirdes, de mudar o rumo do vosso destino, porque, de que outro modo poderíeis evoluir, se a cada passo dado em falso acudisse o vosso pai a socorrer-vos? Necessitais de experimentar o efeito das vossas decisões para aprender e necessitais de ter liberdade de acção para decidir se quereis tomar um caminho ou outro.

E porque os mundos mais avançados espiritualmente não nos enviam a sua gente para nos mostrar o que é a espiritualidade superior?

Bem lhes apeteceria mas, como já te disse mil e uma vezes, não podem interferir no vosso livre arbítrio. A nível colectivo, as humanidades dos mundos físicos mais avançados não podem interferir na evolução dos mundos menos evoluídos sem a vontade e o consentimento destes. Por isso, as ajudas fazem-se através de encarnações de humanos de maior evolução que vão ao planeta dar exemplo, sem nenhum tipo de espalhafato e não com um exército de assalto, para que aqueles que quiserem aproveitar os ensinamentos trazidos, o façam por afinidade de sentimento e de

pensamento, não por terem ficado deslumbrados com a magia da tecnologia que possuem. Quando se deu esta última situação tratou-se de civilizações que não respeitaram a lei do livre arbítrio e os efeitos foram catastróficos, porque esses povos se tornaram dependentes da civilização avançada e quando esta os deixou, o suposto avanço que tinham conseguido rapidamente fracassou, porque ao não ser fruto de esforço próprio, rapidamente se esqueceu. Também recebem ajuda constante e de forma subtil do plano espiritual dos guias e de os entes queridos que não estão encarnados nesse momento. Já falámos amplamente de como se contacta com o mundo espiritual para receber ajuda. Mas para receber esta ajuda é preciso querer recebê-la. Porque aquele que quer estar só e isolado do mundo ou o que não quiser avançar, o seu desejo é respeitado. Ninguém é forçado a avançar no amor, pois se o avanço não foi desejado por vontade própria, não serve de nada e é, além disso, um desrespeito à lei do livre arbítrio.

Há pessoas que justificam as guerras dizendo que são necessárias para evitar um mal maior, para preservar a paz ou a democracia. Que opinião tens a este respeito?

Pois que, se realmente são amantes da paz e da liberdade, não façam o contrário do que apregoam. Porque se alguém, pelos meios que usa contradiz o fim, está a ser um mentiroso, um hipócrita. O fim não justifica os meios, porque os meios devem estar sempre em sintonia com o que se procura alcançar. Não se pode conseguir a paz através da guerra, nem a liberdade através da imposição, nem a justiça através da injustiça.

Mas não acontece que as guerras são decisão de uns poucos que exercem o poder, enquanto os restantes prefeririam viver em paz?

Pois então porque dais o poder aqueles que fazem o contrário do que desejais? Se, quando os mal-intencionados governantes de vosso mundo conduzem os seus povos para a guerra, não encontrassem ninguém disposto a empunhar uma arma, nem ninguém disposto a obrigar os outros a empunhar uma arma, nem ninguém para fabricar armas, por muito malvados que fossem, não poderiam fazer nada. Se o conseguem é porque sabem estimular o egoísmo que existe entre vós. Sabem arrastar as ovelhas para o matadouro porque as convencem de que são os carneiros das outras ovelhas. Portanto, o problema está naquele que julga que tem o direito de tirar a vida a outros como ele, arriscando-se, portanto, a que outros lhe tirem a vida a si também.

O espírito que interiorizou as leis espirituais, quando está encarnado, jamais participará em nenhuma guerra, porque para ele é muito claro que a vida é sagrada e que proceder voluntariamente para provocar a morte de outras pessoas, seja por que motivo for é um acto que vai contra a lei do amor e contra a lei do livre arbítrio.

E se alguém é atacado e, agindo em própria defesa, acaba por matar o atacante? Ou, por exemplo, no caso de o atacante tentar molestar umas crianças e a única maneira de as proteger fosse matar o agressor?

Reparai, no mundo espiritual não são tão importantes os factos em si, mas a intenção com que são feitos. Quem não tem intenção de matar, mas evitar que o agressor mate, não pode ser julgado da mesma forma que aquele que, desde o início, tem intenção de matar. E fará os possíveis para evitar o dano sem causar ele próprio um dano maior. Mas este não é o caso das pessoas que vão para a guerra. Quando alguém vai para a guerra, sabe perfeitamente que em qualquer momento estará na disposição de matar outro ser humano e de morrer. Um seguidor da lei do amor que se diz crente em Deus, jamais se alistará voluntariamente num exército para ir matar os seus irmãos encarnados do lado contrário, porque não há nenhuma ideia, nenhuma crença, que seja suficientemente nobre para justificar matar outros irmãos.

Mas também é certo que muitas pessoas são recrutadas e obrigadas a ir para a frente contra a sua vontade. Que dirias neste caso?

Pois, que é uma prova bastante grande para o espírito em questão, porque fica colocado entre a espada e a parede. Mas sabei que estas circunstâncias não acontecem por casualidade e que o que temos agora em tabela, seguramente se deve a que noutra vida induziu outros a passar pelas mesmas circunstâncias. É uma prova muito dura, na qual as suas convicções a favor do amor são postas à prova, porque tem que escolher entre matar e expor-se a ser assassinado, torturado ou ferido pelo lado inimigo ou a prisão, a tortura e inclusivamente a pena de morte pelo seu próprio lado, o suposto lado “amigo”, se for declarado desertor ou rebelde. Tudo isso será tido em conta como atenuante. E também será tido em conta, como agravante, para os que obrigam pessoas a ir para guerra, a morrer e a matar, porque são os principais responsáveis. No vosso mundo, um soldado que tenha matado os do lado contrário, arriscando a sua própria vida, é um herói. Enquanto, o que arrisca a sua vida para não matar ninguém do lado contrário é um cobarde. Todavia, no mundo espiritual, as coisas são ao contrário. O valente é o

pacifista, o desertor, o desobediente das leis militares, o objector de consciência, sendo-o porque está contra assassinar e é valente porque arrisca a sua vida para preservar a vida dos outros, de pessoas desconhecidas, possivelmente de outra crença ou ideologia, sabendo que os do seu próprio lado o perseguirão, quem sabe, até à morte. Enquanto, o que arrisca a sua vida para tirar a vida dos outros pelo receio de que algum de um dos lados lha tire primeiro, está muito longe de ser um valente. Em qualquer caso, o espírito que decida o que prefere, o sofrimento terreno temporal infligido pelos seres egoístas que aplicarão represálias por se negar a matar os seus irmãos, mas tendo a recompensa do mundo espiritual ou a recompensa terrena do herói de guerra, mas com o subsequente sofrimento no mundo espiritual por ter actuado contra os seus irmãos.

Então, se existir algum país ou força com intenção de invadir os restantes países, que se espera deverem fazer os restantes países para impedir serem atacados ou invadidos pelo país agressor, ficar de braços cruzados enquanto são destruídos? Lembro-me do caso da Alemanha nazi. Deveriam a Europa e a América ter deixado que o nazismo conquistasse o mundo através do seu poder militar?

O conhecimento sobre a história da humanidade, a que vós tendes acesso, é fortemente manipulado. Muitos, ainda acreditam que em cada guerra há um lado bom, que é sempre o nosso e que é apoiado por Deus e um lado mau, que deve ser apoiado pelo demónio. Mas, acontece que no lado contrário julgam exactamente o mesmo, que eles são os bons, apoiados por Deus e que no outro lado estão os maus, apoiados pelo demónio. Uma guerra como a que mencionas não se improvisa da noite para o dia. A realidade é que as guerras se forjam muito antes de começarem os conflitos armados e é muito lamentável observar como os futuros lados contrários cooperam previamente para se armarem mutuamente e em seguida se desavêm para se destruir. As ideologias extremistas e violentas forjam o seu crescimento na penúria moral e económica dos povos. As maiores guerras surgiram depois de crises económicas muito profundas em que os povos chegaram a situações extremas de miséria. E essas crises económicas não aconteceram por acaso, antes foram provocadas intencionalmente por um grupo muito limitado de pessoas com grande poder económico e político que têm a intenção de enriquecer e adquirir maiores quotas de poder à custa da desgraça e do sofrimento dos outros e se encarregam, com os seus meios de propaganda, de fomentar ideologias extremas, para convencer as pessoas de que os culpados desses males são aqueles que são diferentes por motivos de raça, religião, crença, cultura, etc.

Mas, se o alcançam é porque conseguem estimular o vosso egoísmo, o mesmo que vos impede de ver no outro ser humano um irmão.

Um autêntico crente no amor jamais entrará numa guerra para matar os seus irmãos porque qualquer humano é vosso irmão. Por acaso não tendes filhos? Gostariéis que sofressem numa guerra, que os ferissem ou matassem, que passem fome e sofrimento? Gostariéis que destruíssem as vossas casas, as vossas aldeias e cidades? Pois então pensai que no outro lado acontece o mesmo, que se fordes à guerra causareis o mesmo sofrimento, morte, dor e destruição que não quereis para vós. Porque os do lado contrário também têm filhos que sofrerão, crianças que padecerão miséria, fome, dor, sofrimento, destruição e morte. Simplesmente vos digo que tudo aquilo que não quereis para os vossos filhos, não o causeis aos filhos dos outros porque, realmente, o que fazeis aos filhos dos outros, pela lei da justiça espiritual, o estais a fazer aos vossos próprios filhos do futuro.

Pelo que contas, os principais instigadores das guerras são uns poucos enquanto os restantes, motivados pelo seu próprio egoísmo, se deixam arrastar por eles, não?

Assim é.

Então esses responsáveis pelas guerras ficarão enormemente endividados espiritualmente porque acabam por provocar sofrimento e destruição a grande quantidade de seres.

Efectivamente. Tenho uma mensagem a transmitir aos "poderosos" do mundo material, para ver se lhes serve para reflectir e para que comecem a mudar as suas atitudes, antes de se endividarem ainda mais consigo mesmos. Posto que não têm nenhuma dificuldade em organizar invasões e guerras, em semear a discórdia e o ódio entre os povos e, além disso, têm a desfaçatez de o fazer em nome de Deus, da democracia e da liberdade ou o de outro valor nobre, que com os seus métodos se encarregam de enxovalhar, saibam que estão a lançar uma macabra semente cujo abundante e amargo fruto terão de colher inexoravelmente nas vidas seguintes, encarnando como crianças estropiadas no país que ordenaram fosse semeado de minas ou como crianças esfomeadas do país que mandaram matar de fome. A sua condição de poderosos no mundo material é apenas uma circunstância passageira que não terá correspondência no mundo espiritual, onde a posição não depende do dinheiro, do poder e das influências que se tenham, mas apenas da capacidade de amar que se tenha conseguido desenvolver. Que decepção vão apanhar aqueles que acreditaram ser os donos do mundo quando

passarem para o mundo espiritual e virem a realidade tal como é e observarem que todos aqueles que morreram e sofreram por sua causa estão acima deles na escala espiritual! Não haverá nenhuma entrada triunfal com honras de chefe de estado. Mas sim, estará à sua espera uma multidão de seres pouco evoluídos, ansiosos por se ressarcirem do mal que lhes foi feito. Tanto sofrimento criado, quanto sofrimento para receber!

E que se pode dizer às vítimas dos conflitos armados, aos que sofreram mutilações, miséria, fome e todo tipo de penúrias e abusos como consequência?

Que não se importem em perder o que é material, que não se importem de perder até a vida do corpo, porque todo isso passará. Recordai-vos, ninguém vos pode matar porque sois imortais e quando voltardes ao mundo espiritual, à vossa autêntica vida, já nada disso terá importância. Aí sereis reconfortados de todos os vossos sofrimentos e todas as vossas feridas serão curadas. Aí o amor é o único valor que conta. Se todas as desgraças que vivestes vos serviram para vos sensibilizar para o sofrimento dos vossos irmãos, até ao ponto de chegardes à conclusão de que já não desejais mais que nenhum ser passe pelas circunstâncias por que vós passastes, em suma, se tiverdes conseguido chegar a amar ainda que seja um pouquinho, terá valido a pena.

4ª Lei: Lei do amor.

- O destino do espírito é alcançar a felicidade através da experimentação do amor incondicional, por livre decisão da sua vontade.
- Sem amor não há evolução. Sem amor não há sabedoria. Sem amor não há felicidade.
- O amor é a força harmonizadora e dinamizadora do Universo espiritual.

Já mencionaste a lei do amor em múltiplas ocasiões mas, o que é, segundo a tua opinião, o amor?

O amor pode definir-se, na sua expressão máxima, como a capacidade de sentir os outros como a nós mesmos.

Mas, o amor existe realmente ou é apenas um conceito abstracto?

Existe realmente e manifesta-se como uma intensa vibração da essência vital ou princípio espiritual que se transmite a todos os planos da existência, desde o plano espiritual, passando pelo mental e o astral, até chegar ao físico. A manifestação do amor no plano energético é a energia de mais alta vibração, a luz mais brilhante, a luz das estrelas. Essa vibração, a vibração do amor, de igual modo que a luz, pode-se transmitir e ser recebida.

E o que é o que se experimenta exactamente com o amor?

Quando um ser experimenta o amor verdadeiro, sente-se cheio, plenamente feliz, invadido por uma vibração, uma força e uma sensibilidade extraordinárias. Já não precisa de mais nada para ser feliz. O espírito inspirado pelo amor sente desejo de transmitir aos demais esse bem-estar e ajudá-los a serem felizes porque se sente unido com eles, como se fizessem parte dele. Invadido pelo amor, o seu corpo astral eleva a sua vibração de maneira que a aura se expande enormemente e se torna muito brilhante. Quanta mais capacidade de amar tem o ser, mais alta é a sua vibração e maior a energia que é capaz de transmitir. Quando alguém ama, transmite essa vibração amorosa aos outros. Se o receptor ou receptores da mesma, forem sensíveis, percebem-no como uma onda de calor intenso que não queima, uma vibração que percorre alguém por completo, que chega até o canto mais profundo, como se enchesse cada um dos poros da sua alma, provocando estremecimento e fazendo-o sentir como que envolto por uma nuvem de paz e harmonia. Nesse estado de bem-estar interior a pessoa sente-se optimista, alegre, relaxado, sereno e descobre que os problemas da sua existência não são tão graves.

O que descreves, parece uma experiência muito mística. Não sei até que ponto é acessível para nós, os humanos.

É acessível, mas estais tão materializados que vos falta sensibilidade, tanto para dar como para sentir directamente o amor. É como tentar ouvir rádio ao lado de uma perfuradora pneumática a trabalhar. Por isso, mais que sentir o amor, o que a maioria de vós apreciáis são os actos que se fazem por amor, ainda que para a maioria ainda se

torne difícil de entender o que motiva uma pessoa a actuar dessa forma.

E porque é uma lei espiritual o amor?

Porque está escrita no interior do espírito: o espírito necessita amar para ser feliz. Na ausência de amor, o espírito murcha como uma flor cortada rente.

Se, pela lei do livre arbítrio, o espírito necessita de ser livre para poder ser feliz, pela lei do amor, o espírito necessita de amar para ser feliz. Se unirmos estas duas leis numa só diríamos que o espírito necessita de amar em liberdade para ser feliz.

Se o amor é necessário para a felicidade do espírito, porque não nascemos todos amando?

É outra das capacidades, a de amar, que o espírito tem de desenvolver por si mesmo no seu processo de evolução. Como já disse, a chispa espiritual, quando é criada, tem em potência numerosas capacidades, mas precisa de desenvolvê-las. Uma delas é a capacidade de amar. Desenvolver a capacidade de amar é o objectivo mais importante do processo evolutivo do espírito. O amor é a força harmonizadora e dinamizadora do Universo espiritual.

Como é que o amor influi na harmonia do Universo?

Por um acto de amor existem todos os seres espirituais! O amor é a força que alimenta qualquer impulso criador. O amor é a base sobre a qual se apoia a solidariedade espiritual universal. O espírito inspirado pelo amor sente o desejo de ajudar na evolução a todos os outros seres da criação, para que sejam capazes de experimentar por si mesmos a felicidade que emana do amor. Apenas sobre a base do amor se construirá o que é verdadeiro e sólido.

AMOR VS EGOÍSMO

Qual é o primeiro passo que cada um devia dar para poder amar?

Para amar é necessário sentir-se a si mesmo e, para se sentir a si mesmo, é necessário conhecer-se a si mesmo. Se queres amar os outros, aprende primeiro a amar-te a ti mesmo, através de te conheceres a ti mesmo. Quem não se quer a si mesmo não pode querer aos outros.

Mas eu tinha entendido que para amar os outros tens de renunciar a ti mesmo!

Nem pensar. O que tens de fazer é renunciar ao teu egoísmo, mas não aos teus sentimentos. O que acontece é que tendes um conceito do que é o amor que é incorrecto, porque misturais o amor com o egoísmo. Amar-se a si mesmo não é julgar-se melhor que os outros e, por isso, dedicar-se a satisfazer caprichos egoístas, mas antes reconhecer as necessidades afectivas próprias, os sentimentos, e desenvolvê-los para que sejam o motor da sua vida. Por isso disse que para amar verdadeiramente é tão importante conhecer-se a si próprio. Conhecer-se implica saber distinguir entre o que sentimos e o que pensamos, reconhecer entre o que vem do nosso sentimento e o que vem do nosso egoísmo.

Então, como distinguir o que é o amor do que o não é?

O amor na sua expressão máxima tem de ser incondicional. Quem ama verdadeiramente não espera nada em troca e quem age por interesse não está a amar verdadeiramente. O amor tem de ser livre, senão, não é amor. Não se pode forçar ninguém a amar.

Quem quiser amar tem de querer também renunciar ao egoísmo. O amor e o egoísmo são conceitos contrários, incompatíveis entre si, antagónicos. Não se pode amar sem renunciar ao egoísmo, já que o egoísmo é, na realidade, a ausência de amor. Aprender a amar é o mesmo que aprender a desprender-se do egoísmo. Quem aumenta a sua capacidade de amar diminui o seu egoísmo e vice-versa.

E como aprende o espírito a amar?

É um processo contínuo que requer muitíssimo tempo de evolução. O espírito começa-o antes de iniciar a fase humana e não o termina nunca, já que há sempre algo novo para aprender a respeito do amor. Como aprender a falar, não há outra forma de desenvolver o amor que não seja através da interacção constante com outros seres. Nas primeiras etapas, quando o ser espiritual está escassamente desenvolvido, experimenta o amor que outros seres mais avançados sentem em relação a ele na forma de emoções. Isso provoca-lhe bem-estar. Também tem de experimentar o que é a ausência de amor, quer dizer, o egoísmo de outros seres que, da mesma forma que ele, ainda não são capazes de amar. Isso far-lhe-á sentir emoções de mal-estar, mas também lhe permitirá reconhecer, aprender a distinguir melhor entre a ausência e a presença de amor e a valorizar a presença de amor, o que servirá de estímulo para poder desenvolver em si mesmo os sentimentos. Ou seja, antes de ser capaz de amar, o ser espiritual sensibiliza-se como receptor do amor de

outros seres mais avançados, que lhe servem de exemplo do que é ser emissor de amor. Também terá de conviver com outros seres com egoísmo igual ou mais acentuado do que ele mesmo, que servem de exemplo do que é a ausência de amor. Todas estas interações lhe motivarão o desenvolvimento, primeiro, das emoções e, mais tarde, dos sentimentos.

Uma vez que o espírito reconheça o amor que recebeu dos outros, nessa altura já está preparado para ser um emissor de amor. Serão os seres que o amaram, os primeiros em relação aos quais vão despertar os primeiros sentimentos de afecto (usualmente em relação a algum membro da sua família), enquanto os restantes seres, os que se comportaram com egoísmo em relação a ele, serão inimigos, e os que nunca tiveram relação com ele, simplesmente serão seres pelos quais sentirá indiferença. Nesta etapa, o espírito é apaixonado nos amores, vingativo e rancoroso nos desamores. Chegará outra etapa mais avançada em que o ser já não quererá prejudicar os que lhe provocaram dano, porque se dá conta de que o sofrimento em si mesmo é algo negativo, incompatível com o amor, e abandonará a vingança como forma de ressarcimento pelo dano recebido. A esta etapa poderíamos denominar amor condicional avançado. Chegando certo momento, quando o grau de compreensão e de sensibilidade do ser tenha aumentado consideravelmente, está preparado para dar o grande salto, o de querer a todos os demais seres da criação, incluindo àqueles que o odiaram e o rebaixaram e o fizeram sofrer o indescritível. Quer dizer que entrou na etapa final, em que se alcança o amor incondicional, aquele amor que anunciavam os seres avançados como Jesus quando diziam "ama o teu inimigo". Com certeza, isso não acontece da noite para o dia. Serão necessários milhões de anos de evolução para percorrer o caminho da primeira à última etapa.

Poderias resumir essas etapas para que eu tenha uma ideia?

Sim, ainda que, como digo, o processo seja contínuo, poderíamos dividi-lo, para sua melhor compreensão, nas seguintes etapas:

- 1-Insensível como receptor e emissor de amor;
- 2-Parcialmente sensível como receptor de amor – insensível como emissor de amor;
- 3-Sensível como receptor – parcialmente sensível como emissor (amor condicional);
- 4-Altamente sensível como receptor – altamente sensível como emissor (amor condicional avançado);

5-Totalmente sensível como receptor – totalmente sensível como emissor (amor incondicional);

Qual é o origem das emoções e dos sentimentos e em que se diferenciam?

Nos primeiros estádios de evolução do ser espiritual, este só é capaz de sentir emoções que, geralmente, são apenas uma resposta a um estímulo de natureza exterior. Este desenvolvimento da percepção emocional começa logo em etapas anteriores à humana. De facto podeis observar que muitos mamíferos superiores, como cães, vacas, cavalos ou golfinhos, já são capazes de perceber e manifestar emoções bastante profundas de muito diversos tipos. À medida que o espírito experimenta com as emoções e começa a tê-las em conta para tomar decisões, está a começar a desenvolver o sentimento. Podeis considerar que os sentimentos são a forma evoluída das emoções.

Podes expor com mais profundidade a distinção e a relação entre as emoções e os sentimentos?

As emoções são de duração curta, geralmente são activadas por algum tipo de estímulo, exterior ou interior. Os sentimentos têm uma duração mais extensa, estão mais profundamente enraizados no espírito e ainda que recebam a influência do exterior, não têm de ser motivados por nenhum impulso exterior, mas antes pela própria vontade do espírito. Os sentimentos e as emoções estão intimamente ligados. O sentimento é capaz de despertar as emoções. É como a fonte interna de que emanam, de maneira que, neste aspecto, as emoções são uma manifestação dos sentimentos. Também as emoções, sobretudo as percebidas do exterior, influem nos sentimentos e podem ser um estímulo para os activar ou para os reprimir. No máximo desenvolvimento do sentimento de amor, ou seja, quando se chega a experimentar o sentimento de amor incondicional, encontramos-nos já perante um sentimento que não vai terminar nunca e que, além disso, não necessita de nenhum estímulo exterior para que seja despertado ou alimentado.

Em que parte do ser se originam as emoções e os sentimentos?

As emoções e os sentimentos de amor originam-se no corpo espiritual. As ego-emoções e os ego-sentimentos, ainda que sejam percebidos no corpo espiritual, desenvolvem o seu carácter egoísta no corpo mental.

Não entendo o que queres dizer. O que são os ego-sentimentos e as ego-emoções?

São os sentimentos e emoções negativas gerados por atitudes egoístas. Na realidade, as atitudes egoístas são pensamentos e, portanto, originam-se na mente.

Então o sentimento e o pensamento têm uma origem distinta? Sempre julguei que ambos eram fruto da mente.

Pois, não têm a mesma origem. O sentimento procede do espírito (corpo espiritual) e o pensamento, da mente (corpo mental).

Deixa ver se compreendi bem. Queres dizer então, que o egoísmo se origina na mente e o amor no espírito?

Sim. Ainda que como já disse as ego-emoções e os ego-sentimentos se percebam também no corpo espiritual, o seu aspecto egoísta é gerado na mente.

Poderias esclarecer-me este ponto? Continuo sem entender como pode ser que o egoísmo se origine na mente e que os sentimentos ou emoções egoístas se sintam no espírito.

Claro. Imagina que uma pessoa se encontra com uma lanterna acesa dentro de uma cúpula de cristal. Se o cristal é transparente, tanto a luz que sai da lanterna para o exterior como a luz que entra do exterior no interior, não sofrerá praticamente nenhuma modificação pelo facto de passar através do cristal. Contudo, se o cristal da cúpula, em vez de ser transparente, for opaco, então modificará a passagem da luz através dela, tanto da luz que sai do interior para o exterior como da que entra do exterior no interior da cúpula. A pessoa com a lanterna representa o corpo espiritual e a cúpula de cristal representa o corpo mental. A opacidade do cristal da cúpula representa o egoísmo. O egoísmo modificará tanto a percepção dos sentimentos e emoções dos outros (a luz que entra), transformando-os antes de impressionarem o corpo espiritual, como a expressão ou manifestação dos sentimentos e emoções que procedem do corpo espiritual (a luz que sai), que serão percebidos pelos outros já com o matiz egoísta de que se impregnaram ao passar pela mente.

Continuo sem imaginar bem como funciona essa relação entre amor e egoísmo na própria natureza do ser humano. Como pode acontecer que possamos ser capazes de amar e de ser egoístas ao mesmo tempo? Não me poderias esclarecer este ponto?

Sim, claro. Imagina que o ser humano é como uma cebola, em cujo coração está o espírito que irradia a luz, que é o amor. Este centro emissor de luz encontra-se recoberto por múltiplas camadas, de maneira que cada uma destas camadas obstrui um pouco a passagem da luz, até que a soma de todas as camadas juntas impede quase totalmente que a luz saia para o exterior. Cada uma dessas camadas representa uma manifestação do egoísmo que há que ir eliminando progressivamente para que, finalmente, a luz, o amor, brilhe, se manifeste em toda a sua grandeza. À medida que vamos eliminando camadas, a luz (o amor) do interior, encontra menos obstáculos para sair para o exterior. As camadas mais externas correspondem ao egoísmo mais primitivo e superficial. São as camadas correspondentes à vaidade. As camadas intermédias corresponderiam ao orgulho e as mais internas à soberba.

Cada pessoa encontra-se num ponto distinto deste processo. A maioria dos espíritos que habitam a Terra apenas se conseguiu desfazer de algumas das primeiras camadas. Outros conseguiram eliminar também algumas das camadas intermédias e uns poucos estão em processo de eliminação das camadas mais profundas do egoísmo. Embora este processo seja progressivo e haja espíritos em todos os graus, podemos tentar classificar os espíritos em três grandes grupos, segundo o nível de eliminação de camadas em que estão: Espírito amável-vaidoso, generoso-orgulhoso e amoroso-soberbo.

Porque os qualificas com dois adjectivos, um positivo e outro negativo?

Porque não quero que na classificação apenas se manifeste a parte egoísta do espírito, mas também reconhecer as qualidades que o espírito pode desenvolver em cada etapa. O primeiro adjectivo expressa a qualidade representativa a que pode chegar o espírito quando se esforça por desenvolver o amor e o segundo, o grau de egoísmo em que se encontra. O vaidoso pode ser muito amável, o orgulhoso muito generoso e o soberbo muito amoroso quando está disposto a vencer o seu egoísmo e a lutar pelos sentimentos. Mas, não há nada de negativo em admitir a existência do egoísmo em cada um de nós e delimitá-lo com clareza, para o conhecer e poder superá-lo. O negativo para o espírito seria não querer reconhecer a sua existência, não admitir a realidade de que todos temos uma parte egoísta que devemos eliminar para poder amar verdadeiramente e ser autenticamente felizes. Não o reconhecer conduz à estagnação espiritual, porque não se pode superar aquilo que não se admite, de igual modo que não se pode desintoxicar um alcoólico que não admite que o é.

Poderias expor com mais detalhe as características de cada uma dessas três manifestações do egoísmo, a que chamaste vaidade, orgulho e soberba?

Sim. Podemos distinguir, pelo menos, três formas de egoísmo que são, desde a mais grosseira até à mais subtil, vaidade, orgulho e soberba. Na conversa do dia-a-dia utilizamos estas três palavras frequentemente mas, como veremos, o seu significado espiritual é muito mais extenso e profundo e difere em muitos aspectos do significado com que correntemente as empregamos. Começaremos por defini-las uma a uma e analisá-las nas suas manifestações.

Que é a vaidade e quais são as suas manifestações?

A vaidade é a forma mais primitiva de egoísmo. É própria dos espíritos mais jovens, dos espíritos que apesar de terem avançado bastante na sua inteligência, ainda são principiantes no conhecimento dos sentimentos.

A principal característica do vaidoso é que está muito inclinado para si próprio, sobretudo em satisfazer as suas necessidades e desejos mais primitivos e escassa ou nulamente preocupado com as necessidades dos outros seres, excedendo-se no exercício do seu livre arbítrio, sem tomar consciência de que, em muitas ocasiões, invade o livre arbítrio dos outros. A pessoa vaidosa pretende ser o centro, que os outros reparem nela. Por conhecer escassamente o amor, não distingue bem entre o amor verdadeiro e o prazer. Necesita e deseja mais do que ama. Por isso, nas suas relações, inclina-se mais a procurar a fama, a admiração, o louvor, estar deleitada e satisfeita nos seus desejos, do que a ser amada e amar.

O vaidoso estabelece comparações contínuas entre si mesmo e os outros, tentado sempre aparecer acima de eles. Frequentemente, engana e difama os que julga por baixo dele em aptidões ou em condições materiais e gaba, excessivamente, os que julga poder utilizar para obter algo para si mesmo. Costuma agir injustamente, favorecendo sempre os seus interesses. Por isso, frequentemente, falseia a realidade para disfarçar os seus actos egoístas. Amiúde sente-se insatisfeito consigo mesmo devido ao pouco sentimento que coloca e, por isso, foge pavorosamente da solidão. Necesita muito de outras pessoas, as quais costuma tentar atrair a si e manipular para satisfazer, não só as suas necessidades, mas também os seus prazeres e os seus caprichos, até ao ponto de escravizar física ou psicologicamente as pessoas que estão à sua volta. Mas também se

cansa rapidamente das relações se estas não lhe trazem a satisfação esperada. Por isso, são pessoas que esgotam e manipulam frequentemente os membros da sua família mais indefesos, como o par ou os filhos e, nas relações laborais, os seus subordinados, por considerar que são pessoas da sua propriedade ou que não podem escapar à sua influência. Quando não recebem a atenção que julgam merecer, procuram chamar a atenção dos outros de qualquer forma e a qualquer preço, fazendo-se de vítimas e usando da agressividade, da chantagem, da mentira ou de qualquer outra forma de manipulação que encontrem.

Devido à vibração tão negativa e asfixiante que podem gerar quando o seu defeito se manifesta em toda a sua plenitude, acabam por extenuar às pessoas à sua volta, pelo que, se não conhecerem a vaidade e saberem como lidar com ela, poucas são as pessoas capazes de as aguentar durante muito tempo. Esta é a razão pela qual têm muitos conhecidos e poucos amigos. Cansam-se facilmente do que exige esforço e procuram que outras pessoas assumam as suas responsabilidades, apesar de se gabarem constantemente do muito que eles fazem e do pouco que fazem os outros. Quando fazem alguma coisa por alguém, raramente é de forma desinteressada e discreta, mas sempre com exibição, procurando uma compensação em troca disso que, geralmente, costuma ser maior que o gesto que eles tiveram com os outros. Um vaidoso não pretende ser boa pessoa, mas apenas parecê-lo.

Ufa! Pois, espero que não haja muita gente assim!

Pois, três quartas partes da humanidade ainda se encontram nesta fase inicial de evolução e a vaidade é o defeito predominante na classe política do vosso mundo. Ainda que, seguramente, não haja ninguém que assuma identificar-se com o que acabo de dizer, porque admiti-lo, seria já sinal de que a pessoa se encontra numa etapa mais avançada. É por isso que vosso planeta está como está.

Pois, viver com pessoas assim egoístas deve ser um suplício!

Por acaso, tu julgas que estás livre do egoísmo, manifeste-se ele desta forma ou de outra mais subtil? É uma afirmação, a que fazes, em que brilha o teu próprio egoísmo, manifestado na forma de incompreensão em relação aos teus irmãos, que te serve para justificares o desejo de te afastares deles por não serem mais evoluídos. Esta etapa da vaidade, de igual modo que as seguintes, do orgulho e da soberba, são etapas pelas quais todos, absolutamente todos, os espíritos, têm de passar no seu caminho de

aperfeiçoamento. E quem as superou é porque em determinado momento tomou consciência do seu defeito e trabalhou para o superar e tê-lo-á conseguido com a ajuda do exemplo de pessoas mais avançadas com as quais aprendeu. Se os espíritos mais avançados, quando alcançam o seu avanço, se desinteressassem dos seus irmãos menos avançados, que espécie de amor estariam a praticar? O facto de o ter descrito assim de forma tão directa pode parecer muito cruel. Mas não o faço com a intenção de que seja utilizado para discriminar ou marginalizar alguém, é apenas para que tomeis consciência desta manifestação do egoísmo e que empregueis esse conhecimento para vosso aperfeiçoamento.

E como aprende o espírito a tomar consciência do seu próprio egoísmo, neste caso manifestado sob a forma de vaidade, e a vencê-lo?

Geralmente, sofrendo na própria carne as atitudes egoístas de outros, semelhantes a ele próprio em egoísmo. A lei da justiça espiritual confronta cada um com os seus próprios actos, ainda que seja através dos actos dos outros, para que daí o espírito tire o maior proveito para a sua evolução. O sofrimento próprio sensibiliza o espírito, faz-lhe adquirir maior sensibilidade para perceber o sofrimento dos outros, sobretudo o daqueles que tenham passado por circunstâncias semelhantes às suas. Faz-lhes despertar um sentimento de solidariedade em relação a elas, que é o germen do amor.

E terá sempre de acontecer que o espírito tenha de experimentar na sua própria carne o sofrimento dos seus próprios actos para aprender que esses actos são perniciosos para os demais?

Não. Pode fazê-lo por compreensão, porque se tenha dado conta do dano que produzem nos outros as suas próprias maneiras de agir, ou porque aprendeu com os erros e experiências dos outros. Mas, para isso tem de ter crescido o suficiente em sensibilidade, em amor, porque, como digo, apenas quando há amor, se está receptivo a perceber os outros, incluindo o seu sofrimento, como a si próprio. Daí que, nas primeiras etapas, o espírito avance mais por sofrimento, por experimentação em si mesmo das atitudes egoístas que ele mesmo provocou, enquanto, quando já tenha desenvolvido o amor, avança mais por compreensão, compreensão das experiências próprias passadas ou das experiências dos outros.

E que se pode fazer para vencer a vaidade pela compreensão?

O primeiro passo é tomar consciência do defeito e o segundo passo é mudar a atitude. Pelo facto de adquirir consciência do nosso defeito,

não vamos conseguir que ele deixe de se manifestar. Se formos capazes de o reconhecer e de o admitir, mas ao mesmo tempo evitarmos actuar conforme ele quer, quer dizer, não nos deixarmos arrastar por ele na hora de tomar decisões na nossa vida, antes formos actuando mais conforme nos ditam os sentimentos, o defeito irá perdendo força até que, finalmente, será vencido. A tomada de consciência passa por conhecer em profundidade em que consiste a vaidade, como se manifesta numa pessoa e o que é que a alimenta. A vaidade alimenta-se da crença de que para se ser feliz, o importante é ser o centro das atenções, que a admirem, a lisonjeiem, se lhe sujeitem e a cubram de prazeres, prendas e atenções. A vaidade manifesta-se como uma tendência para transformar a realidade, fazendo crer aos outros e a si mesmo que necessita de possuir tudo o que vê à sua volta, tanto coisas como pessoas, para se ser feliz. A vaidade é como um aspirador que apanha tudo o que encontra no caminho, guardando-o para si próprio, mas sem chegar a apreciar nada do que se tem. É como a criança que faz birra e protesta para que os seus pais lhe comprem um brinquedo, aparentemente o mais maravilhoso do mundo e sem o qual não vai poder ser feliz. E quando o consegue, apenas brinca com ele uns minutos, logo se cansa e abandona-o.

Portanto, enquanto o vaidoso continuar propenso a querer chamar a atenção para satisfazer os seus próprios caprichos, não trabalhando por despertar em si mesmo os sentimentos, sentir-se-á sempre insatisfeito, vazio, infeliz, ainda que possa ser estimado pelos outros, porque não o saberá reconhecer, nem o saberá apreciar. Aquilo que não se consegue por esforço próprio, pela própria vontade, nem se consegue compreender, nem se sabe apreciar, nem se sabe aproveitar e, o vaidoso, não só não luta por nada, como pretende que sejam os outros a obtê-lo para si. Quando tem objectivos, costumam ser sempre objectivos exteriores, materialistas, de aparência, quase nunca objectivos de índole espiritual.

O vaidoso parece-se com aqueles que se aquecem sempre na lareira dos vizinhos por não quererem dar-se ao trabalho de acender a sua própria fogueira. Será sempre dependente dos outros e não poderá fazer nada por si mesmo. Acende o teu próprio fogo em ti mesmo e não dependerás de ninguém para te aqueceres. Esse fogo, a nível espiritual, é a chama do amor, que reconforta e aquece o espírito, dá forças para avançar e ser autenticamente feliz.

Mas há muita gente que procura o sucesso como forma de alcançar a felicidade. Que lhes dirias?

Que se enganam a si mesmos. O sucesso é uma festa para a vaidade, mas é uma armadilha para o sentimento. A única maneira de conseguir a felicidade é encher-se de amor.

Poderias dar um conselho breve que resuma tudo o que disseste para vencer a vaidade através da compreensão?

Sim. O passo que deve dar o vaidoso para superar o seu defeito é compreender que a felicidade não depende do exterior, mas sim do interior. Esta é a grande lição que todos temos de aprender: a verdadeira felicidade não depende de que os outros te amem, mas antes, de que tu ames. Portanto, se queres ser feliz, pára de procurar desesperadamente que os demais te amem e tenta despertar o teu próprio sentimento.

Que dirias a um vaidoso que o pudesse ajudar na sua evolução?

Que jamais conseguirás ser feliz através de conquistares a admiração, o carinho, o sucesso, o reconhecimento dos outros. Se estás insatisfeito com a tua vida, se te sentes só e vazio, não procures fora os culpados da tua infelicidade, porque não estão fora, mas sim dentro de ti. Não procures aquecer-te no fogueira dos outros porque nunca terás o bastante. Acende a tua própria chama para que assim o teu estado não dependa do que façam ou deixem de fazer os outros por ti. Deixa de lado o egoísmo e ama, porque a única maneira de encher o vazio interior é amar incondicionalmente.

Parece uma contradição o que dizes agora com o que disseste anteriormente. Se uma pessoa renuncia a que o amem, como vai poder amar?

Talvez me tenha explicado mal. Não temos de renunciar a ser amados. O que quero dizer é que procuramos de forma incorrecta a felicidade. Pomos todo o peso num prato da balança e exigimos que a balança esteja equilibrada.

Não sei o que queres dizer exactamente. Tens algum exemplo que me possa servir para entender?

Sim. Imaginai que reunimos toda a humanidade numa praça gigantesca para repartir todo o amor que existe no mundo. Primeiro perguntamos: "Quem quer receber amor?". Veremos que cem por cento das pessoas levanta a mão insistentemente dizendo: "Eu, eu. A mim primeiro. Sou eu quem mais precisa dele". Mas se agora perguntamos: "Quem está disposto a dar o seu amor?" Veremos

como, rapidamente, a praça fica vazia e apenas uns poucos dos que lá estavam ficaram para levantar a mão. O que é que haverá para repartir? Apenas o amor que dão uns poucos. Pois, isso é o que acontece na vossa humanidade em que apenas o amor de uns poucos sustém o mundo, porque a maioria apenas está disposta a receber, mas não para receber amor, principalmente para satisfazer o seu egoísmo.

Esperamos, como sujeitos passivos, que o amor venha de fora. Que, por artes de magia, esse amor do exterior nos alcance e nos faça felizes, sem que nós tenhamos que fazer nada, como se de uma droga se tratasse. Mas, como digo, ainda que recebendo tudo o que precisamos, se permanecermos passivos, se não lutarmos para vencer o nosso egoísmo, chegará esse ser que nos ama para nos dar tudo o que traz dentro e diremos: "Não é suficiente, ainda não sou feliz. Ainda necessito que me dêis mais". E exigiremos mais e mais porque nunca será suficiente para encher o nosso vazio interior. E nunca apreciaremos o que nos foi dado, mas apenas levaremos em conta aquilo que ainda não recebemos. Qualquer pequeno obstáculo da vida, será um motivo de queixa. Se amanhece nublado, queixamo-nos porque faz frio, se amanhece ensolarado queixamo-nos porque está calor. E tudo isso porque procuramos de forma errada. Esse vazio que uma pessoa sente, apenas se pode encher com o amor que, cada um mesmo, é capaz de gerar, de forma activa, para si próprio e para os outros. Portanto, para ser feliz é tão necessário dar amor, como recebê-lo.

Voltemos ao tema da vaidade. Digo eu que nem todo o mundo que se encontra na etapa da vaidade terá as mesmas características.

Não. Dentro da vaidade existem diferentes graus. Numa primeira etapa de vaidade inicial dão-se as manifestações mais primitivas e materiais do egoísmo, como a avareza (não querer repartir com os outros o que se tem), a cobiça (querer possuir cada vez mais, mesmo prejudicando outros), a inveja (revolta contra os que têm algo material que se cobiça). Numa segunda etapa, quando o espírito avança no conhecimento dos sentimentos, este egoísmo materialista começa a transformar-se em egoísmo espiritual. Nesta etapa o espírito continua agarrado ao egoísmo, mas, ao mesmo tempo, já começou a desenvolver o sentimento. Apesar de ainda ser avesso a dar, é capaz de reconhecer a presença do amor e o bem-estar que proporciona e procura recebê-lo. É então quando a avareza se vai transformando em apego (não querer repartir com os outros o carinho e o amor que se recebe de determinadas pessoas) e a

cobiça, na absorvência (querer que todo o mundo se disponha a dar-lhe carinho), enquanto a inveja toma um cariz mais subtil e se transforma em aversão pelos que têm alguma virtude espiritual que ele não tem, mas gostaria de ter. Ao serem mais sensíveis, têm uma noção da justiça mais desenvolvida, mas quando o assunto lhes diga respeito, com frequência actuam injustamente favorecendo-se a si próprios propositadamente, por continuarem agarrados ao seu egoísmo, sendo mais culpados por serem mais conscientes.

Que avanço fundamental conseguiu o espírito para se poder dizer dele que superou a etapa da vaidade?

A principal aquisição que marca a fronteira entre a vaidade e o orgulho é o despertar do próprio amor espiritual. Enquanto o vaidoso é eminentemente um espírito receptor de amor, o orgulhoso já é um espírito dador de amor. Significa que já adquiriu a capacidade de amar verdadeiramente por iniciativa própria de forma bastante segura.

Quer isso dizer que o vaidoso não é capaz de amar ou nunca experimentou o amor?

Não, certamente. Todos os espíritos são capazes de amar. De facto todo o espírito que chegou à fase do orgulho passou antes pela fase da vaidade e, com certeza, que passar a ser um emissor de amor não acontece de um dia para outro, mas existirá um período prolongado em que haverá uma luta entre o despertar do sentimento e o egoísmo, entre o que acende e o que apaga a chama do amor. No vaidoso essa chama é débil, acende-se e apaga-se continuamente. Ainda não há uma vontade firme de trabalhar pelos sentimentos e não põe muita ênfase em alimentar essa chama, pois ainda está muito dependente da satisfação dos seus caprichos egoístas.

Dito de outro modo, enquanto o vaidoso ainda não foi capaz de acender ou avivar a sua própria chama e procura aquecer-se com o fogo que emana dos outros, o orgulhoso já descobriu a forma de acender o seu próprio fogo interior e a sua vontade trabalha com maior firmeza para o manter aceso, porque já reconheceu e experimentou algo da felicidade verdadeira que brota quando essa chama arde com força e quer experimentá-lo com maior intensidade.

E como aprende o espírito a acender a sua própria chama?

Com a experiência própria e o exemplo de outros espíritos mais avançados.

Geralmente, um espírito vaidoso é iniciado no amor por um espírito mais avançado, dador de amor, encarnado como alguém próximo: o seu próprio par, um familiar, como o pai, a mãe, um filho ou filha, um irmão ou irmã. Muitas vezes o espírito menos avançado, habituado a que os outros trabalhem por ele, não toma consciência nesse momento do que se lhe está a dar, e pede cada vez mais e mais... Até que o perde. Desperta, então, uma nostalgia pelo amor perdido e um desejo de voltar a experimentar o que um dia se teve, uma tomada de consciência e um reconhecimento de que foi amado e não foi capaz de o apreciar. Esta necessidade desperta os primeiros sentimentos pela pessoa ou pessoas que tanto lhe deram, que perdurará para outras vidas. Quer dizer, que para que uma pessoa possa ser capaz de dar amor, primeiro tem de ser capaz de o receber. Nas vidas seguintes, o espírito enfrentará a experiência de conviver proximamente com outros espíritos menos avançados que ele, que reclamarão dele o mesmo que ele obteve dos outros e assim se verá confrontado com o seu próprio eu, para que reconheça nas atitudes egoístas dos outros, a sua própria. Esta aprendizagem pode prolongar-se durante uma grande quantidade de vidas, alternando as vidas em que faz o papel principal de receptor ou de dador. Quanto mais se dá como dador, mais se recebe como receptor. Depende da vontade do espírito seguir o caminho do amor ou continuar pelo do egoísmo.

Que outros avanços conseguiu o espírito depois de superar a etapa da vaidade?

Farei uma descrição geral dos resultados que alcançou o espírito que se tenha desprendido bastante da vaidade e se encontra plenamente mergulhado na etapa do orgulho, que procedem do facto de se tratar já de um espírito conhecedor do sentimento, consistente como dador de amor.

O conceito de justiça está mais desenvolvido. A pessoa que já chegou ao orgulho está mais consciente do que é verdadeiro e justo e do que é apenas aparência. Em geral, os orgulhosos comportam-se mais justamente. Já não procuram favorecer-se a si próprios se, para isso, tiverem de ser injustos mas, nas suas decisões, têm em conta o prejuízo que podem causar aos outros. O orgulhoso já não pretende que lhe satisfaçam os desejos, procura que o queiram e também querer autenticamente. A qualidade contrária à vaidade e que o orgulhoso já adquiriu, é a modéstia, porque não procura fazer as coisas para chamar a atenção, mas sim pela satisfação de ser justo e generoso. Os orgulhosos são generosos com aqueles a quem querem.

Por isso, nas relações, já não procuram ser o centro da atenção. Preferem uma amizade autêntica a cem superficiais.

Quer dizer isso que se o orgulhoso é espiritualmente mais avançado que o vaidoso, também avança mais rapidamente?

Não, porque a rapidez do avanço depende da vontade e da ênfase que o espírito ponha em desprender-se do egoísmo e em amar. Há orgulhosos que se deteram na sua evolução, cujo estancamento pode durar muitas vidas, assim como vaidosos que põem muita vontade em avançar e progredem rapidamente. Além de que, é certo que o maior conhecimento e consciência dos sentimentos faz com que o mais avançado tenha mais capacidade para progredir e possa ser mais firme na sua vontade de avançar, sofrendo mais quando estagna e, também, este mal-estar lhe provoca um estímulo para avançar. Comparar um espírito avançado que conta já com muitas encarnações sobre os ombros, com outro, jovem e ainda escassamente avançado, é tão ridículo como acreditar na validade dos resultados de um mesmo teste de inteligência que se faz a uma criança de sete anos e a um jovem de quinze. O normal é que, ainda que o de sete possa ser muito inteligente, o de quinze anos obtenha melhores resultados que o de sete, o que não representar nenhum mérito, pois o de quinze, por ter mais idade, teve mais tempo para aprender e está mais desenvolvido física e mentalmente. Portanto, as comparações evolutivas não terão de se fazer com os outros, mas sim consigo mesmo, em relação ao que tenha avançado de uma encarnação para outra, levando em consideração que a capacidade evolutiva não depende só da rapidez com que se aprende, mas também do tempo que cada espírito já conta a evoluir. E como cada ser tem uma idade espiritual distinta, o que acontece geralmente é que os espíritos mais velhos estão mais evoluídos que os mais jovens, simplesmente porque têm mais tempo de evolução. Não obstante, existem casos particulares de espíritos jovens que progrediram muito rapidamente e ultrapassaram outros mais velhos que eles, e inversamente, espíritos muito velhos que estagnaram espiritualmente durante muito tempo e que são ultrapassados por gerações de espíritos mais jovens.

Poderias dar um exemplo que demonstre a diferença entre a capacidade evolutiva e a rapidez do progresso evolutivo?

Sim, o de dois carros que partem do mesmo ponto, mas um fá-lo uma hora antes do outro. O que sai em segundo lugar, inicialmente, está mais atrasado. Mas se a sua velocidade for maior do que a do primeiro, irá apanhá-lo a qualquer momento. A distância percorrida

equivale à capacidade evolutiva do espírito, enquanto a velocidade, ao ritmo de evolução em cada momento.

Voltemos ao tema do orgulho. Podes explicar então o que é o orgulho e quais são as suas manifestações?

O principal problema do orgulhoso é a dificuldade em aceitar a ingratidão, o egoísmo e a falta de amor de outras pessoas em relação a si, sobretudo se estabeleceu vínculos afectivos com elas. Mesmo que o orgulhoso seja capaz de querer facilmente aos que lhe querem, ainda demonstra dificuldade em querer a quem não lhe quer. Por isso, o orgulhoso resiste a aceitar as pessoas queridas conforme são, com as suas virtudes, mas sobretudo com os seus defeitos. O orgulhoso tem grande dificuldade em admitir que pode estar errado nas suas ideias. Custa-lhe aceitar o amor não correspondido, significando que há pessoas que, por muito que se lhes queira, persistem nas suas atitudes egoístas, sobretudo quando isso se verifica com familiares muito chegados, como os pais, os irmãos, o par, os filhos, etc. Espera alguma mudança delas a partir dos esforços que ele mesmo emprega para que mudem e desespera, deprime ou encoleriza-se quando, apesar disso, não o consegue. É capaz de se deixar cativar por quem lhe expresse um pequeno gesto de carinho. Mas quando descobre que está a ser manipulado por determinadas pessoas, encoleriza-se fortemente, o que lhe pode despertar rancor em relação a elas. Ainda que aparentemente não procure recompensa pelo que faz, ainda lida mal com a ingratidão, como quando coloca a sua melhor vontade em ajudar alguém e recebe patada em troca.

Por isso, as manifestações de orgulho desencadeiam-se quando o orgulhoso sofre algum episódio de ingratidão ou desamor. Face às contrariedades e às feridas nos seus sentimentos reage fechando-se em si mesmo, isolando-se das relações humanas. Desperta nele então a ira, a raiva, a impotência, a obstinação, o medo, a culpabilidade. Tem tendência para ocultar os seus sentimentos e emoções, medo de exprimir o que sente por temor de ser ferido nos seus sentimentos mais profundos. Por um lado, reprime os sentimentos negativos porque não quer ser digno de compaixão, nem que outros o vejam débil e aproveitem a sua fragilidade para lhe causar danos. Por outro, reprime os sentimentos positivos porque não quer despertar a inveja nas pessoas vaidosas e que poderão tentar prejudicar. A tendência para reprimir os sentimentos positivos fá-los sentirem-se desgraçados. A tendência para se reprimir e ocultar estados de ânimo negativos, a sofrer em silêncio, pode fazê-los rebentar de cólera, raiva e ira em

momentos pontuais, de que depois se sentem culpados. A desconfiança nos outros e o julgar-se auto-suficiente para tratar de qualquer problema, são as atitudes que mais o isolam dos outros.

Qual é a manifestação mais nociva do orgulho?

O chegar a acreditar que se não é digno de receber amor, de se ser amado autenticamente e que, portanto, tão-pouco vale a pena amar. Esta é a atitude que mais o leva a fechar-se em si mesmo e que o pode transformar em alguém reservado, apático, tímido, triste, melancólico, irascível e sem vontade de viver.

Se dissemos antes que o vaidoso não é capaz de apreciar quando é amado, o orgulhoso não permite que o amem. Assim, seja por uma razão ou por outra, o resultado é que, por culpa desses defeitos, a pessoa, ainda que esteja a ser amada, não se sente amada. O vaidoso, porque mais do que de aceitar sentimentos, está dependente de que lhe satisfaçam o egoísmo. O orgulhoso, porque ao fechar-se em si mesmo, para evitar que o magoem, se recusa a receber qualquer demonstração de afecto. Pode acontecer que já desde a infância tenha tido que fazer alguma coisa para que lhe seja prestada um pouco de atenção e por isso se autoconvenceu de que isso é o máximo que pode conseguir, que ninguém o quer tal qual é. E o que é que acontece então? Que, quando chega alguém disposto a amá-lo da forma que ele deseja, incondicionalmente, tal qual é e não pelo que faz, ele se assusta e se esconde em si mesmo. Ou simplesmente, o rejeita porque não é capaz de acreditar nisso. "Não posso acreditar que alguém me queira, que não seja para se aproveitar de mim. Certamente que há algum engano. Certamente que, se me abro para receber, levarei uma grande facada e ainda sofrerei mais. Não vale a pena". E então, o orgulhoso, ainda que tenha o que necessita para começar a ser feliz e é capaz de o apreciar, rejeita-o. Então sofre por não querer sofrer, por não querer lutar pelos seus sentimentos.

E o que é que se pode fazer para vencer o orgulho?

Da mesma forma que para a vaidade, o primeiro passo é tomar consciência do defeito e o segundo passo é a mudança de atitude. O mero facto de adquirir consciência do defeito e das suas manifestações não o vai impedir, só por si, que se manifeste. Mas reconhecê-lo, ajudar-nos-á a evitar proceder de acordo com ele na hora de tomar decisões na nossa vida. Se tomarmos essas decisões, daqui para a frente, em função do que nos ditam os sentimentos, o defeito irá enfraquecendo gradualmente até que, finalmente, será vencido.

A tomada de consciência passa por conhecer em profundidade o que é o orgulho, como se manifesta numa pessoa e o que é que o alimenta. O orgulho alimenta-se do medo, da desconfiança, da auto-suficiência e manifesta-se como isolamento e repressão da sensibilidade. O orgulho é para a sensibilidade do espírito como uma couraça que o envolve, uma fortaleza inexpugnável que o rodeia e que impede a entrada e a saída dos sentimentos. Portanto, há que lutar para deitar abaixo essa couraça.

O passo inicial que tem que ser dado pelo orgulhoso para vencer o seu orgulho é libertar-se da crença de que não é digno de ser amado, de que jamais encontrará alguém que o ame verdadeiramente. Quem procura o amor verdadeiro e correspondido encontra-o mais tarde ou mais cedo, porque os espíritos que são afins tendem a procurar-se e reconhecem-se quando se encontram. Mas é preciso ser paciente e constante, porque quem fecha a porta a sete chaves para se proteger do mau, também a fecha para experimentar o bom. Está certo ser-se prudente para evitar que nos magoem. Mas, não podemos renunciar aos sentimentos, nem retribuir ingratidão com ingratidão, ódio com ódio, rancor com rancor, porque o que nos faz sofrer a nós também faz sofrer os outros. E quem estiver mais consciente do sofrimento por ter mais sensibilidade, é mais responsável quando o provoca do que quem o gera inconscientemente. Já vos disse e repito, não estais sós. Todos, absolutamente todos, sois amados profundamente por Deus, pelo vosso guia, por uma multidão de seres espirituais e amigos, a vossa família espiritual, encarnados ou desencarnados. E ainda mais: cada um de vós tem uma alma gémea, uma meia-laranja, através da qual experimentareis o despertar do amor puro e incondicional. Apenas faz falta que tomeis consciência disso.

Também precisa de aprender a suportar melhor a ingratidão dos que o prejudicam, porque tem a capacidade para compreender os que não compreendem e é importante lembrar que também já se esteve na mesma situação.

Ao mesmo tempo, tem de perder o medo de ser ele mesmo. Tem de se libertar das armadilhas lançadas por aqueles que lhe dizem que lhe querem, mas que actuam com a intenção de o dominar. Mas tão-pouco deve tomar o caminho contrário, quer dizer, isolar-se das relações humanas pelo medo de sofrer. Não há nada de mal em desejar ser amado, mas é preciso saber que nem todo o mundo tem

a mesma capacidade de amar e não devemos exigir dos que nos são chegados ou simplesmente convivem diariamente connosco que nos queiram ou nos respeitem com a mesma intensidade que nós os queremos ou respeitamos apenas porque gostaríamos de ser correspondidos. Porque, quem é mais culpado da falta de amor, o que não ama porque não sabe (vaidoso), ou aquele que, sabendo amar, se inibe de o fazer por motivos da sua insuficiência (orgulhoso)?

É importante também não se esgotar para agradar aos outros, se isso implicar renunciar ao seu próprio livre arbítrio, julgando que desta maneira conseguirá despertar nos outros os sentimentos que ainda não despertou, porque esse sobreesforço sem recompensa passar-lhe-á mais tarde a factura, sob a forma de decepção, tristeza, desengano, amargura, raiva e impotência. Como já disse, o amor autêntico é dado incondicionalmente, sem esperar nada em troca, e não se pode obrigar ninguém a dar algo que não se quer ou não se pode dar.

De forma breve, que dirias a um orgulhoso que o pudesse ajudar na sua evolução?

Que quando te sentires triste ou vazio não te feches em ti mesmo. Não reprimas os teus sentimentos julgando que vais sofrer menos por não sentires, porque sofrerás ainda mais e será além disso um sofrimento estéril que não te leva a lado nenhum. Procura viver de acordo com o que sentes e não com o que pensas. Sê compreensivo com os outros, mas não te deixes levar pelo que os outros esperam de ti, se não for o que tu sentes. Não te defendas com o mal que te fizeram para justificar a tua desconfiança e o teu isolamento. Sê prudente com os que pressintas que se querem aproveitar dos teus sentimentos, mas aberto com os que se dirigem a ti de boa-fé.

E como há-de fazer para não se deixar arrastar e ao mesmo tempo não causar danos aos outros?

É preciso saber se o sofrimento da outra pessoa é devido a alguma atitude egoísta da nossa parte ou se sofre por causa do seu próprio egoísmo, isto é, por não querer respeitar a nossa vontade e o nosso livre arbítrio. Se é por uma atitude egoísta nossa, devemos fazer alguma coisa para a modificar, mas se o é pelo seu próprio egoísmo, ela é que deverá fazer a mudança necessária para se sentir melhor, porque é ela quem provoca a si mesmo o sofrimento. Tem de saber que sofre por sua própria causa, ainda que julgue que é pelo que os outros lhe fazem.

E se não quer mudar?

Não se pode obrigar ninguém a mudar, porque isso seria uma interferência no seu livre arbítrio e, ainda que essa mudança lhe pudesse vir a ser benéfica, sendo forçada não é autêntica. Contudo, isso não lhe confere o direito de se impor à vontade dos outros, pelo que, o espírito que se depare com uma atitude egoísta de outra pessoa que procura satisfazer o seu egoísmo, não deve ceder nos seus sentimentos e convicções profundas.

E como posso distinguir, por exemplo, quando tenho um conflito com determinada pessoa, se essa pessoa sofre pelo seu próprio egoísmo ou por uma atitude egoísta minha?

Põe-te no lugar da outra pessoa e analisa como te sentirias no seu lugar e que pretenderias tu na sua situação. Se mudares a tua opinião como receptor de uma acção, em relação ao que tinhas pensado fazer como emissor ou agente dessa mesma acção, então, havia algo de egoísmo e injustiça na tua atitude. Se mantiveres a mesma postura como receptor e como emissor, nesse caso, estarás mais perto de seres justo. De qualquer maneira, normalmente, costuma haver uma mistura de tudo, quer dizer, que há atitudes egoístas em ambas os lados, cabendo a cada um rectificar a sua correspondente parte na atitude egoísta, mas deve manter-se firme na parte em que o não seja, não cedendo face às atitudes egoístas dos outros. No final de contas, tudo está resumido nas máximas “não faças aos outros o que não queres que te façam a ti” e “luta para que os outros não te façam a ti nem aos que dependem de ti, o que sabes que é motivo de sofrimento e uma grave ofensa à vontade”.

Preciso de um exemplo para entender melhor.

Certo. Vou dar-te um exemplo. Imagina uma mãe que aplica castigos físicos no filho como forma de o educar porque, segundo ela, é a forma da criança obedecer, sem levar em conta a dor física e psicológica que lhe pode estar a causar. Se realmente está convencida de que a sua atitude é a correcta, então não terá nenhum problema em admitir que o seu marido a puna de igual modo e que, para se justificar, utilize os mesmos argumentos que ela usa em relação ao filho. Mas, porque acontece que ela, como toda a gente, sofre quando lhe batem, seguramente, esta mulher queixar-se-á amargamente da sua relação com o marido e com certeza não aceitará que o seu marido a continue a castigar assim, já que sofre terrivelmente com isso. Essa mãe deverá dar-se conta do que sofre quando o seu marido a castiga e que também o seu filho deve estar a sofrer na mesma medida quando ela o castiga e, se quiser ver a

realidade e aprender com ela, chegará à conclusão de que o facto de bater é mau, em si mesmo, porque provoca sofrimento e não há motivos que o justifiquem. Qual é a solução para esta mulher? Renunciar ao uso da violência contra o seu filho, porque dessa maneira vence o seu próprio egoísmo, a sua ânsia de submeter pela força a vontade de outro ser mais vulnerável e, ao mesmo tempo, lutar por se libertar da opressão do marido agressivo e egoísta que violenta o seu próprio livre arbítrio. Se o agressor sofre por perder a sua vítima, não é porque a vítima lhe provoque qualquer dano, mas sim porque não quer renunciar ao seu desejo egoísta de submeter pela força a vontade de outro ser.

Antes, disseste que não temos de nos fatigar para agradarmos aos outros. Isso parece uma contradição porque, por acaso quando queres a alguém não tentas agradar-lhe em tudo para que se sinta feliz?

É um grande erro pensar que se quer mais a uma pessoa quanto mais se satisfizer, e é o grande engano em que cai muita gente bem-intencionada. Devemos tentar ajudar uma pessoa a quem se quer, compreendê-la e respeitá-la, em vez de a satisfazer. É importante saber a diferença entre agradar e ajudar porque pode acontecer que quando agradas a alguém, em vez de o ajudares, o estás a prejudicar, pois o que lhe estás a satisfazer é o seu egoísmo. E prejudicas-te a ti mesmo se, quando lhe fazes a vontade, estás a submeter a tua vontade ao egoísmo dessa pessoa e perdes a tua liberdade.

E como distinguir entre ajudar e agradar?

Quando uma pessoa carrega às suas costas as provas ou obstáculos que pertencem a outra superar, está-se-lhe a agradar e não a ajudá-la, pois estás a impedir que ponha à prova as suas capacidades e estás a contribuir para a sua estagnação espiritual. A ajuda autêntica consistiria em apoiar e animar a pessoa para que resolva ela mesma as suas provas ou dificuldades e, assim, possa avançar.

Podes dar-me um exemplo que esclareça a diferença entre ajudar e agradar?

Sim. Imagina duas crianças da mesma classe às quais o professor manda fazer deveres escolares em casa. Para ambas as crianças, fazer os deveres é enfadonho, porque prefeririam passar todo o tempo a brincar, e tentam esquivar-se. Imagina que o pai da primeira criança, para evitar esse contratempo ao filho e para que este não enfrente as consequências de ir para a escola com os deveres por

fazer, decide fazê-los ele mesmo no lugar do filho, enquanto este continua a brincar tranquilamente. O segundo pai opta por se sentar com o filho e ajudá-lo, de forma a que seja a própria criança quem os cumpre, ainda que isso signifique que pare de brincar por um bocado. O primeiro pai é o que agrada ao filho, porque realiza as tarefas que ele considera tediosas, mas não o ajuda, pois os deveres de casa são uma dificuldade que cabe ao seu filho ultrapassar e que é necessária para a sua aprendizagem. Este pai está a contribuir para que o seu filho se torne preguiçoso, dependente e caprichoso e para que, em qualquer circunstância procure que sejam os outros a resolver-lhe os seus problemas. O segundo pai não condescende, arriscando-se com a sua atitude a um possível ataque de cólera do filho que não quer interromper a sua brincadeira, mas sim, ajuda-o, contribuindo para que a criança aprenda e assuma as suas responsabilidades.

Então está mal fazer a vontade a uma pessoa querida?

Nem sempre. Apenas se, quando lhe fazes a vontade, o fazes à custa de perdes a tua liberdade e/ou contribuis para que essa outra pessoa estagne espiritualmente, porque a substituis nas provas que lhe cabe a ela superar.

Retomemos a questão do orgulho, que avanços conseguiu o espírito que ultrapassou a etapa do orgulho?

O espírito sente-se mais seguro e consciente dos seus sentimentos e de que deve viver de acordo com o que sente para ser feliz. Tem menos medo de se mostrar tal qual é. Por isso, é mais aberto, mais alegre, mais espontâneo, mais livre, com menos barreiras relativamente aos sentimentos. Fecha-se menos em si mesmo. Aguenta melhor a ingratidão. É mais compreensivo com os outros. Despertam menos nele, o rancor e a raiva porque se esgota menos a tentar agradar, quer dizer, deixa-se levar menos e não permite que o escravizem facilmente. Espera menos em troca do amor que dá. Está mais receptivo ao amor dos outros por ele e mais aberto a dar aos outros o amor que leva dentro de si. Afectam-no menos as circunstâncias negativas e aprecia e frui melhor das positivas.

O que é o que marca então a transição entre a etapa do orgulho e a seguinte, da soberba, para serem consideradas como duas etapas distintas?

O orgulhoso é capaz de dar e receber amor, mas reprime-se em ambas as coisas por receio de sofrer e, por esse motivo, cria uma couraça anti-sentimentos à sua volta. Essa couraça anti-sentimentos é

o orgulho. A eliminação quase completa dessa couraça marca a transição para a etapa seguinte.

Bem, parece que estamos a chegar ao fim do caminho para o amor incondicional, não?

Ainda não. Que o espírito se tenha libertado bastante das suas repressões, dos seus medos, que suporte melhor certas atitudes negativas como a ingratidão, não significa que já o tenha superado completamente. O espírito que superou o orgulho, ainda tem que superar uma forma de egoísmo mais subtil, um orgulho avançado: a soberba.

Poderias explicar o que é a soberba e que a caracteriza?

A soberba é a falta de humildade, um excesso do que chamais incorrectamente "amor-próprio". As duas disciplinas principais pendentes de superação pelo espírito nesta etapa, são a falta de humildade e o apego ou dificuldade em partilhar o amor dos seres amados. O soberbo julga-se muito seguro de si mesmo, que não precisa dos outros, que é auto-suficiente para tudo. Ainda que costumem estar dispostos a ajudar os outros, raramente pedem ajuda para si próprios, mesmo que realmente precisem dela, porque o seu feito lhes faz crer que pedir ajuda é um sintoma de fraqueza. Por isso, resguardam-se dos outros. Costumam ocultar as suas necessidades, as suas debilidades, os seus defeitos, os seus abatimentos de moral para que ninguém note como estão, para que ninguém lhes pergunte, passa-se alguma coisa? Precisas de ajuda? E se alguém se apercebe de alguma coisa, põem-se nervosos, zangam-se, porque lhes custa admitir que não são auto-suficientes. Ou seja, manifestam-se neles a desconfiança, a ira e a arrogância. Ainda que o soberbo seja menos susceptível que o orgulhoso e se sinta menos ferido quando é tratado com ingratidão, quando é caluniado ou se sente enganado, também desperta nele a ira e a arrogância nessas situações, assim como naquelas que não consegue resolver de acordo com os seus planos.

Por exemplo, quando recebe desprezo ou é enganado por alguém a quem está a tentar compreender ou ajudar, isso provoca-lhe ira e arrogância e pode dar respostas como "tu não sabes quem sou", "como te atreves?" ou "quem te julgas para me falares assim?".

Esta dificuldade em aceitar a ingratidão e a calúnia por falta de humildade, leva-o a classificar, a preconceber e a tratar os outros de forma desigual. Se não é capaz de reconhecer o seu próprio defeito e superá-lo, a desconfiança apodera-se dele na hora de acolher as

pessoas que se aproximam dele para lhe pedir ajuda. Os seus preconceitos podem levá-lo a colocar objecções relativamente a certas pessoas e a decidir não as ajudar na medida das suas necessidades, mas sim em função da desconfiança, do medo ou dúvidas que sente em relação a elas, não sendo justo nem equitativo.

Ainda que o soberbo se julgue auto-suficiente, a verdade é que necessita de amar e também de se sentir amado para ser feliz, como todo a gente, por muito que lhe custe reconhecê-lo. Por isso, a sua fachada de auto-suficiência desmorona-se quando se sente inseguro nos sentimentos. Esse receio de perder o amor que julgava certo fá-lo sentir desconfiança, tristeza, desespero e impotência. E isso acontece-lhe, porque ainda sofre de apego, tem dificuldade em partilhar o amor das pessoas que ama.

Bem, parece-me uma reacção bastante normal. Por acaso não nos acontece a todos termos medo de perder o amor dos seres queridos?

Se tivesse chegado a experimentar o amor incondicional já não sofreria de apego, nem teria receio de nada, porque saberia que o amor autêntico não se perde nunca.

E como se supera a etapa da soberba?

Novamente, amando, compreendendo e evitando actuar a favor do defeito. A soberba diminuirá na mesma proporção que o espírito desenvolva a humildade e o desapego e, ambas as qualidades, se desenvolvem com a prática do amor ao próximo, mediante a ajuda sincera e desinteressada aos outros. Se o soberbo, por receio de sofrer decepções e humilhações, se inibe de prestar a ajuda que está capacitado para dar, está a dar asas ao seu defeito e estagnar-se. Mas, se vencer os seus temores e preconceitos e se deixar levar pelo que sente, avançará.

E qual é a origem do egoísmo do ponto de vista evolutivo? Quer dizer, em que momento da evolução de um espírito aparece o egoísmo?

O egoísmo é um prolongamento do instinto de sobrevivência animal e começa a aparecer no momento em que o espírito começa a decidir por si mesmo, a experimentar com o seu livre arbítrio. O espírito que entra já na fase humana da evolução acaba de estrear a sua capacidade de livre arbítrio. Ainda que já mostre um desenvolvimento incipiente da inteligência, em virtude do seu escasso desenvolvimento emocional, as suas decisões são ainda muito influenciadas pelos instintos, entre os quais predomina o instinto de sobrevivência. A evolução passa por se libertar totalmente dos

instintos e encontrar um caminho próprio, decidido pela sua vontade, através da aprendizagem do sentimento.

Poderias ampliar a tua resposta? Porque não a compreendi completamente.

Claro. Quando o espírito começa a exercitar o seu recém-adquirido livre arbítrio, fá-lo a partir do instinto, que é uma espécie de programação biológica que aproveita dos conhecimentos adquiridos pelo proto-espírito durante a fase de evolução no reino animal e que são o gérmen a partir do qual se desenvolve a vontade independente do ser. É como uma configuração por defeito, um programa que lhe permite tomar decisões automáticas sobre questões a respeito das quais ainda não tem capacidade suficiente para decidir por si mesmo. É como um piloto automático, que lhe corrige a rota quando ainda não sabe pilotar e lhe permite experimentar a pilotagem sem sofrer acidentes enquanto está a aprender a controlar os comandos da nave. Entre esses instintos está o da sobrevivência, que é como um programa que impulsiona o espírito encarnado a procurar alternativas, para evitar a extinção da vida física em qualquer tipo de circunstância, por muito adversa que esta seja, e o instinto sexual, necessário para a continuação da espécie. Acontece que, ao mesmo tempo, o espírito se sente insatisfeito porque sente um impulso novo e desconhecido de alimentar as suas principiantes necessidades emocionais e, devido à sua ignorância dos sentimentos, julga equivocadamente que o pode fazer saturando-se na satisfação dos seus instintos, que é o que sempre fez, empregando a sua inteligência para esse fim sem ter em conta os estragos que possa provocar noutros seres.

Conforme o apresentas, parece que a existência do egoísmo seja algo inerente ao desenvolvimento evolutivo.

Que o espírito, no seu caminho para a perfeição, passe por uma fase egoísta, mais o menos prolongada no tempo, que pode durar uma infinidade de encarnações, é na realidade inevitável e, inclusivamente, benéfico, porque lhe serve para reafirmar a sua individualidade, a sua vontade e para poder experimentar o que se sente na ausência de amor, servindo-lhe para apreciar o que se sente na sua presença à medida que começa a experimentá-lo.

Por isso, as primeiras manifestações do egoísmo na primeira etapa, a que chamaremos de vaidade primária, na qual se encontram os espíritos jovens, são basicamente materialistas, orientadas para a satisfação dos instintos mais primitivos. Desperta a cobiça, a avareza,

a lascívia, que se manifestam em atitudes como o materialismo e o consumismo, o hedonismo e, a nível colectivo, o imperialismo e o colonialismo, quer dizer, a exploração de outros seres pela ambição de poder e riqueza materiais. É a etapa que ainda predomina no vosso planeta, porque uma boa parte da humanidade ainda se encontra afundada nessa etapa de adolescência espiritual.

À medida que o espírito avança no conhecimento dos sentimentos, esse egoísmo materialista começa a transformar-se em egoísmo espiritual. É uma fase de vaidade mais avançada. Nesta etapa o espírito continua a agarrar-se ao egoísmo, mas ao mesmo tempo já começou a desenvolver o sentimento. Apesar de ser ainda relutante em dar, é capaz de reconhecer a presença do amor e o bem-estar que proporciona, e procura recebê-lo. A avareza vai-se transformando em apego e a cobiça em absorvência. Mas, isso não se dá da noite para o dia, antes se produz gradualmente, existindo uma fase de transição, uma vaidade intermédia em que coexistem todas estas manifestações egoístas (cobiça, avareza, apego e absorvência) em diferentes graus, e que é a que predomina na Terra actualmente. Pode custar ao espírito milhares de anos libertar-se apenas de uma destas formas de egoísmo. Mas, a partir de determinado momento, quando o espírito começa a adquirir consciência do seu egoísmo e de que ao deixar-se levar por ele está a prejudicar outros seres, torna-se mais responsável pelos seus actos e, logo, mais sensível ao sofrimento que provoca. E então, em determinado momento desse processo, o espírito despertará o seu sentimento, sentirá a necessidade de amar e descobrirá que necessita de amar para ser feliz.

Que acontece então?

Que começa a luta pelo amor. Inicia-se a etapa do orgulho. Nesta etapa o espírito começa a procurar não apenas receber amor, mas também a dá-lo, encontrando, todavia, grande quantidade de obstáculos. Começa a perceber, a ser consciente, a sentir na própria carne o que é a incompreensão e a ingratidão. E acontece que a maioria, três quartas partes da humanidade, ainda se encontram mergulhadas nalguma das fases da vaidade. Estão a colher ainda os frutos da sua etapa anterior e não percebem o que se está a passar. Parece-lhe que o mundo se virou contra ele e contra a sua vontade de melhorar, de amar e de ser amado. Sucumbe ao desalento emocional, e o egoísmo regressa em força à sua mente. Para evitar que firam os seus recém-descobertos sentimentos, cobrirá com uma capa o seu interior. Torna-se desconfiado, insociável, solitário, porque

verá no isolamento uma saída para evitar o sofrimento. Para evitar sofrer pode, também, tomar o caminho da resignação. Acomoda-se ao que os outros esperam dele, para evitar agressões de espíritos mais egoístas. Começa a gerar-se a pior enfermidade espiritual que existe e que é a causa de uma boa parte das doenças físicas graves: a auto-anulação da vontade, do livre arbítrio, até ao extremo de chegar um momento em que o espírito não actua nem vive como é na realidade, mas torna-se num perfeito escravo espiritual do ambiente que o rodeia, chegando mesmo a acreditar que deseja o que, na realidade, lhe foi imposto. Porém, deste modo sofre por não querer sofrer, e este é um sofrimento estéril que não conduz a nenhum progresso espiritual. Nesta etapa do orgulho, encontra-se quase uma quarta parte da humanidade. A transição entre a etapa da vaidade e a do orgulho tão-pouco acontece abruptamente, mas trata-se de um processo gradual, de forma que coexistem manifestações de ambos os defeitos durante muito tempo.

E como continua esta história? Como se supera esta etapa?

Amando, amando sempre. Apenas o amor romperá a couraça do orgulho. Como já disse, o orgulhoso tem maior capacidade para compreender e conseguir aceitar melhor a ingratidão daqueles que lhe provocaram danos do que o vaidoso; para compreender que, os que actuam egoisticamente e com escassez de amor, simplesmente o fazem porque ainda são espíritos jovens, em processo de evolução e que com o tempo aprenderão, ainda que necessitem de muitas vidas, porque a aprendizagem do sentimento e o desprendimento do egoísmo são processos que precisam de muito tempo para serem apreciáveis. Pelo facto de não vermos mudanças notórias numa só vida, não quer dizer que o espírito não esteja a avançar. Quem é bom nesta vida, é porque já nasceu bom, com toda a bagagem de conhecimento doutras vidas e, ainda que se possa avançar muito numa encarnação, não podemos exigir que alguém passe de pirata a santo da noite para o dia. Se não desesperais pelo facto de uma criança não aprender a falar num dia apenas, porque compreendeis que a aprendizagem da fala custa à criança vários anos da sua vida física, não deveis impacientar-vos tão-pouco porque uma criança espiritual leve vários anos espirituais, ou seja, várias encarnações, a aprender a amar. Por isso, o espírito que é mais avançado no conhecimento dos sentimentos não pode pedir a outro que o é menos que chegue a alcançar o seu mesmo nível numa só vida, se a ele mesmo lhe custou tantas vidas e esforços para o conseguir. Deverá conformar-se com a aprendizagem que a sua capacidade ou a sua vontade lhe possibilitarem. Deve recordar que, em certo

momento, a sua evolução também esteve nesse mesmo nível e alguém mais avançado que ele esteve a seu lado, suportando as suas atitudes egoístas.

E se superar tudo isso?

Confronta-se com o mais difícil. Falta-lhe ainda alcançar a humildade e o desapego, quer dizer, a generosidade na hora de compartilhar os sentimentos, objectivos que lhe compete superar na etapa da soberba.

O espírito soberbo é um espírito já muito avançado em relação à média e, por essa razão, é escasso no vosso jovem planeta. Trata-se maioritariamente de espíritos originários de outros planetas mais avançados, que já têm mais tempo de evolução. Talvez superem em muitos milénios a idade espiritual da média do planeta. Porque os seus planetas estão mais avançados, praticamente não existem neles nem a injustiça, nem a ingratidão, pelo que esses espíritos não encontram neles as circunstâncias adversas que despertem o seu defeito. Vêm a este planeta precisamente porque se trata de um ambiente propício para a manifestação do seu defeito. Ao ser a Terra um planeta onde a injustiça e a ingratidão se dão em abundância, esses espíritos põem-se à prova no seu defeito e vontade. E assim, através de provas mais duras, conseguem avançar mais rapidamente. Nas suas encarnações em planetas menos avançados costumam escolher desempenhar missões de ajuda espiritual aos outros, pela sua grande capacidade e porque, assim se exercitam na ajuda aos outros, da qual precisam para vencer a sua falta de humildade e a sua dificuldade em compartilhar os sentimentos.

Toda esta explicação suscitou-me uma quantidade de perguntas mais que gostaria de te expor para que me fosses esclarecendo. Têm que ver sobretudo com as emoções, os sentimentos, as diferentes manifestações do egoísmo que apresentaste (vaidade, orgulho, soberba). Gostaria de saber algo mais delas.

Força! Pergunta.

Antes, disseste que o sentimento e o pensamento têm origens distintas e que o egoísmo procede da mente. Queres dizer com isso que pensar é mau em si mesmo?

Nem por sombras. O que quis dizer é que é necessário que aprendais a distinguir entre o que sentis e o que pensais, porque é através da mente que os pensamentos egoístas, que acabam por vos confundir, se infiltram no espírito. O pensamento não é mau em si mesmo. Apenas o é quando afoga o sentimento. Quando o pensamento está

em harmonia com o que se sente, é um valioso instrumento ao serviço do sentimento, para que o sentimento se transforme em acto amoroso. O problema do vosso mundo é que vos foi ensinado a pensar sem sentir e, se o pensamento não tem a inspiração do sentimento, coloca-se ao serviço do egoísmo. A evolução no amor também passa por aprender a harmonizar o pensamento com a voz do sentimento e não com a do egoísmo.

Acabo por não perceber o que queres dizer, poderias dar-me um exemplo?

Claro. Imagina que vês uma pessoa muito querida, que tu és homem e que ela é mulher e que há já algum tempo que a não vês. O sentimento que tens por esta pessoa, faz-te sentir alegria e vontade de lhe exprimes o quanto a queres, dando-lhe um abraço. Porém, imagina que estás perto de pessoas com preconceitos sexistas, que não aceitam as relações de amizade profunda entre pessoas de sexo diferente e que, imediatamente, sabes que vos vão criticar e caluniar. Ao tomares consciência deste inconveniente mudas a tua decisão e reprimes os teus sentimentos, de maneira que ao veres essa pessoa querida conténs-te, pelo receio do que dirão, e apenas lhe estendes a mão de forma socialmente correcta.

Neste caso, o pensamento, motivado pela análise mental da situação, alterou o sentimento, ou seja, reprimiu-o, pois o sentimento inicial era de alegria e, após reflexão mental, ficou-se pela contenção. Este é um exemplo de como o pensamento afoga o sentimento.

Mas, entendo eu, que na situação que expuseste, também se deve ser prudente, porque se queres bem à pessoa podes colocá-la em situação delicada se houver exposição desnecessária. Podes escolher um momento mais adequado, em ambiente menos inquisitório, para fazeres o que sentes.

Certamente. Ser prudente é uma virtude. É devida prudência em respeito do livre arbítrio dos outros, porque muitas vezes as nossas opiniões poderão não ser entendidas ou partilhadas. Mas, há que tentar ter cuidado em não disfarçar o medo com a prudência. A prudência modera a manifestação quando as circunstâncias não são propícias, mas não afoga o sentimento. O medo, sim. Se o medo se apodera da pessoa, esta reprimirá a expressão dos seus sentimentos, inclusivamente em situações em que não há ameaça ou qualquer circunstância adversa real, porque o medo já se encarrega de converter essa ameaça em realidade, na mente. A repressão

começa no momento em que alguém se inibe de tomar decisões relativas à sua própria vida pelo medo da reacção dos outros.

E de onde vêm esses condicionamentos mentais que reprimem os sentimentos?

Uma parte procede do egoísmo próprio e a outra da educação recebida desde a infância que, no vosso planeta, é fortemente repressiva dos sentimentos. Durante muito tempo, a vossa forma de educar colocou a ênfase no desenvolvimento da mente e utilizou-se a própria mente para reprimir o desenvolvimento dos sentimentos. As crianças vêm a este mundo abertas de par em par para se manifestarem tal como são, com um grande potencial para sentirem e exprimirem os seus sentimentos. Mas, logo desde pequenas são condicionadas para que sintam apego em vez de amor, para reprimirem os sentimentos, a alegria, a espontaneidade e para que se sintam culpadas cada vez que experimentem algo de felicidade. Que foi o que se ensinou às crianças durante gerações? Que o bom filho é aquele que é obediente, um escravo da vontade dos pais, dos professores, dos adultos e das normas e convenções sociais.

Quantas vezes, à pergunta da criança por que deve fazer alguma coisa que não compreende, lhe foi respondido: "porque eu, que sou o teu pai, to digo e pronto"? E se os pais estão amargurados, então o filho tem de carregar com essa amargura. Muitas ordens, muita rigidez e pouca liberdade. Fica mal tudo aquilo que se faz sem ter perguntado aos pais ou aos adultos. Fica mal rir, fica mal se choram, fica mal se falam ou se calam quando os pais não lho autorizaram. "Apenas te debes relacionar com quem eu disser, gostar de quem eu disser, fazer o que eu disser. É pelo teu bem" dizem-te. Nas sociedades fortemente religiosas tudo é pecado. É pecado manifestar qualquer expressão de alegria, de afecto, como um abraço ou um beijo. Em tudo isso se vê sempre algo pecaminoso, obsceno, confuso, diabólico e uma pessoa tem de se sentir culpada por ser feliz. Converte-se a vítima em carrasco, o inocente em culpado. Portanto, a criança chega à conclusão de que a única forma de não sofrer é reprimir os seus sentimentos. Aprende a apresentar uma imagem ao mundo, a imagem que os outros querem dele, mas que na realidade não tem muito a ver com o seu próprio eu. E acontece que o condicionamento é tão forte, o fingimento é tão contínuo, que quando chega à idade adulta a pessoa acredita ser o que fingiu ser.

A maioria das crianças, quando chegam a adultos chegam à conclusão inconsciente de que não merecem ser amados tal e qual

são, mas que têm sempre de apresentar algum mérito para receberem um pouco de amor. Ou seja, foram ensinadas a acreditar no apego, no falso amor, possessivo, condicional, forçado, interessado e faz-se-lhe renunciar ao amor incondicional, livre, espontâneo. A consequência disso é que há pouca gente que acredite no amor e que viva o amor, que experimente, ainda que seja um pouquinho, a felicidade que emana dele. E na ausência de amor, o egoísmo e todas as suas manifestações mais funestas campeiam à vontade. Em poucos dos malfeitores do vosso mundo encontrareis alguém tenha sido amado em criança. Porque é que, se há um mandamento que diz "honrarás a tua mãe e o teu pai", não há outro que diga "honrarás os teus filhos"? Muitos males do vosso mundo resolver-se-iam amando as crianças, porque as crianças ainda não colocaram couraças nos sentimentos. Amariam e deixar-se-iam amar. Amai as vossas crianças durante uma geração e o vosso mundo transformar-se-á num paraíso em menos de um século.

Queres dizer com isso que há gente que, ainda que sendo conhecedora dos sentimentos, ou seja, ainda que sendo capaz de amar, se reprime e aparece perante os outros como alguém frio, sem sentimento?

Assim é. Muita gente apresenta-se dura porque tem medo de sofrer, que se descubra a sua fraqueza, que é a falta de amor. E por isso se recobre de capas, de couraças, como um cavaleiro medieval com armadura. E deste modo sofre-se por não se querer sofrer. Sofre-se porque se evita o sentir, que é o que uma pessoa necessita para ser feliz, amar e ser amado. Porque julgais que há tanta gente que tem medo da solidão? Porque na realidade têm medo de se enfrentar a si mesmos, medo de descobrir a grande verdade: "estou vazio". E, por isso, a gente foge de si mesma, refugiando-se em objectivos materiais, mentais, que lhes provoquem muitos quebra-cabeças ou recorrendo a divertimentos que hiperestimulem a mente para, assim terem uma desculpa para não dar nunca com a verdadeira resposta. Para que a mente fale tanto e tão alto que cale a voz do sentimento.

Mas, é impossível calar a voz da consciência para sempre e, em qualquer momento, a mente descuida-se, ou bloqueia por algum acontecimento imprevisto ou traumático, e a voz interior grita de novo: "Estou vazio. Estou vazio porque não sinto. Porque eu não sou como aparento ser. Sou uma fachada, uma aparência. Renunciei a ser eu mesmo, um ser que quer amar e necessita de ser amado e sinto-me desgraçado por isso" e quando se toma consciência da realidade pode ser doloroso, chocante. Nesse momento, muitos

procuram a forma de justificar a atitude que tomaram a respeito da anulação das suas necessidades afectivas, julgando equivocadamente que, se deitarem terra sobre o assunto, vão sofrer menos e tudo voltará à normalidade.

“Que mal me tratou a vida! Com que gente tão má me calhou viver! Nem os meus pais me quiseram! Por que tenho eu de ser melhor?” – dizem. E a ira, o rancor, a desconfiança, a tristeza e a solidão consomem-nos por dentro. E se têm filhos, vingam-se neles de todas as suas frustrações, “para que aprendam o que é a vida”, voltam a dizer, tentando justificar-se, apenas porque as crianças são fracas e se descuidam. E, então, o parafuso dá outra volta em direcção ao desamor.

Mas, é muito compreensível que alguém que sofreu muito na vida chegue à conclusão de que nada vale a pena, não?

É certo que a vida pode ser muito dura e que quem decida lutar pelos sentimentos terá muitas amarguras, pela incompreensão dos outros e, isso, fá-lo-á sofrer. Mas, será um sofrimento externo, provocado pelas circunstâncias, que valerá a pena se, apesar de tudo, a pessoa conseguir sentir e amar. Mas, sofrer para evitar sentir é um sofrimento interno que se provoca a si mesmo e é um sofrimento estéril, já que não serve para avançar no sentimento e no amar. Precisamente o contrário. Pode provocar muito sofrimento e dor porque, imbuído de dor, sente-se com justificação para causar dor aos outros ou nem sequer pára para pensar no dano que pode estar a provocar.

Ah, sim, mas quando alguém está habituado a viver na dor, a dor parece-lhe normal. Porque muita gente se perguntará: Sou eu capaz de superar a dor, sou eu capaz de amar?

E eu interrogo-me-me se não haverá ninguém que diga simplesmente: “Olha, todo este sofrimento que já vivi, não o quero mais. Nem para mim, nem para os outros. Já aprendi algo da vida. Tudo aquilo que me fizeram e me fez sofrer, vou evitar fazê-lo aos outros. Todo o amor de que necessitei dos meus pais, mas que não mo deram, vou dá-lo aos meus filhos, a quem estiver próximo, a todos os que passarem pela minha vida”. E só com a vontade de mudar e com a força do sentimento, a vida de uma pessoa dará uma reviravolta e serão quebrados os laços do ódio. E o parafuso do desamor que estava apertado, começará a afrouxar e desandar-se-á uma e outra volta até que finalmente se desaperte totalmente. E, se todos os que vivem na dor e no desamor tomassem uma decisão semelhante, o mundo

mudaria numa geração. A geração das crianças que foram queridas pelos seus pais, a das crianças que não colocaram couraças para evitar que lhes causassem danos, a das crianças que não têm medo de amar, porque foram criadas no amor.

Como já disse, a capacidade de amar é uma qualidade inata do espírito. Portanto, todos a temos. Apenas necessitamos de a descobrir e de a desenvolver. Confiai em que isso é assim e assim será. E como já disse, não se trata apenas de amar os outros: há que começar por se amar a si mesmo.

Mas, que é amar-se a si mesmo?

Já o disse. Amar-se a si mesmo é reconhecer as necessidades afectivas próprias, os sentimentos e desenvolvê-los para que sejam o motor da nossa vida.

Então é bom querer-se a si mesmo?

Certamente que sim. A auto-estima é necessária para se ser feliz. Novamente o repito: aquilo a que tem que se renunciar é ao egoísmo, não ao amor. Se uma pessoa não gosta de si mesma, donde tirará a força e a vontade necessárias para amar os outros? Viver sem sentir é quase como estar morto. Por isso, muitas das pessoas que vivem sem sentir desejam morrer, porque albergam a falsa esperança de que ao morrer acabará o seu suplício e assim elas mesmas iniciam o processo de autodestruição do seu corpo a que chamais doença. Muitas doenças provêm do facto de as pessoas serem incapazes de se amarem a si mesmas. São aquelas pessoas com um nível de auto-estima muito baixo, as mais propensas a terem doenças do sistema imunitário, como leucemias, linfomas e doenças auto-imunes. Estas últimas, as doenças auto-imunes, estão relacionadas, além disso, com um sentimento de culpa muito enraizado. Estas pessoas estão tão deprimidas que dificilmente poderão dar-se aos outros. Primeiro terão que resolver a sua falta de auto-estima.

Então, quais são os passos a seguir para se amar a si próprio?

Primeiro, reconhecei as necessidades afectivas próprias, os sentimentos e permiti que aflorem para que tomeis consciência de que existem. Ou seja, deixai de os reprimir e passai a desenvolvê-los, para que sejam o motivo da vossa vida. Segundo, na hora de actuar, fazei-o pelo que sentis e não pelo que pensais, não pelo que vos ensinaram que é correcto, se isso for contra o que sentis. Não permitais que os vossos pensamentos, que estão condicionados por uma infinidade de razões, cheguem aos vossos sentimentos.

Muita gente perguntar-se-á se vale a pena dar esse passo.

Asseguro-vos que vale a pena, porque à medida que actueis em conformidade com os vossos sentimentos começareis a experimentar um pouco o que é a felicidade autêntica, a felicidade interior, que apenas o amor a dá. Também assim evoluireis espiritualmente. Jamais renunciéis aos vossos sentimentos, porque é a única coisa pela qual vale a pena lutar e viver. No princípio é quando mais custa, porque o parafuso pode estar muito apertado. Será preciso usar muita força de vontade, até que ele comece a ceder. Em seguida, o caminho suavizar-se-á e os sentimentos que fordes experimentando, encherão o vosso interior (de amor, sim) como nunca tínheis sentido antes e isso dar-vos-á forças para continuar.

E que há que fazer para amar os outros?

Tentai ver os outros como a vós mesmos. Tomai consciência de que eles são vossos irmãos, da mesma essência e com as mesmas necessidades interiores que vós. Todos temos as mesmas capacidades e todos necessitamos de amar e de sermos amados em completa liberdade para sermos felizes. Se eu tenho sede depois de caminhar um bom bocado debaixo de um sol castigador sem ter podido beber, não será de esperar que aconteça o mesmo a qualquer outro nas mesmas circunstâncias, sentir mais ou menos o mesmo desejo de beber que eu? Pois, com o amor acontece o mesmo que com a água. Todos sofremos quando somos privados de amor e todos nos reconfortamos quando ele nos é dado. Portanto, se observamos alguém que está sedento de sentimento, vamos dar-lhe de beber amor, do mesmo modo que quando nós estivemos sedentos de amor, houve outros que no-lo deram a beber.

Mas se, apesar da nossa boa intenção em relação aos outros, recebemos ingratidão, desprezo ou troça em paga?

Quando alguém nos provocar danos compreendei que é por falta de evolução no amor e que temos de aproveitar esta circunstância para nos melhorarmos a nós mesmos porque, seguramente, se algo de negativo desperta em nós é porque esse algo ainda está no nosso interior e devemos trabalhar para o eliminar. Como já disse, até ao momento em que dermos amor de forma incondicional, não podemos considerar o trabalho concluído e aquele que reage mal à ingratidão, é porque ainda não chegou à meta, pois, de certa forma, ainda espera alguma coisa em troca do que dá.

E alguém dirá, “ufa! Que difícil é isto, porque se eu decido mudar mas os outros continuam na mesma, quantos desgostos não irei receber! não sei se vale a pena”.

E eu pergunto, não é preferível sujeitarmo-nos a apanhar uns golpes, a que sempre poderemos tentar esquivar-nos, do que darmos golpes em nós próprios? Porque a gente que vive em desamor é a que está a dar golpes em si mesma e a que impede que alguém se aproxime por lhe querer bem.

O que dizes faz sentido. Contudo, continuam a surgir-me dúvidas.

Expõe-nas à vontade.

Antes, sublinhaste a importância de não reprimir os sentimentos, de que se devem expressar. Mas, por outro lado, falas da importância de ter em conta as necessidades afectivas e os sentimentos dos outros. E aqui vai a pergunta: Não sucede que há sentimentos negativos como o ódio, a raiva, a ira ou o rancor que, se os exteriorizamos, podem causar danos nos outros? Como se podem exteriorizar os sentimentos sem causar danos nos outros ao mesmo tempo? Não são ambas as acções contraditórias entre si?

Conforme tu o notaste, redundava numa contradição. De novo é necessário que esclareçamos os conceitos para não gerar confusão motivada por um problema de insuficiência da linguagem, que utiliza a mesma palavra, a do sentimento, para definir coisas que são totalmente opostas. Quando eu, antes, falava que há que se deixar levar pelos sentimentos, referia-me aos sentimentos que nascem do amor que, para os distinguir, deveríamos chamar amo-sentimentos, que são sempre positivos, claro. Os que nascem do egoísmo ou da luta entre o amor e o egoísmo, aqueles que chamámos sentimentos negativos ou ego-sentimentos são outra coisa, pelo que há que os tratar de forma diferente (falaremos disso mais adiante). Certamente há que evitar deixar-se levar por eles porque podemos causar muito dano aos outros. Em qualquer caso, reprimi-los não leva a lado nenhum. Apenas, a que nos causem dano por dentro.

Poderias enumerar alguns desses ego-sentimentos?

Alguns já os mencionámos quando falámos sobre a vaidade, o orgulho e a soberba, porque são manifestações do egoísmo. Mas agora vamos tratá-los com maior profundidade, sobretudo os que são mais complexos e difíceis de compreender, como o apego.

Estes são os mais importantes:

a) Avareza, cobiça, lascívia, ódio, agressividade e inveja.

b) Apego, absorvência, ciúmes, ira, rancor, impotência, luxúria, culpabilidade, medo e tristeza.

Todo isso me faz lembrar os sete pecados mortais, tem alguma coisa a ver?

Não são pecados, mas sim manifestações do egoísmo, ainda que é certo que se alguém se deixa arrastar por eles pode chegar a cometer uma grande quantidade de actos contra a lei do amor e a do livre arbítrio, e que terá de reparar.

Por que os separas em dois grupos?

Os primeiros são manifestações do egoísmo mais primitivas. Nos segundos, ainda que sejam também manifestações do egoísmo, há um componente adicional; neles está já implícito um conhecimento maior do que são os sentimentos.

Poderias definir em que consiste cada um desses ego-sentimentos para que faça uma ideia mais exacta?

Sim. Começemos pela avareza e o apego. Vamos analisá-los de forma conjunta porque, como veremos, o apego é uma derivação avançada da avareza.

Avareza-Apego

A avareza é a avidez excessiva em acumular bens materiais. A pessoa avarenta é aquela que tem muito para dar, materialmente falando, mas que se nega a repartir com os outros o que considera seu. Quando o espírito avança no conhecimento dos sentimentos mas mantém a sua incapacidade para repartir, a avareza material transforma-se em avareza espiritual. A avareza espiritual é o apego, a dificuldade em partilhar o carinho das pessoas que considera, incorrectamente, como propriedade sua, por exemplo, os filhos, o par, etc. Aquele que sofre de apego apenas pretende gostar de alguns, poucos e costuma exigir que os outros façam o mesmo. Há muita gente que, equivocadamente, julga que ama e diz que sofre muito porque ama muito quando, na realidade, o que lhe acontece é que sofre de apego e por apego. Apenas quando o espírito avança começa a reconhecer a diferença entre amor e apego.

Podes explicar a diferença entre amor e apego?

Sim. Quando uma pessoa ama, procura respeitar o livre arbítrio da pessoa querida e o seu próprio. Tenta fazer o possível para que a pessoa querida seja livre e feliz, ainda que isso implique renunciar a estar com essa pessoa. No caso do apego, a pessoa que dele

padece está a pensar mais em satisfazer o seu próprio egoísmo do que no bem-estar da pessoa querida. Por isso tem tendência a desrespeitar o livre arbítrio da pessoa de quem supostamente gosta, retendo-a a seu lado contra a sua vontade ou coagindo-a para que faça apenas o que ela quer, dificultando ao máximo as relações com outras pessoas, a quem considera a sua "concorrência". Aquele que ama de verdade, não é possessivo com a pessoa amada nem fica magoado porque a pessoa amada goste também de outras pessoas. Pode acontecer que o apego se esgote, mas o amor verdadeiro, o amor autêntico, nunca se gasta. Por gostar cada vez de mais pessoas, não significa que se queira menos aos restantes. Mas o apego faz-nos julgar que sim. Que o que se dá aos outros nos é tirado a nós. Aquele que sente apego exige, obriga e força os sentimentos. Espera sempre alguma coisa em troca do que faz. Tem muita tendência para exigir, para receber e apenas dá por interesse, na condição de que lhe satisfeito o que pretende. Também por apego, pode lesar o seu próprio livre arbítrio, obrigando-se a fazer coisas que não sente. Quem sente amor autêntico, dá incondicionalmente e consente liberdade nos sentimentos. Não obriga, não força, não exige nada em troca, da pessoa a quem ama.

Seria bem-vindo um exemplo que me esclarecesse as diferenças.

Certo! Imagina que duas pessoas que dizem gostar de pássaros, se encontram.

A primeira tem-nos instalados em belas gaiolas douradas, numa habitação climatizada. Dá-lhes ração de alta qualidade e água mineral engarrafada e leva-os ao veterinário periodicamente. A segunda, simplesmente lhes leva comida ao parque, faz-lhes festas quando pousam e cuida deles quando estão feridos e não podem voar.

A primeira pessoa diz: Como eu gosto dos meus pássaros! Gasto uma fortuna com eles para que tenham todas as comodidades que não teriam se vivessem em liberdade! Mas vivem tão pouco tempo! Estão sempre doentes e por muito que gaste em medicamentos e em veterinários, morrem antes do tempo. O que me fazem sofrer! Que posso fazer?

A segunda pessoa diz: Os pássaros de que eu cuido não me pertencem. Não estão fechados em gaiolas, antes vivem em liberdade. Estou feliz porque sei que eles não estão comigo obrigados pelos arames de uma gaiola, mas sim porque o desejam livremente. Estou feliz porque os vejo viver como querem, voando em liberdade. Os seus pássaros, meu amigo, morrem de desgosto, porque não são

livres. Abra as suas gaiolas para que possam voar em liberdade e viverão, porque serão livres, porque serão felizes.

O primeiro responde: O pior é que se lhes abro a gaiola, escapam-se e não os torno a ver!

O segundo responde: se se escapam é porque têm estado presos contra a sua vontade e deixam para trás o que para eles é uma vida de cativo. Os meus pássaros não fogem de mim, porque sabem que são livres de ir e vir quando lhes apeteça. Pelo contrário, quando me vêem chegar ao parque aproximam-se imediatamente, rodeiam-me e pousam em cima de mim.

O primeiro diz: O que você tem era, o que eu queria. Que os meus gostassem de mim.

O segundo diz: O que você quer jamais o terá à força. Cobre-os de comodidades para os tentar compensar da falta do que eles mais desejam: voar em liberdade. Se realmente gosta deles, deixe que vivam a sua vida em liberdade.

Qual é o que ama e qual é o que sente apego?

Sente apego o que quer os pássaros engaioladas. Sente amor o que os quer livres.

Podes dar-me um exemplo de como se afecta o livre arbítrio de outra pessoa através do apego?

Sim. Há apego na mãe que retém os filhos a seu lado quando estes já são maiores e querem tornar-se independentes por diferentes motivos, seja porque encontraram um par ou porque desejam estudar ou trabalhar longe do lar, etc. A mãe que tem apego tentará impor a sua necessidade de estar com eles, não respeitando que eles queiram viver a sua vida de forma independente e, se o não conseguir, sentir-se-á emocionalmente ferida e chegará a dizer, inclusivamente, aos filhos que não gostam dela, tentando fazê-los sentirem-se culpados, para os conseguir reter a seu lado. Há apego no pai que exige que os seus filhos se dediquem a tal ou tal profissão, que devem estudar para tal ou tal carreira, senão serão deserdados. Há apego no noivo que diz à sua noiva a roupa que pode ou não pode usar, a que horas deve entrar e sair de casa, com quem pode e não pode relacionar-se. Este falso amor, o apego, é como uma cadeia, uma jaula que aprisiona o ser objecto do apego, convertendo em carcereiro o que se deixa dominar por ele porque, como a pessoa que tinha as pássaros engaioladas, aquele que sofre de apego, nem vive nem deixa viver.

Pareceu-me lógico quando disseste que, por apego, alguém lesa o livre arbítrio dos outros, mas surpreendeste-me quando disseste que por apego alguém pode afectar o seu próprio livre arbítrio. Podes dar-me um exemplo de como fica afectado o próprio livre arbítrio quando se sente apego?

Pois sim. Por exemplo, a mesma mãe do exemplo anterior, quando se coíbe de realizar algo de que o seu interior necessita, como por exemplo, dedicar tempo a ajudar outras pessoas fora da família, porque pensa que ao fazê-lo descuida a sua própria, como os seus filhos ou o seu marido. Se a pessoa não supera o apego sentir-se-á culpada quando trate de assuntos que a encham interiormente e, inclusivamente, chegará a abster-se de os realizar por causa desse mesmo sentimento de culpabilidade.

Esta última manifestação de apego deveras me surpreende, já que, normalmente, as pessoas que estão muito viradas para a família costumam ser consideradas pessoas muito amorosas.

Pois. É porque o apego está muito enraizado na vossa cultura e confunde-se amiúde com o amor. Muita gente, devido à educação que recebeu, tem-no tão enraizado, que o interiorizou como algo próprio da sua personalidade. À mulher faz-se-lhe sentir culpada quando não está 100% do tempo dedicada ao seu marido, aos filhos ou ao trabalho e, quando dedica tempo a pessoas fora da sua família, expõe-se a ser alvo de falatório por parte inclusivamente das pessoas da sua própria família, que lhe dizem que estão a olhar pelo seu bem, mas tentam é fazê-la sentir-se culpada com comentários do tipo "queres mais a essa gente do que aos da tua própria família" ou "que perdeste tu aí? O teu lugar é aqui, com os teus" ou "que não irão pensar de ti!". Ainda que o homem tenha, tradicionalmente, gozado de maior liberdade, não está isento, nem de sentir o apego, nem de que os outros o culpabilizem por apego quando dedica tempo a ajudar outras pessoas que não são da sua própria família, do seu círculo de amizade, do seu povo ou cultura, sobretudo se, de isso, não retirar nenhuma vantagem económica.

Mas, digo eu que, quando alguém se está a dedicar à família, também existirá alguma coisa de amor aí, não?

Certamente. Uma coisa não exclui a outra. Já o disse e repito: o amor verdadeiro não se esgota. Pode-se gostar cada vez de mais pessoas sem que por isso deixe de se gostar da sua família. Apenas, a maior capacidade de amar, o compromisso com um mais elevado número de pessoas e o tempo do que se dispõe, terão de ser repartidos por

mais pessoas. Isso pode ser entendido pelos que sofrem de apego como se lhes quisessem menos, mas não é assim.

Que acontece à família quando alguém decide dar o salto da mudança? Por acaso não descuida os seus quando começa a passar tempo a ajudar os outros?

Olha, um dos obstáculos mais fortes que alguém que quer começar a mudar vai ter, reunindo-se com outras pessoas para falar do interior, é que o meio que o rodeia não o vai compreender e vão jogar com o seu sentimento de culpa por não cuidar das obrigações familiares. Reparai com atenção e vereis que, quando uma pessoa quer ir ver um jogo de futebol por semana, que dura duas horas e que, ainda por cima, custa dinheiro ou então vai a uma discoteca ou um bar, essa pessoa não é acusada de descuidar a família. Todavia, se a mesma pessoa for falar duas horas por semana sobre o interior, para se ajudar a si mesmo ou aos outros, então põem-lhe mil e um obstáculos e ela sente-se culpada, acreditando que negligencia a família. Isto acontece por culpa do apego, ou seja, da dificuldade em compartilhar. O apego não é amor e, se não vencerdes este obstáculo, ficareis estagnados.

Então, a família pode ser um obstáculo para o progresso espiritual?

Não. O que é um obstáculo é a incompreensão daqueles que não querem avançar nem deixam avançar os outros e que utilizam todas as armas ao seu alcance para o conseguir e para reter os que querem avançar, inclusivamente os ligados por laços de sangue, como a família. Para quem vive numa família compreensiva, a família é um ponto de apoio para o desenvolvimento espiritual. Mas devido ao escasso desenvolvimento da humanidade terrestre, os que estão dispostos a empreender o despertar espiritual são uma minoria. Além disso, é muito difícil que, ainda que numa mesma família haja vários espíritos afins dispostos a lutar pelo avanço espiritual, que o seu despertar se dê simultaneamente. Portanto, para o pioneiro será mais difícil, mas é o que irá abrir o caminho aos outros. O próprio Jesus teve que vencer esse mesmo problema, a incompreensão da sua família, por apego. Reprovavam-no constantemente porque descuidava as suas obrigações familiares para se ocupar dos seus assuntos espirituais porque não o compreendiam. Taxavam-no, inclusivamente, de desequilibrado, tentaram fazê-lo sentir-se culpado e, mais ainda, quando José morreu e ele teve que se encarregar do sustento de uma numerosa prole. Todavia, isso não é verdade, porque Jesus cuidou materialmente da sua mãe e irmãos até que eles puderam tomar conta de si mesmos. Mas a sua missão era mais extensa,

abarcando toda a família humana. Esta falta de compreensão da família em que viveu Jesus, vem reflectida nesta passagem dos evangelhos. *"Então ele (Jesus) disse: "Todo o profeta é prezado em toda a parte, menos na sua própria terra e pela sua própria família".*

Mas é necessário renunciar à família para amar incondicionalmente?

Como podes acreditar que o mundo espiritual exija a alguém que renuncie à família, se foi precisamente no mundo espiritual onde se criou a família, como forma de estimular no espírito os primeiros sentimentos? O amor do casal e o amor entre pais e filhos são os primeiros sentimentos que o espírito conhece e desenvolvem-se a partir dos instintos de reprodução e de protecção das crias pelos progenitores. A única coisa que vos digo é que para avançar no amor têm que se abrir à partilha, a ampliar o conceito de família, considerando como parte dela todo o ser espiritual. Repara: é impossível haver uma autêntica irmandade na humanidade se forem estabelecidas categorias na hora de amar: os da minha família primeiro, os da minha terra primeiro, os do meu país primeiro, os da minha raça, cultura e religião primeiro. E, se me sobrar alguma coisa, é para os outros. Isso é uma forma de egoísmo disfarçado porque o que se dá é sempre em troca de se receber alguma coisa, nada de dar sem se esperar receber nada. Por isso, na hora de dar, estabelece-se uma tabela, que coloca em primeiro lugar os que nos podem dar mais, em segundo os que nos podem dar menos e deixa de fora os que não nos podem dar nada. Este comportamento egoísta desrespeita a lei do amor, por muito que haja determinadas pessoas a tentar justificar que a solidariedade deve apenas ser para quem contribui. No momento em que excluis alguém do direito à solidariedade, esta palavra deixa de ter sentido. Um exemplo de até onde se pode chegar com este tipo de egoísmo colectivo tende-lo no nazismo, que proclamava uma suposta solidariedade de raça forjada à custa de suprimir e eliminar os direitos das outras raças e crenças e o livre arbítrio de cada indivíduo.

Disseste que existe apego na etapa da vaidade e também na da soberba. Parece que é um ego-sentimento bastante difícil de superar.

Pois, é. O apego inicia-se na etapa da vaidade e não se supera até ao final da etapa da soberba.

Então não existe nenhum avanço a respeito do apego à medida que se vai avançando espiritualmente, desde a vaidade à soberba, passando pelo orgulho?

Com certeza que sim. Mas os avanços são sempre graduais. Nem é da mesma intensidade nem se alimenta do mesmo o apego do vaidoso, do orgulhoso ou do soberbo. No vaidoso o apego é muito mais intenso, menos respeitador do livre arbítrio dos outros, pelo seu escasso desenvolvimento no sentimento, alimenta-se do desejo de ser satisfeito e coberto de atenção, e da debilidade do vaidoso para avançar por si mesmo. No orgulho e na soberba o apego é menos forte, já que está a ser paulatinamente substituído pelo amor, (há uma mistura de ambos, amor e apego) e alimenta-se do temor de não ser amado ou do medo de perder os entes queridos.

Como se vencem a avareza e o apego?

O contrário da avareza é a generosidade, isto é, para se vencer a avareza tem que se desenvolver a generosidade, tanto a material como a espiritual. A avareza e o apego vencem-se repartindo o que se tem com os outros, tanto a nível material como espiritual.

Cobiça-Absorvência

A cobiça é o desejo excessivo de querer possuir cada vez mais (e aquilo que se cobiça, podem ser tanto bens materiais, como de qualquer outra natureza), mesmo que isso prejudique outrem. O cobiçoso é aquele que nunca está satisfeito com o que tem e quer sempre o que não tem, também o que os outros têm, e não pára até o conseguir. Os cobiçosos são espíritos gastadores, porque não apreciam o que têm, e invejosos porque anseiam sempre possuir o que os outros têm. Quando o espírito passa da vaidade primária à vaidade avançada, a cobiça material vai-se transformando em cobiça espiritual ou absorvência. Chamamos-lhe absorvência quando a pessoa tenta, consciente ou inconscientemente, atrair a atenção das outras pessoas para a sua exclusiva satisfação, manipulando os sentimentos para que os outros pendam para ela o máximo do tempo possível, sem se preocupar se desta forma está a lesar ou a forçar o livre arbítrio da pessoa que quer absorver. Por isso, a pessoa dominada pela absorvência tem grande dificuldade em respeitar os outros, pois só costuma pensar em si mesma. A pessoa absorvente procura chamar a atenção a todo o custo e costuma fazer-se de vítima para o conseguir. A absorvência está muito relacionada com o apego e costumam ocorrer ambas essas formas de egoísmo ao mesmo tempo e com intensidade semelhante, ou seja, quem sofre de apego costuma ser absorvente. Os ciúmes costumam ser muitas vezes uma mistura de apego e absorvência. Nas pessoas cobiçosas-absorventes costuma aparecer a inveja ou sentimento de animosidade em relação aos que possuem o que elas

desejam e não têm, sendo esse objecto de desejo uma coisa material no cobiçoso ou espiritual no absorvente.

Então é incorrecto pedir que nos dediquem atenção, quando necessitamos de carinho, porque corremos o risco de ser absorventes?

Pelo contrário. Todos necessitamos de ser amados. É bom admiti-lo e pedir o que precisamos, pois faz parte da expressão dos nossos sentimentos.

Então, qual é a fronteira entre pedirmos que nos aceitem e sermos absorventes?

Quando se pede de forma sincera, sem obrigar, sem enganar, sem manipular, não se é absorvente. É-se absorvente quando se força, se engana e manipula, em suma, quando se ofende o livre arbítrio dos outros. Além disso, muitas vezes não se pede amor, apenas se pede que nos satisfaçam. O amor ou se dá livremente ou não é amor, é uma obrigação. Portanto é incorrecto exigir que determinadas pessoas gostem de nós, apenas porque nós julgamos que devem gostar de nós ou prestar atenção porque são familiares ou chegados e a isso estão obrigados.

Como evolui a absorvência à medida que se vai avançando espiritualmente?

De maneira semelhante ao apego. Como digo, a absorvência inicia-se na etapa da vaidade avançada como uma derivação da cobiça e não se supera totalmente até ao final da etapa da soberba. À medida que o espírito adquire maior capacidade de amar vai-se enchendo mais com os próprios sentimentos e torna-se menos dependente emocionalmente dos outros, com o que, perante o avanço da generosidade emocional, a absorvência vai perdendo força pouco a pouco. No orgulho e na soberba a absorvência diminuiu progressivamente.

Agressividade (ódio, rancor, raiva, ira, impotência, culpabilidade).

No termo agressividade incluímos todos aqueles ego-sentimentos relacionados com o impulso de agredir, de causar dano, seja aos outros ou a si mesmo, como o ódio, o rancor, a raiva, a ira, a impotência e a culpabilidade.

A agressividade desperta, geralmente motivada por um estímulo exterior, uma circunstância que a pessoa toma como um ataque a si mesmo ou um obstáculo que a impede de satisfazer os seus desejos ou anseios. É uma derivação do instinto de sobrevivência. A

agressividade pode ser uma manifestação de qualquer dos defeitos, mas a razão pela qual desperta é diferente em cada um deles. No vaidoso, a agressividade manifesta-se quando este tenta chamar a atenção ou ser o centro da atenção e não o conseguir, ou satisfazer algum desejo que não vê satisfeito, ou subjugar alguma vontade sem o conseguir. Então recorre à agressividade como forma de impor aos outros o que procura. No orgulhoso e no soberbo a agressividade costumam despertar de uma maneira mais pontual, mas em episódios que podem ser mais violentos. Activa-se quando não se lhes dá a razão em algo de que estão convencidos, quando se sentem impotentes para solucionar alguma situação que não se resolve conforme eles gostariam, quando se reprimem de fazer ou exprimir o que sentem, ou por terem sido feridos nos seus sentimentos. Podem ser mais nocivos nestes episódios de ira do que o vaidoso, porque têm tendência para acumular tensão e quando perdem o controlo de si mesmos podem explodir repentinamente.

Podeis comparar as distintas agressividades do vaidoso e do orgulhoso com as de um leão e de um rinoceronte, respectivamente. O leão é agressivo por própria natureza, já que é carnívoro e se alimenta da carne doutros animais, pelo que a agressividade é inata nele. Esta agressividade é como a do vaidoso. Porém, o rinoceronte é um animal herbívoro e não utiliza a violência habitualmente, já que não necessita de caçar para se alimentar. Apenas atacará em momentos muito pontuais quando se sente ameaçado ou ferido. Esta agressividade é como a do orgulhoso. A agressividade do soberbo é semelhante à do orgulhoso e unicamente se distingue no grau, uma vez que é mais difícil ofender o soberbo nos seus sentimentos. Portanto, também é mais difícil despertar-lhe a agressividade por este motivo. Mas se despertar, pode ser muito mais destrutiva que nos outros.

Dentro da agressividade podemos distinguir diferentes variantes, cada uma delas com os seus matizes particulares, que vão desde o ódio até à impotência, passando pelo rancor e pela raiva.

O ódio é uma agressividade muito intensa e duradoura dirigida a outros seres. É o ego-sentimento mais primitivo e pernicioso que existe, o mais danoso, o mais afastado do amor. É o sentimento máximo de desunião, de rejeição, dirigido a outros seres da criação. O ódio é próprio dos seres mais primitivos, menos avançados na aprendizagem do amor. Aquele que odeia, chamemos-lhe "odiento", acredita sempre que o seu ódio é justificado e que pode controlá-lo, mas acabará cada vez odiando mais pessoas e semeia a discórdia entre aqueles que estão ao seu alcance. As pessoas que se deixam arrastar

pelo ódio são violentas, injustas, fanáticas, impiedosas e destroem tudo em que tocam. Uma vez que as pessoas normais os evitam, para não se sentirem sós procuram encontrar outros como eles. Os "odientos" costumam filiar-se em movimentos radicais e violentos, baseados na justificação do ódio pelos que eles consideram diferentes. Mas esse mesmo ódio acabará destruindo-os, porque vão aproximando o espírito cada vez mais da solidão, em desunião com os outros seres da criação. No fim de contas é o que eles queriam.

A ira ou indignação é uma agressividade de curta duração, de maior (ira) ou menor (indignação) intensidade. A raiva e a impotência são estados de agressividade interna mais intensos e prolongados no tempo, activados por uma circunstância adversa, podendo ser dirigidos tanto contra os outros, como contra si próprio no caso da impotência, acrescida da circunstância agravante da frustração por se sentirem impossibilitados de mudar o curso dos acontecimentos.

As pessoas coléricas, irritáveis, ou seja, aquelas em quem desperta a agressividade muito facilmente por qualquer motivo banal, costumam ser pessoas amarguradas, insatisfeitas consigo mesmas e com a sua vida, que não querem aprofundar o motivo verdadeiro do seu mal-estar, razão pela qual procuram culpados fora delas mesmas para se autoconvencerem de que está no exterior e não no interior o motivo do seu mal-estar, pelo que, sofrem por não quererem avançar. Desperta então o rancor. Quando o sentimento de agressividade e/ou impotência é dirigido a si mesmo estamos a entrar no campo da culpabilidade.

A acumulação de agressividade em si mesmo provoca grandes desequilíbrios a nível do corpo astral que, se forem continuados, acabam por provocar doenças físicas. Por exemplo, o ódio contido provoca doenças no fígado e na vesícula biliar. A impotência provoca transtornos digestivos. A raiva contida e o rancor acumulado provocam problemas a nível dental (dor nos molares e cáries). A agressividade contra si mesmo ou culpabilidade provoca doenças auto-imunes.

Donde vem o sentimento de culpa ou culpabilidade?

A culpa é um ego-sentimento que procede da luta entre o espírito e a mente, entre o que se sente e o que se pensa, quando sentimento e pensamento entram em conflito. Neste último, no que se pensa, influi toda a educação recebida, incluídos os arquétipos e condicionamentos sociais e o pensamento egoísta. Uma pessoa pode

sentir-se culpada se age a favor do que pensa contra o que sente. Muitas vezes isso implica agir por egoísmo contra o amor. Por exemplo, pode-se despertar a culpa quando, devido a um procedimento egoísta promovido pelo pensamento, o espírito, através da consciência, detecta que é incorrecto do ponto de vista espiritual. O espírito censura a mente, ou seja, o sentimento censura o pensamento. Neste caso, o sentimento de culpa é positivo porque é um indicador de que a pessoa está a evoluir, já que é capaz de reconhecer o seu erro. Mas também pode acontecer o contrário. Alguém pode achar-se culpado por sentir o que sente e por se deixar levar pelo sentimento, em vez de o ser pelo pensamento. Então, é a mente que censura o espírito, o pensamento que censura o sentimento. Esta situação acontece quando os preconceitos e os condicionamentos mentais são muito fortes, fazendo-nos crer que determinados sentimentos estão mal ou são incorrectos. E é uma pena, porque em consequência disso a pessoa pode confundir o bem com o mal e chegar à conclusão de que o sentimento é algo mau pelos transtornos que provoca na sua vida. Este é um tipo de culpa muito negativo porque impede o progresso espiritual, o desenvolvimento do sentimento.

Poderias dar um exemplo deste segundo caso que me esclareça melhor?

Sim. Imagina que numa pessoa desperta um sentimento de amor em relação a outra. O impulso inicial é o de tentar aproximar-se dessa pessoa pela qual despertou o sentimento para lho manifestar. Isso seria actuar de acordo com o que sente. Porém, pode acontecer agora que a mente analise o sentimento de acordo com sus próprios padrões, condicionados por toda a educação recebida, cheia de preconceitos e proibições e gera uma série de pensamentos de censura contra a manifestação do sentimento. Por exemplo, pode sugerir inconvenientes que, supostamente, poderiam afectar que essa possível relação funcionasse (a diferença de idade, de raça, de classe social, de religião, de crença, de gostos e preferências, etc.), ou pode alimentar o medo da rejeição ("ela não sente o mesmo, vai-te dizer que não, vais fazer figura ridícula, o que vai pensar de ti?"). Se o pensamento vence o sentimento e a pessoa se inibe de fazer o que sente por causa do que pensa, viverá reprimida e sentir-se-á culpada por não ter feito o que sente. Se a pessoa se deixa levar pelo que sente, mas não modificou completamente o seu pensamento para o adaptar ao seu sentimento, então chegarão momentos de dúvida em que os pensamentos voltarão a atacá-lo e o farão sentir-se culpado por ter feito o que sente e não o que pensa.

E como se pode vencer o sentimento de culpabilidade?

Quando a culpa desperta a partir do reconhecimento de uma atitude egoísta a pessoa, em vez de se afundar e deprimir, o que deve fazer é actuar activamente para evitar que se repita, e para reparar, na medida do possível, aquele facto negativo, começando, por exemplo, por pedir desculpa à pessoa a quem provocou o dano. Então, o sentimento de culpa desaparecerá.

No caso de despertar quando se age pelo que se pensa contra o que se sente, a culpabilidade vence-se, primeiro, tomando consciência de que não se está a agir de acordo com os seus sentimentos e, segundo, tendo a valentia de o fazer, de viver conforme o que se sente, rompendo com os esquemas mentais repressivos que o inibem. A pessoa que se encontra a meio desse caminho, quer dizer, que começou a viver e a agir pelo que sente, mas ainda têm força nela os condicionamentos mentais que a atormentam para que desista do seu intento, necessita de muita perseverança, muita confiança no que sente vontade firme de actuar de acordo com isso. Que saiba que, se sofre, não é pelo que sente, mas sim pelo que pensa. Portanto, deve modificar o pensamento, não o sentimento. Se se vê atacada por aqueles que não compreendem o que sente, deve entender que se trata de pessoas que estão presas ainda pela mente egoísta e preconceituosa, do mesmo modo que ela o esteve no passado. Deve ter paciência e compreensão para com elas, mas não se deixar arrastar pela sua influência.

E que é o rancor?

O rancor é um ódio atenuado a longo prazo, de efeito retardado, geralmente dirigido a alguma pessoa que nos contrariou ou nos causou dano, a quem consideramos culpada ou responsável pelos nossos males. O episódio ou episódios que despertaram a agressividade podem ter ocorrido há muito tempo. Mas a pessoa rancorosa guarda na sua memória o dito acto e utiliza-o para alimentar o impulso agressivo, esperando uma ocasião para se desferrar, acreditando que deste modo conseguirá aliviar o seu mal-estar.

Donde pode vir o rancor?

Da insatisfação de não ter vivido conforme o que se sente, de não ter realizado alguma coisa que se queria fazer, de não ter resolvido alguma circunstância difícil que lhe aconteceu viver ou por se ter deixado arrastar pelos defeitos próprios (medo, comodismo, falta de vontade, incompreensão, apatia, etc.). Geralmente, o rancor

costuma equivocadamente dirigir-se para as pessoas que contribuíram ou colaboraram com o facto de não se ter vivido conforme desejado, em relação aos que colocaram obstáculos a realização de alguma coisa que se queria fazer ou contra aqueles que se considera responsáveis pela circunstância difícil que lhe aconteceu viver.

E como se pode vencer?

Em vez de procurar culpados externos, tentemos tomar consciência de onde vem o nosso mal-estar interior e tenhamos a valentia de modificar o que não nos agrada na nossa vida, ainda que isso nos possa trazer problemas acrescidos. Tentemos compreender que certas circunstâncias negativas que parecem ser uma fatalidade do destino, às vezes, são provas escolhidas por nós mesmos para superarmos os nossos defeitos e para aumentar a nossa capacidade de amar incondicionalmente.

Agora volto a puxar de uma das perguntas que te fiz anteriormente. Se exteriorizamos sentimentos como o ódio, a raiva, a ira ou o rancor podemos prejudicar os outros. Mas se os guardamos fazemos mal a nós mesmos. Então que fazemos com eles?

Cortá-los pela raiz. Procurar trabalhar para que não surjam internamente. Tomar consciência de que a agressividade não vem do exterior, mas sim do interior, que acorda em nós porque a transportamos em nós mesmos, que é uma manifestação mais do nosso egoísmo. Se desperta quando não reconhecemos os nossos méritos é porque ainda não superamos a vaidade. Se aparece porque sofremos algum episódio de ingratidão ou calúnia é porque temos que superar o orgulho ou a soberba. Que a agressividade é algo que depende do interior e não do exterior, é bem patente quando vemos que há pessoas capazes de suportar as maiores inconveniências, os maiores ataques, sem perder a paciência nem o sorriso, enquanto outras, por qualquer motivo banal, rebentam em ataques de cólera incontrolada. Os primeiros são aqueles que espiritualmente avançaram na erradicação da agressividade de si mesmos. Os segundos, apenas começaram a trabalhá-la. Não nos frustremos se não podemos mudar o universo exterior sobre o qual temos pouco poder de acção. Trabalhemos por mudar o Universo interior sobre o qual temos todo o poder e, então, o que aconteça no exterior deixará de ser motivo de irritação.

Como se supera a agressividade?

Primeiro, admitindo que a temos e, segundo, tentando superá-la através da compreensão.

O que é que há para compreender?

Compreendermo-nos a nós mesmos, compreender os outros, compreender as circunstâncias que enfrentamos. Compreender que, às vezes, nos aborrecemos porque não queremos admitir que estamos errados ou não queremos reconhecer certas atitudes egoístas em nós mesmos. Se a agressividade se acende em nós porque reprimimos as nossas opiniões, trabalhemos para as emitir tal e qual são. Se se acende porque alguém nos faz mal, compreendamos que isso se deve à falta de evolução desse espírito que ainda está escassamente avançado no conhecimento do amor. Que algures no passado nós também devemos ter estado na mesma situação, nesse estado de ignorância espiritual, fazendo a alguém o que nos estão a fazer agora nós e que se esperámos compreensão para connosco, para os nossos actos de egoísmo, também nós devemos adoptar uma postura compreensiva em relação aos actos egoístas dos outros. Devemos compreender que muitas das circunstâncias adversas que nós enfrentamos, não estão ali para nos desgostar, mas sim para estimular em nós a aprendizagem do amor e a superação do egoísmo, e que muitas delas as seleccionámos nós mesmos antes de nascer. E que outras, a maioria, as provocamos nós mesmos pela nossa rigidez, intolerância, inveja, falta de respeito e compreensão das necessidades ou opiniões dos outros.

E se já activámos a nossa agressividade, que fazemos para nos libertarmos do mal-estar sem prejudicar ninguém?

Há uma forma de alívio, através da qual se liberta o mal-estar sem prejudicar os outros, e que é exteriorizar como se sente, admitir o que o despertou e descrever os motivos pelos quais despertou. Deverá ser com alguém que não seja a pessoa com quem temos o problema, para evitar causar-lhe danos, preferentemente alguém que se caracterize por ser uma pessoa pacífica, que não se deixa levar facilmente pela agressividade e em quem, além disso, confiemos. Apenas pelo facto de exteriorizarmos o mal-estar, sentir-nos-emos aliviados, bastante libertos do mal-estar provocado pela agressividade, mais serenos e moderados. Posteriormente, quando já se esteja mais tranquilo, já se pode tentar falar à pessoa com quem se tem algum conflito, para procurar uma solução. Mas devemos procurar a forma e o momento de o fazer, nunca quando estivermos cheios de ira ou cólera porque, então, poderíamos causar muitos danos, os mesmos ou ainda mais do que os que nos causaram a nós.

Tristeza, desesperança, amargura, desespero, resignação.

A tristeza é um estado emocional de abatimento e enfraquecimento do ânimo. Acontece com a tristeza que costuma desencadear-se pelas mesmas razões e circunstâncias que a agressividade, mas quando a pessoa está mais sensível. Por isso é mais difícil de detectar, porque é menos evidente que a tristeza possa derivar do egoísmo. De facto, os sentimentos de impotência, culpabilidade e, em certas ocasiões, a raiva e o desânimo são, na realidade, uma mistura de agressividade e tristeza. A tristeza pode aparecer quando o ser se vai abaixo, desanima por não ver resultados na sua busca ou por não serem esses os resultados por que esperava. A tristeza apresenta diversos cambiantes, cada um com as suas peculiaridades. A amargura é uma tristeza crónica, de longa duração, que não é impossibilitante da realização das tarefas quotidianas da vida, mas que está muito profundamente enraizada no íntimo, é muito difícil de superar e dá a impressão de que a pessoa morre pouco a pouco de tristeza. Está muito relacionada com o desânimo e a resignação, que são formas de tristeza caracterizadas pela falta de um motivo pelo qual lutar, pelo qual viver, a segunda, geralmente motivada por uma circunstância a que a pessoa resiste aceitar. Um caso extremo de tristeza aguda e intensa é o desespero, que impossibilita a pessoa de realizar qualquer tarefa normal da sua vida e que a pode levar ao desequilíbrio psíquico e a cometer actos extremamente nocivos, como pôr fim própria vida ou à dos outros.

Não estava à espera que considerasses a tristeza como um sentimento egoísta.

Pois, é-o. É muito normal que uma pessoa se sinta triste de vez em quando. Mas quando a tristeza se converte no estado habitual da pessoa, é uma forma de estagnação, porque a pessoa atira a toalha ao chão. A tristeza serve-lhe de desculpa para não lutar pelo avanço espiritual.

Por acaso, fazemos algum mal a alguém quando estamos tristes?

Fazemos mal a nós mesmos e indirectamente aos outros, quando por culpa da tristeza nos dispensamos de fazer pelos outros a parte que nos pertence. Conviver com alguém que vive na tristeza e depressão é uma circunstância muito desgastante e, se não se tem uma grande força de vontade, é fácil que, os que vivem com alguém depressivo, acabem contagiados por esse estado de ânimo. Da mesma forma que acontece com a agressividade, também a tristeza acumulada pode provocar uma infinidade de doenças. Há muita gente que adoece e morre de tristeza deixando, assim por terminar as provas ou

missões que estavam previstas para essa vida, ao mesmo tempo que enjeita os compromissos de ajuda que tinha com outros espíritos, por exemplo, os pais e mães que, ao se deixarem morrer de tristeza, abandonam os filhos.

Como vencer a tristeza?

Sendo a agressividade e a tristeza tão semelhantes relativamente aos motivos que as provocam, a mesma receita que propusemos para superar a agressividade pode aplicar-se quase ponto a ponto para vencer a tristeza. A base da superação da tristeza é, portanto, a compreensão. A compreensão de nós mesmos, dos outros e das circunstâncias que nos competiu viver. Compreender que, muitas das circunstâncias adversas com que nos enfrentamos, fazem parte de um processo de aprendizagem do amor, de superação do egoísmo e que, muitas delas, as escolhemos nós mesmos antes de nascer. E que, outras, as provocamos nós mesmos por falta de tolerância, por inflexibilidade e incompreensão em relação aos outros. Devemos compreender que às vezes ficamos tristes porque não queremos admitir que estamos errados ou não queremos reconhecer certas atitudes egoístas em nós mesmos. Se é provocada porque alguém nos causa danos, tentemos compreender que tal se deve à falta de evolução desse espírito, que ainda está diminutamente avançado no conhecimento do amor. Se a tristeza se desencadeia porque reprimimos a nossa forma de ser, porque anulamos a nossa vontade, então lutemos para nos expressarmos de acordo com o que somos e conseguiremos superar a tristeza.

A receita que dá pode parecer um apelo à resignação.

Nem pensar. Compreensão e resignação são coisas totalmente antagónicas. Quem resigna é aquele que atira a toalha ao chão, aquele que renuncia a compreender, aquele que anula a sua vontade. Já nada lhe importa, perde o gosto pela vida, deprime. Como disse, a resignação é também uma forma de egoísmo relacionada com a tristeza. É uma maneira de não lutar para não sofrer. Mas dessa forma sofre-se mais, ainda que por motivos distintos. A compreensão é a que te dá a chave para continuar a lutar, continuar a avançar, mantendo o gosto pela vida e alegria de viver, porque permite encontrar um sentido para aquilo que antes não o tinha.

Podes dar-me um exemplo que mostre claramente a diferença entre a resignação e a compreensão?

A atitude em relação à morte, por exemplo. A atitude em relação à morte da maioria das pessoas do vosso mundo é de resignação, porque não procurais compreender o seu significado. Durante a vida, evitais confrontar-vos com ela, iludindo a procura de uma resposta às vossas preocupações. Se deparais com alguém que quer falar a sério sobre o tema, parece-vos que se trata de um charlatão ou de um desequilibrado mental. Na realidade, assusta-vos e por isso fugis ao assunto, tão ocupados como estais no vosso dia-a-dia. Não procurais compreender, apenas evitar. Então, sobrevém a morte de um ente querido e apanha-vos de surpresa. É uma situação que vos provoca tristeza, amargura, raiva, impotência. Finalmente, perante a impossibilidade de mudar o irremediável, resignais-vos. Quem resigna é aquele que aceita alguma coisa porque não tem outro remédio mas, porque não o compreende, vive amargurado e sofre inutilmente. Aquele que compreende que a morte não existe, que é apenas uma etapa de transição em a que única coisa que morre é um corpo, que o seu ser querido continua a viver e que se vai a voltar a reunir mais tarde ou mais cedo com ele, já não perde o gosto pela vida, antes vai lutar com mais força para que, quando chegar o momento do reencontro, o faça em condições de o saborear, porque não deixou nada pendente de conclusão no mundo material. Nos mundos avançados, a compreensão do processo de desencarnação permite que ninguém sinta tristeza, desespero ou amargura quando alguém morre. Pelo contrário, sentem alegria por um irmão que regressa ao mundo espiritual, que é o autêntico lar do espírito.

Lascívia e luxúria.

A dependência do sexo pode ser uma manifestação tanto da vaidade como do orgulho. As razões pelas quais uma pessoa se vicia no sexo são diferentes num caso e no outro. Por isso distinguiremos duas manifestações diferentes, a lascívia, própria dos vaidosos, e a luxúria, mais própria dos orgulhosos e soberbos. A lascívia é uma propensão excessiva para os prazeres sexuais. Para o vaidoso, a dependência do sexo tem que ver com a necessidade de reconhecimento por parte dos outros. Quer dizer, o vaidoso espera que, através do sexo os outros o reconheçam, o admirem, o satisfaçam. Inclina-se excessivamente para os prazeres sexuais como forma de se satisfazerem a si mesmos e, raramente pensam nas necessidades dos outros. Frequentemente utilizam o sexo para absorver outros, para os submeter à sua vontade ou para se dar

importância. Quando saturaram os sentidos e já se encontram enfasiados, procuram novos atractivos como forma de hiperexcitar mentalmente o seu desejo sexual seja mudando assiduamente de par, recorrendo a formas de sexualidade pervertidas, como o sadismo e o masoquismo ou envolver nas suas orgias outros seres contra a sua vontade.

No caso do orgulhoso, a adição ao sexo deriva de uma necessidade ou vazio afectivo por não ter encontrado a pessoa querida e não o admitir, ou por reprimir, ou não querer reconhecer os sentimentos de amor em relação a uma determinada pessoa. Isto é, o orgulhoso realmente do que precisa é de ser querido e querer, mas o seu não reconhecimento ou a repressão desta necessidade afectiva fá-lo refugiar-se no sexo como uma válvula de escape. Quer dizer, supre a falta de amor com sexo. Por essa razão, tem um apetite sexual excessivo e insatisfeito que não se sacia na relação sexual, porque o vazio que sente não é sexual, mas sim emocional. Daí que procure mais e mais sexo e possa chegar a aberrações semelhantes às expostas anteriormente, para tentar apaziguar esse vazio, sem o conseguir.

Como vencer a luxúria?

A respeito da luxúria, a única maneira de a vencer é admitir que esse vazio interior que se procura encher com sexo procede da falta de sentimento e que apenas o sentimento será capaz de o fazer.

Como vencer a lascívia?

Tomando consciência de que se trata de uma manifestação da vaidade e que, por essa via, jamais conseguirá ser feliz. Infelizmente, na maioria de casos, a lascívia costuma apenas ceder quando chega a perda da juventude, da beleza física e do vigor sexual e a pessoa perde o seu atractivo sexual ou o corpo deixa de responder aos desejos sexuais da mente. Como consequência de tudo isso, desaparece o cortejo de admiradores e também o principal aliciante da sua vida até esse momento. A pessoa encontra-se então com a crua realidade, que levou a cabo uma vida supérflua, cultivando relações de conveniência e vazias. Que se rodeou de pessoas que apenas estiveram com ela pelo seu atractivo físico e que, uma vez este perdido, desaparecem como que por artes de magia. Talvez apenas restem algumas pessoas que gostaram dela de verdade, apesar do seu egoísmo, às quais seguramente prestou pouca atenção. Na ausência da arma que usou para conseguir satisfazer a sua vaidade, a sua beleza exterior, enfrenta agora uma nova etapa

muito mais autêntica, em que terá de se esforçar por tirar algo de belo do seu interior para conseguir atrair alguém para o seu lado. Assim também poderá avaliar a diferença entre as relações de conveniência e as de sentimentos e aprenderá a valorizar mais estas últimas.

Quer isso dizer que, apenas, são lascivas as pessoas que são belas e atractivas?

Não, mas maioritariamente costumam ser as que se deixam apanhar mais profundamente pela lascívia, já que outras pessoas vaidosas mas que não são fisicamente atractivas, mesmo querendo, não podem utilizar o atractivo físico como chamariz para conseguir o que desejam. Nesses casos, a vaidade far-lhes-á despertar a inveja e o desejo insatisfeito por alcançar a beleza que outros têm e que eles não vêem em si mesmas, chegando a obcecarse por perder peso e efectuar mil e uma operações de cirurgia estética para conseguirem ver-se mais atractivos. Há muitas pessoas que são fisicamente atractivas e que também se deixam apanhar por esta obsessão por possuir um corpo perfeito, uma manifestação de vaidade chamada "narcisismo" ou "culto do corpo".

Poderias explicar com maior pormenor em que consiste o narcisismo ou "culto do corpo"?

Como digo, trata-se de mais uma das manifestações da vaidade, em que se exalta a beleza física própria como o valor máximo a que alguém pode aspirar. O inconformismo com o próprio físico e a procura do "corpo perfeito" converte-se numa obsessão, uma doença psicológica que faz uma pessoa cometer todo o tipo de desvarios, como deixar de comer, consumir todo tipo de substancias adelgaçantes, revigorantes, excitantes, etc., colocar em si todo o tipo de próteses, pondo, inclusivamente, em risco a sua própria vida. A pessoa apanhada sob a influência do narcisismo jamais se conforma com o seu físico. Investe todo o seu tempo, a sua energia, a sua vontade e o seu dinheiro em modificá-lo, julgando que se trata de si mesmo, quando na realidade não é mais que um vestido que utiliza para funcionar no mundo físico. Alberga a falsa ilusão de que chegará o dia em que alcançará o corpo ideal e será feliz, encorajada nessa crença pela indústria de estética, pela cosmética e pelo consumismo, que enriquecem à sua custa. Mas esta ilusão é apenas uma ratoeira armada pelo defeito, porque a felicidade não se consegue desse modo. Apenas se consegue através do progresso no amor. Por isso, a insatisfação aumenta mais e mais. E, enquanto o relógio biológico desliza inexoravelmente para a velhice, o processo

natural de envelhecimento vai desmanchando todas as conquistas realizadas com tanto esforço. E assim passa a vida e chega o momento de deixar definitivamente o que foi um belo corpo físico, condenado implacavelmente ao processo de decomposição natural. Quando o espírito volta ao mundo espiritual toma consciência do tempo e do esforço esbanjado inutilmente em embelezar algo alheio a si mesmo, um corpo que apodrece agora numa tumba e, ao mesmo tempo, do pouco que se dedicou a melhorar o que perdura, o que verdadeiramente se é, o espírito. Mas não há nada de irremediável nisso, pois a vida do espírito continuará e poderá voltar a encarnar para voltar a tentar fazer o que não se quis fazer na vida que se desperdiçou, julgando-se ser o corpo que se vestiu.

Visto desse modo, a beleza física é quase um obstáculo para o progresso do espírito.

Não julgueis, pelo que disse, que a beleza seja um atributo negativo em si mesmo. Pelo contrário, porque à medida que o espírito avança, os corpos em que o espírito encarna são cada vez mais perfeitos, mais belos, em consonância com a beleza interior dos espíritos que encarnam neles e, assim acontece em mundos físicos espiritualmente mais avançados que o vosso. Mas, sim, pode ser uma arma de dois gumes nos mundos primitivos, na mão de espíritos pouco avançados. Para os espíritos pouco avançados, mergulhados na etapa da vaidade, o atractivo físico é uma arma para dar rédea solta a toda a sua vaidade e utilizam-na com esse fim. Sabem que, ainda que se comportem como pessoas caprichosas, grosseiras, mal-educadas, altivas, a sua beleza física proporcionar-lhes-á o que desejam: admiradores, pessoas que estão à sua disposição para lhes agradar. Para que esforçar-se por serem boas pessoas se conseguem o que querem com a deslumbrante beleza do seu corpo?... Até que chega a velhice e, então, ficam sós, porque perderam o único atractivo que tinham e se afundam na sua própria miséria moral, uma vez que nunca lutaram por melhorar o seu interior, tão ocupados estavam em manter o seu belo e atractivo exterior.

Como se vence o narcisismo?

Quando se toma consciência de que não se é o seu corpo e que portanto não se justificam tantas fadigas por ele. Que para se ser feliz se deve dedicar a desenvolver-se a si mesmo, o seu interior. Muitos espíritos que caíram na ratoeira da beleza física, sabem-no. Por isso, escolhem corpos menos afortunados para as próximas encarnações, porque não querem desperdiçar mais vidas dedicadas à autocontemplação do seu corpo, antes querem vencer os seus

defeitos, tornarem-se melhores como pessoas. E se, ter um belo corpo, lhes vai resultar em motivos de tentação, preferem não o ter, de momento.

E um orgulhoso não pode cair no “culto do corpo”, quer dizer, não se pode sentir insatisfeito com o seu corpo e desejar ardentemente ser belo para conseguir ser atractivo?

Com certeza, mas por motivos diferentes do vaidoso. O orgulhoso vai pretendendo mais ser querido do que ser o centro das atenções. E, erradamente, julga que sendo mais bonito será mais querido. Se se tratar de um orgulhoso atraente, a decepção chegará quando descobrir que as pessoas que estão à sua volta não estão com ele porque o querem, mas sim porque estão seduzidas pelo seu físico ou por qualquer outro atractivo que possua e que, quando se aborrecerem ou encontrarem outra pessoa com um atractivo maior, não hesitarão em abandoná-lo.

E porque nos identificamos tanto com o nosso corpo e tão pouco com o nosso espírito se, na realidade, somos o segundo e não o primeiro?

Porque é o que no vosso mundo se ensina: que o espírito não existe e que se é o seu corpo. E isso acontece porque, no vosso mundo hedonista, as qualidades que se apreciam são as da matéria (a beleza física, a riqueza, o poder) e se menosprezam as qualidades do interior (a sensibilidade, a bondade, a humildade, a modéstia). No mundo espiritual acontece exactamente o contrário: valorizam-se todas as qualidades espirituais e a humildade é uma das mais apreciadas, enquanto as externas, ao não serem qualidades do espírito, não têm nenhum valor. São consideradas acessórios circunstanciais, já que variam de vida para vida, como muda o guarda-roupa do actor quando muda a peça de teatro. Pode-se ser atraente numa vida e feio na seguinte, rico numa vida e pobre na seguinte.

O espírito, quando está desencarnado, vê as diferenças muito claramente e sabe que vem para se melhorar espiritualmente. Mas, ao encarnar, a associação com o corpo e o esquecimento do passado espiritual, assim como a influência da cultura na qual se encarna, fazem com que o espírito de vontade frágil nos seus propósitos de progresso espiritual, acabe por se identificar completamente com o seu corpo e a sua mente por afastar as manifestações espirituais, tanto as vividas na primeira pessoa como as doutras pessoas.

A que te referes com manifestações espirituais?

Todas aquelas que demonstram a existência do espírito e as suas capacidades, como o contacto com seres desencarnados, as viagens astrais, a intuição de sentimentos próprios e dos outros, a percepção extra-sensorial, etc. Muita gente que teve este tipo de vivências é considerada desequilibrada mental. E, a não ser que se trate de um espírito bastante avançado e que confie muito na sua própria intuição espiritual, pode chegar a convencer-se mesmo de que está louco e que necessita de tratamento psiquiátrico.

O medo

O medo é um sentimento de inquietude, confusão e desassossego, provocado pela percepção de um perigo ou de uma ameaça, que pode ser real ou fictícia, contra si mesmo ou contra alguém querido. A pessoa afectada pelo medo sente-se muito insegura de si, indefesa, e duvida de cada decisão importante que toma, porque espera uma consequência negativa dela, algum dano emocional ou físico. Além disso, acontece que o medo alimenta o medo. Quer isto dizer, que o medo hiperexcita a mente de modo a que, a partir de situações reais, cria situações imaginárias nas quais aparece uma ameaça, que só existe na imaginação mas que a pessoa acaba por julgar que é real, aumentando assim o seu temor, não apenas por ameaças reais, mas também por ameaças imaginárias. O medo também gera preocupação, porque se tenta a antecipação mental de todas as situações ameaçadoras, procurando a maneira de sair ileso de cada uma delas. O terror e o pânico são percepções de medo intenso e agudo, altamente traumatizantes.

O medo é um dos sentimentos mais perniciosos para o avanço do espírito, porque impede que se manifeste tal e qual é. Inclusivamente, ainda que se trate de um espírito bem-intencionado e com vontade de avançar, se não superar os seus medos, pode ficar estagnado na sua evolução durante bastante tempo.

Mas, entendo que nem todos os medos são iguais.

Não, claro. Mas, em geral, os medos fazem com que o espírito se reprima, se iniba de actuar conforme o que sente, inclusivamente, reprima totalmente os seus sentimentos, afogando-os. Por isso estagna.

Mas, medo de que, exactamente?

O medo mais comum é o medo da reacção negativa dos outros contra si mesmo. Variantes de medos que entrariam dentro desta definição serão o medo de não ser querido, de não ser

compreendido, de ser rejeitado, de ser desvalorizado, medo da agressividade (violência física ou psíquica), medo da solidão. Como digo, o temor da reacção negativa dos outros em relação a si alimenta pela sua vez o medo de se manifestar tal e qual se é. A pessoa que se deixa levar por este medo acaba por se ajustar a uma forma de ser que não é a sua, mas que é a que os outros querem que seja. Os outros podem ser pessoas próximas, queridas da pessoa ou, pelo menos, pessoas das quais o espírito espera carinho, geralmente da família (mães, pais, irmãos, par, etc.), mas também se pode estender a qualquer relação humana em geral. Este medo, frequentemente, provém da infância, quando a criança foi objecto de maus-tratos e/ou abusos físicos e/ou psicológicos, dentro ou fora da família.

Outros medos que não entrariam na definição anterior seriam o medo do desconhecido, o medo da morte e o medo do sofrimento (físico ou psíquico). O medo do desconhecido gera insegurança porque no desconhecido sempre se imaginam grandes ameaças e perigos. O medo da morte é, na realidade, um medo do desconhecido, medo do desconhecido que possa vir depois da morte ou de que o que venha depois da morte seja o pior, o nada.

Há ainda um medo mais, o grande medo do ser humano, que merece uma menção especial, e do qual derivam os restantes medos, que é o medo de se conhecer a si próprio, o medo de descobrirmos como realmente somos, com os nossos defeitos e as nossas virtudes.

Temos medo de descobrir os nossos defeitos. Julgamos erradamente que se tomamos consciência dos nossos defeitos sofreremos mais, porque temos grandes problemas em admitir o egoísmo próprio, sendo que a maioria dos nossos males provém desse egoísmo. Tomar consciência, faz sofrer o nosso "amor-próprio", que não deixa de ser uma manifestação de egoísmo, mas não o eu espiritual, que está desejando libertar-se do egoísmo para ser feliz. E, para se libertar do egoísmo, tem de tomar consciência, primeiro de que o temos e segundo de como se manifesta. Não há que ter medo de o admitir, porque todos o temos e estamos num ponto ou noutro desse caminho de libertação do egoísmo. Mas se, por medo de nos conhecermos, camuflamos o nosso egoísmo durante demasiado tempo, então estagnaremos e sofreremos muito mais.

Também temos medo de descobrir as nossas virtudes ou manifestações de amor, como o sentimento, a sensibilidade, a humildade, a ternura, a compaixão e o altruísmo porque temos medo de sofrer, de que nos causem dano, de que se aproveitem de nós se as pusermos em prática. Daí procede o medo da reação negativa dos outros contra si. Mas, se vencemos esse temor e, apesar de tudo, lutarmos por ser nós mesmos, por despertar o nosso eu amoroso, a felicidade interior será tão forte que vencerá todos os sofrimentos e todos os ataques que possamos receber do exterior. O medo da morte também deriva do medo de se conhecer a si mesmo. Tem-se medo da morte porque se julga que é o final, a aniquilação do nosso eu, da nossa consciência. Quando alguém perde o medo de se analisar profundamente a si mesmo, poderá ouvir a voz do espírito que lhe grita desde muito lá dentro: “A morte não existe! És imortal!” Então o medo de deixar de existir, o medo da morte, desaparecerá.

Que conseqüências concretas tem o medo relativamente à evolução do espírito?

Como já disse, a conseqüência mais nefasta do medo é a de que o espírito se inibe de se manifestar tal e qual é, de agir conforme sente. Quando uma pessoa não é ela mesma, não pode progredir espiritualmente, pois a sua vontade está aprisionada. Não toma decisões livremente, mas sempre amarrada pelo medo. O medo decide por ela. Não se atreve a enfrentar nenhuma circunstância que lhe possa ser útil na sua evolução espiritual, porque o medo lhe faz crer que não vai poder superá-la.

O medo é o sentimento através do qual os poderosos da Terra manipulam a humanidade e a mantêm num estado de estagnação espiritual, criando uma ameaça, um inimigo imaginário por detrás de todos aqueles desafios espirituais que o ser humano queira empreender, levando a renunciar a eles, em troca da falsa segurança que eles dizem proporcionar. E eles também têm medo. Medo de que, pelo despertar da espiritualidade, do amor e da fraternidade humanas, os seus abusos sejam descobertos, os seus crimes sejam julgados e condenados e se vejam despojados dos seus privilégios, de toda a sua riqueza e do seu poder conquistados à custa de enganar, oprimir e explorar os restantes seres humanos.

Podes dar-me algum exemplo?

Por exemplo, suscitam o medo em relação a todos aqueles movimentos em prol da fraternidade humana universal, inventando um poder ultramaléfico que se aproveitará da ingenuidade dos

aderentes, para criar um regime de terror. Inventam o medo na implantação de sistemas políticos e económicos mais justos, baseados na solidariedade e na cooperação em benefício da humanidade inteira, augurando que atrás deles virá o caos, a anarquia, a desordem e a ruína económica. Pressagam que a liberdade trará a libertinagem, que o livre pensamento trará ideias perniciosas, que o livre sentimento trará o vício, a perversão, a imoralidade. Têm medo que a humanidade terrestre descubra que existem humanidades noutros planetas que vivem em amor e sigam o seu exemplo. Por isso ocultam qualquer evidência de vida extraterrestre e fomentam o medo no contacto com seres doutros mundos através de filmes em que se demonstra que os extraterrestres são seres com aparência abominável (insectos, reptéis, vírus) que se metem dentro dos humanos e que vêm com a intenção de destruir a humanidade. Têm medo que o ser humano descubra a sua imortalidade e o propósito da vida, que é o aperfeiçoamento espiritual através da descoberta do amor, e comece a trabalhar para isso. Por isso, negam toda a evidência da existência de vida para além da morte, agarrando-se aos dogmas de uma ciência materialista e, ao mesmo tempo, fomentam o medo em aprofundar o que acontece para além da morte física, e no contacto com o mundo espiritual, através de filmes nos quais toda a vida depois da morte aparece como algo pavoroso, através da criação de personagens terrificantes como fantasmas, demónios, vampiros e zombies sedentos de sangue que se apoderam das almas dos vivos para os atormentar.

Ao serviço de tudo isso, uma indústria do medo (cinema e televisão), que se encarrega de fazer com que as mais perversas ameaças sejam transformadas em imagens a ser vistas por quase todo o mundo, para que penetrem na mente de todo o ser humano e se convertam numa realidade. Cerca de 90% de todos os filmes têm como temática a promoção do medo através de alguma das suas formas, encarnado na figura de seres perversos de todo o tipo: terroristas, assassinos em série, violadores, narcotraficantes, invasores extraterrestres, mortos-vivos e psicopatas de todas as gamas e cores, de modo que se hiperexcita assim a imaginação de crianças e mais velhos para que uma quantidade mais de medos extrínsecos se acrescentem aos próprios medos de cada um.

Como superar o medo?

Com conhecimento e valentia. Primeiro, há que tomar consciência de que se tem medo e de que é que se tem medo. Se os analisarmos em profundidade, acharemos que uma parte desses medos são

infundados e não correspondem a nenhuma ameaça real ou, pelo menos, a ameaça não é tão forte como nós a julgávamos. Os medos fundados nalguma ameaça real superam-se enfrentando com coragem as situações e circunstâncias que nos provocam esse medo, tentando não se deixar levar por ele na hora de tomar decisões. Perguntemo-nos "que decisão tomaria se não tivesse medo, se fosse totalmente livre para decidir em relação ao que sinto?" Pois, essa será a decisão acertada e a que se deve tomar. Vale a pena tentar. É uma luta contínua. À medida que se for enfrentando o medo e tomado decisões corajosas, ir-se-á experimentando o progresso interior em si mesmo, e o medo cederá e dará lugar à segurança e à clareza. Até ao ponto de, um dia, se olhar para trás e dizer, "como pude ter medo daquilo? Agora é claro para mim!".

Alguma consideração especial a respeito de como superar o medo de se conhecer a si mesmo?

Sim. Que não há nada de mau em se ver a si mesmo tal e qual se é, com as suas virtudes e os seus defeitos. Aceitemo-nos tal e qual somos. Admitamos que estamos em processo de aperfeiçoamento, e assim não sofreremos decepções quando descobrirmos algo de nós mesmos de que não gostamos. Ainda que trazer para a luz do dia a nossa roupa suja, tomar consciência dos nossos próprios defeitos, possa inicialmente ser doloroso ou desagradável, vale a pena, porque é o primeiro passo no caminho da progressão espiritual e é imprescindível para conseguir tanto a eliminação do egoísmo como o desenvolvimento do sentimento. Não tenhamos medo dos sentimentos, de os manifestar, de os exprimir, nem de nos sentirmos felizes quando o fizermos. Já basta termos medo do mau para que, além disso, tenhamos medo do bom também.

Gostava de te fazer algumas perguntas que talvez já tenha feito, mas que preciso de voltar a fazer em jeito de resumo de tudo o que dissemos a respeito dos defeitos e das suas manifestações, os ego-sentimentos.

Em frente, pergunta!

Que podemos fazer, em geral, para vencer os defeitos e as suas manifestações?

O primeiro passo é o seu reconhecimento. Quem tiver sido alcoólico sabe que, o primeiro passo para superar a sua adição, passa por reconhecer que se é alcoólico. Da mesma forma, para vencer a vaidade, o orgulho ou a soberba, o primeiro passo é reconhecer o próprio egoísmo através da identificação das suas manifestações em

cada um de nós. Para isso, é necessário conhecer em pormenor o que significa cada defeito e quais as suas manifestações, o que temos estado a fazer até agora.

Isso parece-me difícil.

Não é tanto assim. O próprio egoísmo faz-nos vê-lo difícil. Porquê, se é para nós tão fácil ver os erros e defeitos dos outros, nos custa tanto admitir os próprios (vemos uma palha no olho alheio e não vemos a trave no nosso)? Se compreendermos que estamos aqui para admitirmos como somos e, a partir daí, tentarmos melhorar, já temos meio caminho andado.

E como poderemos reconhecer uma manifestação do defeito, se o próprio defeito se encarrega de nos baralhar?

Uma tática a seguir é analisarmos determinado acto da nossa autoria, como se tivesse sido feito por outro e tivéssemos sido nós os destinatários. Quer dizer, pôr-mo-nos na pele dos outros. E só então, julgar. É um comportamento justo, honesto? Ou agiu-se de forma egoísta? Se mantivermos a mesma opinião em relação a certo comportamento, quer quando o executamos, quer quando o recebemos, estaremos perto da objectividade. Mas, se desculpamos a mesma acção quando é executada nós e a condenamos quando o é por outros, estamos a ser injustos e estaremos a deixar-nos influenciar pelo nosso defeito. Portanto, para reconhecermos em nós o defeito, temos de actuar com a mesma objectividade com que o faríamos se o analisássemos noutra pessoa.

E que é que vem depois?

O segundo passo é a mudança de comportamento.

O facto de adquirir consciência do nosso pensamento egoísta, não implica que ele vá deixar de aparecer. É importante reconhecê-lo, admitir que se tem e, depois, evitar agir de acordo com ele, não se deixar arrastar por ele. Dito de outro modo, há que dizer a si mesmo: "sei que há egoísmo dentro em mim, mas vou tentar que não me condicione na hora de agir, antes vou tentar agir com amor". Com esta mudança de atitude conseguiremos pouco a pouco modificar o nosso comportamento, as nossas acções em relação a nós mesmos e em relação aos outros. Porque a atitude egoísta prejudica-nos tanto a nós mesmos como aos outros.

Em que sentido nos prejudica a nós mesmos?

Porque nos impede de sentir o amor, que é o mais maravilhoso que se pode sentir e é o que realmente nos pode fazer felizes de verdade.

A mudança de comportamento parece-me ainda mais complicada do que o reconhecimento do defeito. Podes dar-me algum conselho que sirva para ajudar a modificar comportamentos egoístas?

Na hora de agir, pode ajudar a seguinte reflexão: que é o que eu esperaria de mim mesmo se fosse eu o destinatário da dita acção? Como gostaria que agisse a outra pessoa no meu lugar em relação a mim? Isso vai ajudar-nos a detectar as nossas atitudes negativas em relação aos outros, imaginando que os outros somos nós mesmos, porque rara é a pessoa que se deseje mal a si mesma. Neste raciocínio se apoia a máxima "ama o teu próximo como a ti mesmo". Certamente que não é fácil. Requer uma disciplina e uma vontade de aperfeiçoamento constantes. Mas, sendo-se perseverante, em pouco tempo começará a sentir-se diferente, mais em harmonia interior, mais feliz, e isso servir-lhe-á de estímulo para continuar a avançar.

E, que há que fazer para lidar com os ego-sentimentos?

O mesmo. Primeiro, reconhecer que se têm, que todos os temos. Que são uma manifestação do egoísmo ou da luta interior entre o egoísmo e o amor. E segundo, encontrar a maneira de os vencer, através da análise e da renovação interior autoconsciente.

Que queres dizer com renovação interior autoconsciente?

É a reforma do interior espiritual dirigida pelo próprio, sabendo bem qual é o objectivo dessa renovação (o avanço no amor e a eliminação do egoísmo), quais são os defeitos, como se manifestam e quais são as ferramentas para os erradicar. Também que, nesse caminho de aperfeiçoamento, podemos aprender tanto com a observação das nossas virtudes e defeitos, como das virtudes e defeitos dos outros. Arranjai um momento de tranquilidade por dia para estar convosco mesmos, para meditar sobre os defeitos, sobre as vossas atitudes do dia e sobre as atitudes dos outros, sobre em que medida agistes por amor e em que medida o fizestes por egoísmo. Sobre em que medida os outros agiram por amor e em que medida, por egoísmo. E então, se o fizerdes sinceramente, ajudar-vos-á a encontrar as respostas de que precisais para avançar e dar-vos-á forças para enfrentardes com mais segurança as vossas provas. Se detectardes atitudes egoístas nos outros, a compreensão das mesmas ajudar-vos-á a suportá-las melhor e a não despertar atitudes hostis em relação a eles. Se as detectardes em vós mesmos e vos dais conta de que vos deixastes levar por elas, também será bom, porque tereis tomado consciência delas. Tomai o firme propósito de que, na

próxima vez, tentareis sentir e agir com mais amor e menos egoísmo. Assim, ireis avançando um pouco cada dia. E se fordes perseverantes na vossa reforma interior autoconsciente, chegará o dia em que olhareis para trás e não vos reconhecereis conforme éreis no passado, e tomareis consciência, então, da enorme mudança positiva que realizastes.

Bem, eu tinha entendido que, uma das normas para se ser boa pessoa, é não julgar os outros, e agora tu dizes-me que, para sermos melhores pessoas, temos que reparar nos defeitos dos outros, além dos nossos. Não é uma contradição?

Dizes-me isso porque, normalmente, quando a gente se põe a destacar os defeitos dos outros, o faz para criticar ou para zombar. Quando se tem má intenção, costuma-se ser bastante injusto, e transformar e exagerar a realidade, com o objectivo de conseguir rebaixar a pessoa objecto da troça, sem qualquer complacência com ela. Com certeza que esta atitude é lamentável, e o próprio Jesus a condenou repetidas vezes, dizendo "Vedes a palha que está no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso". É por esta razão que, muita gente com boa vontade julga, que falar dos defeitos dos outros, é algo mau.

Mas, a intenção com que aqui analisamos os defeitos, não é criticar, nem fazer troça, nem condenar ninguém, mas fazemo-lo para que nos sirva para compreender como actuam os defeitos, para nos melhorarmos a nós e para ajudarmos os outros a fazer o mesmo. Aqui, trata-se de ver a realidade tal qual é, sem a exagerar, mas também sem a encobrir. E o facto é que, a maioria da humanidade neste estádio, partilha dos mesmos defeitos, e que a eliminação dos defeitos faz parte do processo evolutivo. Porque, como se pode modificar uma conduta egoísta sem a reconhecer primeiro?

Eu tinha percebido, que o que devemos fazer quando alguém, movido pelo seu egoísmo, nos atacar, devemos perdoar-lhe!

Para perdoar é preciso compreender e para compreender é preciso investigar a causa que motivou o ataque, ou seja, qual foi a manifestação egoísta que influenciou em determinado momento. Por exemplo, uma pessoa que age destacando os defeitos dos outros para os criticar em público e fazer troça, está a agir sob o defeito da inveja, que costuma ser uma manifestação da vaidade. Se alguém não compreende o processo de evolução espiritual, as etapas do egoísmo que têm de ser superadas e como se manifesta o egoísmo em cada uma das etapas, é muito difícil perdoar atitudes egoístas como a inveja, a burla, a crítica, a calúnia ou muito piores.

Então, é possível reconhecer em si mesmo em que etapa do egoísmo nos encontramos? Ou seja, podemos conhecer até onde chegamos as nossas capacidades e o nosso nível de desenvolvimento espiritual?

Certamente que o podes saber. Se te esforçares em te conheceres a ti mesmo e tiveres um interesse sincero em te desenvolveres espiritualmente, saberás em que ponto estás e quais são as disciplinas espirituais desta vida que deves enfrentar. Aqui, tentamos dar algumas pistas para que se possam reconhecer em si mesmo, tanto as virtudes como os defeitos. Fazê-lo sozinho, sem ajuda, é bastante difícil. Mas acontece que não estamos sós nesse caminho. Como já disse, cada um tem os seus guias que, se o desejar, o ajudam a ver o que é difícil de perceber por si mesmo. Também há pessoas encarnadas que, pela sua capacidade interior, podem atirar-nos uma corda. Mas, tudo isso, depende da vontade de cada um porque, quem estiver muito agarrado ao egoísmo e não quiser avançar, não irá reconhecer os seus defeitos, nem vai admitir que alguém lhe dê conselhos. Portanto, não irá escutar, nem a ajuda que lhe é prestada a partir do mundo espiritual, nem a dos irmãos mais avançados. Infelizmente, no vosso mundo, a maioria das pessoas encontra-se nessa situação, lamentando-se de que estão cegos e surdos, mas sem querer retirar a venda dos olhos, nem os tampões dos ouvidos, nem ouvir os que lhes estão a dizer "tira a venda e os tampões porque não estás cego nem surdo", isto é, queixam-se da sua infelicidade, mas não querem renunciar ao egoísmo que é, fundamentalmente o que os impede de ser felizes, nem estão dispostos a receber a ajuda de que precisam para o ser.

AS RELAÇÕES PESSOAIS E A LEI DO AMOR

Já que estamos a falar do amor, lembrei-me que mencionaste um par de vezes, que todos temos uma alma gémea.

É verdade.

Então existem as almas gémeas?

Sim.

Sempre pensei que era uma quimera, um sonho romântico, que apenas existia na imaginação.

Pois, não. Existem na verdade. Coisa diferente de serem como vós imaginais.

Então, que são as almas gémeas?

Espíritos cem por cento afins, complementares. Criados para estarem unidos no amor. As almas gémeas precisam uma da outra para serem totalmente felizes.

E para cada ser apenas há uma alma gémea ou pode haver várias?

Pode haver espíritos muito afins, mas apenas um é afim cem por cento, e esse é a alma gémea.

Com que objectivo foram criadas as almas gémeas?

Para que ninguém se sinta nunca só. Para que haja alguém igual a ti, que te incite a despertares, a percorreres o caminho do amor. A alma gémea é o teu par ideal, a tua meia-laranja para toda a eternidade.

Quer isso dizer que as almas gémeas encarnam simultaneamente para estarem juntas?

Muitas vezes sim, mas nem sempre. Depende das necessidades evolutivas do espírito. Às vezes devem viver experiências por sua conta, por exemplo, para avançarem no desenvolvimento das suas próprias vontades e não se tornarem dependentes um do outro.

E quando encarnam juntas, fazem-no para viverem como casal?

Seria a situação ideal e muitas vezes prepara-se a encarnação para que aconteça assim, mas nem sempre. Podem também encarnar juntos, não como casal mas sim como familiares muito próximos, ou com outra relação qualquer. Depende também das necessidades evolutivas de cada espírito e do que eles decidam fazer. E também há que contar com o facto de que, uma vez encarnados, podem escolher não estar juntos.

Então, a escolha das pessoas que com quem nos relacionamos nesta vida, é uma decisão que se toma antes de cada encarnação, ou é mais fruto das decisões que tomamos quando estamos já encarnados?

As relações mais chegadas, como a composição da família, algumas amizades e o futuro par, combinam-se antes de encarnar. A respeito disso, há um compromisso entre os espíritos que encarnam para se ajudarem mutuamente nas suas respectivas missões ou provas, por exemplo, dos pais em relação à encarnação dos futuros filhos, etc. Outra coisa é cumprir os compromissos adquiridos.

Costumam-se respeitar os compromissos prévios à encarnação? Quer dizer, pode acontecer que uma pessoa tenha concordado com outra ser seu par e, uma vez encarnado, escolha como par outra pessoa, ou um casal que se comprometeu a ter dois filhos, venha a ter só um ou nenhum?

No vosso mundo acontece muito frequentemente que os espíritos faltem aos seus compromissos pré-encarnatórios.

Por que motivo falham o cumprimento?

Geralmente, porque se deixaram arrastar pelos seus próprios defeitos, pelo seu egoísmo, tomando decisões com a mente, que está muito influenciada pelas sugestões do mundo materialista em que viveis, e que vos leva a conduzir a vida completamente concentrados na luta para atingir apenas objectivos materiais (consumismo) ou a desfrutar de prazeres materiais (hedonismo), esquecendo assim as suas aspirações e compromissos espirituais.

E como sabe o espírito, uma vez encarnado, quais são esses compromissos espirituais adquiridos antes de nascer, se não se recorda nada dessa fase?

Deixando-se influir pela intuição espiritual. Quando o espírito se deixa influenciar pelo que sente, está a seguir essa voz interior que intui qual é o caminho a seguir e, à medida que se vão cumprindo os objectivos marcados, sente-se mais feliz consigo mesmo, mais seguro e sereno, e clarificam-se os objectivos seguintes dessa vida. Quando alguém desatende essa voz do sentimento e se deixa guiar exclusivamente pela mente, e esta o induz a seguir objectivos puramente materiais, contra os seus sentimentos, a pessoa sente-se vazia, em conflito consigo mesma, insatisfeita, insegura e não encontra sentido para a sua vida.

Poderias mostrar um caso concreto?

Vejamos o exemplo de duas almas gémeas que se encontram na sua vida actual, depois de terem combinado unir-se como casal antes de encarnar. O seu interior espiritual fá-las reconhecerem-se e despertar o sentimento mútuo que existe entre elas. Contudo, imaginemos que uma delas está muito influenciada pelo seu próprio egoísmo e se deixou levar por ele na hora de tomar decisões nesta vida. O egoísmo, através da sua mente, aproveitará qualquer circunstância materialmente adversa para a influenciar negativamente, para que faça caso omisso dos seus sentimentos, de mil e uma formas: "não é um bom partido, não tem dinheiro, não tem estudos, não é da minha condição social, não é fisicamente atraente, a minha família vai-se

opor e não quero complicações, vive muito longe, não é de tal ou tal maneira, etc.”. E então, apesar de se ter proporcionado a oportunidade de experimentar o sentimento verdadeiro e de viver com a pessoa espiritualmente afim, com quem poderia experimentar alguma coisa da autêntica felicidade, deixa-a passar, escolhe contra os seus sentimentos e quebra assim o seu acordo pré-encarnatório com a sua alma gémea. Se se deixar arrastar pelo egoísmo, esse espírito escolherá o seu par, não em função dos seus sentimentos, mas sim em função das suas expectativas mentais ou materiais e preferirá outra pessoa com um maior atracção física ou que lhe proporcione mais prazer, ou com melhor posição económica, com a qual levará uma vida aparentemente mais excitante para os sentidos, ou mais cómoda, mas vazia de sentimentos.

E, que acontece com as restantes pessoas que tentam cumprir os seus compromissos? Por exemplo, que se passaria com a pessoa que foi afastada, neste caso?

Há sempre um plano B ou alternativo, pois os espíritos-guia conhecem a capacidade de cada um e sabem até onde cada um pode chegar. Poderá refazer a sua vida com outra pessoa que, ainda que não seja tão afim espiritualmente, esteja mais disposta a lutar pelos sentimentos e menos pelo egoísmo.

E que se passa, por exemplo, se um espírito concordou em ser o filho de um casal que acabou por não se unir, pois cada um dos que iam ser os seus pais encontrou um cônjuge diferente, caso os futuros pais já estejam encarnados e tenham decidido de forma diferente do acordado? Ficaria sem encarnar?

Tende em conta que, pelo facto de se estar encarnado, não significa que se esteja desligado do mundo espiritual, pois se regressa a ele quase todas as noites durante o sono. Nesse estado, pode tomar decisões que têm a ver com outros espíritos, por exemplo, com os que serão seus futuros filhos, e recuperar os compromissos adquiridos, ainda que com um plano diferente do inicialmente previsto. No caso de, nenhum dos possíveis pais tomar essa responsabilidade, procura-se um casal alternativo com semelhantes características ao anterior e que queira aceitar o espírito encarnante como filho. Os guias sabem que se tende a mudar de opinião, uma vez encarnados, pelo que têm previstas várias alternativas evolutivas para procurar que, apesar de tudo, tenhamos opções de evolução, não importa quais sejam as circunstâncias que tenhamos escolhido, por muito afastadas que estejam do caminho previamente traçado antes de encarnar. Se alguém se desvia da “rota” inicialmente traçada, recalcula-se então

uma nova "rota" a partir do novo caminho que se escolheu, mas com o mesmo destino.

O incumprimento desses compromissos acarreta para o espírito alguma consequência?

Aparentemente pode parecer algo negativo, como se alguém se tivesse desviado do caminho mais curto para a felicidade. Mas, faz parte do livre arbítrio, ter-se liberdade para mudar de opinião no momento que se queira, e experimentar situações que, enquanto não forem vividas na primeira pessoa, não se toma consciência do que são. Portanto, o que não se aprende de uma forma pode aprender-se de outra. Existem diferentes caminhos para chegar ao mesmo sítio, diferentes alternativas para experimentar e aprender o mesmo.

O espírito que encarna conhece de outras vidas os que serão os seus familiares ou chegados?

Há de tudo. Algumas das pessoas que encarnam na mesma família, podem ter sido companheiros de outras vidas e, noutros casos pode ser a primeira vez que encarnem juntos na mesma família.

E quem decide a configuração das famílias, quer dizer, quem diz quem vai a ser o pai, a mãe, os irmãos, etc?

Normalmente, decidem-no os próprios espíritos que vão encarnar, de mútuo acordo, com a ajuda e a assessoria dos guias espirituais.

E de que dependem as relações familiares?

Das necessidades evolutivas dos espíritos encarnantes, trate-se de expiações ou de missões.

Podes esclarecer-me de que modo a necessidade evolutiva pode influir na composição familiar, e que diferença há entre expiações e missões?

Sim. Existem famílias cujos componentes, sejam estes irmãos, pais ou filhos, foram inimigos acérrimos noutras vidas e podem ter-se provocado mutuamente muitos danos, motivados pelo ódio, desejo de vingança ou ressentimento que sentiram uns pelos outros. Esses espíritos encarnariam juntos com o objectivo de limar arestas através da estimulação do afecto que deriva da consanguinidade. Ou seja, trata-se de uma expiação, no sentido de que esses espíritos têm dívidas a liquidar entre si, por se terem magoado mutuamente, por terem agido noutras vidas contra a lei do amor. No caso das missões, os espíritos não se unem porque tivessem dívidas para saldar, mas antes porque se amam e decidem encarnar juntos para se ajudarem

mutuamente no cumprimento de objectivos espirituais mais avançados, o que tem a ver com a ajuda a seres espiritualmente menos evoluídos, servindo-lhes ainda para, ao mesmo tempo, se aperfeiçoarem espiritualmente. Entre esses dois extremos existem situações intermédias de todos os matizes, nas quais existe parte de egoísmo e parte de sentimento, parte de expiação e parte de missão, porque, à medida que o espírito avança pelo caminho da evolução espiritual, tem cada vez menos dívidas a saldar e mais amor para dar de forma incondicional.

Mas, no caso das relações por expiação, não se produzirá o efeito contrário ao pretendido? Quer dizer, se as pessoas que se odeiam são obrigadas a conviver sob o mesmo tecto, não se geram abusos, maus-tratos, tensão e discussões constantes?

Não são obrigadas, mas foram elas mesmas que aceitaram a sugestão dos guias espirituais para vencer os seus maus sentimentos. Os abusos, maus-tratos e discussões a que fazes referência aparecem porque esses espíritos continuam agarrados aos seus maus hábitos espirituais e não se querem corrigir.

De todas as formas, parece-me uma terapia demasiado agressiva colocar as pessoas que se odeiam na mesma família. É como juntar a todos os presos perigosos na mesma cela, não acabarão por arrancar a pele uns aos outros? Não vejo como dessa situação possa surgir o amor.

Não disse que todas as pessoas da família se dêem mal. Pode, por exemplo, verificar-se o choque entre o pai e um filho ou entre um irmão e outro, mas não destes com os restantes membros da família. Geralmente, nestas famílias também encarnam espíritos mais avançados que dão o exemplo a seguir, de como deve ser uma conduta amorosa. O facto de espíritos com defeitos semelhantes encarnarem juntos é, precisamente, para que uns sirvam de espelho aos outros e aprendam da experiência de conviver com alguém parecido consigo.

E o que não-de aprender desta experiência?

Primeiro, saber que todos somos irmãos, aqui literalmente, porque a pessoa mais odiada na vida anterior pode ser teu irmão de sangue na seguinte. Reparai numa coisa: não se pode evoluir gostando apenas de alguns e odiando outros. Enquanto não transformarmos o ódio em amor, não avançaremos. Por isso, temos de reparar os danos que provocámos por ódio e a melhor maneira é fazê-lo com a pessoa com quem mais nos custa fazer isso e a quem mais devemos.

Também serve para conhecer e viver na própria carne as manifestações do defeito de outra pessoa que tem o mesmo defeito que nós, entendendo como defeito uma manifestação do egoísmo. Temos tendência para ver a palha no olho alheio, mas não a trave no nosso próprio, quero dizer, reparamos muito bem nas falhas dos outros, especialmente nos defeitos das pessoas de quem gostamos, mas não queremos ver os próprios, que costumam ser semelhantes aos dos outros. Se sentirmos em nós os efeitos do defeito, a experiência própria do sofrimento que gera essa manifestação do egoísmo dos outros em nós mesmos, tomaremos consciência de que existe e de que é algo que teremos que ir eliminando.

Voltemos ao tema das relações pessoais, quais os motivos por que podem unir-se duas pessoas num casal?

Por amor, pela necessidade de evolução espiritual ou por apego. Os dois primeiros, são motivos que obedecem a critérios espirituais e que se decidem antes de encarnar. A última, é escolhida pela pessoa quando já está encarnada e a decisão costuma ser tomada mais por razões "terrenas" que espirituais, o que altera muitas vezes os compromissos espirituais assumidos antes de encarnar.

Podes explicar-me que diferenças há entre uns tipos de união e outros?

Os primeiros produzem-se pela união de sentimentos e afinidade espiritual.

Os segundos, por uma necessidade de aprendizagem mútua e, geralmente, dão-se entre espíritos que têm algum tipo de contas pendentes e que podem melhorar espiritualmente através da convivência, por terem determinados defeitos ou virtudes que podem ser trabalhados através dessa convivência.

O terceiro dá-se por uma atracção física ou sexual, por afinidade de objectivos mentais ou materiais ou por necessidade material, necessidade afectiva, conveniência ou obrigação entre as pessoas que se uniram.

No caso da encarnação dos filhos, posso compreender que isso seja decidido no mundo espiritual. Mas a decisão de unir duas pessoas como casal, por acaso não é tomada sempre no mundo físico uma vez encarnado?

Certo é, que a decisão final é tomada quando já se está encarnado. Mas eu pergunto, qual é a probabilidade de duas pessoas que não se conhecem, entre tantos milhares de milhões, se encontrarem numa vida? Acaso? Para que as circunstâncias convisjam, quer dizer, para

que certas pessoas se encontrem e tenham a oportunidade de se conhecer, é preciso que concorram um cúmulo de circunstâncias, e isso é o que se organiza a partir do mundo espiritual. Também o reconhecimento de que certa pessoa vai ser alguém importante na vida de alguém é uma impressão que vem da memória de outra vida.

Segundo o que contas, deduzo que se pode ter pares diferentes em cada encarnação, não?

Sim, claro. Costuma ser o normal em mundos do vosso nível evolutivo, advém do facto de, muitas vezes, ser necessário para a evolução espiritual ou ser consequência de actos de outras vidas.

Que queres dizer?

Que, inclusivamente, mesmo tratando-se de almas gémeas, de espíritos totalmente afins, se os defeitos forem mais fortes do que os sentimentos, podem acabar por se afastarem, ainda que seja apenas temporariamente, por não quererem reconhecer nem modificar os maus hábitos espirituais. Às vezes, apenas se aprecia o que se tem depois de o perder. Daí que, para outras vidas, se escolham outros pares com menor afinidade, mas que os podem ajudar a modificar esses hábitos. No vosso mundo há muito poucos pares que se unam por amor, porque a maioria presta pouca atenção ao interior. A grande maioria fá-lo por necessidade ou conveniência material, ou afectiva, ou atracção sexual, e apenas uma pequena porção se une em função das necessidades espirituais. Nos mundos mais avançados, onde os espíritos já eliminaram grande parte do egoísmo e são mais coerentes com os seus sentimentos, a maioria das uniões fazem-se por amor, porque os espíritos afins se reconhecem inequivocamente, e porque sabem que a satisfação de nenhum anseio material os pode fazer mais felizes do que o sentimento mútuo que experimentam. Encontrarás poucos pares que não sejam almas gémeas e nenhum que tenha sido escolhido em função de interesses egoístas.

Sempre nos disseram que era mais espiritual ter um par para sempre, através da frase de “o que Deus uniu, que não o separe o homem”, mas agora tu dizes-me que ter mais pares é “o normal” e que pode trazer benefícios espirituais. Não existe aqui uma contradição?

É que uma coisa são os laços de amor e outra, os do matrimónio. Em 90% de os matrimónios da Terra não há amor verdadeiro, ainda que isso possa não se tornar evidente para os cônjuges até ter passado um certo tempo. Mas parece que, por se ter assinado um papel, não se tem direito a mudar de opinião. Quando vós escolheis as vossas

relações em função dos vossos sentimentos, então as vossas relações serão estáveis, como o são as dos mundos avançados. Mas tende em conta que o que une esses pares não é a obrigação, mas sim o sentimento. Cada um mantém a sua liberdade, tanto para escolher o seu par, como para decidir separar-se, se assim o desejar, por escolha própria, sem ter que prestar contas a ninguém sobre a sua decisão. Tende claro uma coisa: é o amor mútuo o que faz com que dois seres estejam unidos, mas cada um deve manter a sua liberdade individual intacta, e não, não é nenhum contrato assinado, ainda que seja diante de um sacerdote ou de um altar cheio de relíquias religiosas e de flores, porque não é Deus que vos está unindo, mas sim vós mesmos pelas leis e costumes que quisestes inventar. O que sim, Deus vos deu, foi a capacidade de amar, uma alma gémea para que experimenteis esse amor e sejais felizes e a liberdade para decidirdes o vosso destino. Mas como já disse, no vosso mundo, os poucos pares que se unem pelo sentimento, ainda têm de vencer o próprio egoísmo que, muitas vezes é mais forte e consegue impor-se aos sentimentos. Por isso a frase lapidar “o que Deus uniu, que não o separe o homem” poderíeis substituí-la pela seguinte, muito mais apropriada, e que resulta num bom conselho a seguir por aqueles que procuram experimentar a autêntica felicidade: “O que o amor uniu, que o não separe o egoísmo”.

Então, o divórcio é algo positivo do ponto de vista espiritual? Sempre me pareceu o contrário, até porque a maioria de religiões cristãs são contrárias ao divórcio.

Uma coisa é a religião e outra a espiritualidade. Ter a liberdade de escolher com quem se estar ou não estar é sempre positivo. É positivo porque permite exercitar o livre arbítrio e o mundo espiritual é sempre a favor do livre arbítrio. Forçar uma pessoa a estar com alguém por quem nada se sente ou, mesmo que sinta, com quem lhe é impossível conviver seja por que razão for, por ter assinado um papel, é forçar o seu livre arbítrio. Além de que, vós ainda julgais que estar unido a um par, implica renunciar a uma parte do seu livre arbítrio, e isso não é assim. Por exemplo, julgais que pelo facto de se estar casado ou a viver conjugalmente com alguém, isso acarreta a obrigação de manter relações sexuais com o par, como se fosse um dever que se deve cumprir acima de tudo, e isso não é assim. Não se está obrigado a manter relações sexuais com o seu par só pelo facto de estarem casados, se o não quer ou deseja. Nem a unir-se a uma pessoa, só porque manteve relações sexuais com ela. Nem se está obrigado a sentir o que não se sente, ainda que, seja pelas circunstâncias que for, se tenha unido a ela. E, o mais importante, é que não se deve sentir

culpado por isso, porque os sentimentos não se podem forçar, mas têm de surgir espontaneamente. Do ponto de vista espiritual, acima de tudo está a liberdade individual, que prevalece sobre qualquer outra coisa. Enquanto não vos libertardes do apego não podereis experimentar a felicidade do amor, porque o apego está para o amor como uma gaiola está para um pássaro.

Então, quando as pessoas que mantêm relações não gostam uma da outra, mas apenas o fazem para passar um bom bocado, estão a transgredir alguma lei espiritual?

Não. Se as pessoas o decidirem livremente, não há nenhum problema. O que acontece é que, quando o espírito avança, espera algo mais da relação sexual, e uma relação puramente física deixá-los-á insatisfeitos e fá-los-á sentirem-se vazios, além disso, quando duas pessoas se unem numa relação, ainda que sexualmente se atraiam, se não forem afins espiritualmente e não sentirem nada interiormente, a relação exclusivamente sexual acaba por enfastiar. Por isso, não costuma durar muito. A prolongar-se, será uma relação instável, em conflito permanente, pois os laços que os unem são muito débeis.

A medida que o espírito evolui, a sexualidade deixa de ser um instinto, uma necessidade biológica, para ser um instrumento de expressão do sentimento. Para os humanos primitivos a sexualidade era basicamente instintiva, e não podia haver um vazio de sentimentos quando acasalavam com alguém de quem gostavam, porque o seu sentimento estava ainda escassamente desenvolvido. Mas um espírito mais evoluído, com maior capacidade de amar, sentirá um grande vazio nas suas relações sexuais se apenas procurar satisfazer o seu instinto. A relação sexual para o espírito avançado é uma manifestação de amor íntimo. Quando os espíritos que mantêm uma relação sexual são espiritualmente afins e se amam mutuamente, o sentimento de amor profundo manifesta-se na relação sexual e produz-se simultaneamente um intercâmbio dos corpos físicos e um intercâmbio energético entre eles que os revitaliza e os enche, em consequência da interpenetração dos corpos astral, mental e espiritual. Pelo contrário, numa relação puramente sexual, ou seja, em que as pessoas que praticam o sexo não sentem amor uma pela outra, ainda que haja uma satisfação do corpo físico, faltará a união dos corpos mais subtis, astral, mental e espiritual e isso trará como resultado uma sensação de vazio e insatisfação. Nos mundos avançados, o que leva os espíritos a unirem-se como par é, exclusivamente o amor interior que sentem e, portanto, é muito raro que se juntem pares por qualquer outro motivo. Como, ali, a percepção está muito desenvolvida, não há lugar a enganos nem a

decepções, que na Terra costumam ocorrer ao se descobrir que o par não é como se julgava, porque até esse momento apenas tinha mostrado a faceta sedutora.

E como se podem resolver os problemas da sexualidade?

Os vossos problemas com a sexualidade são, na sua maioria, devidos a que mantéis relações sexuais com pessoas pelas quais não sentis praticamente nenhum amor. Apesar disso, continuais a olhar apenas a parte física e julgais que o clímax do prazer sexual é manter relações com pessoas fisicamente muito atraentes. Não quereis reconhecer a parte dos sentimentos e, posto que a maioria de vós não estais acasalados com as pessoas amadas, espiritualmente afins, o problema vem do não sentir. Vem de não sentir um preenchimento interior. Os espíritos mais avançados são os que mais sofrerão ao manter relações sexuais sem amor. Em vez de se reconhecer que o problema está na ausência de sentimentos e que o que há a fazer é começar a agir mais de acordo com o que se sente, empenhais-vos em procurar experiências sexuais com outras pessoas, igualmente pelas quais não sentis nada ou em acrescentar ao sexo outros ingredientes que supostamente o tornam mais agradável, mas igualmente vazio. Então cai-se num círculo vicioso, pois se procura encher com matéria o que só se pode encher com sentimento.

Então, queres-me dizer que o amor romântico, essas relações que vemos nos filmes, são algo que escasseia no nosso mundo?

O que acontece é que vosso conceito do que é o amor, neste caso, o amor de casal, está distorcido em relação ao que é o amor do ponto de vista espiritual.

Não escasseiam as relações por intensa atracção física, que vós chamais erradamente amor "passional" ou "romântico", que são como o brilho do fogo-de-artifício, muito intenso num momento e que se apaga para sempre em seguida e que se tenta em vão prolongar à custa de superexcitar os sentidos com enfeites materiais (um jantar num restaurante caro, um prenda apelativa, uma noite numa suite de hotel de cinco estrelas, ou umas férias numa ilha paradisíaca). E a tudo isso chamais amor romântico, quando, na realidade, não deixa de ser uma forte atracção sexual que se vai desvanecendo, uma vez o desejo sexual satisfeito. A respeito das paixões, muitas vezes não têm nada a ver com o amor, mas sim apenas com o desejo insatisfeito de possuir alguém, e que é a manifestação do egoísmo a que chamamos apego. As pessoas não são objectos, não podem ser possuídas e não pertencem a ninguém além de si mesmas. Não confundais o gostar de alguém com o querer possuir, amor com

apego. Tende claro uma coisa: não se pode obrigar ninguém a gostar, porque se o amor não é livre, então não é amor. Os sentimentos não se podem forçar. Os sentimentos não obedecem a sugestões, manipulações, imposições nem ordens. Se quereis ser amados, então amai incondicionalmente, sem esperar nada em troca e então, qualquer dia, a lei de causa-efeito trar-vos-á aquilo que vós destes.

A DOENÇA À LUZ DA LEI DO AMOR

Mencionaste em diversas ocasiões que há doenças físicas que têm que ver com determinados sentimentos ou com a sua repressão. Gostaria de aprofundar agora isso.

Sim. Existe muita gente doente do espírito precisamente porque anulou os seus sentimentos e, quando o espírito adocece, o mesmo acontece com o corpo, já que está intimamente ligado a ele.

Queres dizer então que uma doença física pode ter uma origem emocional?

Efectivamente. A repressão dos sentimentos é a maior causa de doença no vosso mundo, tanto de doença psicológica como física.

Isso posso-o aceitar a respeito das enfermidades mentais... Mas, e o cancro? Por acaso não demonstrou a ciência que o cancro surge devido a alterações genéticas?

Alterações genéticas estão em todos os casos mas, em muitos deles, não são a primeira causa.

E qual é a primeira causa?

Como te disse, a causa é psíquica e tem a ver com a repressão do interior espiritual. Acontece que quando uma pessoa não actua nem vive de acordo com os seus sentimentos, se produz um mal-estar interno profundo na pessoa que o padece. Isso gera ego-sentimentos psicologicamente nocivos como medo, raiva, ódio, tristeza, etc., que são os causadores da doença. Esse mal-estar pode ser estimulado por uma causa externa, algum tipo de circunstância na vida que, para a pessoa, resulte muito difícil de enfrentar. Chamemos-lhe a esta circunstância conflito emocional.

E como se transmite o mal-estar emocional ao corpo físico, para acabar por provocar uma doença?

Quando a pessoa se encontra mal emocionalmente, existe um curto-circuito entre os níveis espiritual e mental que se transmite ao corpo energético ou astral, de modo que este sofre uma alteração na sua configuração, uma descida no nível vibratório, uma "quebra de energia", que afectará uma região concreta do corpo astral, como uma espécie de apagão que afectará uma parte do circuito eléctrico, a qual deixa de revitalizar correctamente a zona do corpo a que está ligada. A falta de energia vital provoca uma falha de ligação da região desvitalizada em relação ao restante corpo e, como consequência disso, o tecido desvitalizado deixa de actuar em harmonia com os restantes. Ao perder o seu padrão energético, o funcionamento normal das células vê-se afectado e começam a aparecer alterações genéticas que podem, ou destruí-las e provocar assim uma doença degenerativa, ou então fazer com que comecem a crescer descontroladamente, provocando assim um cancro.

Tudo isso me lembra o que diz a doutora em física Barbara Ann Brennan nos seus livros *Mãos de Luz* e *Luz Emergente* a respeito da doença, que me recomendaste quando falámos sobre o corpo astral. Segundo ela, os problemas psicológicos e emocionais manifestam-se no corpo astral como zonas escuras ou de diversos tons turvos, cuja origem radica nas ideias negativas que se fixam numa pessoa em determinado momento. Se estas persistem no corpo astral sem ser resolvidas, mais cedo ou mais tarde provocam uma manifestação no corpo físico da pessoa e causam uma doença. Então ela está certa?

Efectivamente, é assim.

Também me faz lembrar os postulados da Nova Medicina, que foram enunciados pelo médico alemão Ryke Geerd Hamer. Segundo o Dr. Hamer, todo o cancro ou enfermidade equivalente ao cancro começa por um conflito emocional extremamente brutal, vivido em solidão. Segundo o tipo de conflito, o cancro desenvolver-se-á num órgão ou noutro. Além disso, diz que o conflito emocional afecta primeiro o cérebro, provocando uma espécie de curto-circuito e que a região do corpo que está ligada a essa parte do cérebro é a que sofre posteriormente a doença. Postula também que a cura da doença passa pela resolução do conflito emocional que a origina. Está certo este médico?

O que diz está bastante correcto, ainda que não cem por cento, porque nem todas as doenças são originadas por conflitos emocionais. Mas sim, na maioria.

E é certo que solucionando-se o conflito emocional se pode conseguir a cura da doença?

Sim. Mas, para resolver o conflito, tem de haver na pessoa uma mudança muito profunda, porque se a pessoa persiste em manter-se agarrada aos seus ego-sentimentos e reprimir os seus sentimentos, atrás de uma enfermidade virá outra porque, mesmo quando certos conflitos tenham sido resolvidos, aparecerão outros que activarão os mesmos ego-sentimentos. Portanto, chegamos à raiz do problema: o que é realmente patogénico e causador da doença é o egoísmo e as suas manifestações e o que é curativo e saudável é o amor e a sua expressão. E isto nunca falha.

Mas por acaso, não nos acontece a todos em maior o menor grau? Quero dizer, não acontecem a quase todas as coisas na vida que nos provocam desgostos de todo o tipo e que nos despertam raiva, tristeza e agressividade? Porque eu identifico-me bastante com a descrição que fizeste a respeito da repressão dos sentimentos e, apesar disso, não tenho cancro.

Certo, e por isso quase todos adoecemos de vez em quando. Mas, para que surja uma doença realmente grave, como o cancro, tem de ocorrer que a pessoa fique emocionalmente “apanhada” pelo mal-estar emocional, no sentido de que este se converta numa obsessão permanente, que se deixe dominar pelos ego-sentimentos e persista nesta atitude durante um tempo relativamente longo, até ao ponto de perder o sono durante um período prolongado de tempo. Deve, além disso, verificar-se que a pessoa reprima toda a forma de alívio e exteriorização desses ego-sentimentos.

Então, existe um tipo de personalidade propensa ao cancro?

Sim. A daquelas pessoas que se deixam arrastar pelos ego-sentimentos (raiva, ódio, tristeza, medo) e/ou as que se sentem reprimidas na percepção e/ou manifestação dos sentimentos.

Então devo chegar à conclusão de que a doença é um castigo por não fazer bem as coisas?

Um castigo, não. É uma consequência da dor emocional interior. É a própria pessoa quem o provoca e também quem pode remediá-lo, fazendo uma mudança em si mesmo, do egoísmo para o amor, da repressão para a exteriorização da sua autêntica personalidade espiritual.

E que sentido faz que uma pessoa que está já tanto sofrendo ainda lhe sobrevenha uma doença tão grave como essa? Por acaso não tinha já que chegasse?

Tem em conta que o mal-estar físico é consequência do mal-estar interior. Neste caso, a enfermidade física actua como sinal de alarme para que a pessoa se dê conta da enfermidade interior de que padece, e a motive a mudar.

Sim, mas se uma pessoa não associa a enfermidade física à enfermidade interior, como pode isso ajudar a mudar?

A doença física enfraquece as barreiras mentais que aprisionam a manifestação do interior espiritual e, portanto, ajuda a adquirir maior grau de sensibilidade, tanto a respeito dos nossos próprios sentimentos, como a respeito dos sentimentos e sofrimentos dos outros. É isso o que pode motivar a pessoa a mudar.

E se mudasse, acabaria por se curar?

A maioria sim, mas não em todos os casos. Há danos a nível físico que não se podem reparar.

E os que não se curam podem chegar a morrer?

Sim.

Então que sentido tem a doença se, ainda que se faça a mudança, não se cura e pode, na mesma, morrer?

Considera que, do ponto de vista espiritual, a vida física não é mais que um instante da vida real, que a morte do corpo não é o fim, nem algo mau, mas sim uma etapa de transição para outra existência menos limitada. A doença é um instrumento de ajuda para a progressão do ser em direcção a um maior nível de compreensão, amor e sabedoria. Como já te disse antes, a doença física enfraquece as barreiras mentais que oprimem a manifestação da sensibilidade interior, sendo isso o que realmente nos serve para evoluir. A mudança que possas ter feito em ti mesmo, relativa à evolução no amor, não se perde. Leva-la contigo para o além para onde vais, e é o mais valioso que podes tirar da tua vida. Pode ser o objectivo de toda uma encarnação, pelo que, uma vez conseguido, o espírito pode regressar tranquilamente ao mundo espiritual, satisfeito com o seu trabalho. Na realidade, é a única coisa que levamos quando morremos, as mudanças que possamos ter feito em nós mesmos, no nosso espírito, porque tudo o que seja ganho material fica no mundo material. A isso se referia Jesus quando dizia: *“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a Terra, onde a traça e a*

ferrugem corroem e onde os ladrões arrombam e roubam. Mas, acumulai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não arrombam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, aí também estará o teu coração.” (Mateus 6, 19-21).

Sim, mas se a pessoa morre, como vai por em prática o que aprendeu?

Tem em conta que o espírito vai continuar a viver de qualquer forma, seja ligado ao corpo ou desligado deste e, em ambos casos, o que aprendeu fará parte dele e servir-lhe-á para continuar a evoluir.

Sim, mas, e para os familiares e seres queridos? Não será um golpe muito rude que, depois de passar por uma doença tão terrível, ter lutado e mudado, ainda assim, perca a pessoa querida?

Seja em caso de doença ou de morte natural, a separação dos seres amados é apenas temporal. Todos nos voltaremos a reencontrar com os seres queridos no outro lado. Tem em conta que, quando alguém nasce no mundo físico, também se está a separar dos seres queridos que não encarnam nesse momento. Todavia, para eles, isso não é um trauma, pois entendem que é uma separação temporária e que o espírito que encarna o faz pelo motivo de progredir espiritualmente. Por isso, não têm a sensação de perda, como vós. Quando vós quiserdes interiorizar que a vida não termina nunca e que a morte do corpo físico não é o fim, mas apenas um estado de transição para passar para o plano espiritual, muitos dos problemas, traumas e depressões que são consequência da morte do ente querido, desaparecerão.

E que se passa com os que não resolvem o seu conflito e morrem em consequência da doença?

Estagnaram espiritualmente por não terem realizado a mudança de que precisavam para superar a sua prova e superar-se a si mesmos. São os que “deitaram a toalha ao chão” no combate pela superação espiritual, quer dizer, vendo que não avançavam espiritualmente, eles mesmos anteciparam o seu regresso ao mundo espiritual. Virão com as mesmas provas para tentar superá-las nas próximas vidas.

Voltemos ao tema da origem da enfermidade. Por acaso não acontece haver pessoas que não têm aparentemente nenhum conflito emocional e são relativamente felizes, e que também padecem de doenças como o cancro? E que me dirás de uma criança recém-nascido com uma enfermidade congénita, que ainda

não tem consciência suficiente para experimentar um trauma emocional?

Muito boa pergunta. A respeito dos recém-nascidos, tem em conta que a partir do momento em que o espírito se liga ao embrião, sente e percebe tudo aquilo que acontece à volta deste e também o que sente a mãe e, portanto, é susceptível de desenvolver um trauma emocional durante o período de gestação, e que pode ser o motivo do desenvolvimento de uma enfermidade física. Mas, é certo que há enfermidades que não estão associadas a nenhum conflito emocional e, portanto, não é essa a origem em todos os casos. São aquelas a que chamamos doenças congénitas, ou seja, que têm uma origem genética, enquanto outras são uma mistura de componente emocional e susceptibilidade genética.

Donde vem neste caso a doença?

A sua origem encontra-se nos actos que realizámos noutras vidas. Trata-se de provas para eliminar dívidas acumuladas, actos contra a lei do amor, cometidos por impulso do egoísmo.

Não entendo o que queres dizer. Que tem que ver uma doença com um acto do passado? Como se pode transmitir uma doença de uma vida para outra? Poderias explicar-te melhor?

Quando alguém comete algum acto contra a lei do amor, pela lei de acção e reacção espiritual, este acto fica impregnado no seu espírito sob a forma de tóxico psíquico, o que baixa o seu nível vibratório e altera a sua configuração.

Esta alteração, por correspondência vibratória, acaba por alterar também os corpos mais densos, o corpo mental e, por conseguinte, o corpo astral, que é o modelo do futuro corpo físico. Se o corpo astral ainda mantiver esta alteração ao encarnar, pode provocar uma alteração no código genético do corpo físico e provocar assim uma doença congénita. Portanto, continua a ser certo que o causador da doença é o egoísmo, ainda que seja o egoísmo de uma vida anterior.

Sim, mas há alterações genéticas que se sabe que são herdadas, quer dizer, que já vêm na herança genética dos pais. Portanto, não parece que sejam geradas pelo corpo astral do encarnante. Que me tens a dizer a esse respeito?

É muito certo que a predisposição para certas doenças se herda geneticamente dos pais. Mas saibei que o espírito encarnante é conhecedor desta circunstância e a aceita, sabe que é uma prova, a da incapacidade física ou psíquica, que lhe compete passar em consequência dos actos de outras vidas. Também é uma prova para

os pais, que igualmente consentiram na devida altura vir a passar por este tipo de angústias.

Pois, penso que, se vais dizer isso a uma pessoa que esteja a passar por esta situação, eles mesmos ou algum ente querido, não o irão aceitar. Seguramente pensarão: Mas, que terei feito eu ou nós, para merecermos isso?

É muito normal que pensem assim, porque para o poderem compreender em toda a sua extensão, primeiro teriam que admitir que existe vida antes do nascimento e que, durante esse tempo, os espíritos criaram as circunstâncias em que agora se encontram, numa vida seguinte. Ao fim e ao cabo, trata-se de uma situação transitória, pois que a vida continua para além dessa encarnação, e da angústia por que estão a passar podem extrair uma aprendizagem no amor, que é o que se pretende.

Que dirias aos pais que têm filhos ou familiares com algum tipo de deficiência psíquica ou física que os impeça de levar a vida de uma pessoa normal, seja esta de nascimento ou provocada por alguma circunstância da vida como um acidente?

Agi conforme agiríeis com um filho normal, porque o é. Não julgueis pelas aparências. Olhai para além corpo e encontrareis uma alma como todas as outras. Vede nesse filho um ser querido, não o corpo imperfeito mas sim o espírito perfeito e tratai-o conforme o que é, como um ser completo, posto que por detrás dessa roupagem defeituosa, há um ser que vive, sente e percebe igual ou, até, de forma mais intensa, que qualquer daqueles que têm um corpo são. Quem sabe de música dir-vos-á que a música não procede do instrumento, mas sim, que nasce na alma do músico que o toca e que, se o violino estiver desafinado ou partido, não quer dizer que o violinista não saiba tocar, mas sim que temporariamente se vê impossibilitado de o fazer da forma que sabe, e que será capaz de aumentar o seu talento musical independentemente do instrumento que se lhe ponha nas mãos estar mais ou menos desafinado. De igual modo, não negueis ao espírito a possibilidade de captar e expressar a música da alma, que é o amor, só porque temporariamente o seu instrumento seja um corpo desafinado. Não julgueis que é um esforço estéril falar-lhes, exprimir-lhes e transmitir-lhe os sentimentos e o afecto que daríeis a um filho normal, porque o que o ser não percebe através dos sentidos físicos, percebe-o através dos sentidos do espírito, que são muito mais sensíveis, sobretudo para perceber os actos de amor e, se os não retribui como o faz alguém com um corpo são, não é porque não o percebe, mas apenas porque a sua parte material o

impede de se exprimir no mundo físico da forma que o seu espírito gostaria. Nada do que façais por ele com base no sentimento será em vão porque, no mundo espiritual, nada do que se faz por amor e com amor se perde. Já disse e repito-o: a deficiência física ou mental é uma circunstância passageira que terminará uma vez que o corpo se extinga. Mas, os sentimentos que foram despertados e fortalecidos através dessa experiência, tanto para o que a padece, como para as pessoas ao seu redor, perdurarão como uma aquisição do espírito para sempre e isso é o que realmente importa.

Mas o que é que se pode aprender daí?

A sensibilizar-se com o sofrimento próprio e o dos outros porque, seguramente, noutra vida, essas mesmas pessoas que sofrem, causaram um sofrimento semelhante aos outros e não quiseram tomar consciência do prejuízo que causaram. Este é o primeiro passo para amar, tomar consciência de que os outros sentem da mesma forma que nós e sofrem pelas mesmas razões que nós sofremos.

E qual é o significado espiritual de uma doença congénita que se tenha?

Neste caso, a doença é um processo mediante o qual o espírito transfere ao corpo físico os tóxicos psíquicos que o impedem de se elevar a um nível maior de evolução espiritual. O corpo, através da doença, absorve o impacto do tóxico psíquico e realiza uma espécie de drenagem, como se fosse uma esponja que o absorve, e contribui assim para a sua eliminação. Quer dizer, o espírito transfere a carga tóxica para o corpo físico, que actua como uma espécie de pano que absorve a sujidade. Esta "sujidade" é a que provoca a doença ao nível físico, porém, contribui para limpar os corpos mais subtis, da mesma forma que se de um sistema de drenagem se tratasse. Também há espíritos que escolhem utilizar a doença, nesta sua vertente de sistema de drenagem de tóxicos, na parte final da sua vida. Quer dizer que ainda não tinham sofrido nenhuma doença grave durante a vida e, quando se aproxima o momento da desencarnação, uma vez que já não vão utilizar mais esse corpo, aproveitam para transferir para ele uma parte da carga de tóxicos psíquicos que acumularam nos corpos mais subtis e, assim se limpam. Este caso é muito frequente e, por muito que se tente fazer por evitar a desencarnação, isso é totalmente impossível, pois não se trata de nenhum conflito emocional em marcha, mas sim de uma depuração espiritual.

E, se o espírito comete um acto contra a lei do amor, será na vida seguinte obrigado a passar por uma doença?

Não. Como dissemos, há diversas formas de eliminar o tóxico psíquico. Com os actos de amor, começando pela reparação do mal que se causou, elimina-se o tóxico do espírito sem necessidade de passar por uma doença. Por isso disse antes que, se o causador da doença é o egoísmo, o amor é o antídoto e o remédio de todos os males. Portanto, não tem que ser necessariamente através das doenças para se desfazer delas. Mas devido a que esta é uma forma rápida de se verem livres delas, muitos espíritos escolhem-na. O que é verdade é que, enquanto não se faça nada para a eliminar, a carga tóxica continua presente, impedindo o progresso do espírito em direcção a níveis mais elevados de amor e felicidade.

Disseste também que há doenças que são uma mistura de componente emocional e susceptibilidade genética.

Sim.

Poderias explicar melhor?

Há espíritos que vêm para enfrentar determinadas provas. Para evitar deixar-se levar pelo materialismo e recordar o propósito espiritual que os levou a encarnar, utilizam a doença como recordativo. Quer dizer, a doença apenas surge se o espírito se desviar do caminho que devidamente traçou, como se das bandas sonoras que existem nos lados da estrada se tratasse, que servem para avisar o condutor de que está a sair da sua faixa. Enquanto outras pessoas nas mesmas circunstâncias não desenvolveriam uma doença importante, a pessoa com susceptibilidade ou predisposição genética para uma determinada doença, tem um limiar de activação mais baixo, quer dizer que um estímulo emocional de menor intensidade é suficiente para activar a doença.

Pois, como dizes, se a doença é causada realmente por conflitos emocionais desta vida e se resolve, neste caso, com a solução do conflito ou, então, por doenças congénitas se de um processo depurativo se tratar, não se podendo, neste caso, curar a doença, pergunto-me: Os tratamentos farmacológicos que se utilizam actualmente, por exemplo para o cancro, servem para alguma coisa?

Os tratamentos actuais, isto é, a quimioterapia e a radioterapia, tentam eliminar o sintoma, que é a proliferação celular, mas não eliminam a doença, porque não actuam sobre a sua origem. Ao danificar o ADN causam lesões celulares muito profundas que em

muitos casos são permanentes e não se podem regenerar. É difícil entender como, se pensais que o cancro é provocado por alterações genéticas, utilizais como tratamento para o mesmo, agentes que provocam tais alterações.

Quer dizer isso que os fármacos são maus?

Nem todos. Mas sim, os que são agressivos, porque provocam mais prejuízos do que benefícios. Por exemplo, os anti-inflamatórios, os corticóides e alguns imunossupressores podem ser úteis em determinados momentos. A farmacologia, bem utilizada, pode ajudar, tanto na recuperação da saúde nos casos em que a doença vem desta vida e, portanto, é curável, como a aliviar os sintomas e melhorar a qualidade de vida nas doenças que não têm cura.

E os que se curam de um cancro depois de um tratamento farmacológico?

Se se curarem é porque ou resolveram o problema emocional que o originou ou porque, na realidade, a doença era benigna, não apenas porque se eliminou o sintoma. Se o mal emocional ou espiritual persistir, o cancro reaparecerá, ainda que seja noutra lugar próximo, depois de se lhe ter sido extirpado o primeiro tecido afectado.

Que aconselhas a nível físico para tratar um cancro?

Alimentação frugal, vegetariana e muitas vitaminas. Muito descanso e tranquilidade que permitam ao corpo concentrar-se na eliminação das células anormais e utilizar terapias não agressivas, que não ataquem o organismo, mas sim, que o ajudem a regressar à normalidade.

Se, como dizes, o corpo astral se desvitaliza por causa da persistência nos ego-sentimentos e, isso deixado à solta, acaba por provocar a doença física, poder-se-ia limpar energeticamente o corpo astral para melhorar a saúde?

Sim. Através da realização de determinados exercícios (Yoga), mediante o aporte energético canalizado por outra pessoa (Reiki) ou de algum aparelho emissor de bioenergia, podem-se drenar os fluidos maus e fazer chegar energia vitalizada. O tratamento energético actua terapeuticamente sobre o corpo energético, contribui para a restauração do fluxo energético, através da drenagem da energia esgotada e a entrega de energia renovada, por zonas. O tratamento bioenergético contribui para a recuperação da doença e para aliviar os sintomas. Mas, se a pessoa persiste nos seus maus hábitos psíquicos, o desequilíbrio no corpo astral voltará a produzir-se e, portanto, a

doença física voltará a manifestar-se. Por isso, é necessário abordar a cura de forma global: espiritual, mental, energética e física.

Podes explicar o que é o “Reiki”?

O Reiki é um método de cura natural que utiliza a energia vital universal, a qual ajuda a sarar doenças, físicas e mentais. Reiki é o nome que lhe deu o sacerdote japonês que o redescobriu e significa energia vital universal. Ainda que agora se tenha popularizado com este nome ou com o de Terapia Bioenergética, a transmissão de energias para melhorar a saúde tem sido utilizada desde há milhares de anos com diversos nomes, como “passe magnético” ou “prana”. É a imposição de mãos de Jesus, a “cura pela graça”.

Em que se baseia o Reiki?

A prática do Reiki fundamenta-se num emissor ou canal que, através das suas mãos, é capaz de transmitir energia vital a um receptor, que pode ser ele mesmo ou outro ser vivo (humano, animal ou planta) com o fim de aliviar ou eliminar transtornos e doenças. O Reiki actua sobre o corpo astral e contribui para eliminar bloqueios energéticos provocados por maus hábitos psíquicos; mas também no caso de transtornos de origem inteiramente física como traumatismos e intoxicações, pois reactiva o fluxo energético nas zonas danificadas e contribui para aliviar as dores e acelerar o processo de regeneração dos tecidos. O conhecimento da constituição do corpo astral, dos fluxos de energia, dos chakras e das relações entre os problemas emocionais e o local físico afectado, ajuda a colocar as mãos na posição correcta para que o fluxo energético nas zonas lesadas se reactive.

Mas a energia curativa, donde provém, do emissor, do Universo?

A energia vital encontra-se em todos os cantos do Universo e o passador de Reiki tenta concentrá-la e dirigi-la para a pessoa que necessita dela. Às vezes, o passador, se por alguma razão não a consegue mover do seu ambiente, pode ceder a sua própria energia vital. Também há que ter em conta que muitas pessoas contam com a ajuda de entidades espirituais concretas que as ajudam na transmissão de energias, potenciando enormemente a sua capacidade. Pode-se dizer neste caso, que o trabalho mais consciente o fazem os espíritos e que o passador de Reiki actua como um instrumento para que os espíritos terapeutas possam aceder ao plano físico-energético.

E que razões pode haver para que alguém tenha de ceder a sua própria energia?

Devido a sobreesforço. Falta de concentração, falta de relaxamento, falta de vontade desinteressada em ajudar, maus hábitos psíquicos e físicos. Se acontecer assim, depois de uma sessão de Reiki, o passador vai encontrar-se abatido, falho de energia e, inclusivamente, poderá replicar alguns dos sintomas de mal-estar do receptor.

Que é preciso para se poder praticar Reiki?

Reparai, o mais importante, para que o Reiki funcione, é a vontade do emissor em ajudar os seus semelhantes e um nível vibratório do corpo astral elevado, o que se consegue com a prática do amor. Também é importante uma boa predisposição do receptor para receber energia e isso baseia-se na confiança e na sinceridade. Se uma pessoa não está predisposta para receber a energia, porque não acredita que seja possível, ou desconfia do emissor, ou porque não está disposta a fazer mudanças a favor do amor e na renúncia ao egoísmo, os seus chakras estarão fechados e, por muito potente que seja o emissor, a energia não penetrará. É semelhante ao que acontece com a rádio em que, para se poder ouvir um programa, faz falta um bom emissor com um sinal potente, mas igualmente que liguemos o receptor de rádio e o sintonizemos na frequência correcta. A partir daí e, como acontece com os desportos, a prática continuada vai fazendo com que cada vez a capacidade de transmissão de energia aumente e seja de maior vibração. Com uma vontade de ajudar desinteressada conseguem-se sempre os melhores resultados. Além disso, também a limpeza a nível físico, contribui para que a energia não diminua a sua vibração quando passa pelo canal. Isso implica uma dieta vegetariana e a ausência de consumo de substâncias perniciosas para o organismo como álcool, tabaco e qualquer outro tipo de droga.

É verdade que, para se poder transmitir energia, tem de se ter os chakras abertos por algum mestre iniciado em Reiki?

Não. A capacidade de transmissão depende da capacidade evolutiva do espírito, da sua vontade em ajudar os outros e da prática. Quanto mais desinteressadamente actue, maior ajuda da parte do mundo espiritual receberá. A função de um mestre é a de ajudar a que o aluno desenvolva as suas potencialidades, mas também se pode ser autodidacta. Como no desporto, com a prática aumenta-se a capacidade e, com a vontade de ajudar os outros, recebe-se a ajuda do mundo espiritual de que se necessite, já que é no mundo espiritual onde estão os autênticos mestres da transmissão de energias.

Pois, ouvi dizer que existem cursos em que se cobra para adquirir níveis de Reiki. Que opinião tens a esse respeito?

Que é um negócio como o foram as bulas de indulgências, que te prometiam um lugar no céu com escritura e tudo a troca de dinheiro. Porquê, se o primeiro que o redescobriu (Usui) o fez de forma grátis, os que vieram depois dele se puseram a cobrar? Repito, não faz nenhuma falta que alguém te inicie para começar a fazer Reiki e, ainda menos, que alguém que te peça dinheiro em troca, por muita pompa e renome que tenha, se aproveita para ganhar dinheiro com isso, é porque não é alguém tão elevado como se diz ser. Um verdadeiro mestre não cobra por algo que não lhe pertence, sendo apenas o seu transmissor, nem se faz chamar mestre, porque é humilde. Aí tendes o exemplo de Jesus, que curou muita gente com a energia e ensinou a fazê-lo aos seus discípulos e jamais cobrou nada.

Mas, além disso, há gente que cobra, já não pelos cursos, mas sim pelas sessões de Reiki! Que achas a este respeito?

O que se recebe gratuitamente, quer dizer, a energia universal, que não é património de quem a transmite e lhe é permitido utilizá-la sem pagar, deve dá-la da mesma maneira. Os que cobram pelo Reiki apenas podem contar com a sua própria energia e com a que consigam reunir à sua volta através do seu esforço. Mas, não devem esperar a ajuda de entidades espirituais de alta vibração, porque para sintonizar com elas faz falta limpeza do coração e vontade desinteressada em ajudar o próximo e, os que cobram pelo Reiki não têm vontade desinteressada, mas antes, interessada em tirar partido económico da sua prática.

Bem, mas muitos dizem que não é para ganhar dinheiro, mas sim por que, ao dedicar tempo ao Reiki, o retiram ao trabalho remunerado e precisam de viver de alguma coisa.

Pois então, que não tentem viver da transmissão de energias. Pode-se ter um trabalho remunerado noutra actividade, que sirva para se manter economicamente e, apenas, praticar Reiki nos tempos livres. É uma questão de querer. Mas, além disso acontece que muitos dos que cobram pelo Reiki não procuram apenas o sustento, mas sim enriquecer à sua custa, porque praticam um tarifário que, mais que limpar a aura, limpam o bolso aos incautos que caem nas suas mãos. Como o próprio Jesus disse: "Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César". Se precisais de vos manter materialmente, procurai fazê-lo com um trabalho material, não com um trabalho espiritual. Não mistureis o dinheiro com a espiritualidade porque a sujais. Por

acaso os guias espirituais cobram-vos a vós pela ajuda que vos prestam? Pois, se eles não o fazem, segui o seu exemplo e não o façais vós tão-pouco. E, se julgais que tendes licença para cobrar porque a capacidade procede de vós mesmos, pois isso é o que tereis, apenas podeis contar com a vossa própria energia. Notai bem, "não se pode servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo" ou, traduzido em linguagem actual, não se pode servir o amor e o egoísmo ao mesmo tempo, porque são conceitos antagónicos e incompatíveis.

Também há outros que dizem que se trata de uma permuta e, em troca de se receber energia, tem de se dar alguma coisa, seja dinheiro ou outra coisa.

Então são pessoas que não conhecem ou não querem conhecer o amor incondicional, o dar em troca de nada. Não são bons exemplos a seguir, ainda que se procurem revestir externamente de aparência espiritual. Se este tipo de coisas não se tiverem em conta, a final, com o movimento de ressurgimento espiritual passar-se-á o mesmo que aconteceu com o cristianismo, em que uns quantos se auto-erigiram em sumo mestres dos outros e começaram a controlar e a manipular os ensinamentos para satisfazer as suas ânsias de riqueza e poder.

Mas então, o Reiki pago funciona ou não?

Pode funcionar, mas os resultados conseguidos serão sempre muito mais pobres do que com o Reiki gratuito. Depende da vontade em ajudar. Na maioria, haverá uma mistura de sentimentos, vontade de ajudar os outros e de egoísmo ao querer fazê-lo em troca de alguma coisa. O que se ganha de bom pelo sentimento perde-se pelo interesse. Tende certa uma coisa: o egoísmo não é curativo, porque procura receber em vez de dar. As pessoas entregues ao egoísmo não podem ajudar os outros, simplesmente porque não querem. Que analisem, se o que fazem é para ajudar os outros ou, unicamente se querem servir dos outros para se engrandecer a si mesmos, ou para resolver as suas necessidades ou expectativas materiais. Porque julgais que Jesus era tão bom passador de energia e podia conseguir resultados tão formidavelmente potentes e rápidos que foram considerados milagres? Porque era um espírito que tinha conseguido sentir o amor incondicional e, a manifestação desse amor no plano energético, é energia de alta vibração, que tem o poder de curar as feridas físicas e espirituais. Muitos bem gostariam de poder chegar a fazer o que Jesus fez, mas falta-lhes o essencial: amar incondicionalmente, renunciar ao egoísmo, à vaidade, ao orgulho, à soberba. Quereis fazer o que Jesus fazia? Então, deixai de fazer passar

o prato da colecta cada vez que façais alguma coisa pelos outros. Se Jesus fivesse cobrado por fazer o que fazia, simplesmente não o teria podido fazer, porque nem teria sido um ser elevado nem teria tido a assistência de espíritos elevados.

Alguma consideração final a respeito da doença e do seu significado?

Sim, que a doença não é, nem uma fatalidade do destino, nem um castigo de Deus, mas sim uma ferramenta de crescimento espiritual. As doenças adquiridas (nesta vida) surgem como consequência de não se saber, ou não se querer assumir as provas que foram seleccionadas para serem vividas nesta encarnação, ou porque se reprimiu o interior espiritual, ao não se agir nem viver de acordo com os sentimentos.

Neste caso, a doença física actua como um alarme da doença interior que nos pretende motivar a mudar. No caso de doenças congénitas ou kármicas, a sua origem encontra-se nos actos que realizamos noutras vidas. São provas para saldar dívidas acumuladas, num processo através do qual o espírito transfere para o corpo os tóxicos psíquicos que o impedem de se elevar a um mais elevado nível de evolução espiritual.

MISSÃO DE JESUS NA TERRA

Tenho observado que, de vez em quando, quando explicas um assunto, acabas por o ligar ao que, supostamente, Jesus terá dito sobre ele. Porque o fazes?

Aproveito as circunstâncias para resolver outra das tuas interrogações. Por acaso não eras tu quem queria saber a verdade sobre Jesus de Nazaré?

Mas, também sabes isso de mim?

Pois, sim.

Pois, já que pegámos no assunto, vou fazer as perguntas que tenho sobre Jesus de Nazaré. Estou muito interessado em saber quem foi realmente e qual foi a sua missão na Terra, se é que realmente tinha alguma.

Continua, porque, 2000 anos depois da sua encarnação, ainda não se entendeu bem a sua mensagem.

Que queres dizer com isso?

Pois que, depois dele, se têm vindo a incorporar, como se tivessem sido da sua autoria, uma quantidade de acrescentos que têm adulterado progressivamente o significado da mensagem original que ele veio trazer. Como ele próprio disse, é preciso separar o trigo do joio, o verdadeiro do falso, para se poder entender a sua missão.

E qual foi a sua missão, que veio fazer?

Veio mostrar o caminho da evolução espiritual. Ensinar as leis espirituais, colocando especial ênfase na lei do amor com o seu "ama o próximo como a ti mesmo, ama o teu inimigo", isto é, com uma mensagem de amor incondicional.

Foi, Jesus de Nazaré, o próprio Deus encarnado ou o filho de Deus?

Jesus de Nazaré foi a encarnação de um espírito altamente evoluído.

Mas, então não foi Deus encarnado?

Não, não foi Deus encarnado. Mas, tão-pouco ele disse alguma vez que fosse Deus. Foram os outros que vieram depois que fizeram essa afirmação.

Pelo menos, era o filho de Deus?

Sim, tão filho de Deus como vós o sois. A diferença é que ele estava consciente e as restantes pessoas não estão.

Queres dizer então que Jesus não foi um ser sobrenatural ou divino, mas, sim que foi tão humano como nós?

Tão humano como vós, mas de maior evolução. Se entendermos que, conforme se vai evoluindo, nos aproximamos progressivamente de Deus, podemos dizer que Jesus estava mais perto de Deus do que vós.

Quer isso dizer que, se nós evoluirmos, podemos alcançar o nível evolutivo que Jesus teve quando encarnou?

Sim. Não apenas o mesmo nível, mas ainda níveis muito mais elevados, pois o processo de evolução espiritual não termina nunca. Ainda que, é claro, que numa só vida física isso é impossível. Da mesma forma que a Jesus, far-vos-ão falta numerosas encarnações e viver uma grande quantidade de experiências para chegar a esse ponto. E tende em conta que quando vós chegardes aí, ele já estará num nível superior, pois continua a evoluir, como todos os espíritos.

Insinuas que Jesus também teve que passar pelo ciclo de encarnações para poder evoluir? Isso quer dizer que já tinha sido tão imperfeito como nós?

Não o insinuo, afirmo-o. Jesus, da mesma maneira que vós, também teve que melhorar através das suas experiências no mundo físico. E, graças à sua vontade e esforço pessoais, adquiriu o nível evolutivo necessário para realizar a missão que cumpriu na Terra e que tanto impacto teve em vós, mas de que tão mal tendes entendido.

Então Jesus teve necessidade de encarnar e morrer na Cruz para continuar a evoluir?

Não, não tinha essa necessidade, já que não tinha nenhum *karma* ou dívida pendente. Poderia ter continuado a sua evolução sem passar por essa provação tão amarga. Ele escolheu-a porque quis, sabendo quais seriam as consequências. A grandeza de Jesus não esteve em morrer na Cruz, como tanta ênfase lhe colocou a Igreja Católica. Se fosse esse o mérito de Jesus, também teria que ser dado às centenas de milhares de pessoas que morreram da mesma forma, pois era assim que se executava a pena de morte nessa época. O grande mérito de Jesus está na coragem e valentia em difundir a mensagem de amor que veio trazer, sem permitir que ninguém o amedrontasse ou o fizesse mudar de opinião, apesar de saber que tudo isso lhe acarretaria uma quantidade de sofrimentos, incluindo a morte.

Então porque o fez?

Por amor pelos seus irmãos de menor evolução. Os espíritos conhecedores do amor incondicional, como ele, não actuam porque tenham nada para expiar, mas sim porque têm uma missão a realizar que, geralmente, passa por dar o exemplo de como se vive com amor. Tem em consideração que, a partir de certo nível, o espírito já age inteiramente movido pelo amor. Muitos espíritos escolhem encarnar em mundos pouco avançados para ajudar os seus irmãos de menor evolução a alcançar mais rapidamente a felicidade que eles mesmos experimentam ao viver no amor. Nesses casos, as circunstâncias negativas que têm que atravessar não são nenhum tipo de expiação, mas são inerentes à inferioridade espiritual do mundo ao qual chegam. Mas não os incomodam esses sofrimentos, nem morrer assassinados, porque eles não temem nem o sofrimento nem a morte. Pelo seu grande nível evolutivo, sabem que a morte não existe e que a vida física não é mais que um instante na vida do espírito.

Então, se um espírito elevado que encarna num mundo pouco avançado, apenas veio para ensinar e não para aprender, não evoluirá muito numa vida num mundo inferior.

Pelo contrário, vem para ensinar e para aprender, porque de todas as provas da vida se aprende. Esta serve-lhes para evoluir muito rapidamente, mais que num mundo do seu mesmo nível, porque é posta à prova a sua capacidade de amor e compreensão em cada momento. Além disso, permite que afluam defeitos muito escondidos que não se manifestariam senão em circunstâncias muito extremas, que nunca ocorreriam num ambiente mais amoroso. Desta forma têm a oportunidade de tentar melhorá-los e de avançar assim no processo de eliminação do egoísmo.

Voltemos a Jesus. O trabalho fê-lo só, não teve nenhuma ajuda?

Quando alguém trabalha movido pelo amor torna-se digno de receber a influência de entidades espirituais ainda mais evoluídas. No caso de Jesus, a do Logos ou Cristo Planetário, entre outras.

E quem é o tal Cristo Planetário?

A entidade espiritual máxima responsável pela evolução do vosso planeta.

Então, as três pessoas da Santíssima Trindade são Deus, Cristo e Jesus?

Pois não sei, porque julgo que nem os próprios que o inventaram saibam o que significam essas parvoíces. Mas sim, dir-vos-ei que Deus

é único e que Cristo e Jesus são entidades diferentes e separadas de Deus. Portanto, nem são Deus, nem manifestações de Deus, ainda que os possais considerar representantes de Deus ou enviados de Deus, pois se harmonizam com a vontade de Deus. Ou seja, são seguidores da lei do amor e estão voluntariamente integrados no seu plano de evolução.

E como actuou Cristo através de Jesus?

A partir de certo momento, nos últimos anos da sua vida, Jesus actuou inspirado e fortalecido pelo Cristo Planetário. E, na verdade, bem o precisava para levar a cabo a missão que desempenhou.

Mas então, quem era o que falava, Jesus ou Cristo?

Digamos que agiam em simbiose. Falava Jesus com a inspiração do Cristo. Jesus jamais perdeu a sua consciência e individualidade, nem o seu livre arbítrio.

Voltará Jesus a encarnar na Terra?

O Cristo manifestar-se-á sempre que seja necessário, e fá-lo-á através da encarnação de um espírito em fase humana de evolução. Já o tinha feito antes de Jesus e voltará a fazê-lo, se a evolução espiritual do planeta assim o exigir. Não tem mais importância que seja Jesus ou outro ser de evolução semelhante. O que vos posso desde já adiantar é que quando encarnar um novo Messias, Profeta, Avatar ou como lhe quiserdes chamar, não o fará vestido de Nazareno, com uma coroa de espinhas, arrastando a cruz com as mãos ensanguentadas pelas feridas dos pregos, como os cristãos esperam. Será uma pessoa aparentemente normal, mas com uma capacidade de amar e uma sabedoria espiritual fora do comum, mas apenas perceptível para aqueles que se sintonizem com a mensagem de amor ao próximo e evolução espiritual que trará. E, caso encarnasse na actualidade, os primeiros a opor-se a ele e que fariam os impossíveis para que a sua mensagem não tivesse acolhimento, seriam os grandes hierarcas das Igrejas que supostamente o erigiram em seu estandarte porque, se a sua mensagem chega a penetrar nos corações dos humanos deste planeta, têm os dias contados como aristocratas religiosos, passando a ser pessoas normais e comuns.

Quando começaste a falar sobre Jesus disseste que havia muitos acrescentos à sua mensagem original que, inclusivamente, distorciam a mensagem que ele quis transmitir. Como podemos distinguir a mensagem original dos acrescentos posteriores?

Simplemente, todos aqueles dogmas que estão contra as leis espirituais, não podem vir da mensagem de Jesus, o qual conhecia essas leis e procurou transmiti-las a quem o quis ouvir.

Poderias enunciar alguns preceitos da autêntica mensagem de Jesus?

Sim, claro.

1. Todos os seres humanos, sem importar a raça, o sexo ou a religião, são da mesma natureza, isto é, espíritos em processo de evolução e, portanto, irmãos. Esta mensagem fundamental foi acolhida nas normas:

"A minha mãe e os meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a cumprem." (Lucas 8, 21)

"Porque qualquer um que faz a vontade do meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe." (Mateus 12, 50)

Daqui se depreende que ninguém está excluído do processo de evolução espiritual. Por muitos danos que pudesse ter provocado, jamais será abandonado, nem será condenado para sempre. Vai ter sempre oportunidades para rectificar e chegar a alcançar a felicidade verdadeira. E isso é posto em evidência no seguinte texto:

"Se um homem, que tem cem ovelhas, a quem se extraviou uma, por acaso não deixará as noventa e nove nas montanhas e irá procurar a que se perdeu? E se acontecer encontrá-la, digo-vos que ficará mais contente por aquela do que pelas noventa e nove que não se perderam. Assim, não é a vontade do vosso Pai que está nos céus, que se perca nem um destes pequeninos." (Mateus 18, 12-14)

2. A vida do espírito é eterna. A morte não existe.

"Não temais os que matam o corpo mas não podem matar a alma" (Mateus 10, 28)

"Ninguém subiu ao Céu, senão o que de lá desceu". (João 3, 13)

Do significado desta segunda frase já falamos anteriormente. Significa que, todo o ser que encarnou materialmente através do nascimento, vinha do mundo espiritual (céu), e regressa a ele depois da morte do corpo.

3. A missão dos humanos na Terra é aprender a amar incondicionalmente e livrar-se do egoísmo. A evolução espiritual mede-se exclusivamente pela capacidade de amar, e isso é o que nos faz evoluir, que é aproximarmo-nos de Deus.

"Tendes ouvido dizer: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Pois, eu digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz brilhar o seu sol sobre os maus e os bons, e chover sobre justos e injustos. Vós, pois, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celestial." (Mateus 5, 43 – 48)

"Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei." (João 15, 12)

4. A evolução espiritual depende do trabalho de si mesmo.

O destino do homem depois da morte depende exclusivamente das acções a favor ou contra a lei do amor que tenha realizado em vida.

"Mas o que pratica a verdade vem para a luz." (João 3, 21)

"Decerto vos digo que tudo o que ligardes na Terra terá sido ligado no Céu e tudo o que desligardes na Terra terá sido desligado no Céu." (Mateus 18, 18)

5. Cada um tem a sua própria ligação com Deus de maneira que não tem de depender de intermediários no seu contacto com o mundo espiritual.

"Portanto, vos digo que tudo o que pedirdes em oração, crede que o recebereis e assim vos sucederá. E quando estiverdes a orar, perdoai, se tiverdes alguma coisa contra alguém, para que também o vosso Pai que está nos céus vos perdoe a vós as vossas ofensas". (Marcos 11, 24-25)

"Esta é a confiança que temos ao aproximarmo-nos d'Ele, que se pedimos alguma coisa conforme à sua vontade, Ele nos ouve." (João 5, 14)

"Por isso vos digo: pedi, e ser-vos-á dado; buscai e encontrareis; batei à porta e ser-vos-á aberta, porque todo aquele que pede, recebe e o que busca, encontrará; e o que bate à porta, ser-lhe-á aberta. Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celestial dará o Espírito Santo a quem o pedir!" (Lucas 11, 9-13)

6. A evolução espiritual não termina numa só vida física, mas é necessário encarnar numerosas vezes para alcançar a espiritualidade superior.

"Decerto, digo-te a verdade, que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Nicodemos perguntou: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode por acaso entrar pela

segunda vez no ventre da sua mãe e renascer? Respondeu Jesus: Decerto, digo-te a verdade, que o que não nasceu da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne, carne é; e o que nasceu do Espírito, espírito é. Não te surpreendas com o que te disse: É-vos necessário nascer de novo. (...) Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser o que desceu do Céu." (João 3, 3-13)

7. A lei da Justiça Espiritual ou lei de Causa-Efeito. Colhe-se o que se semeia.

"Não julgueis, para que não serdes julgados. Porque da mesma forma que julgardes sereis julgados e com a medida com que medis sereis medidos". (Mateus 7, 1-2)

"Assim que, tudo o que quereis que os outros façam por vós, fazei-o também a eles." (Mateus 7, 12)

8. Para além deste, existem outros mundos habitados que têm o mesmo fim que este, ou seja, servir de escola para a evolução espiritual.

"Há muitas moradas na casa do meu Pai. Na casa do meu Pai muitas moradas há; se assim não fosse eu ter-vos-ia dito." (João 14, 2)

Porque citas os evangelhos quando te referes ao que Jesus disse?

Ser-me-ia mais fácil explicar a mensagem de Jesus sem me limitar apenas ao que foi recolhido nos evangelhos. Mas como é provável que vós não admitiríeis que isso tenha sido dito por ele, limito-me a utilizar o que ele disse e está reflectido nas vossas escrituras, para que vejais que não estou a inventar.

Poderias enumerar algumas das crenças cristãs que não são verdadeiras do ponto de vista espiritual e que são acrescentos posteriores a Jesus?

Sim. Há muitas, mas referir-me-ei às que considero mais importantes e mais prejudiciais para o avanço espiritual.

1) A crença de que a prática de rituais tem algum valor moral ou espiritual e que servem para se ganhar algum lugar privilegiado no céu depois da morte.

2) A crença de que a Bíblia ou qualquer escritura sagrada é a palavra de Deus.

3) A crença de que a Igreja e os sacerdotes são os intermediários de Deus na Terra.

4) A crença de que a solução para as más acções necessita e se resolve com a confissão e a absolvição do sacerdote.

- 5) A crença de que um arrependimento de última hora redime os pecados.
- 6) A crença de que Jesus redimiu os pecados dos homens com a sua morte na cruz.
- 7) A crença no pecado original.
- 8) A crença de que a sexualidade é algo pecaminoso.
- 9) A crença de que numa vida apenas, se decide o destino do espírito para toda a eternidade (o Céu e a glória eterna para os que se salvam e o inferno e o castigo eterno para os pecadores).
- 10) A crença de que apenas os cristãos ou crentes se salvam.
- 11) A crença na ressurreição da carne.

Podes explicar-me, uma por uma, as razões pelas quais todas essas crenças não estão na mensagem original de Jesus?

Sim, podemos tentá-lo. O que tentarei explicar-te, uma por uma, é a razão pela qual estas crenças contradizem nalgum ponto as leis espirituais.

Comecemos pela primeira. Disseste que os rituais ou sacramentos não tinham nenhuma valia do ponto de vista espiritual.

Assim é.

E porquê?

No caminho espiritual não há atalhos. A única coisa que nos faz evoluir espiritualmente, ou "salvarmo-nos", é o aperfeiçoamento pessoal, o desprendimento do egoísmo e o crescimento na capacidade de amar. Nada mais.

Pois há muita gente que acredita que é uma das coisas mais importantes.

Pois, enganam-se ou foram enganados.

E donde procede a crença de que os rituais são necessários para a salvação?

Do intento dos dirigentes das diferentes igrejas em controlar a espiritualidade das pessoas para a usar em benefício próprio. De certa maneira é um reclamo que te diz: "Se fizeres o que nós dizemos, não precisas de ser boa pessoa para teres um lugar privilegiado no Céu."

Sim, mas creio que a Igreja não diz nada contra ser-se boa pessoa. A única coisa que pede, além disso, é que se respeite os seus preceitos.

Talvez não o diga com palavras, mas sim com os factos. Quando se coloca tanta ênfase em que se sigam os rituais, os sacramentos, as cerimónias – quanto mais faustosas, melhor – e tão pouco em ajudar o próximo, é o exemplo que se dá.

Mas então é negativo que haja rituais nas religiões?

É-o quando se usam para manipular e desviar a atenção da evolução espiritual as pessoas. Se não são necessários, que sentido faz que se continuem a utilizar?

Suponho que também foram concebidos com o intento de lembrar uma mensagem espiritual.

Sim. Mas a experiência demonstra que em vez de servirem para isso, o que costuma acontecer é que os rituais e os símbolos acabam por substituir a própria mensagem que supostamente representavam. E as pessoas escudam-se nesses ritos e símbolos para cometer os maiores atropelos, todos eles contra as crenças que dizem seguir. Um exemplo disso tende-lo nas Cruzadas e na Inquisição. Genocídios e assassinatos cometidos por gente que levava trajes com uma cruz bem grande no peito, que comungava todos os dias e que proferia sentenças de morte com a Bíblia na mão. Onde está aí a mensagem de amor ao próximo?

Mas não houve rituais que foram transmitidos pelo próprio Jesus, como a eucaristia?

Pois, não. É verdade que Jesus, ao intuir que lhe restava pouco tempo para ser assassinado, reuniu os seus discípulos numa ceia de despedida. Mas jamais teve intenção de estabelecer nenhum ritual ou cerimónia de eucaristia, nem nenhum outro ritual, cerimónia ou sacramento. Além disso, comer o corpo e o sangue de Cristo, ainda que simbolicamente, recorda um acto de canibalismo e não tem nada a ver com Jesus.

Então, donde procede o ritual da eucaristia?

Incorporou-se no cristianismo procedente de rituais de religiões anteriores. De facto, todas estas cerimónias, assim como o nome de cristianismo para definir os seguidores de Jesus e o símbolo da Cruz para os representar, introduziram-se posteriormente.

Então o símbolo da cruz tão-pouco vem de Jesus?

Tende em conta que na época de Jesus, a cruz se utilizava para executar pessoas, a mesma coisa que a cadeira eléctrica actualmente. A ninguém no seu perfeito juízo ocorreria usar uma cruz

como símbolo da sua fé como, agora, a ninguém lembraria usar uma cadeira eléctrica num pendente se Jesus tivesse encarnado na actualidade e tivesse sido executado na cadeira eléctrica.

Pois, tudo isso que dizes me parece muito forte para que possa ser aceite por um crente cristão ou católico.

Talvez, mas é a verdade, e o que tentamos aqui é que a gente abra os olhos para a realidade espiritual. Tende em conta que a missão de Jesus na Terra foi indicar o caminho da evolução espiritual. As instituições religiosas daquela época passavam o tempo a dificultar o progresso espiritual das pessoas com um monte de superstições e mentiras, metendo medo às pessoas e utilizando o nome de Deus para satisfazer os seus anseios de riqueza e poder. Tinham um complexo sistema de rituais para entreter as pessoas e sobretudo para as submeter à sua vontade, tirar-lhes o dinheiro e viver faustosamente à custa delas. E, como Jesus pôs isso em evidência, mataram-no. Aquela Igreja judaica parecia-se muito com a de agora, que vive à custa de usar a figura de Jesus e de manipular a sua mensagem, e com a sua forma de actuar, dificultando o progresso espiritual da humanidade. Já é tempo de pôr as coisas no seu lugar.

Todas estas alegações contra os rituais parecem-me bem, mas para um cristão, tudo o que não estiver acolhido na Bíblia...

Pois então que revejam o capítulo 12 (versículos 29-34) do Evangelho de S. Marcos, donde se retira mais ou menos esta mesma mensagem:

"Aproximou-se um dos escribas ao ouvi-los discutir. Notando que Jesus lhes dera uma boa resposta, perguntou-lhe: "De todos os mandamentos, qual é o mais importante?" Respondeu Jesus: "O mais importante é este: 'Ouve, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor. Ama o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças'. O segundo é este: 'Ama o teu próximo como a ti mesmo'. Não existem outros mandamentos maiores do que estes". "Muito bem, mestre", disse o escriba. "Estás certo ao dizeres que Deus é único e que não existe outro além dele. Amá-lo com todo o coração, com todo o entendimento e com todas as forças e amar ao próximo como a si mesmo é mais importante do que todos os sacrifícios e ofertas". Vendo que ele tinha respondido sabiamente, Jesus disse-lhe: "Tu não estás longe do Reino de Deus".

No segundo ponto disseste que não era correcto julgar que a Bíblia ou qualquer escritura sagrada é a palavra de Deus.

Assim é.

Então se a Bíblia não é a palavra de Deus... O que é, segundo o teu parecer?

O antigo testamento é um conjunto de livros que recolhem parte da história de Israel, convenientemente manipulada para justificar as intenções conquistadoras dos seus dirigentes fazendo crer que era “a vontade de Deus”, ainda que também encerre algumas mensagens bastante correctas de seres espiritualmente mais avançados que a média, estou a falar dos profetas, que advertiam já da manipulação fanática que se estava a fazer das crenças religiosas e que davam uma ideia por onde passa a autêntica espiritualidade.

O novo testamento, pela sua parte, tem como propósito recolher a tradição oral sobre alguns dos factos mais relevantes da vida de Jesus, sobretudo a dos últimos anos de pregação pública, e acolhe parcialmente a mensagem que quis transmitir (Evangelhos), a vida dos apóstolos depois da morte de Jesus (Actos) e o Apocalipse, que traduz uma série de visões do autor sobre o futuro da humanidade.

Pois, apesar de não teres em elevado conceito as “Escrituras”, citas algumas passagens do Novo Testamento, de vez em quando, para justificares alguns dos teus argumentos.

Não te disse que é tudo mentira. A cada coisa deve dar-se o seu justo valor. Muitas passagens que fazem referência à pregação pública de Jesus, como por exemplo o Sermão da Montanha e muitas parábolas, traduzem bastante fielmente o que Jesus disse, por isso os utilizo. Tem em consideração que o facto de Jesus falar em forma de parábola não foi casual. Permitiu salvar da manipulação muitas partes inconvenientes para a Igreja, já que ao não se entender bem o seu significado, lhes permitiu passar pela censura eclesiástica.

Podes dar um exemplo?

Sim. A ideia da reencarnação está acolhida de forma subtil em duas passagens do Novo Testamento. A primeira em João 3, 3-13, com o diálogo entre Jesus e Nicodemos do qual já falámos:

“Responde Jesus e disse-lhe: decerto, digo-te a verdade, que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Nicodemos perguntou: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, por acaso, entrar pela segunda vez no ventre da sua mãe e renascer? Respondeu Jesus: Decerto, digo-te a verdade, que o que não nascer

da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que nasceu da carne, carne é; e o que nasceu do Espírito, espírito é. Não te surpreendas com que te disse: É-vos necessário nascer de novo. (...) Ninguém jamais subiu ao céu, a não ser o que desceu do Céu."

O segundo, em Mateus (17, 10-13):

"Então os discípulos perguntaram-lhe: "Então, porque é que os escribas dizem que é necessário que Elias venha primeiro?" Jesus respondeu: "De facto, Elias vem primeiro e restaurará todas as coisas. Mas eu digo-vos: Elias já veio, não foi reconhecido e fizeram com ele tudo o que quiseram. Da mesma forma o Filho do Homem será maltratado por eles". Então os discípulos entenderam que era de João Baptista que ele tinha falado."

Então, que postura devemos adoptar a respeito da leitura da Bíblia, em particular, e de qualquer suposta escritura sagrada, em geral?

Reparai, todas as religiões têm os seus livros sagrados, que costumam ser atribuídos a Deus ou a mensageiros de Deus, pois de outro modo perderiam o suposto carácter sagrado que lhes é atribuído. Mas, na realidade, são escritos por homens como vós, ainda que sim, é certo que alguns deles possam ter sido escritos por pessoas espiritualmente mais evoluídas ou através da inspiração de espíritos superiores. Em qualquer caso, a melhor forma de não ser defraudado é sempre analisar exaustivamente o conteúdo e não prestar muita atenção à suposta autoria. Pela qualidade da mensagem conheceréis o nível espiritual do autor. Tende também em conta que um mesmo escrito pode ter tido vários autores, ainda que sejam atribuídos todos ao mesmo, pois existe uma tendência milenar para adulterar e manipular os textos originais em benefício daqueles que se auto-erigem intermediários da divindade. Por isso, um parágrafo pode ter sido escrito por alguém espiritualmente avançado e o seguinte por um burlão, de forma que, ao lado de uma grande verdade pode estar uma grande mentira, e isso apenas o podeis saber analisando a qualidade do conteúdo muito exaustivamente, deitando fora "a palha" e aproveitando "o grão".

Pois, há muitas religiões na Terra, muitas delas monoteístas, que estabelecem uns mandamentos bastante rígidos e, segundo dizem as suas autoridades, são a vontade de Deus. Que opinião te merecem?

Todas aquelas doutrinas ou religiões que se baseiam na imposição de uns dogmas através de critérios de autoridade e não respeitam a lei

espiritual do livre arbítrio não podem ser verdadeiras, nem consideradas ditadas por Deus ou pela espiritualidade superior. Tão-pouco, portanto, se podem considerar as autoridades destas religiões verdadeiros guias espirituais, pois um guia espiritual nunca utiliza a força ou a manipulação nem pretende impor determinados preceitos.

Então queres dizer que as religiões da Terra não são verdadeiras quanto a representarem a vontade de Deus?

Em todas, há uma parte de verdade, que costuma ser a inspiração de alguns seres evolutivamente mais avançados e outra, muito grande, de falsidade, que costuma ser o produto dos aditamentos que outros autores fazem em função de interesses terrenos.

Podes dar-me um exemplo?

Sim. Por exemplo, no antigo testamento, os dez mandamentos são umas normas muito correctas e obedecem a mensagens de seres espiritualmente avançados. Um dos mandamentos é “não matarás”. Apesar disso, há também no mesmo texto do antigo testamento passagens em que, supostamente, Deus manda o povo de Israel atacar outros povos para conquistar uma suposta “Terra prometida”, e, com certeza, que nesses ataques se luta e se mata outros seres humanos. Com o que, se assim fosse, se deduz que Deus está a Dizer ao seu povo que mate. Acontece então, que a segunda mensagem (“matarás”) contradiz a primeira (“não matarás”). E como se resolve este aparente paradoxo? Ou bem que Deus se contradiz a si mesmo, o que resultaria inaceitável para um ser de tanta evolução ou então, temos de admitir que cada instrução provem de autores distintos, que têm motivações diferentes. E entre essas duas mensagens, não matarás e matarás, qual é a que o senso comum nos diz que é a mais avançada espiritualmente?

Para mim, a de não matarás.

Se admitimos que esta mensagem vem da espiritualidade superior, então a sua contrária não pode vir da mesma fonte.

E donde viria então?

Daqueles que estavam interessados na invasão.

Bom, mas isso é um exemplo do passado.

Que se continua a repetir no presente. Por acaso não há muitos líderes actuais na Terra que supostamente são fervorosos crentes em Deus, que acabam sempre os seus discursos com um “que Deus vos abençoe”, mas que não fazem nenhuma questão em enviar os seus

concidadãos invadir outros países, causando milhões de mortes e destruindo milhões de lares por várias gerações? Por acaso não utilizam salmos da Bíblia ou expressões como "Confiamos em Deus", ou "Deus está connosco" como cartaz para justificar as suas acções? Tende como certa uma coisa: Deus, ou a espiritualidade superior, jamais estará do lado de nenhum dos grupos numa contenda, nem apoiará nenhuma invasão ou conquista, porque ao fazê-lo estaria a violar Ele mesmo uma das leis que estabeleceu para o Universo, que é a lei do amor. Esta é a gente que viola o mandamento de "não utilizarás o nome de Deus em vão", um mandamento que, supostamente, os crentes do judaísmo e do cristianismo devem cumprir; e, apesar disso, tentam justificar as suas atrocidades utilizando o nome de Deus, como se Deus estivesse de acordo em que se cometam tais atropelos contra as suas criaturas. Isso é que é utilizar o nome de Deus em vão, e não, pela utilização da palavra "Deus" em expressões vulgares, como alguns julgam.

Então, que há quanto ao povo eleito por Deus?

Não há povos nem pessoas privilegiadas perante Deus. Deus, ou a espiritualidade superior, não se ligam especificamente a uns povos ou raças determinadas em detrimento de outros, antes faz um chamamento a todos os seres para participarem no desenvolvimento do plano evolutivo e é cada espírito quem decide se quer ou não colaborar. Certamente não obriga ninguém a seguir as suas leis. Cada um, de acordo com a sua vontade e/ou a sua capacidade, tomará, se assim o desejar, um compromisso para desenvolver uma tarefa concreta dentro do plano de evolução espiritual, tanto a nível individual como colectivo, na humanidade em que encarnar. Essa é a escolha do espírito. Portanto, um "eleito" não é mais do que aquele que abre o seu interior à espiritualidade superior e se compromete a seguir a lei do amor na sua vida para que, além de evoluir ele próprio, sirva de exemplo a outros seres que ainda não se abriram interiormente a esta chamada.

E essas pessoas que se abrem a essa chamada do mundo espiritual, têm alguma coisa a ver com os místicos ou os profetas?

Repara, o contacto directo com o mundo espiritual não está reservado apenas a uns poucos. Já disse que toda a gente tem uma ligação directa, a sua própria ligação pessoal, com Deus, com a espiritualidade superior, com os seus próprios guias e cada um vai experimentá-lo à sua maneira. O importante é procurar essa ligação sinceramente, com humildade, que o motivo de essa busca seja avançar espiritualmente e, a cada um, será dado aquilo de que

precisar. O importante não é a espectacularidade das experiências, mas sim que essas experiências sirvam a cada um para avançar no amor, não para justificar os seus defeitos. Infelizmente há muitas pessoas que, motivadas pelo desejo de serem ou de aparecerem como alguém importante perante os outros, uma espécie de "mestre ilustre" ou algo do estilo, auto-sugestionam-se com experiências que não são reais e que podem levar ao engano outras pessoas. E há aqueles que, depois de terem tido experiências reais de contacto espiritual, em vez de as utilizar para o seu próprio avanço espiritual ou para ajudar os outros, as utilizam para se engrandecerem e se julgarem superiores, exigindo que os outros os tratem como se fossem deuses. É o defeito da vaidade que faz com que alguém procure a admiração dos outros em vez de procurar como se melhorar a si mesmo. Infelizmente, isso é muito frequente no vosso mundo.

E que é um profeta?

Um profeta é um enviado da espiritualidade superior para ensinar a verdade sobre o mundo espiritual e para advertir as pessoas de cada época das consequências dos actos contra a lei do amor. Geralmente são espíritos mais avançados que a média do planeta em que encarnam, já que de outro modo não poderiam desempenhar a missão de que foram incumbidos. Ao mesmo tempo que estão a ajudar, ajudam-se a si mesmos a evoluir, pondo à prova a sua capacidade de amar, já que geralmente são repudiados, rejeitados, torturados, desprezados ou ridiculizados pelas sociedades em que encarnaram. Não são seres com privilégios divinos especiais, como geralmente se julga, posto que a sua capacidade espiritual foi conseguida por mérito próprio na roda de encarnações, ainda que estas possam ter ocorrido noutros mundos. Trata-se, pois, de alunos mais velhos que se põem em contacto com alunos de menor idade para os ajudar na sua educação. A diferença é que não podemos reconhecê-los pelo seu aspecto físico nem pela sua idade, pois encarnam nas mesmas condições que os restantes. Algum dia qualquer dos seres que habitam o vosso planeta, quando tenha evoluído o suficiente, poderá desempenhar a função de profeta num mundo habitado por uma humanidade de menor evolução.

Mas não acontece amiúde que há pessoas tidas como grandes mestres, e logo se descobre que são uns oportunistas, que juntam grandes fortunas à custa da ingenuidade das pessoas?

Assim é. Há muitos trapaceiros. Mas, também há muitos que começam bem e, de início, vão por caminho recto e por isso recebem a ajuda espiritual de que necessitam. O problema surge

quando se deixam deslumbrar pelo efeito que causam nas pessoas, que estão muito necessitadas de respostas e, quando encontram alguém que lhes desperta o interior, se sentem muito agradecidas com ele e procuram demonstrar-lho. Pensam que são eles que deslumbram quando, na realidade, é a luz do conhecimento espiritual do qual deviam ser portadores que lhes permite chegar às pessoas. Erradamente, as pessoas começam a venerá-los como se fossem deuses. Tratando-se de alguém que ainda não conhece bem o egoísmo e as suas manifestações e não luta para o vencer em si mesmo, o seu ego cresce até ao ponto de se julgarem acima de tudo e de todos. E, em vez de servir os outros, acontece o contrário. Procuram que os outros os sirvam a eles, que sejam como seus súbditos ou escravos morais, que lhes obedeçam cegamente, sem jamais questionar nenhuma das suas decisões e desejos. E então, pouco a pouco, a luz vai-se apagando, os sentimentos desaparecem e a inspiração perde-se. Na ausência da inspiração espiritual, o egoísmo toma o controlo da mente e, a partir de então, as mensagens que dão, são imprecisas e contraditórias. E o que possa ter havido de verdade é apenas uma lembrança confusa do que uma vez tiveram e não souberam preservar, coberto por uma montanha de falsidades destinadas a justificar a exaltação do seu ego.

Como distinguir um verdadeiro profeta de um que é um impostor? Quer dizer, quais são os requisitos que devia reunir, segundo a tua opinião, um autêntico profeta, guia ou mensageiro espiritual?

Os guias espirituais desencarnados ajudam todos os espíritos sem nenhum tipo de distinção. A espiritualidade autêntica não conhece fronteiras nem diferenças económicas, de raça, religião ou de qualquer outro tipo. Portanto, não discrimina entre ricos e pobres, brancos e negros, crentes e não crentes, já que estas diferenças são apenas uma condição temporal e circunstancial do encarnado e muda de uma vida para outra. Aqueles que se considerem dignos de divulgar a mensagem espiritual têm de actuar da mesma forma. Um autêntico guia espiritual encarnado tenta viver a sua vida de acordo com as leis espirituais, sem nenhum espalhafato e com humildade. Está disposto a ajudar e a esclarecer sem receber nada em troca. Por isso, todos aqueles que pretendem receber compensações económicas ou de outro tipo, por desvendar supostas verdades espirituais, não podem ser considerados verdadeiros guias espirituais, já que não há verdades "só para subscritores". Um autêntico mestre respeita o livre arbítrio, quer dizer, nunca tenta impor o seu critério aos outros, mas sim, motiva através do exemplo e dá liberdade aos outros

para aceitar ou recusar o que lhes oferece. Portanto, não faz nunca uso do argumento de autoridade para se justificar, ou seja, nunca dirá: "isso é assim porque eu o digo, que para isso sou o mestre, o iluminado ou o representante de Deus". A elevação da mensagem em si é suficiente para convencer os que estão receptivos e, se não interessar ou não convencer os outros, estes estão no exercício do seu livre arbítrio para lho manifestar e seguir livremente o seu caminho, sem que por ele devam ser obrigados ou coagidos a acreditar ou admitir algo que não desejam.

Algum conselho para não se deixar apanhar pelos falsos mestres ou falsa espiritualidade?

Nunca renunciéis à vossa vontade própria por uma crença, seja esta uma religião, uma ideologia política ou filosófica, por muito elevadas que pareçam, porque se vos pedem que renunciéis à vossa vontade, que renunciéis à vossa liberdade por causa dela, podeis ter por certo que não vale a pena. Analisai as mensagens, não idolatreis o mensageiro. Se a mensagem não vos convence, apresentai as vossas dúvidas e exigi esclarecimentos e se continuais sem vos identificardes com ela, então rejeitai-a. Não aceiteis nada por dogma de fé, que vos exija acreditar sem compreender. O que não se interioriza por experiência própria, por sentimento, por compreensão, por análise, mas apenas se aceita por imposição externa, que não se compreende mas apenas se acata por um argumento de autoridade, ou seja, porque alguém supostamente divino o diz, não serve para evoluir nem para ser mais feliz, porque o espírito só é feliz em liberdade. Portanto, nada de fé cega, nem de castas que controlam e manipulam a espiritualidade. Procurai as respostas no vosso interior, que é muito mais sábio do que julgais, porque tem uma ligação directa com os vossos próprios guias espirituais, com a espiritualidade superior.

Pois há muitas religiões que consideram que o contacto com os espíritos é uma coisa do demónio e acham que procurar o contacto com os espíritos é algo pernicioso e diabólico já que, segundo eles, a Bíblia proíbe este tipo de contactos e, se a Bíblia é a palavra de Deus, significa que é mesmo Deus quem proíbe esses contactos. Que opinião tens a este respeito?

É a de que, aceitar que cada um tem a sua própria ligação com a espiritualidade superior, chamemos-lhe Deus ou guias espirituais, faz perder protagonismo e poder às autoridades eclesiásticas e, então, deixam de poder manipular a vontade dos fiéis de acordo com os seus caprichos. Contradizem-se a si mesmas porque, se consideram

que os seus escritos sagrados são a palavra de Deus e que foram escritos por alguém inspirado por Deus, isso implica que tenham tido algum contacto com o mundo espiritual, de tipo mediúnico, o mesmo contacto que negam aos seus fiéis e reservam apenas para os autores do passado que escreveram aquilo que eles veneram. Jesus e outros profetas avançados procuraram esse contacto com a espiritualidade superior e foram inspirados e ajudados nas suas missões por espíritos avançados e isso é um contacto com o mundo espiritual em toda a acepção, através do qual um ser encarnado recebe o conselho e a ajuda de entidades espirituais desencarnadas. De maneira que, a censurar-se a mediunidade, também se deverá censurar o próprio Jesus, uma vez que Jesus actuou como um médium muito eficaz, como transmissor de uma mensagem do mundo espiritual aos humanos que viveram naquela época.

Sim, mas eles dirão que Jesus era o filho de Deus e que era o próprio Deus quem o inspirava e não um espírito.

Como sabem eles se, quem inspirou um profeta que viveu há mais de dois mil anos, foi Deus, o Espírito Santo ou o próprio diabo, se em tudo temos de acreditar por fé cega não se admitindo a análise das mensagens?

De facto, se agora encarnasse um autêntico profeta dos do antigo testamento, autor de alguns dos escritos que eles consideram palavra de Deus e que veneram tão profundamente, e escrevesse novas mensagens espirituais que as esclarecessem e aumentassem, pelo trabalho feito noutras vidas, evidenciando-as da mesma forma que o fizeram os profetas antigos com as autoridades religiosas da antiguidade, essas mesmas pessoas iriam rir-se na sua cara ou sustentariam que essa pessoa está louca, que está em contacto com o demónio ou algo parecido, sem, sequer, permitir que se analisasse a qualidade da mensagem recebida. Usemos de senso comum. A qualidade da mensagem é a única forma de conhecer a idoneidade do autor, porque quem pode acreditar que alguém da actualidade que promova nas mensagens a violência, a guerra e o ódio de uns seres humanos contra outros, é um enviado de Deus? Pois, se não o admitimos a um contemporâneo nosso, porque haveríamos de o admitir a um autor do passado, por muito antigo que seja? Que é o que o faz especial, o ser muito antigo? Então elevemos à categoria de deuses os dinossáurios, os tubarões ou as formigas, que apareceram primeiro neste mundo do que qualquer dos escritores da antiguidade. Se a mensagem de Jesus teve tanto impacto na humanidade não foi porque o disse Jesus, mas sim pela grandeza da mensagem em si mesma e que era a expressão do amor

incondicional. Porém, os poderosos deste mundo, face à impossibilidade de travar a sua expansão e temendo que isso acabasse com os seus privilégios e abusos, apropriaram-se da figura de Jesus, pegaram nessa mensagem e adulteraram-na de tal maneira que quase conseguem fazer-nos acreditar no contrário do que a mensagem dizia, pondo na boca de Jesus o que ele nunca disse, palavras que contradizem a própria mensagem original, mas que eles gostariam que tivesse dito para poderem manter os seus privilégios e o seu poder.

Suponho que, qualquer coisa que Jesus fizesse, seria sempre bem vista por um cristão, pois eles o consideraram o próprio Deus ou o filho de Deus. O que não estarão dispostos a admitir é que uma pessoa normal contacte directamente com os espíritos.

Surpreender-vos-ia saber que os contactos com espíritos benéficos eram muito frequentes entre os primeiros cristãos, que eram desta maneira fortalecidos a partir do mundo espiritual para suportar as tremendas perseguições que foram lançadas contra eles. Também sabiam os primeiros cristãos que ao orar com amor atraíam para si influência e revelações de espíritos avançados. No próprio novo testamento, nos Actos dos Apóstolos, tendes o exemplo de como o próprio Jesus aparecia e desaparecia à vontade aos apóstolos, em espírito, depois de ter desencarnado. Posteriormente, a própria Igreja perseguiu este tipo de manifestações, porque temiam que delas surgisse de novo a semente do amor e que esta germinasse de novo nos corações e os libertasse da escuridão espiritual em que aquela instituição religiosa tinha submergido a humanidade. Não veio Jesus, mas vieram outros espíritos muito elevados em contacto directo com o mundo espiritual, que muito praticaram o bem, curando e cuidando dos desfavorecidos. Muitos deles foram queimados pela Inquisição sob a acusação de bruxaria ou heresia.

Sim, mas parece que realmente existiam pessoas que se reuniam para invocar espíritos malignos com a intenção de conseguir certos poderes mágicos que lhes dessem a capacidade de dominar outros seres ou de conseguir riquezas ou poder. Que opinião tens a esse respeito?

Este tipo de contactos efectuaram-se e continuarão a acontecer enquanto existirem espíritos no mundo cheios de egoísmo, sedentos de riqueza e poder. Esses contactos, certamente são perniciosos e nada recomendáveis, porque as pessoas que se movem por este tipo de intenções acabam por ser vítimas preferenciais dos espíritos do seu mesmo nível, que farão todo o possível por mantê-las debaixo do seu

domínio convertendo-as em seus escravos para cometer as maiores barbaridades. Mas, por haver pessoas que utilizam a mediunidade para contactar espíritos inferiores com a intenção de causar dano a outras pessoas não podemos concluir que todo o contacto com o mundo espiritual através dos médiuns seja pernicioso. Parecer-vos-ia razoável que, porque há pessoas que utilizam a Internet para fins nocivos, as autoridades proibissem toda a comunicação através da rede para qualquer uso e a todo o mundo? A lógica diz-nos que haverá que limitar o seu uso apenas quando atente contra a integridade das pessoas e não em geral.

Então, porque existe tanta oposição no mundo ao contacto com os espíritos?

O que se passa é que, uma das maneiras como as autoridades de muitas religiões e outros poderes de vosso mundo mantêm o seu controlo, é evitar que cada um consiga por sua conta o contacto com Deus, com o seu guia espiritual. Existe enorme número de filmes que são feitos com a intenção expressa de manter esse medo no contacto com o mundo espiritual, fazendo crer que todo contacto irá ser terrífico, como nos filmes de terror do tipo *A Invasão dos Mortos-Vivos*, *Poltergeist* ou *O Exorcista*. Assim, cada um, através do medo, actua como inquisidor de si mesmo e, cada vez que se possa apresentar a possibilidade de receber uma mensagem do mundo espiritual, seja de que forma for (intuições, sonhos, etc.), o medo encarrega-se de o reprimir e mal-interpretar.

Também disseste que a crença de que a Igreja e os sacerdotes são os intermediários de Deus na Terra não é correcta.

Assim é.

Em que te baseias para dizer isso?

Creio que se lermos correctamente a relação que Jesus teve com as castas sacerdotais da sua época chegaremos à conclusão de que, Jesus, jamais teve intenção de que se desenvolvesse uma casta sacerdotal e uma hierarquia como a que a Igreja Católica criou, que é uma cópia bastante fiel da Igreja hebraica daqueles tempos.

Ele veio ensinar que cada um tem a sua própria ligação com Deus e destruir a falsa ideia de que apenas através dos sacerdotes se pode contactar com Deus.

De facto, uma boa parte da pregação pública, passou-a Jesus, debatendo com os sacerdotes hebreus que viam nele um sério concorrente, e que mais não fazia do que apontá-los. E tinham razão, porque Jesus não se cansou de repetir de diversas formas, uma e

outra vez, a seguinte mensagem: “Escutai, esta gente não são os intermediários de Deus, porque estão mais preocupados em viver à vossa custa do que em proporcionar-vos uma ajuda espiritual adequada. Enredaram-vos em leis absurdas. Não precisais deles. A única coisa que tem valor para entrar no reino de Deus é amar”. Esta mensagem foi captada pelas castas sacerdotais e, vendo que, logo que as pessoas tomassem consciência dela, iriam arrepiar caminho, agiram conseqüentemente e mataram-no.

E porque é que a Igreja Católica acabou por se parecer tanto com a hebraica?

No princípio não foi assim, porque para se ser seguidor da mensagem de amor de Jesus tinha-se que se estar muito bem convencido, pois arriscava-se a pele a cada momento, com as contínuas perseguições a que estavam submetidos os cristãos, tanto pelos judeus, primeiro, como pelos romanos, depois. Mas, os poderosos, ao verem que, apesar dos seus esforços para eliminar os seguidores daquela filosofia tão perigosa para os seus interesses egoístas, não parava de crescer em número de adeptos, optaram pela estratégia de “se não vences o inimigo, junta-te a ele”. A partir da conversão do imperador Constantino, que decretou a conversão ao Cristianismo de todo o Império Romano, entraram para cristãos, à força e não por acreditarem na mensagem, uma grande quantidade de gente. E, sendo os cristãos forçados, a maioria, estragaram tudo. Acabou-se aí o amor ao próximo. Os antigos sumo sacerdotes dos cultos anteriores e os seus fiéis viraram a casaca e passaram-se para o Cristianismo sem nenhuma transformação espiritual e começaram a ocupar os cargos importantes. Porque, não julgais que os ex-sumo sacerdotes dos cultos anteriores, iam aguentar ser apenas mais um dos crentes. Queriam manter a sua quota de poder. Assim, mudaram o barrete, de sumo sacerdote para bispo da Igreja Cristã. Nem sequer mudaram de barrete, porque até o barrete do Papa e dos bispos, a mitra, vem de outra religião. Chama-se assim porque o usavam os sacerdotes do antigo culto a Mitra, uma das divindades adoradas pelos romanos. Adaptaram ao Cristianismo muitos dos rituais das suas religiões anteriores e adulteraram a mensagem de amor ao próximo original com outras ideias contrárias a esta mensagem. E assim nasceu a Igreja Católica. Como Jesus tinha dito, não se pode servir Deus e o dinheiro ao mesmo tempo e a Igreja Católica, como a hebraica de há 2000 anos, quase desde o início, tomou partido pelo segundo.

Então, a infalibilidade do Papa e que seja o representante de Deus na Terra...

É tudo falso, claro. Pode errar tanto como qualquer ser humano. A sua ligação com o mundo espiritual não tem nenhum privilégio em relação a qualquer outra pessoa. A ligação com a espiritualidade superior fortalece-se com o trabalho pessoal de amor incondicional, não pela concessão de nenhum título terreno, por muito magnânima que ela seja.

E donde procede, pois, esta ideia?

Como já disse, dos próprios hierarcas da Igreja. É uma maneira de justificar os seus actos que, geralmente, eram motivados pela ambição de poder e de riquezas, para que ninguém os contestasse. Se eles eram capazes de convencer as pessoas de que eram imprescindíveis para a salvação, poderiam viver à custa dos crentes sem que ninguém pudesse questionar os seus actos, pois podiam sempre ameaçá-los com a "condenação eterna", se não cumprissem "os desígnios de Deus", isto é, se não acatassem as ordens dos "representantes de Deus", ou seja, deles mesmos.

E quanto à crença de que a solução para as más acções necessita e se resolve com a confissão e a absolvição do sacerdote?

Está claro que, para melhorar espiritualmente, o primeiro passo é a tomada de consciência do mal que tivermos praticado. Mas, o arrependimento não é suficiente, porque no mundo espiritual apenas a reparação do mal feito vale para eliminar os actos efectuados contra a lei do amor. Apenas nós mesmos o poderemos fazer. Ninguém, por muito avançado que seja, poderá substituir-nos nessa tarefa, ainda que possamos receber ajuda para a superar. Que ao sacerdote se atribuam o poder de eliminar os pecados faz parte da estratégia para fazer crer que os representantes da Igreja são imprescindíveis para a salvação e que, por isso, é necessário sustentar economicamente a Igreja. Como disse no princípio, a evolução espiritual apenas se consegue pelo esforço pessoal e não por "cunha" com alguma entidade superior.

Então, a crença de que Jesus redimiou os pecados dos homens com a sua morte na Cruz e posterior ressurreição?

Tão-pouco é certa. É verdade que Jesus veio ensinar o caminho da evolução espiritual e que aquele que queira seguir o seu exemplo de amor ao próximo faz uma mudança decisiva para tomar o caminho directo na evolução espiritual, pois essa mesma crença o ajudará a evitar cometer muitos dos erros do passado, chamados no jargão

religioso “pecados”. Mas isso não o exime de ter de enfrentar a reparação dos actos delituosos cometidos noutras vidas.

Jesus não apagou os pecados de ninguém, antes, ensinou como cada um pode apagar os seus. Seria muito injusto que, a meio de um exame de acesso à universidade, aparecesse o professor de alguns alunos e dissesse: “os que foram meus alunos não precisam de entregar as provas, porque estão todos aprovados, pois conheço os membros do júri e tenho influência para o conseguir”. Não se estaria a valorizar justamente o esforço realizado por cada aluno, uma vez que alunos pouco preparados estariam a ser premiados sem o merecer, em detrimento de outros que estudaram para o exame e estavam preparados para o superar por mérito próprio. O que um bom professor faria seria esforçar-se para que os seus alunos estejam bem preparados para enfrentar os exames. E foi o que tentou Jesus, preparar-nos bem para superar com êxito os exames espirituais de cada encarnação. No mundo espiritual não existe o “cunhismo”. São-nos concedidas infinitas possibilidades para melhorar e rectificar os erros cometidos. Mas teremos de o fazer nós mesmos e não por intervenção de Jesus, da Virgem ou de qualquer outro santo a quem nos encomendemos.

Pois, agora tenta convencer um cristão do que dizes, porque este é um dos dogmas centrais do Catolicismo.

É que isso mesmo está dito no Novo Testamento no evangelho de Marcos (10, 35-40):

“Nesse momento, Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se dele e disseram: “Mestre, queremos que nos faças o que te vamos pedir”.

“O que quereis que eu faça?”, perguntou ele.

Eles responderam: “Permite que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda”.

Disse-lhes Jesus: “Vós não sabeis o que estais a pedir. Podeis beber do cálice pelo qual estou a beber ou ser baptizados com o baptismo com que estou a ser baptizado?”

“Podemos”, responderam eles. Então, Jesus disse-lhes: “Bebereis do cálice pelo qual bebo e sereis baptizados com o baptismo com que estou a ser baptizado; mas, sentar-vos à minha direita ou à minha esquerda não me cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados”.

Sim, mas... não era ele mesmo que dizia às pessoas “os teus pecados ser-te-ão perdoados”?

O que ele quis dizer foi que, pelo facto de se ter actuado contra a lei do amor durante o passado não se está condenado para sempre, mas sim que todos tendes uma oportunidade para rectificar e começar de novo, no momento que quiserdes, sem que se leve em conta quem fostes ou o que fizestes.

Sim, mas porque o dizia precisamente aos doentes depois de os curar?

Quando Jesus curava um doente estava a fazer-lhes uma limpeza dos tóxicos, tanto do corpo físico como do corpo astral, causadores da doença a nível físico. Esses tóxicos eram o resultado da acumulação de tóxicos psíquicos por sentimentos, pensamentos e actos contra a lei do amor consumados pelo espírito nessa mesma vida e em vidas anteriores e que nessa época eram chamados “pecados”. Considerai a cura que Jesus efectuava através da imposição de mãos como uma passagem de aspirador num tapete (o corpo) que está sujo por causa de não ter havido cuidado em mantê-lo limpo. Se depois dessa limpeza drástica a pessoa não faz nenhuma mudança nos seus hábitos “sujos”, ao fim de pouco tempo o tapete voltará a estar tão sujo como estava antes da limpeza. De facto, houve pessoas que depois de terem sido curadas por Jesus, não fazendo caso dos conselhos para a renovação interior, mantiveram os maus hábitos espirituais, de maneira que se voltaram a gerar tóxicos psíquicos a nível mental, que ao passarem para os níveis astral e físico voltaram a provocar novamente a doença.

E porque dizia aos doentes quando lhe davam graças porque os tinha curado, “foi a tua fé que te salvou”?

Porque Jesus sabia que, para que a transmissão da energia curadora, chamemos-lhe Reiki, prana ou como quisermos, seja efectiva, não faz falta apenas que haja um bom emissor, mas também que haja um bom receptor, quer dizer, que aquele recebe, esteja predisposto a receber a energia, com os chakras bem abertos. Para que isso suceda, a pessoa que recebe a energia tem de ter confiança (fé) no emissor, já que quando há desconfiança, os chakras mantêm-se fechados e a energia não pode penetrar e exercer o seu efeito terapêutico, por muito potente que seja o emissor.

Mas, às vezes, isso era dito, não à pessoa que tinha sido curada, que estava inconsciente ou demasiado doente para entender que a

estavam a tentar curar, mas sim a um dos seus familiares. Qual é o sentido, aqui?

Da mesma maneira que Jesus tinha o poder de transmitir energia de alta vibração, com alto poder curativo, fortalecido pela sua capacidade de amar e pela vontade de fazer o bem, existe o poder de potenciar a transmissão da energia naquelas pessoas que têm confiança nela e têm a vontade de ajudar aqueles que necessitam, de forma que actuam assim como "repetidores" do sinal original. Neste caso, eles mesmos se convertem também em canal de passagem das energias curadoras. Igualmente há pessoas que são capazes de interferir na transmissão de energia curativa a outras pessoas na sua vizinhança pela sua negatividade psíquica ou pela sua incredulidade. Houve muitos casos de pessoas que não confiavam em Jesus e nos seus ensinamentos. Nesses lugares, apesar de ele continuar a colocar as mãos sobre os enfermos como sempre, houve poucas curas. Estas circunstâncias estão recolhidas nos próprios evangelhos.

"Chegando à sua cidade, começou a ensinar o povo na sinagoga. Todos ficaram admirados e perguntavam: "Donde lhe vem esta sabedoria e estes poderes milagrosos?"

Este, não é este Jesus, o filho do carpinteiro? O nome da sua mãe não é Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?

Não estão connosco todas as suas irmãs? De onde, pois, ele obteve todas essas coisas?"

E ficavam escandalizados por causa dele. Mas Jesus disse-lhes: "Só na sua própria terra e na sua própria família é que um profeta não é respeitado". E não realizou muitos milagres ali, por causa da incredulidade deles. (Mateus 13, 54-58)

Já que aqui estamos, falemos da Ressurreição.

De acordo. Vou tentar esclarecer este tema porque neste ponto há uma confusão tremenda. Muitas das coisas que se têm dito sobre a ressurreição são totalmente incorrectas.

Se entendermos como ressurreição a sobrevivência do espírito depois da morte do corpo, isso sim, está correcto. Que depois da morte o ser continue a viver, não tem nada de extraordinário. A sobrevivência do espírito não começou com Jesus, pois sempre aconteceu, já que é uma lei universal de que falámos já amplamente. Mas todas aquelas crenças que dizem que para que o espírito viva tem de estar necessariamente ligado a um corpo e, concretamente, ao mesmo corpo que ocupou durante a vida física, não estão certas.

Pois há ramos de algumas igrejas cristãs que julgam que a vida apenas é possível tendo um corpo físico, quer dizer, que não admitem a vida do espírito depois da morte, desligada do corpo. Que opinião tens a este respeito?

Não é verdade que, quando o corpo morre, a alma permaneça indefinidamente num estado como que de sono até que volte a ocupar o mesmo corpo que deixou. Isso é uma das falsas crenças que existem sobre a ressurreição. Por acaso não é evidente que, a partir do momento em que se produz a morte física, o corpo começa um processo de decomposição até que chega um momento em que não resta nada dele? Como pode alguém acreditar que seja possível que chegue o dia em que, para que se regressar ao mundo físico, se ocupe um corpo que já não existe há séculos? Por acaso, não é mais fácil explicar o regresso dos espíritos falecidos à vida física através da reencarnação, quer dizer, que o espírito que ontem viveu na Terra, volte hoje como a criança que vai nascer? Portanto, é falsa a crença que os mortos regressarão à vida física através de um processo mágico de recomposição de corpos que já desapareceram pelo processo de decomposição natural da matéria. Esses seres regressam continuamente à vida material, mas fazem-no através do nascimento de novas crianças, sem quebrar as leis da natureza. Tão-pouco é verdade que a alma ou espírito precise de um corpo para viver. As almas não ficam num estado de sono indefinido até voltarem a encarnar no mundo físico, mas sim, como já disse, continuam a sua vida e o seu processo evolutivo no mundo espiritual, desligados da matéria. Quando Jesus morreu e se diz que ressuscitou não significa que o seu corpo voltasse à vida, mas sim que o seu espírito continuou a viver.

Mas, um cristão dir-te-ia que, segundo os Evangelhos, Jesus fez “ressuscitar Lázaro” e este continuou a viver algum tempo mais com o seu corpo. Não é essa uma prova da “ressurreição da carne”?

Jesus não ressuscitou Lázaro, porque Lázaro, na realidade não estava ainda morto. Na realidade, o que Jesus fez foi reanimá-lo, e isso, por outro lado, não tem que vos parecer nada milagroso, já que hoje em dia, com as técnicas de reanimação cardíaca os médicos conseguem “ressuscitar” pessoas consideradas clinicamente mortas. Não ouvistes falar de casos excepcionais de pessoas que tinham sido dadas como mortas, depois de umas quantas horas numa morgue, despertam repentinamente e regressam à vida?

É que a separação do corpo físico não se produz instantaneamente quando sobrevém uma paragem cardio-respiratória, de contrário

seria impossível a reanimação cardíaca. Requer um tempo, que é mais ou menos longo, segundo o apego do espírito à matéria ou a vitalidade do próprio corpo físico quando se inicia o processo de separação, mas pode, pelo menos, durar dois ou três dias, e culmina com a ruptura definitiva do cordão de prata. Se Jesus pode reanimar Lázaro com a potência da sua energia foi simplesmente porque Lázaro ainda não tinha completado o processo de desencarnação e pode revertê-lo, como fazem os médicos actualmente.

Mas não aconteceu com Jesus que os seus chegados foram à sua tumba no terceiro dia depois da sua morte e não conseguiram encontrar o seu corpo?

No caso de Jesus aconteceu que, quando o espírito soltou o último laço que o unia ao corpo e, devido à enorme frequência vibratória do seu corpo astral, ao desprender-se do corpo físico provocou a sua desintegração imediata, num processo que sim, é extraordinário para vós e que não acontece no vosso caso, daí que não ter sido encontrado o seu, na tumba. Este processo de desintegração deixou a sua estampa no lençol que envolvia o cadáver de Jesus. Porém, não ter encontrado o seu corpo na tumba não quer dizer que Jesus continuasse a viver com o corpo que teve em vida.

Então o Santo Sudário e a imagem que foi encontrada nele são verdadeiros?

Pois, sim.

E porque é que as provas do carbono 14 não o datam quando o testam?

A única coisa que vos direi a esse respeito é que, há algo no procedimento de datação, que dá como certo o que o não é e, por isso, as datas não batem certo. Mas, isso é desviarmo-nos do tema porque, seja ou não o Santo Sudário o lençol que envolveu Jesus depois da sua morte física, é irrelevante para o que estamos a tratar, como o é o facto de que o corpo se desintegrasse ou se decompusesse lentamente como o fazem todos. Tudo isso é irrelevante em relação à mensagem espiritual, assim como a sua concepção, e se Maria era virgem ou não. Ficastes pasmados com os factos que vos parecem extraordinários, mas que são irrelevantes do ponto de vista espiritual, e deixastes de prestar atenção ao realmente importante, que é a mensagem que Jesus transmitiu.

E ,então, como é que apareceu aos apóstolos, se é que realmente lhes apareceu, depois da morte?

As aparições posteriores aos apóstolos ou outras pessoas com quem conviveu não se produziram com o corpo que utilizou em vida, mas antes, mostrou-se na forma de corpo astral, como aparecem muitos seres que faleceram, junto aos leitos dos seus entes queridos para se despedir, estando o seu corpo físico inerte no lugar onde morreram, ou no caixão. E, acontece que um corpo astral, sob certas circunstâncias especiais, pode “condensar” até tomar a aparência e, quase, a solidez de um corpo físico e, mais ainda quando se trata de um espírito com a capacidade de Jesus, sendo isso bem conhecido por muitos investigadores dos fenómenos a que chamais “paranormais”.

E fazem algum sentido as afirmações proféticas do tipo “no final dos tempos os mortos ressuscitarão”?

Os espíritos dos seres já falecidos estão a regressar continuamente ao mundo físico através da reencarnação. Ou seja, não vão esperar por uma suposta altura chamada “final dos tempos” para regressar. A reencarnação dos espíritos é um processo que está sempre em marcha enquanto houver uma humanidade a viver num planeta físico. O que sim, é verdade, é que na actualidade e devido à explosão demográfica, estão a encarnar simultaneamente uma maior quantidade de espíritos do que noutras épocas da história, coincidindo com o final de um ciclo, também para que esses espíritos tenham oportunidade de encarnar num momento de grande importância evolutiva. É a única maneira de dar significado à frase “no final dos tempos, os mortos ressuscitarão”.

E que há sobre a crença no pecado original, quer dizer, aquilo de que, por terem pecado os supostos antepassados remotos da humanidade (Adão e Eva), devem pagar os descendentes as consequências dos seus actos?

Vou-te responder a isso com um exemplo. Imaginai que um indivíduo assalta um banco e na fuga se despista com o carro e morre. Perante a impossibilidade de o julgar, o juiz toma a decisão de que seja o filho do assaltante a pagar pelo delito do seu pai e que seja preso em vez do pai. Consideraríeis justo um juiz que tomasse essa decisão?

Certamente que não e não acredito que haja nenhum tribunal de um país civilizado que tome semelhante decisão.

Se, para a justiça humana, vos parece uma aberração culpar um filho por algo feito pelo pai, porque achais que a justiça divina possa ser pior do que a humana? No mundo espiritual, cada um deve responder pelos seus próprios actos, nunca pelos actos cometidos por

outros. Portanto, a crença no pecado original ou em faltas "herdadas" dos antepassados é injusta e carece de qualquer fundamento.

E donde pode vir essa crença nos pecados herdados dos antepassados?

O que sim, acontece, é que cada um deve responder pelas suas próprias acções e estas podem vir de vidas passadas, de modo que, pode acontecer que alguns dos nossos antepassados tenhamos sido, na realidade, nós mesmos vivendo uma encarnação anterior. Este é o único sentido correcto para se poder interpretar uma crença semelhante, e só é compreensível se aceitarmos a existência da reencarnação.

Também disseste, que a crença que a sexualidade é algo pecaminoso, e que aquele que se abstém de relações sexuais é mais puro e elevado que os restantes, não é certa.

Assim é. E ainda gostava de saber donde tiraram essa afirmação, que tem servido para impor o voto de castidade aos religiosos, sejam eles sacerdotes, freiras ou frades.

Suponho que se baseie no exemplo que Jesus deu.

Vós não conheceis a vida íntima de Jesus, para afirmar que não teve relações sexuais! Jesus jamais disse publicamente que abster-se de relações sexuais era aproximar-se de Deus ou ser mais puro. Se assim fosse, e todos os humanos tomassem a decisão de se absterem de relações sexuais a vida inteira, no prazo de 120 anos ter-se-ia extinguido a vida humana na Terra! Não vos parece que isso entra em contradição com o "crescei e multiplicai-vos"? Já me dirás se tendes conhecimento de outra forma de multiplicação que não seja através da relação sexual. Porque em épocas passadas não se podiam socorrer da fecundação *in vitro*!

Devo entender das tuas palavras que a relação sexual deve ter sempre como motivo a procriação?

Não, homem. Já falamos disso amplamente. A relação sexual para o espírito avançado é uma manifestação de amor íntimo. Outra coisa muito diferente é quando, para satisfazer os desejos sexuais, se cometem abusos de todo tipo e se ofende o livre arbítrio das pessoas, sobretudo das mais indefesas, como mulheres e crianças, que são destinados ao comércio do sexo (falo da prostituição e da pedofilia), ou se manipula e engana de mil maneiras para obter sexo dizendo que se ama quando em realidade é mentira, algo que acontece

muito frequentemente no vosso mundo. Tudo isso o denunciou Jesus. Tende em conta que, na época de Jesus, a mulher era considerada pouco mais que uma escrava do homem em todos os aspectos, incluindo o sexual, e não tinha praticamente nenhum direito. Os homens podiam fazer o que lhes apetecesse sem que ninguém lhes dissesse nada, e a mulher tinha que suportar os abusos do homem com a bênção da religião, como, por exemplo, quando se repudiavam as mulheres condenando-as à prostituição, por não terem outra forma de sobreviver. Jesus lutou muito para defender os direitos da mulher, para que deixasse de ser considerada uma escrava sexual e também para censurar aqueles que as acusavam, fazendo-lhes ver que eles é que eram os responsáveis pela sua lamentável situação. Mas, a Igreja transformou tudo isso num argumento contra a sexualidade.

Pois a Igreja fez bandeira dessa relação entre a pureza e a castidade com o exemplo da Virgem Maria, a mãe de Jesus.

Se deixarmos de lado o tema da concepção de Jesus, Maria, como a maioria das mulheres, foi virgem apenas até que começou a ter relações sexuais com o seu par, José, fruto das quais teve vários filhos e filhas, que são os irmãos de Jesus. E o que é mais notório, é que isto está acolhido nos Evangelhos que os cristãos dizem seguir, cujos autores não viram nenhum problema em que Jesus, como a maioria dos seres humanos, tivesse irmãos, e não se deram ao incómodo de o ocultar, como a Igreja o tenta fazer actualmente. Que Maria teve mais filhos, e que estes tinham nome e apelido está reflectido em diversos versículos dos Evangelhos (Marcos 6, 3; Mateus 13, 55; Mateus 12, 46-47, Lucas 8, 19-20). Cito-vos alguns, a título de exemplo:

"Enquanto ele ainda falava às pessoas eis que a sua mãe e os seus irmãos estavam lá fora e lhe queriam falar. E alguém lhe disse: Estão aqui a tua mãe e os teus irmãos que te querem ver."

"Não se chama a sua mãe Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Não estão todas as suas irmãs connosco? Outros diziam: "Mas, sim é Jesus, o filho de José, o carpinteiro! Maria é a sua mãe, e os seus irmãos são Tiago, José, Simão e Judas. As suas irmãs ainda vivem aqui. Como é que Jesus sabe tanto e pode fazer esses milagres?"

Porquê, se os evangelistas não tinham nenhum problema em que Jesus tivesse irmãos e relatavam este facto nos seus escritos sem nenhum pudor, o tiveram os que vieram depois?

E que me dirás da crença em que, pelo que fizemos nesta vida, se decide o nosso futuro para toda a eternidade, com penas eternas e inferno para os maus e não crentes, e que apenas os cristãos e crentes se salvam e conseguem a glória eterna?

Disso já falámos largamente quando explicámos a lei da evolução espiritual e como funcionam as coisas no mundo espiritual, mas voltarei a dizê-lo para o caso de não ter ficado suficientemente claro. Absolutamente todos os espíritos são imortais e o seu destino é alcançar os maiores níveis de evolução espiritual. Portanto, nenhum ser humano está excluído do esquema evolutivo, independentemente das suas crenças religiosas, políticas, da sua raça ou por qualquer outra razão como, acreditar ou não acreditar em Deus, em Jesus, nesta ou naquela Igreja e, mesmo que tenham sido uma autêntica desgraça como pessoas, nunca perderão a sua condição de imortalidade nem a sua possibilidade de melhorar espiritualmente. Portanto, não existem, nem a morte, nem a condenação eterna, para ninguém. Se olharmos suficientemente para trás, no passado espiritual de todos e cada um de nós, descobriremos que em alguma vida anterior, todos fomos assassinos, canibais ou ambas coisas ao mesmo tempo e, se agora o não somos e consideramos isso uma aberração, é porque evoluímos espiritualmente, e porque tivemos inumeráveis oportunidades para ir emendando os erros cometidos, à custa de encarnarmos uma e outra vez, para pormos à prova as nossas capacidades. Se não houvesse oportunidade de rectificar e, pelo que fizéssemos numa só encarnação se decidisse o nosso futuro para toda a eternidade, asseguro-vos que não haveria vaga para entrar no "Inferno", tão atafalhado estaria, e o "Céu" estaria mais despovoado de que o deserto do Saara.

Então, a crença de que um arrependimento de última hora perante o sacerdote redime os pecados...

O destino do espírito depois de desencarnar depende exclusivamente das suas acções em vida, tendo sempre oportunidade de evoluir, de melhorar e, portanto, de "se salvar", a partir do momento em que quiser dar o passo. Mas isso não vai acontecer da noite para o dia, antes, implica uma mudança profunda no espírito, que necessita de tempo de reflexão, tomada de consciência e de esforço para modificar as atitudes negativas. Além disso, para que alguém se desfaça das suas dívidas espirituais ou actos contra a lei do amor, deve reparar o dano que causou e isso requer muita vontade e tempo pela frente para o efectuar. Daí se deduz que, uma absolvição no último minuto da vida perante o sacerdote, não altera em nada o destino do espírito depois da morte do corpo físico.

Perdoa que insista, mas a respeito da crença de que apenas os cristãos ou crentes se salvam, não foi o próprio Jesus que deu azo a crer-se que os que se salvarão são os seus seguidores, ao dizer: “aquele que acreditar em mim gozará de vida eterna”?

Jesus não pode ter dito nada com esse significado. O que ele fez foi dar a chave para que cada um active a sua mudança espiritual, que adquira consciência de que a vida é eterna e de que cada um é artífice do seu próprio destino. Traduzido para linguagem actual seria mais ou menos assim: “Aquele que acreditar no que eu digo, na mensagem que trago, ficará consciente de que a sua vida é eterna e de que a sua “salvação” (ou evolução) depende de si mesmo, que é dono do seu próprio destino”.

Então donde procede a crença de que apenas os que acreditem em Cristo gozarão de vida eterna?

De uma má interpretação do que ele disse e das manipulações da Igreja que, além disso, acrescentou “fora da Igreja não há salvação”. A crença de que só os cristãos, neste caso particular, os crentes em determinada Igreja, genericamente se salvam, é mais uma das ideias que provêm dos próprios hierarcas das igrejas, e é mais um reclamo que se utiliza para assegurar a fidelidade dos crentes. Queres mais dados? Este axioma, o de que “fora da Igreja não há salvação”, em latim “extra Ecclesiam nula salus”, enunciou-o S. Cipriano (Epist. 73, 21: PL 1.123 AB), no IV Concílio de Latrão, celebrado nos anos 1215-1216, ou seja, mais de mil anos depois da passagem de Jesus pela Terra.

Pois, consta-me que muitos crentes católicos estão convencidos de que assim é. Quer dizer, que só os que acreditam em Cristo gozarão da vida eterna e que, para ser um bom cristão e se salvar tem de seguir as normas da Igreja.

Reparai, a Igreja Católica e muitas outras religiões fizeram-nos crer que ser bom é o mesmo que ser submisso. Ser submisso sobretudo às normas da Igreja, para assim poderem manipular os fiéis a seu bel-prazer. Mas, bondade e submissão são coisas totalmente distintas. Alguém pode ser submisso a umas normas, aparentemente bondoso face à sociedade, mas estar totalmente entregue ao egoísmo e ser um autêntico “demónio” como pessoa. O próprio Jesus pôs em evidência este tipo de condutas quando qualificava os fariseus de “sepulcros caiados de branco”, tão amantes das normas e rituais e tão pouco do amor ao próximo. E, pelo contrário, há muitas boas pessoas, honestas e pouco amantes da hipocrisia, que são mal vistas pelos outros porque não se ajustam às normas estabelecidas.

Inclusivamente podem ser considerados como pessoas perigosas e desprezíveis porque, sendo honestos e honrados, põem em evidência os que o não são. Aí tendes o exemplo de Jesus. Jesus não foi submisso perante as normas das autoridades da Igreja hebraica, mas sim, foi corajoso e coerente com as suas convicções espirituais, sabendo que a divulgação pública das suas ideias lhe traria uma quantidade de problemas; enfrentou aqueles que o quiseram fazer calar, não com a força da violência, mas sim com a força da verdade e do amor. Pois, assim tem acontecido com muita gente.

A história está repleta de casos de gente honesta e boa que, por não ser “submissa” com os que mandam, foi torturada até morrer, devorada pelos leões do circo romano ou queimada na fogueira por conta de heresia ou feitiçaria. Ainda assim, considerai estas pessoas afortunadas porque eram livres e amaram. Pelos danos que tiveram de sofrer dos seus irmãos menos evoluídos, receberam a justa compensação. É muito mais triste a situação daqueles que se torturam a si mesmos, aqueles que, submetidos a normas tão escravizantes, reprimiram o seu interior, a sua sensibilidade e vivem uma vida inútil cheia de amargura e que, como cúmulo do delírio, ainda julgam, além disso, que esse sofrimento estéril as faz ser melhores, porque a sua religião assim as levou a crer. Mas, no seu íntimo, invejam os que são livres e realmente felizes. Alguns, por inveja, fazem tudo o possível por incomodar a vida dos outros, sobretudo jogando com o sentimento de culpa, algo que têm muito bem aprendido, pois é o método que a Igreja empregou com eles para conseguir anular a sua vontade.

Que queres dizer com que jogam com o sentimento de culpa?

Pois, que tentam culpar os outros pelo seu próprio mal-estar.

E que se pode fazer para ajudar pessoas assim?

Primeiro, a pessoa tem de reconhecer que tem este problema, ou seja, que a sua vontade e os seus sentimentos foram praticamente anulados pelas crenças que professa. Isso em si mesmo já seria um grande passo, porque geralmente estas pessoas julgam-se melhores que os outros e não estão dispostos a ouvir ninguém que não tenha credenciais dentro da sua Igreja. Também, porque a sua Igreja lhes fez crer que os que não seguem os seus preceitos são “pecadores”, isto é, más companhias em quem não nos podemos fiar. A seguir, tem de começar a trabalhar interiormente, começando por tomar consciência de que coisas se fazem porque se sentem sinceramente ou deixam de se fazer porque, ainda que se sintam, estão proibidas

pelas normas, e que coisas são feitas sem sentir e as que se fazem porque se é obrigado pelas ditas normas.

O passo seguinte é começar a exercitar a sua própria vontade, o livre arbítrio, ou seja, começar a actuar em conformidade com o que cada um sente, ainda que para isso tenha que fazer frente às normas estabelecidas.

Temos de concluir, de toda esta extensa explicação, que todas as religiões são uma farsa e que não representam em nada a vontade de Deus?

Homem, até esse extremo, não. O problema das religiões é que, ainda que tenham acolhido algumas mensagens que, sim, são espiritualmente avançadas, pedem ao crente que assuma um conjunto de crenças e normas em lote, por dogma, sem reflexão, com o argumento de que tudo é "palavra de Deus". Não existe liberdade de pensamento, liberdade para escolher o que realmente lhe chega à alma e para rejeitar o que se lhe apresenta como falso ou irrelevante, nem para escolher em que quer acreditar ou não acreditar. Os mandatários das religiões continuaram a utilizar durante muito tempo as mensagens espirituais elevadas como chamariz, para atrair as pessoas que se identificam com a nobreza da mensagem, como a do amor ao próximo, mas esquecem as restantes normas absurdas que se foram acrescentando progressivamente e que impedem o progresso espiritual. Desta maneira, se a pessoa se deixa guiar pelos supostos "representantes de Deus", sem se atrever a questionar a suposta "palavra de Deus", por temor da reprimenda das autoridades eclesiásticas, pouco a pouco vai renunciando à sua vontade, para passar a viver sob o comando de umas normas escritas em livros muito antigos, mas que se encontram desfasadas para explicar, e dar uma solução satisfatória, às experiências vividas por cada um, de modo que se mete o crente num corpete tão apertado, que fica impossibilitado de se manifestar livremente. Quando alguém renuncia à sua vontade, está a dar um passo em direcção ao fanatismo, porque fica à mercê da manipulação por parte daqueles que se erigiram em intérpretes da palavra de Deus.

Há verdades misturadas com falsidades praticamente em todas as religiões, filosofias e ideologias que existem. A cada um cabe o trabalho de encontrar a verdade, a sua verdade, apanhando um pouco daqui e outro dali, aquilo que o seu interior reconheça como verdadeiro e lhe possa servir para evoluir.

Parece-me, este, um caminho um pouco inseguro, se não se pode confiar em ninguém fisicamente vivo, que possa dar um bom conselho quando se está a passar por uma crise difícil.

Certamente que entre vós há pessoas com capacidade para orientar e aconselhar os outros a respeito da espiritualidade, por ter um conhecimento maior da realidade espiritual e uma capacidade de amar mais desenvolvida, conseguida à custa de ter vivido muitas vidas e haver trabalhado muito pelo aperfeiçoamento do interior. Mas, estas pessoas não fazem alarido. Não se erigem em bispos ou santos, nem usam umas vestes especiais, mas antes, são pessoas com uma vida aparentemente normal, mas com o firme desejo de melhorar interiormente e ajudar os outros, actuam sem alardes nem ostentações, de forma desinteressada, impondo-se pelo exemplo, e ainda têm de aguentar, por isso, as maiores injúrias e calúnias daqueles que sobressaem na comparação, por não estarem à altura moral do estrato que dizem representar.

A influência do mundo espiritual deixa-se sentir em todos e cada um de vós, sejais ateus, agnósticos ou crentes de tal ou tal Igreja. Mas fá-lo muito subtilmente para que seja cada um quem decida. Cada um que escute, em primeiro lugar, a voz da sua consciência, que é o melhor guia que cada um poder ter e, depois, escolha o caminho que quer seguir.

A DESPEDIDA

"Hoje tenho uma surpresa para ti" – disse-me Isaías naquela ocasião, mal me viu.

Sim? De que se trata?

Até agora, sempre que tens vindo aqui para conversar, apenas te tens encontrado comigo. Fizemo-lo assim por julgarmos que te sentirias mais confortável, menos intimidado para perguntares livremente. Não gostaria que chegasses à conclusão de que este é um lugar solitário, onde não vive ninguém. Agora que já adquiriste confiança comigo e com o nosso mundo, julgo que chegou o momento de te apresentar aos outros. Vem comigo. Quero apresentar-te ao restante pessoal e, sobretudo, que conversemos um pouco com uns amigos que te querem cumprimentar.

Não sei como, começámos a voar por cima daquela estância. Do alto, pude ver a magnífica paisagem. Vi pequenos edifícios em forma de semiesfera, disseminados por um vale de formosa vegetação. "São os nossos lares" – disse-me Isaías antes de me dar tempo para formular a pergunta que tinha pensado. Pude divisar no centro daquele núcleo de casinhas uns edifícios piramidais, maiores que os anteriores, que pareciam feitos de cristal, dos quais saía uma luz branca, refulgente. "Aí é onde nos reunimos para meditar. Contactamos telepaticamente com as esferas superiores, para recebermos ensinamentos espirituais e, também, com as inferiores, para transmitir mensagens de amor a toda a humanidade" – disse Isaías. Então, acedemos ao interior e deitamos uma vista de olhos através de umas paredes totalmente transparentes. Vimos um grupo de umas trinta pessoas sentadas em estrados formando um círculo. Pareceu-me que estavam profundamente concentradas. Cada uma parecia ter uma função naquele trabalho de concentração espiritual. Então, no meio delas, começaram a formar-se duas figuras humanas, uma de um homem e outra de uma mulher. Eram tremendamente belos e estavam envoltos por uma auréola de luz que transmitia uma grande sensação de paz e bem-estar.

Esses dois seres, depois de saudar efusivamente os presentes e de estabelecer algum diálogo com eles, que eu não consegui compreender, aproximaram-se de nós. Se vos disse que o olhar de Isaías era penetrante e que transmitia uma profunda sensação de paz e amor, o desses dois seres era ainda mais intenso, se possível. Pareciam dois anjos!

-“Olá, sou Vesta” – disse a mulher.

-“Olá, sou Juno” – disse o homem. “Tínhamos muita vontade de te ver de novo”.

“De novo? Mas se eu não vos conheço! Se os tivesse visto antes não os teria esquecido jamais” -pensei.

VESTA: Por não te lembrares não significa que não nos conheçamos.

ISAÍAS: Não querias saber coisas sobre Jesus? Eles conhecem-no muito bem. Pergunta-lhes o que queiras sobre ele. Aproveita o tempo, pois não estarão muito tempo connosco.

ISAÍAS: Não vais perguntar nada? Vá, não sejas tímido! Estás entre amigos!

VESTA: Já que não te atreves, eu ajudo-te a expor as perguntas que tens. Perguntas-te se Jesus teve um par, uma mulher, a sua alma gémea, com quem compartilhou tudo, também a sexualidade.

Como... o... sabes? - *Respondi envergonhado*

ISAÍAS: Nesta altura ainda não te finhas dado conta de que lemos o pensamento? Mas, fica tranquilo! Não dizemos nada a ninguém! Eh, eh, eh!

VESTA: Vou-te responder eu mesma. A resposta é sim. Jesus, sim, teve, e certamente tem, uma meia-laranja, uma mulher totalmente afim com ele, com quem partilha todo o amor e também a sexualidade. E não apenas eles. Existem mundos habitados inteiramente por humanos do seu mesmo nível ou superior, que também têm par, filhos e relações sexuais. Respondo com isto à tua dúvida sobre se, o facto de se avançar espiritualmente, implica a renúncia ao amor de casal?

Sim. Foste muito clara.

JUNO: Se Jesus não encontrou na Terra um par com quem partilhar a vida foi porque a sua alma gémea não encarnou nesse momento com ele, pois por sua vez se encontrava noutra planeta a cumprir uma missão de características semelhantes à sua. Mas foi apenas uma separação temporal. Jesus não podia comprometer-se numa relação com uma mulher de menor evolução, porque esta não teria

compreendido o alcance da sua missão e, por apego, ter-lhe-ia colocado mil e um travões para a desenvolver, além disso, iria sofrer muito ao perdê-lo. Ainda que isso não o tenha impedido de procurar. Como a maioria das pessoas, Jesus desejava encontrar uma mulher a quem amar, a quem se unir e de quem ter filhos porque, na sua juventude, ainda não estava consciente da sua missão.

ISAÍAS: Vais fazer alguma pergunta ou digo-lhes que se vão embora?

Está bem. Sempre tive curiosidade em saber que opinião teria Jesus sobre o cristianismo e a Igreja que nasceu a partir dele.

JUNO: Se Jesus estivesse aqui diria: "Jamais tive a intenção de criar uma Igreja ou uma religião. E, ainda menos, uma baseada no culto da minha pessoa, como a que se criou, utilizando o meu nome, as palavras e os actos da minha vida. Uma religião que tem sido tão repressiva dos sentimentos e da liberdade humanos, que não pode estar mais longe de ser um exemplo de amor do que está.

Nunca, jamais, vos ensinei ou vos pedi, que me adorásseis ou me celebrásseis. Tão-pouco Deus quer louvores. Apenas quer que vos ameis uns aos outros como ele vos ama, que sejais felizes amando. Eu só vim transmitir uma mensagem de amor e a torná-la realidade com o exemplo da minha vida entre vós, para que fizésseis exemplo dele e o tornásseis vosso, encontrando, através dele, o caminho da felicidade. Essa mensagem de amor não é minha, mas sim do mundo espiritual, é uma mensagem universal de Deus para os seus filhos. Não importa que tenha sido eu o transmissor. Podia ter sido qualquer outro irmão conhecedor do amor, que continuaria a ser igualmente válida.

Quantos atropelos, assassinatos, torturas e humilhações contra o ser humano se cometeram em meu nome e no nome de Deus!

Por acaso não disse, mil e uma vezes, "amai-vos uns aos outros", "amai os vossos inimigos"?

Em que parte do exemplo que dei, encontraram, aqueles que se dizem ser meus seguidores, a desculpa para consumir tais actos contra o amor?

Os que quiserem ser dignos de representar a mensagem de amor no mundo, que levantem os joelhos do chão de diante dos altares, dos crucifixos e das relíquias religiosas. Que deixem de adorar estátuas, e de repetir uma e outra vez orações e rituais inúteis, porque nisso não há nada de amor. Que estendam a mão ao irmão que sofre, sem esperar nada em troca, sem se gabar disso, sem procurar fazer convertidos, sempre com humildade e, então, poderão ser chamados discípulos do amor.

Ninguém, que não siga com o exemplo a mensagem de amor que vos vim mostrar, tem o direito de utilizar o meu nome, nem o de Deus, nem de se chamar meu seguidor ou seguidor de Deus, porque apenas seguem o seu próprio egoísmo."

E que diria à Humanidade se voltasse a encarnar na Terra?

VESTA: O mesmo que lhes disse da última vez e de todas as anteriores vezes que veio: "Amai-vos, amai-vos uns aos outros. É a única maneira de ser feliz. Tudo o resto não importa".

Sinto-me uma pessoa privilegiada por ter tido a oportunidade, na minha vida, de conhecer a resposta a perguntas muito profundas e, graças a isso, ter podido abrir a porta à manifestação dos meus sentimentos, libertar-me das minhas repressões e das minhas coraças. Gostaria de agradecer de alguma forma a ajuda que me prestastes.

ISAÍAS: Não tens que nos agradecer nada. Pelo contrário, nós é que te agradecemos a ti o tempo e o interesse que te tomámos para nos ouvires. Estamos felizes por poder ajudar a avançar no amor aqueles irmãos que estiverem dispostos a fazê-lo.

Ainda assim, gostava de fazer algo em troca. Tendes alguma sugestão?

VESTA: Pergunta-te a ti mesmo o que é que gostarias de fazer.

Sinto a necessidade de transmitir e partilhar com os outros aquilo que recebi de vós, com a esperança de que lhes seja tão útil como me foi a mim.

ISAÍAS: Então tu mesmo respondeste à tua pergunta. Reúne tudo aquilo que conheceste, viveste e sentiste e mostra-o aos teus irmãos. Dedicar-te a divulgar a mensagem de amor incondicional, a verdade acerca do mundo espiritual, entre os teus irmãos.

Mas julgais que alguém me vai escutar?

JUNO: Desde que o que faças, o faças com o coração, terá valido a pena. Mesmo que haja uma única pessoa entre milhões que escute esta mensagem e lhe sirva para despertar o seu sentimento, para se abrir à experiência do amor, terá valido a pena. Há muita gente

adormecida no mundo, que está ansiosa por despertar para a espiritualidade. Apenas precisam da confirmação de que o que intuem interiormente não é produto da sua fantasia, mas sim, que é uma realidade para a qual ainda não encontraram reflexo no mundo exterior, pela confusão tão grande que existe ainda, no vosso mundo, entre verdades e falsidades a respeito da espiritualidade.

Mas, serei capaz de o fazer?

VESTA: Não te perguntes se tens capacidade para o fazer. Há muita gente que tem essa capacidade, porque todos tendes capacidade de amar. Mas há pouca gente que o queira fazer, que esteja disposta a renunciar à comodidade e a assumir os inconvenientes que lhe possa trazer para a sua vida quotidiana. Pergunta-te antes, se o queres ou não queres fazer. Porque querer é poder. Não te preocupes. Lá, onde tu não possas chegar, nós ajudamos-te. Estaremos sempre contigo.

Agora que o mencionas, não irá haver gente que se possa sentir incomodada pelo que se diz nesta mensagem e que vá usar de represálias contra mim?

ISAÍAS: Bem, são riscos que se correm. Ninguém disse que iria ser fácil. Se todo o mundo viesse a despertar por si mesmo, não faria falta que alguém se dedicasse a este trabalho. Por isso, debes avaliar quem pode mais dentro de ti, se é o sentimento de ajudar ou o medo da reacção negativa dos outros contra ti. Não estás obrigado a fazer nada que não queiras. O que faças, fá-lo por ti mesmo, porque livremente o escolheste, não porque te consideres em dívida para conosco.

JUNO: Tem em conta que, antes, queimavam-se ou crucificavam-se os mensageiros do amor. A ti não te acontecerá isso. Se alguém se sentir incomodado com o que dizes, alegra-te, porque isso quer dizer que alguma coisa do que disseste tocou o seu íntimo. Por isso, o seu egoísmo se enfureceu, porque não quer que o espírito e o sentimento despertem para acabar com ele.

ISAÍAS: Eles agora eles têm que ir embora e regressar ao seu lar, e tu tens de voltar para o mundo dos encarnados.

JUNO e VESTA: Até breve, amigos. Entretanto recebei todo o nosso amor.

Unimo-nos todos num abraço tão intensamente vivido e sentido que jamais o esquecerei.

ISAÍAS: Até logo, maninho. Espero que voltemos a ver-nos brevemente para continuar a conversar. Saúda a nossa família da minha parte.

A que família te referes?

ISAÍAS: Qual julgas tu que é? Toda a Humanidade.

FIM

CONSIDERAÇÕES FINAIS DOS AUTORES

É nosso expresso desejo que a mensagem manifestada através desta obra, possa chegar a todo o mundo, de forma totalmente gratuita e desinteressada, em consonância com a filosofia do amor incondicional que expusemos, ou seja, a de dar sem esperar receber nada em troca.

Por isso, apoiamos e permitimos a livre difusão, reprodução total ou parcial desta obra por todos os meios actualmente disponíveis, com a condição de que não seja feita com fins lucrativos nem se modifique o seu conteúdo.

Se tens perguntas acerca do tema do livro, isto é, sobre a espiritualidade e o amor, sejam estas pessoais ou genéricas, sente-te livre de as expores e fá-las chegar-nos por correio electrónico que, com muito gosto, procuraremos respondê-las com a maior brevidade possível. Também pedimos a colaboração de pessoas interessadas em traduzir desinteressadamente esta obra noutras línguas, para que a sua mensagem possa chegar ao maior número possível de pessoas.

Se estás interessado/a em que nos desloquemos à tua cidade ou à tua vila por achares que existe um suficiente número de pessoas interessadas em assistir a uma palestra sobre o tema deste livro, por favor, dá-no-lo a conhecer. Não importa que a tua cidade ou a tua vila sejam noutra país ou noutra continente, na medida das nossas possibilidades, tentaremos responder ao teu pedido. A organização da palestra não importará em qualquer despesa económica para quem a solicitar, pois, fazemo-lo de forma totalmente gratuita e desinteressada e, também, os gastos da viagem e alojamento correm por nossa conta. A única condição é que a entrada seja sempre livre e gratuita para todos os interessados.

Dirige o teu pedido a:

Vicent Guillem Primo

Endereço de correio electrónico: lasleis.espirituais@gmail.com

Na página web: <http://lasleyessespirituales.blogspot.com> poderás descarregar gratuitamente o livro em formato electrónico, solicitar uma cópia em papel e consultar a agenda de palestras sobre o livro.

Com todo o nosso amor, para ti. Até já.



VICENT GUILLEM PRIMO

Doutor em Ciências Químicas pela Universidade de Valência (Espanha). Trabalha como investigador da influência da predisposição genética, no cancro.

No seu tempo livre, dedica-se à prática do reiki com fins terapêuticos, de forma gratuita e totalmente desinteressada.

O conteúdo deste livro é uma mensagem de amor para toda a humanidade.

Não interessa como tenha sido recebida nem de quem ela provém. O que interessa é o conteúdo da mensagem. Podes fazer com ela o que quiseres, desde ignorá-la, criticá-la, censurá-la, até, inclusive, aplicá-la à tua própria vida.

É uma mensagem escrita de coração para coração, o teu coração.

A minha esperança é que te sirva para te conheceres, para despertar os teus sentimentos, para te libertares da tua parte egoísta, para compreenderes a razão da tua vida, do que te tem acontecido e continua a acontecer. Para que sintas esperança, para que comprendas melhor os outros e, qualquer dia, chegues a gostar deles, para que comprendas o mundo em que vives, para que possas extrair, mesmo da maior infelicidade, o máximo proveito para a tua evolução no amor. Definitivamente, para que sejas tu mesmo, livre, consciente para experimentares o amor autêntico, o amor incondicional e que sejas, por conseguinte, mais feliz.

Com todo o meu amor, para ti.





As Leis Spirituais por [Vicent Guillem](#) se encuentra bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-SinDerivadas 3.0 Unported](#).

Basada en una obra en lasleyespirituales.blogspot.com.es